



Serviço Público Federal
Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História

IZA VANESA PEDROSO DE FREITAS GUIMARÃES

O ENAMORADO DA VÊNUS TELÚRICA:
A Trajetória Social de Raymundo Moraes (1872-1941) - Autor de *Na Planície*
Amazônica, 1926

NITERÓI
2019

IZA VANESA PEDROSO DE FREITAS GUIMARÃES

O ENAMORADO DA VÊNUS TELÚRICA:

A Trajetória Social de Raymundo Moraes (1872-1941) - Autor de *Na Planície*

Amazônica, 1926

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça

NITERÓI

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G963e Guimarães, Iza Vanesa Pedroso de Freitas
O Enamorado da Vênus Telúrica : A Trajetória Social de
Raymundo Moraes (1872-1941) - Autor de Na Planície
Amazônica, 1926 / Iza Vanesa Pedroso de Freitas Guimarães ;
Paulo Knauss de Mendonça, orientador. Niterói, 2019.
292 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.63180960272>

1. Amazônia. 2. História. 3. Memória. 4. Intelectual. 5.
Produção intelectual. I. Mendonça, Paulo Knauss de,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
História. III. Título.

CDD -

IZA VANESA PEDROSO DE FREITAS GUIMARÃES

O ENAMORADO DA VÊNUS TELÚRICA:

A Trajetória Social de Raymundo Moraes (1872-1941) - Autor de *Na Planície*

Amazônica, 1926

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça – UFF

Orientador

Prof.^a Dr.^a Angela Maria de Castro Gomes – UFF

Prof.^a Dr.^a Giselle Martins Venancio – UFF

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo – UFPA

Prof.^a Dr.^a Simone Garcia Almeida – UNIFAP

NITERÓI

2019

Aos meus amores: meu marido Ed Carlos,
meu filho Lucas Valentim e
minha mãe Maria.

À minha avó Domingas e ao meu avô João Batista,
amores que já partiram.

AGRADECIMENTOS

Essa é a parte da tese mais fácil de ser escrita, pois na conclusão da jornada de um Doutorado, o sentimento que deve realmente prevalecer conosco é a gratidão. Gratidão para com todos aqueles que ajudaram a construir cada palavra pensada e escrita, cada linha, cada parágrafo, cada página, cada lista, cada quadro deste trabalho. Tudo hoje se mistura aqui: franzidos de testa, dicas, sugestões, críticas, puxões de orelha, lágrimas, sorrisos e abraços, muitos abraços. Eu começo agradecendo a uma pessoa que me ajuda sempre quando estou em apuros, que me resgatou todas as vezes dos vazios que criei para mim, que me ama como sou, mas que acredita que posso sempre me transformar e me reinventar tornando-me melhor do que fui ontem: muito obrigada meu marido, meu companheiro Ed Carlos, o amor da minha vida. Eu agradeço também ao meu filhote Lucas Valentim que me fortaleceu ao longo dessa dura jornada de pesquisa e estudo e que sempre é a fonte de alegria mais genuína da minha vida: meu filho, eu te amo e devo essa conquista também a ti.

Agradeço a minha mãe Maria, agradeço pelo ventre amigo que me acolheu, agradeço também pelo amor incondicional, pela educação e incentivo que recebi ao longo de minha trajetória.

Obrigada aos meus familiares: tias, tios, primas e primos que me ampararam com amor e carinho. Especialmente, a minha prima, comadre dupla e irmã de coração, Arinalda, ao compadre Cleomar e a minha afilhada linda Kiara. Muito obrigada, ao meu primo Diloney Augusto e Silvana, sua esposa, meu porto seguro em Santarém/ PA. Gratidão, tia Francisca e minha prima Fabiana, meu porto seguro em Osasco/ SP.

Aos meus amigos e as minhas amigas, muito obrigada! Eles são de vários territórios: da Dança, do Doutorado, da Graduação, da Literatura, do *Scrapbook*, da Universidade, da vida. Todos estão bem guardados em meu coração porque contribuíram de alguma forma para o meu sucesso nessa etapa. Gratidão a Agesandro, Ana Cláudia, Angela, Arlete, Carlos Augusto, Carmentilla, Cecília Maria, Cinara, Clarissa, Cristina, Daia, Deyse, Enilda, Gizelle Laís, Irene, Irmã Conceição, Juliana, Kelita Morena, Lu, Marcelo, Maria Roseane, Moema, Paulo, Paulo Adler, Patrícia, Simeia, Simone, Thaisa, Walterly.

Agradeço a uma pessoa que com certeza inscreveu em mim muitas qualidades ao longo da pesquisa e da escrita da tese e que também me ajudou a abandonar vícios e a superar limitações acadêmicas; ensinou-me sempre com respeito e firmeza o ofício de pesquisador e também de professor; ensinou-me sem reservas, compartilhando o conhecimento com humildade, elegância, carinho e gentileza. Muito obrigada, professor Paulo Knauss de Mendonça. Essa tese tem muito de você, professor. Eu nunca vou esquecer a nossa amizade. Sim! Muito obrigada

por estender a sua mão amiga em todos os momentos, inclusive, nos mais críticos e nas travessias mais conturbadas.

Minha gratidão à Banca do Exame de Qualificação desta tese, à professora Angela Maria de Castro Gomes e ao professor Aldrin Moura de Figueiredo que contribuíram decisivamente para o avanço da pesquisa e para a escrita da tese. Agradeço a minha Banca de Defesa: novamente à professora Angela Maria e ao professor Aldrin, e às professoras Giselle Martins Venancio e Simone Garcia Almeida.

Agradeço também à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESPG) pela oportunidade de estudar e pesquisar com tranquilidade, estando completamente liberada para me qualificar no Doutorado desde 2015 até 2019. Eu agradeço também às minhas colegas e aos meus colegas de profissão do Colegiado de História, aqui tenho também amigos que já foram citados anteriormente.

Minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH – UFF) pela acolhida de minha pesquisa quando ela era ainda uma proposta embrionária. Agradeço à professora Giselle Venancio, então coordenadora do PPGH-UFF, e ao professor Alexandre Lima, vice-coordenador. Gratidão aos funcionários do PPGH-UFF: à Thais Paz, à Thais Barros, à Aline Paiva, a Pablo da Cruz e, especialmente, a Rafael Mello, pela imensa ajuda. Agradeço ao corpo docente do PPGH – UFF, especialmente, à professora Martha Abreu e ao professor Alexander Gebara.

Meu obrigada às instituições de pesquisa: Academia Brasileira de Letras (ABL), Fundação Biblioteca Nacional (BN), Biblioteca Pública do Estado do Pará Arthur Vianna e Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

*A história do Amazonas, ensanguentada, trágica, movimentada na fábula,
escreve-se com a tinta dramática, pitoresca de lances cômicos,
sinistra de lutas épicas.
Tudo devido à imensidade, aparentemente uniforme,
porém repleta de contrastes.*

Raymundo Moraes

RESUMO

O intuito deste trabalho é compreender a trajetória social do jornalista e escritor paraense Raymundo Moraes (1872-1941), cuja obra produzida no período de 1908 a 1941 e publicada em periódicos e em livros retrata o processo de “reconhecimento” do território amazônico e suas paisagens natural e humana através de múltiplas representações como homem/natureza, natureza/civilização e raça/nação, fornecendo vários sentidos para a Amazônia no contexto do modernismo. O referencial teórico-metodológico que sustenta este trabalho pertence à área da História Social e da História Cultural. As principais fontes de pesquisa analisadas são fontes impressas: artigos, notas e imagens de jornais e revistas, principalmente, publicados no recorte temporal de 1872 a 1980 e os livros de autoria de Raymundo Moraes publicados de 1908 a 1941 e republicados até 2001. O maior desafio nessa pesquisa foi visitar a memória de Raymundo Moraes, especialmente, a memória *post mortem* e entender a tentativa de patrimonialização de sua memória em 1941 (morte), 1954 (doação de sua Biblioteca pessoal) e 1972 (Centenário de Nascimento). As vivências de Raymundo Moraes, como prático e comandante de navios gaiolas e como jornalista no Pará e Amazonas foram decisivas para a construção de sua memória e de sua narrativa que é uma interpretação fundamental sobre a Amazônia na primeira metade do século XX.

Palavras chave: Amazônia, História, Memória e Intelectual mediador.

ABSTRACT

The purpose of this work is to understand the social trajectory of the journalist and writer, Raymundo Moraes (1872-1941), whose work produced in the period from 1908 to 1941 and published in journals and books depicts the process of "recognition" of the Territory Amazonian and its natural and human landscapes through multiple representations such as Man/Nature, Nature/Civilization and Race/Nation, providing various meanings to the Amazonia in the context of modernism. The theoretical-methodological framework that sustains this work belongs to the Area of Social History and Cultural History. The main sources of research analyzed are printed sources: articles, notes and images of newspapers and magazines, mainly published in the temporal period of 1872 to 1980 and the books authored by Raymundo Moraes published from 1908 to 1941 and reposted until 2001. The biggest challenge in this research was to visit the memory of Raymundo Moraes, especially, the *post-mortem* memory and understand the attempt to make Heritage his memory in 1941 (Death), 1954 (donation of his personal Library) and 1972 (Centenary of Birth). The experiences of Raymundo Moraes, as a practical and commander of cages ships and as a journalist in Pará and Amazonas were decisive for the construction of his memory and of his narrative which is a fundamental interpretation of the Amazonia in the first half of the twentieth century.

Key words: Amazonia, History, Memory and Mediator Intellectual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Notícia no jornal *Folha do Norte*, 1937, p. 40.
- Figura 2.** Raymundo Moraes. Foto “Fidanza”, Belém do Pará, 1935, p. 43.
- Figura 3.** Entrevista com Raymundo Moraes, 1931, p. 51.
- Figura 4.** “Destino”, conto de Aldo Moraes, 1933, p. 54.
- Figura 5.** Aldo Moraes com grupo de jornalistas do Amazonas no Rio de Janeiro, 1927, p. 55.
- Figura 6.** Myriam Moraes, 1934, p. 58.
- Figura 7.** Tanga de barro Marajoara e Igaçaba modelada e decorada de Marajó [Ilustrações de Myriam Moraes], 1937, p. 59.
- Figura 8.** Grupo de Redatores de *A Província do Pará*, 1908, p. 63.
- Figura 9.** Revólver, calibre 38, em posse de Raymundo Moraes, 1922, p. 70.
- Figura 10.** Fotografia de Raymundo Moraes entre membros da Academia Amazonense de Letras, 1924, p. 78.
- Figura 11.** Raymundo Moraes da *Société des Américanistes de Paris*, 1936, p. 81.
- Figura 12.** Fotografia de Raymundo Moraes no Rio de Janeiro no almoço no Automóvel Club, 1931, p. 83.
- Figura 13.** Fotografia de Raymundo Moraes no Rio de Janeiro, 1931, p. 85.
- Figura 14.** *Notas Dum Jornalista* – livro comentado na *Revue de l’Amérique Latine*, 1927, p. 95.
- Figura 15.** Anúncio de venda do livro *Cartas da Floresta*, 1928, p. 104.
- Figura 16.** Reprodução da capa da 1ª edição do livro *Na Planície Amazônica*, 1926, p. 108.
- Figura 17.** Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 2ª edição, 1926, p. 111.
- Figura 18.** Índice do livro em 1ª e 2ª edições, respectivamente, 1926, p. 112.
- Figura 19.** Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 3ª edição, 1931, p. 117.
- Figura 20.** Folha de rosto do livro *Na Planície Amazônica* em 4ª edição, 1936, p. 121.
- Figura 21.** Anúncio da *Companhia Editora Nacional*, 1936, p. 126.
- Figura 22.** Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 6ª edição, 1960, p. 129.
- Figura 23.** Peixes da Amazônia, ilustração de Israel Cysneiros, 1960, p. 132.
- Figura 24.** Anúncio do livro *Na Planície Amazônica* em 6ª edição, 1960, p.
- Figura 25.** Ilustrações de Poty na 7ª edição de *Na Planície Amazônica*, 1987, p. 136.
- Figura 26.** Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 7ª edição, 1987, p. 137.

- Figura 27.** Última página da 7ª edição de *Na Planície Amazônica*, 1987, p. 140.
- Figura 28.** “Paisagem Amazônica” de Moacir Andrade de Moraes, 1978, p. 142.
- Figura 29.** Capa de *Na Planície Amazônica* em 7ª edição, 2000, p. 143.
- Figura 30.** Página da *Revista Ilustração Brasileira* com a crítica ao livro *Na Planície Amazônica*, 1926, p. 151.
- Quadro 01.** *Na Planície Amazônica* (1926-2001), de Raymundo Moraes, p. 166.
- Figura 31.** Carta aberta de Mário de Andrade a Raymundo Moraes, 1931, p. 174.
- Figura 32.** Página da *Revista Fon Fon* com a crítica sobre *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, 1931, p. 176.
- Figura 33.** Página da *Revista O Malho* com o verbete “Caboclo”, 1931, p. 177.
- Figura 34.** Anúncio do livro *Aluvião*, 1933, p. 180.
- Figura 35.** O itinerário da viagem presidencial na Amazônia, 1940, p. 193.
- Figura 36.** Necrológio de Raymundo Moraes no jornal *O Imparcial*, 1941, p. 204.
- Figura 37.** Necrológio de Raymundo Moraes na *Revista da Semana*, 1941, p. 210.
- Figura 38.** Nota de falecimento na Página da *Revista O Malho*, 1941, p. 213.
- Quadro 02.** Bens Tombados na Amazônia (1938-1945), p. 221.
- Figura 39.** Notícia sobre a criação da “Casa de Raymundo Moraes”, 1942, p. 223.
- Figura 40.** Índice do Boletim do Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 229.

LISTA DE SIGLAS

- AAL** Academia Amazonense de Letras
ABL Academia Brasileira de Letras
ACL Academia Carioca de Letras
AL Aliança Liberal
APL Academia Paraense de Letras
BPB Biblioteca Pedagógica Brasileira
CB Civilização Brasileira Editora
CEN Companhia Editora Nacional
CFCMEC Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação e Cultura
CPDOC Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DIP Departamento de Imprensa e Propaganda
EDUSP Editora da Universidade de São Paulo
ENBA Escola Nacional de Belas Artes
FGV Fundação Getúlio Vargas
IEB Instituto de Estudos Brasileiros
IHGB Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGP Instituto Histórico e Geográfico do Pará
IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PC Partido Conservador
PD Partido Democrático
PRP Partido Republicano Paulista
SPHAN Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFPA Universidade Federal do Pará
UnB Universidade de Brasília
USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 15.
1 CAPÍTULO I. DO CONVÉS AO GABINETE: Sociabilidades e Deslocamentos de Raymundo Moraes.....	p. 31.
1.1 O “ilustre morto” está “vivo da Silva”!.....	p. 31.
1.2 Perlustrando o “bandeirante hídrico” da Amazônia.....	p. 44.
1.3 O manejar da “pena fulgurante” e as lutas impressas no início do século XX.....	p. 61.
1.4 As peripécias de “Um prócer da intelectualidade setentrional”.....	p. 76.
2 CAPÍTULO II. NA PLANÍCIE AMAZÔNICA: Raymundo Moraes e a invenção da Amazônia nos anos de 1920.....	p. 92.
2.1 O “revelador estético da Amazônia”: de <i>Traços a Esmo</i> , de 1908 a <i>Cartas da Floresta</i> , de 1927.....	p. 92.
2.2 Papel, Tinta, Ação! <i>Na Planície Amazônica</i> e a Mediação Editorial.....	p. 105.
2.3 “Baboseiras” ou “ <i>Amazoneida</i> ”: A Crítica ao <i>best-seller</i> amazônico.....	p. 147.
3 CAPÍTULO III. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE RAYMUNDO MORAES: De Comandante de gaiola a <i>Belletrista</i>	p. 167.
3.1 As aventuras literárias do “Caçador de Símbolos” nos anos de 1930.....	p. 167.
3.2 A Visita do Chefe de Estado “ao grande trabalhador intelectual” da Amazônia.....	p. 188.
3.3 Morre o “Mago estilista da gleba”	p. 202.
3.4 A Casa, A Biblioteca e O Centenário: as tentativas de patrimonialização da memória do jornalista e escritor morto.....	p. 215.
CONCLUSÃO.....	p. 232.
FONTES CITADAS.....	p. 238.
BIBLIOGRAFIA.....	p. 276.
APÊNDICE.....	p. 290.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, a Amazônia ainda era um mistério para o restante do Brasil! Raymundo Moraes (1872-1941) conheceu muito bem os recônditos sertões do Norte, singrando os rios na companhia de seu pai nos navios gaiolas desde ainda muito jovem e depois no comando do velho couraçado “Rio Amazonas”, mais conhecido como Rei *Lear*, o navio mais famoso que comandou. Foi também conduzindo esse navio que lançou o seu livro mais festejado, *Na Planície Amazônica*, em 1926. Assumiu a missão de apresentar ao país e ao mundo a sua amante que adormecia aconchegada em uma lira: a “Vênus Telúrica”¹. Era assim que Raymundo Moraes anunciava a Amazônia. Foi deslocando-se sobre as águas amazônicas que o intelectual paraense começou a escrever os seus textos. Foi a partir do enfrentamento das forças das águas que ele construiu a sua obra e sua identidade narrativa. Quem nunca ouviu falar das correntes de águas no vale amazônico não tem ideia da potência da lira esculpida por um deus pagão e autóctone na tentativa de “amenizar as arestas cortantes dessa natureza rude”² nem pode imaginar o modo de vida no Gênesis Euclidiano.

Eu conheço as águas dos “dois indômitos dragões dourados”, alegorias de Alfredo Ladislau em *Terra Imatura*, obra de 1923, porque contemplei muitas vezes da terra firme no Oeste do Pará, ou melhor, da orla de Santarém do Pará, cidade em que nasci e cresci, o encontro entre as águas serenas e traiçoeiras do Rio Tapajós e as revoltas e barrentas águas do Rio Amazonas. Tive a oportunidade de me banhar na desordem desse embate aquático que revela uma majestosa teimosia dos dois imensos rios em se enfrentar pelo amor da pérola do Tapajós: “Santarém, [que] da leve arquibancada que a natureza lhe concedera no anfiteatro geográfico do Baixo Amazonas, sorria, ostensivamente vaidosa”, continua Ladislau (2008, p. 29): “assistindo à diuturna luta entre o Tapajós e o Amazonas, disputando-lhe a posse”. O que é mais maravilhoso nessa luta é que os dois dragões vencem juntos sem sobrepujar um ao outro, sem dominar o leito um do outro, compartilhando o amor por Santarém. Com o tempo passei a observar bem mais o Amazonas lendário. Ao residir em Macapá, capital do Estado do Amapá, a única capital brasileira banhada pelo Rio Amazonas, pude contemplar a força das águas quase oceânicas desse dragão incontrolável porque pode “transportar montanhas”. Uma brava lição os rios amazônicos ensinaram a Raymundo Moraes na virada do século XIX ao XX, mais do que o manejar dos gaiolas, ensinaram a ele o manejar da pena.

¹ MORAIS, 2000, p. XXVIII.

² Ibid., 2000, p. 1.

Quem conhece a obra desse jornalista e escritor paraense pode intuir que há uma forte relação entre a inventada “Planície Amazônica” de Raymundo Moraes e as águas amazônicas, pois foi a força das águas que conduziu a sua pena fulgurante; foram as águas que tornaram fértil e úmida a sua vida e a sua obra; porém, foram elas também enfurecidas que inundaram a sua Casa e arrastaram a memória de Raymundo Moraes para as profundezas dos rios, que ele navegou por longos anos, enfrentando até o fenômeno natural da Pororoca ³. E, essas águas arrebatadas pelos escritos do velho comandante Moraes, mantiveram, todos esses anos, a sua memória adormecida entre os muiraquitãs ⁴ em Mayandeuá ⁵, isto é, na Atlântida tropical, a cidade encantada do fundo dos rios.

Como sei que é muito perigoso perturbar a serenidade dos encantados como alertava sempre a minha vó Dona, nascida e criada à ribeira, a pesquisa tem por objetivo trazer à superfície apenas os vestígios da memória do jornalista e escritor paraense. Nesse sentido, orientei a bússola do trabalho em direção a essa categoria-chave na construção do trabalho. Entende-se aqui “memória” no seu sentido plural seguindo a concepção de Pierre Laborie (2009, *passim*), pois nos fenômenos sociais e históricos há sempre a possibilidade da coexistência de fragmentos de memórias diferentes quanto à natureza e finalidade dos discursos e das representações do passado que foram validados entre membros de grupos sociais diferentes e/ou concorrentes e até mesmo entre membros de um mesmo grupo social.

³ “**Pororoca** – Choque entre as águas do mar e das águas do rio em lugares onde o leito é raso e cheio de altos e baixos. Só é possível a pororoca onde haja maré, fluxo e refluxo lunar, enfim. Manifesta-se com as águas vivas do equinócio nos cursos fluviais da Guiana brasileira e nos rios Guamá e Capim, a montante de Belém. O fenômeno não é exclusivo da foz do Amazonas. Com outros nomes ele existe na Europa, na Ásia, na África” (MORAIS, 2013, p. 138).

⁴ “**Muiraquitã** – Amuleto de pedra verde atribuído às icamiabas, mulheres sem marido, tidas como pertencentes a uma nação guerreira que enjeitava o filho varão. A tribo feminina é pura lenda inventada pelo espanhol Orellana, que foi o primeiro a explorar e descer o caudal do Amazonas, dos Andes ao Atlântico. Quanto ao talismã, é um fato. Existe. Feito de pedra verde malva, com finos veios ferruginosos, alguns são lavrados em forma simples, cilindroide, elíptica ou de conta. Outros, de linhas zoomórficas, representam quelônios, batráquios, quadrúpedes, serpentes. Ainda outros, de modelos antropomorfos, lembram focinhos, carrancas, bicos, chifres de monstros. A essa relíquia se emprestam atributos miraculosos. Dão amor, felicidade, saúde, riqueza. O material em que é talhado o muiraquitã amazônico, é a nefrite. O do asiático é a jadeíte” (Ibid., 2013, p. 125).

⁵ No capítulo intitulado “Letras Insulares: leituras e formas da História”, Aldrin Moura de Figueiredo (1998, *passim*) dedica-se a refletir sobre a apropriação dos relatos folclóricos por parte dos literatos paraenses, especialmente, aqueles ligados ao movimento modernista dos anos 20, para contar “uma” história da Amazônia. Através da análise de textos publicados em torno da lenda de Mayandeuá, assinados por escritores em recortes espaciais e temporais diversos como Pádua Carvalho (1886) em Belém, Clóvis de Gusmão (1929) em São Paulo, Oswaldo Orico (1937) em São Paulo e José Coutinho de Oliveira (1951) em Belém, concluiu o autor que os literatos acreditavam que o fabulário brasileiro contava um pouco da História do Brasil.

Esses discursos e representações são construídos sob tensões e disputas e também sob colaborações e negociações ⁶. Daí admitir que a memória é sempre um fenômeno social ⁷ e como memória coletiva é “... a narrativização social de lembranças comuns” ⁸. Retomando a contribuição de Laborie, deve-se compreender que a memória mantém relação profunda com o tempo, especialmente, o tempo presente, onde ela se entrelaça à opinião, que também é um fenômeno social e que tem relação também com o poder, visto que: “... a memória coletiva é não somente uma conquista, *é também um instrumento e um objeto de poder*” ⁹.

A memória não deve ser confundida com a história, pois apesar de se relacionarem no tratamento do passado, ambas são distintas como defendeu Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento*: a primeira diferença entre memória e história repousa na distinção entre testemunho e documento; a segunda na oposição entre o imediatismo da reminiscência e a explanação histórica; e a terceira na oposição entre o reconhecimento e a representação do passado ¹⁰. Se o testemunho é indissociável da testemunha (sujeito), chegando até mesmo a se confundir com ela e podendo estar condicionado, exclusivamente, à “aceitação (ou o repúdio) da credibilidade da palavra que testemunha o fato” ¹¹, por outro lado, o documento tem natureza indiciária e não pode ser considerado a recordação de ninguém porque a existência do documento independe da vontade das pessoas e, ao contrário da confiança que se outorga à testemunha, o documento é concebido pelo “exercício crítico, que submete ao regime do verdadeiro e do falso, do refutável ou verificável, os vestígios do passado” ¹². Daí o questionamento constante sobre a certificação da representação do passado através do discurso histórico, ou melhor, da representação histórica do passado.

⁶ Cabe aqui a descrição de “memória dividida”, de Giovanni Contini, mobilizada por Alessandro Portelli (1996, passim) em seu estudo sobre a memória do massacre de *Civitella Val di Chiana*. Essa descrição não vale apenas para as memórias de desastres, massacres, conflitos geopolíticos etc.; vale também para narrativas biográficas e autobiográficas.

⁷ A memória vem se tornando cada vez mais objeto de pesquisa nos vários domínios das Ciências Sociais e Humanas e “as divergências em torno do conceito de ‘memória coletiva’ cobrem um amplo espectro. Num de seus extremos estão os que afirmam que ‘não existe uma memória individual, toda memória é social’ [SCHACTER, 1995, p. 346], e no outro, aqueles que consideram a noção de memória coletiva uma retórica holística de duvidosa implicação ontológica, uma simples *flatus vocis* [CANDEAU, 2001, p. 26]” (MUDROVICIC, 2009, p. 101).

⁸ *Ibid.*, 2009, p. 105.

⁹ LE GOFF, 2003, p. 470. Grifo meu.

¹⁰ CHARTIER, 2015, p. 21-24.

¹¹ *Ibid.*, 2015, p. 21/22.

¹² *Ibid.*, 2015, p. 22.

A primeira [a memória] é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial do seu ser coletivo. A segunda [a história] se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, “científico”, no sentido de Michel de Certeau.¹³

Ainda sobre a relação entre memória e história:

A memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações, vulneráveis a todas as utilizações e manipulações, suscetíveis de longas latências e súbitas revitalizações. A história é a reconstrução problemática e incompleta do que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno; a história, uma representação do passado.¹⁴

Nesse sentido, a abordagem da memória de Raymundo Moraes, principalmente, da sua memória *post mortem*, traduz como esse intelectual foi enunciado a partir da sua morte, seja da falsa morte em 1937, seja da morte de fato no ano de 1941 nos impressos da época e também como a sua memória, ligada ao imaginário de comandante de gaiolas, repercutiu em sua trajetória social. Chegamos a outra categoria-chave do trabalho: “Trajetória”, que é pensada como: “... uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”¹⁵. É impossível, portanto, admitir a imutabilidade do sujeito e do objeto que se deslocam no tempo, pois nunca eles permanecem os mesmos ao longo de suas trajetórias. E o forjar dessa imutabilidade nos conduz à noção de uma “ilusão biográfica” que, segundo Bourdieu (2006, *passim*), é abordada como o perfazer da vida enquanto relato, como se a vida fosse uma expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto, quando também não se admite ou não se atenta para as diferentes colocações e deslocamentos no espaço social do sujeito ou do grupo a que pertence esse sujeito; ou mesmo quando a busca do sentido e do valor dessa trajetória é pautada exclusivamente na constância do nome próprio, como instituição de totalização e de unificação do eu que melhor expressa o discurso sobre si em um campo, assim, fabrica-se a ilusão biográfica, que é antes de tudo uma ilusão narrativa acerca do sujeito.

Como o nome próprio é uma forma singular de nomeação por meio da qual se institui uma identidade constante e durável tanto na diacronia quanto na sincronia da vida social, ele

¹³ CHARTIER, 2015, p. 24.

¹⁴ Cf. NORA, 1984. p. XIX apud. DOSSE, 2003., p. 282.

¹⁵ BOURDIEU, 2006. p. 189.

pode fundar tanto a ilusão biográfica quanto a identidade narrativa do sujeito. Em outras palavras, é por meio do nome próprio que se “... assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais dos diferentes agentes sociais que são a manifestação dessa individualidade nos diferentes campos”¹⁶. Quando se analisa a trajetória social de um intelectual a partir da trajetória social de sua obra não se deve tomar apenas o nome próprio do autor em uma singularidade histórica ou social para representar a totalidade da trajetória social da sua obra e de sua autoria porque, dessa forma, reproduz-se o artifício imposto pelo discurso da “propriedade literária” que precisa ser problematizado:

... o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. *Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura.* O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser.¹⁷

A maior contribuição de Michel Foucault quanto à análise do alcance do “nome do autor” e, de certo modo, da “propriedade literária” foi desmistificar a natureza discursiva da relação entre o autor e a obra, entendendo que ambos são independentes um do outro, embora coincidentes à medida em que não obedecem, simplesmente, à lógica linear de um sistema de pensamento ordenado e homogêneo. A relação autor - obra é fundante na trajetória social de um sujeito-autor e de sua obra, mas não resume o alcance da sua autoria nem o impacto de sua obra. Sabe-se que no nome do autor, como apontou Foucault, está embutido certo conjunto de discursos que operam na obra como um todo e que estão até para além da obra e do próprio autor; discursos produzidos a partir da inserção da obra no contexto da relação entre o *habitus* e o mercado de capital simbólico em determinado campo, nesse caso, está se falando do campo literário que:

¹⁶ BOURDIEU, 2006, p. 186.

¹⁷ FOUCAULT, 2001, pp. 264-298. Grifo meu.

... é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam (seja, para tomar pontos muito afastados, a do autor de peças, de sucesso ou a do poeta de vanguarda), ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrências que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças. E as tomadas de posição (obras, manifestos ou manifestações políticas, etc. (sic), que se pode e deve tratar como um "sistema" de oposições pelas necessidades da análise, não são o resultado de uma forma qualquer de acordo objetivo, mas o produto e a aposta de um conflito permanente. Em outras palavras, o princípio gerador e unificador desse "sistema" é a própria luta.¹⁸

Nas fontes de pesquisa consultadas e selecionadas, é presente a tentativa de forjar acontecimentos biográficos na trajetória social de Raymundo Moraes, porém, essa ilusão biográfica também foi contraposta a uma identidade narrativa baseada na escrita de si mesmo; identidade organizada pelo próprio autor de *Na Planície Amazônica*, para que os “guardiões de memória”¹⁹, os de sua memória prosseguissem em sua missão de imortalizá-lo. A identidade narrativa é construída em uma complexa operação em que se articula uma “... miríade de traços fragmentados e heterogêneos (os ‘biografemas’ de Barthes), para sublinhar o caráter plural, múltiplo e paradoxal das ações e itinerários individuais”²⁰. No exercício de ressaltar os acontecimentos biográficos a partir do nome próprio de Raymundo Moraes, a identidade narrativa do sujeito se altera no tempo e é essa alteração que interessa aqui.

Daí a “biografia” de Raymundo Moraes não ocupar o centro da análise, mas sim, a articulação possível entre os vestígios da trajetória social de Raymundo Moraes e de sua obra e o cruzamento entre esses vestígios, embora tenha me aventurado a cartografar alguns dos “traços biográficos” desse intelectual reunindo-os em um quadro geral na tentativa de: “... ir além da continuidade aparente do devir, para recuperar os desvios, as fissuras e os acidentes, mas também as potencialidades do passado”²¹. O jornalista e escritor paraense não está entre os “grandes” intelectuais, então, precisei descer ao estrato:

... dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos "despertadores" que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política.²²

¹⁸ BOURDIEU, 1996, p. 261-262.

¹⁹ Essa categoria representa os sujeitos “... encarnados em pessoas idosas ou em um membro da família que estabelece como seu objetivo ‘produzir’, de maneira mais ou menos informal, um arquivo de documentos ou de relatos sobre a história dessa família” (GOMES e HANSEN, 2016, p. 9).

²⁰ OLIVEIRA, 2017, p. 437.

²¹ LORIGA, 1998, p. 248.

²² SIRINELLI, 2003, p. 246.

Eu considero Raymundo Moraes um “intelectual mediador” e participe de uma geração de intelectuais cuja obra “misturada” combina elementos e sentidos antigos, criando novos sentidos integrantes ²³ no processo de reconfiguração do seu tempo: “Os intelectuais tem um processo de formação e aprendizado, sempre em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político” ²⁴. A noção de geração aqui abordada, portanto, remete-se à memória e à história e:

incorpora tanto a ideia de um tempo “exterior” – o dos movimentos de conjuntura e eventos da história de um país, região ou grupo local – quanto de um tempo “interior”, expresso pela forma como tais acontecimentos foram experimentados por um grupo, construindo-se um sentido de união, de pertencimento. ²⁵

Na trajetória social de Raymundo Moraes, identifica-se um conjunto de práticas de mediação cultural formado pela sua forte atuação na Imprensa brasileira, pela sua escrita em vários estilos, sobretudo, em forma de crônica, pela sua produção ensaísta, pela tradução de um patrimônio intelectual brasileiro adequando-o aos valores sociais de sua época, pela interpretação dos vários sentidos de suas experiências, ressignificando as suas vivências e, principalmente, pela intermediação entre a sua produção jornalístico-literária e o campo político.

As principais fontes de pesquisa neste trabalho são as fontes impressas, ou melhor, os periódicos - jornais e revistas - publicados de 1872 a 1980 e os livros de autoria de Raymundo Moraes no período de 1908 a 2001. Nesse sentido, os periódicos podem ser pensados como um veículo de representação da imaginação social e ocupam um lugar privilegiado na construção dessa representação. Os periódicos também são um lugar de memória e os sentidos neles presentes são resultados do encontro entre a história e a memória ou em alguns casos de um confronto entre elas, quando a história acaba tornando-se cativa da memória como propôs Ulpiano Menezes (1992, p. 22):

²³ “O grande poder da transferência, passagem ou mediação cultural é precisamente o de criar algo novo, quer dizer, algo que se comunica com mais de um espaço ou grupo sociocultural, sendo um ‘terceiro elemento’” (GOMES, 2016, p. 32).

²⁴ Ibid., 2016, p. 12.

²⁵ Ibid., 1996, p. 40/41.

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz.

Sobre o papel social dos periódicos, de acordo com Monica Pimenta Velloso (2010, p. 43): “... ambos se debruçam sobre um tempo acelerado, típico da cultura do modernismo”, no entanto, se o jornal visa captar a atualidade imediata, a revista “... se esforça para torná-la objeto de reflexão”²⁶. E de acordo com Jean-François Sirinelli: “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”²⁷. Assim,

As diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo [nos jornais e revistas] não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação.²⁸

De acordo ainda com Monica Pimenta Velloso (2010, p. 44):

Originadas de um projeto mais amplo, de cunho coletivo, as revistas são ponto de encontro de itinerários individuais, reunidos em torno de uma ideia comum. Funcionam como um verdadeiro microcosmo, no interior do qual os intelectuais organizam suas redes de sociabilidades, difundem ideias e garantem o seu sustento.

Através delas se organizam as configurações do campo intelectual, compreendendo-se tanto as adesões (fidelidades, amizades, influências) como as exclusões (cisões no debate) neste sentido, as revistas são lugar de memória, possibilitando a análise do movimento das ideias que conformam uma época”.

Com o perfil editorial destinado a diferentes públicos, as revistas ilustradas ganharam maior vigor a partir do início do século XX e marcaram definitivamente a história editorial brasileira. Nicolau Sevckenko (2003, p. 119) afirma que se inaugurou um novo jornalismo na Primeira República: “Esse ‘novo jornalismo’, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, torna-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas”. Ainda segundo esse autor:

²⁶ VELLOSO, 2010, p. 43.

²⁷ SIRINELLI, 2003, p. 249.

²⁸ LUCA, 2010, p. 131/132.

“O desenvolvimento do ‘novo jornalismo’ representa, contudo, o fenômeno mais marcante na área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento do grupo intelectual”²⁹.

Com capas ilustradas e mais atraentes e com uma nova linguagem jornalística refletida através de sua narrativa empolgante e visceral, assim como também através dos fartos reclames e das matérias inusitadas e, por vezes, divertidas ou mesmo com forte teor de crítica, as revistas ilustradas desempenharam no início do século XX: “papel estratégico e de grande impacto social”³⁰. A abundância de cores nas ilustrações e as inúmeras fotografias flagrantes do dia a dia das pessoas e das transformações urbanas, assim como o apelo à diversidade de linguagens artísticas e de uma crítica de artes (literária, musical, de teatro e dança), e por fim, através da vívida proposta de estimular o compromisso das pessoas com uma agenda cultural e da captura do moderno cotidiano nas cidades tornaram as revistas com “... uma capacidade de intervenção bem mais rápida e eficaz, caracterizando-se como ‘obra em movimento’ ”³¹.

A pesquisa documental em periódicos transcorreu, de forma tranquila, sem grandes adversidades no curso do doutorado, pois as principais fontes de pesquisa são abundantes e estão acessíveis para a consulta, inclusive, em sua maioria, disponíveis em suporte digital o que garantiu o sucesso do processo de levantamento documental e de consulta às fontes, mesmo estando a maior duração da pesquisa em Macapá/AP, onde resido. No entanto, resta acrescentar que fui surpreendida pela inexistência de um Arquivo Pessoal ou Fundo de Arquivo para a manutenção e guarda dos documentos sobre a vida e obra do escritor Raymundo Moraes. Em Manaus/ AM, não há documentos significativos sobre a vida e a obra do escritor paraense, há apenas alguns exemplares dos livros de autoria de Raymundo Moraes em edições mais recentes catalogados e disponíveis nas bibliotecas das Universidades Públicas e na Biblioteca Pública do Amazonas e na Biblioteca Genesino Braga da Academia Amazonense de Letras (AAL) para a consulta. No Arquivo Público do Estado do Amazonas também não foi localizada nenhuma documentação importante.

A pesquisa se desenrolou em Belém/ PA, na Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN). A documentação consultada está organizada em catálogos e em fichas catalográficas reunindo a relação dos documentos disponibilizados em rolos de microfilmes na Seção de Microfilmagem e em volumes impressos na Seção de Obras Raras. Foram consultados os jornais paraenses *A Província do Pará*, *Estado*

²⁹ SEVCENKO, 2003, p. 118/119.

³⁰ VELLOSO, 2010, p. 43.

³¹ VELLOSO, 2010, p. 43.

do Pará e Folha do Norte, de 1908 a 1941 e as primeiras edições do livro *Na Planície Amazônica*, de 1926.

Na cidade do Rio de Janeiro, realizei a pesquisa na Academia Brasileira de Letras (ABL), na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça e na Biblioteca Rodolfo Garcia. A documentação pesquisada na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça está organizada em catálogo impresso e na base de dados da Biblioteca que reúne os títulos e ano de publicação de impressos sobre a trajetória da ABL e de seus acadêmicos e reúne também os volumes de sua principal publicação, a sua Revista. Foram consultados os volumes da Revista da ABL dos anos de 1926 a 1930. Na Biblioteca Rodolfo Garcia, as fontes consultadas estão organizadas em catálogo digital que reúne os títulos e dados bibliográficos dos volumes impressos pertencentes ao seu acervo. Foram consultadas as várias edições do livro *Na Planície Amazônica*, da 2ª a 8ª edição, assim como outros livros de Raymundo Moraes disponíveis para a consulta, apenas presencialmente, no prédio da Biblioteca.³²

Ainda na capital fluminense, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) foi um lugar onde visitei e revisei a obra de Raymundo Moraes e onde encontrei o maior acervo de impressos disponíveis. A documentação pesquisada na Biblioteca Nacional está organizada em catálogos digitais que reúnem os títulos e dados bibliográficos dos volumes impressos no Setor das Obras Gerais³³. Nesse espaço, foram consultadas as várias edições do livro *Na Planície Amazônica*, da 1ª a 8ª edição, assim como outros livros de Raymundo Moraes, como *Cartas da Floresta*, de 1927 e *País das Pedras Verdes*, de 1930. Os periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira podem ser consultados, diretamente, na plataforma de pesquisa da Biblioteca Nacional porque estão disponíveis amplamente. As fontes de pesquisa que consultei foram os jornais e revistas de circulação nacional nos anos de 1872 a 1980 sobre a trajetória social de Raymundo Moraes, suas atividades jornalística e literária.

Em São Paulo, pesquisei no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), cuja documentação está organizada em catálogos que reúnem documentos impressos e digitalizados. Foram levantadas e consultadas as correspondências entre Raymundo Moraes e Mário de Andrade, ainda não digitalizadas, mas disponíveis para a consulta presencial no prédio do IEB. Encontrei apenas duas cartas de Raymundo Moraes a Mário de Andrade, que foram fotografadas pela funcionária da instituição e encaminhada por correio eletrônico.

A fonte nascente dos estudos aqui empreendidos foi, sem dúvida, o livro mais conhecido de Raymundo Moraes, *Na Planície Amazônica*, publicado pela primeira vez em 1926. Esse

³² O Acervo da ABL pode ser pesquisado nesse sítio: <<http://www.academia.org.br/acervo/terminal/index.html>>.

³³ O Catálogo digital está disponível para a consulta em <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>.

livro em sua 7ª edição publicada pela *Editora do Senado Federal do Brasil* foi o meu primeiro ponto de contato com o que se transformou em minha pesquisa no doutorado. Trata-se de um livro, objeto-símbolo e objeto-coisa, pois, de acordo com Giselle Venancio (2010, p. 489), os livros podem ser lembrados:

... pelas palavras que portam, pelas mensagens que transmitem, pelos sentimentos que fazem brotar naqueles que os leem. Mas são lembrados também pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto.

“Livro” do termo em latim *liber* – que dá nome à casca ou à entrecasca de uma árvore. Essa fina camada do caule das árvores foi, antes do papiro, utilizada para a inscrição de símbolos gráficos. *Liber* deu origem à palavra “livro” no Português, à palavra *libro* no Espanhol e *livre* no Francês. Os livros já inspiraram artistas do mundo inteiro: já foram mobilizados tanto na poesia quanto na prosa, já viraram letra de músicas, foram dançados em balés de repertório, foram adaptados para o cinema, fizeram parte de composições plásticas e visuais na pintura, escultura e fotografia. Podem aparecer como elementos de sofisticada decoração em salões, assim como podem ser vistos como mercadorias nas prateleiras das livrarias; podem ser raros, podem estar com sua tiragem esgotada; os livros podem ser patrimônio de família ou da humanidade. Podem ser fontes de pesquisa nas estantes das bibliotecas públicas ou ser exibidos como objetos de colecionadores em bibliotecas pessoais. Em alguns domínios do conhecimento, principalmente, da Filosofia e das Ciências Humanas, os livros tornaram-se objetos de pesquisa acadêmica e acabaram se constituindo como o centro de estudos da Biblioteconomia.

Como este trabalho precisa acompanhar a trajetória social de *Na Planície Amazônica* associando-a a de seu autor, tive de adentrar nesse novo campo de estudo que a historiografia tem chamado de História dos livros e da leitura. Diz-se “novo” campo, segundo Robert Darnton (2010, p. 123), porque ele surgiu recentemente como disciplina acadêmica, mas se sabe que a “história da história dos livros não começou ontem”; ela remonta aos tempos da Renascença ou mesmo a um período anterior. Entretanto, foi somente a partir do século XIX que o exercício epistemológico de construção dessa disciplina começou a se delinear como um estudo sistemático dos processos de escrita, edição, publicação e leitura dos textos manuscritos e/ou impressos que se personificaram no objeto “livro”.

A partir da segunda metade do século XX, ou melhor, a partir da década de 1960 foi que a História dos livros e da leitura ganhou contornos mais amplos e diversificados com a Nova História empreendida pelos historiadores da chamada Escola dos *Annales*. Por isso, Roger

Chartier (2014, p. 20) defende, portanto, que o livro de Henri-Jean Martin em coautoria com Lucien Febvre, *O Aparecimento do Livro*, publicado pela primeira vez em 1958, é a obra fundadora da História dos livros, isto é, da Nova História dos livros, pensada como “Campo igualmente fecundo da nova História Cultural”³⁴. Para Sandra Pesavento (2003, p. 69/70) trata-se de uma corrente trilhada pela Nova História Cultural que prioriza o texto entre escrita e leitura, discurso e realidade, apropriação, representação e prática.

A História dos livros e da leitura surgiu da convergência de problemas que várias disciplinas mantinham em comum; surgiu da intercessão de questões oriundas de várias áreas, mas que no início da constituição desse campo da História apontavam todas para o processo de comunicação impressa, daí Robert Darnton (2010, p. 122) sugerir que tal disciplina “Até se poderia chamar de história social e cultural da comunicação impressa”. Resta acrescentar que “No curto período de vinte anos, a história dos livros se tornou um campo de estudo rico e diversificado”³⁵. Atualmente, esse campo de estudo se expandiu, é muito mais amplo que o espectro da comunicação impressa, ampliou-se para além do estudo dos manuscritos e impressos, incluindo até estudos sobre o livro publicado em suporte digital com seus textos eletrônicos, embora esse objeto ainda escape, de acordo com Chartier (1999, p. 12): “... à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, abordar e definir o livro”. A revolução dos textos eletrônicos é um fato; o livro digital existe e parece que sua procura é tendência crescente no mercado do livro no século XXI, daí a pergunta: “A revolução das revoluções?” que dá título ao Prólogo do Livro *A aventura do livro do leitor ao navegador* de Roger Chartier, cuja obra encaminha o debate sobre como surgiu o livro manuscrito, passando pelo livro impresso e chegando a sua discussão também ao livro digital. O livro digital é um problema que tem acompanhado os historiadores dos livros e da leitura nos debates atuais porque não se pode negar que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”³⁶.

Ao apontar para muitos sujeitos nos processos da escrita à recepção dos textos, a História dos livros e da leitura constituiu-se como um campo de análise complexo que se ocupa das trocas materiais e simbólicas entre “... diferentes atores envolvidos com a publicação dos textos que transmitem, imprimem e leem”³⁷. Isso exige dos historiadores um olhar que supere a armadilha de submeter os livros a uma redoma linear e evolutiva, destarte, pensar a trajetória

³⁴ COELHO, 2005, p. 349.

³⁵ DARNTON, 2010, p. 124.

³⁶ CHARTIER, 1999, p. 12.

³⁷ Ibid., 2002b, p. 61.

social do livro é antes de tudo compreender o livro como “... uma força na história”³⁸ e não como um objeto que simplesmente evolui no tempo. O livro é patrimônio simbólico de uma sociedade, um elemento cultural e é desse modo que o livro *Na Planície Amazônica* é abordado nesse trabalho. Trata-se do livro impresso como objeto difundido em um suporte técnico da cultura escrita, submetido a uma dupla historicidade: “... de acordo com o tempo e o lugar que lhe são próprios e, ao mesmo tempo, [de acordo com as] formas materiais de sua inscrição e de sua transmissão”³⁹.

Os livros são “coisas” que possuem uma história, uma trajetória social que atravessa diferentes regimes de valor material e simbólico em temporalidades diversas, assim como podem permanecer, ao mesmo tempo, em vários desses diferentes regimes de valor ou simplesmente desaparecer deles e reaparecer em outros regimes de valor. Os valores das “coisas”, inclusive, dos livros são definidos, socialmente, influenciados por critérios políticos e culturais, baseados na historicidade do processo de trocas materiais e simbólicas.⁴⁰ A obra completa de Raymundo Moraes, em sua materialidade manuscrita ou impressa, é sempre um todo simbólico de “natureza dual (material e discursiva)”⁴¹; como produto cultural, portanto, o livro é: “... tanto um objeto diferente daqueles outros objetos da cultura escrita como uma obra intelectual ou estética dotada de uma identidade e de uma coerência atribuídas ao seu autor”⁴².

As relações entre os diferentes atores envolvidos nos processos de escrita, produção, circulação e recepção do livro devem ser analisadas para além das “objetividades das estruturas” e da “subjetividade das representações”⁴³. Daí a ênfase na distinção básica, estabelecida por Kant em 1796, entre o livro:

como objeto material que pertence à pessoa que o adquire, e o livro como discurso endereçado ao público, que permanece propriedade de seu autor e só pode ser posto em circulação por aqueles designados pelo autor.⁴⁴

Entende-se que a obra, apesar da propriedade literária do autor, também se transfigura no tempo-espaço assumindo faces diferentes devido à mediação editorial e a outras mediações como de prefaciadores e ilustradores ao longo do processo de publicação do livro:

³⁸ DARNTON, 2010, p. 123.

³⁹ CHARTIER, 2002b, p. 64.

⁴⁰ APPADURAI, 2009, passim.

⁴¹ CHARTIER, 2014, p. 30.

⁴² Ibid., 2014, p. 123.

⁴³ Ibid., 1991, p. 182/ 183.

⁴⁴ Ibid., 2014, p. 30.

Autores não escrevem livros; escrevem textos. Os textos são moldados, transformados e interpretados por editores, designers e ilustradores. A escolha de formato, papel e preço tem de ser feita pelo editor. O papel deve ser fabricado. Os textos devem ser compostos tipograficamente, impressos e encadernados; em tempos antigos, tinham de ser laboriosamente copiados a mão pelos escribas. A publicidade e os anúncios colocam em ação estratégias comerciais voltadas para mercados consumidores específicos. Sistemas de armazenagem e distribuição detém estoques e os enviam para vendedores de livros. O autor, cujo gênio criativo foi colocado em um pedestal pelo movimento romântico, é, na verdade, apenas um dos elementos de uma complicada cadeia produtiva.⁴⁵

Ainda que “reproduzam” o mesmo conteúdo dos textos impressos ou eletrônicos, os “Textos estão ligados a diversos tipos de materialidades. [...] A materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto”⁴⁶. Os livros são também resultados das relações que se constituem no campo⁴⁷ em que esses livros circulam, isto é, os seus sentidos não dependem somente da editoração, mas também da recepção por parte do público leitor e crítico porque segundo Paul Ricoeur: “o ouvinte ou o leitor o recebem [o sentido de uma obra] de acordo com a sua própria capacidade de acolhimento que, também ela, se define por uma situação ao mesmo tempo limitada e aberta para um horizonte de mundo”⁴⁸.

Para os estudos da História dos livros e da leitura é prejudicial a separação que essa disciplina tem assumido, até então, entre as condições técnicas e materiais de produção, a difusão dos objetos impressos e os conteúdos dos textos em si, “[pois] Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos”⁴⁹. Sendo assim, “A ‘mesma’ obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação”⁵⁰. E como garantiu Carlo Ginzburg (2004, p. 14): “o modo como um ser humano reelabora os livros que lê é muitas vezes imprevisível”. E essa imprevisibilidade está sempre ligada às experiências de vida e de leitura dos sujeitos no tempo-espaço em que estão inseridos quando escrevem ou quando leem e se apropriam dos textos de outrem, assim como também, essa imprevisibilidade está ligada à função social que a mediação editorial e outras mediações cumprem no mercado da palavra escrita em que os livros circulam.

⁴⁵ LYONS, 2011, p. 12.

⁴⁶ CHARTIER, 2014, p. 11.

⁴⁷ “Os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros” (CHARTIER, 2002b, p. 140).

⁴⁸ RICOEUR, 2010, p. 132.

⁴⁹ CHARTIER, 2002b, p. 61/ 62.

⁵⁰ Ibid., 2014, p. 11.

As transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos comuns, de linguagens e práticas ritualizadas ou cotidianas, como o quer o “novo historicismo” [GREENBLATT, Stephen. *Shakespearean negotiations. The circulation of social energy in enaissance England*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1988, p. 1-20]. Elas concernem mais fundamentalmente às relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições.⁵¹

Os textos de Raymundo Moraes inscreveram-se na página impressa de diversas formas “... conferindo à [sua] obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade”⁵². Nunca é demais reafirmar que a mediação editorial é um processo complexo que conta com intervenções de vários sujeitos: do autor ao editor⁵³. Trata-se de um processo sócio histórico em que a obra (de natureza textual ou visual) surge como um objeto manuscrito, impresso ou digital, assumindo uma forma fixa, que circula em um determinado tempo-espço, ganhando certa individualidade em seu processo de materialidade e que se transforma dependendo da temporalidade em que circula.

Apesar de se reconhecer que a mediação editorial pode alterar tanto o regime de valor de uma obra como pode acionar e até acrescentar novos sentidos a ela, os textos de Raymundo Moraes editados continuam sendo declarações de amor à Amazônia – à Vênus Telúrica – à natureza, à flora e à fauna, à hidrografia, a sua gente. Esse processo de enamoramento começou quando o jornalista e escritor paraense era ainda muito jovem a aprender o ofício de prático⁵⁴ com o pai Miguel Quintiliano de Moraes. E foi consolidando-se com as vivências de comandante de gaiolas e como jornalista no Pará e Amazonas.

Esta tese divide-se em três capítulos: o Capítulo I “Do Convés ao Gabinete: Sociabilidades e Deslocamentos de Raymundo Moraes” – onde se discutem as relações que o intelectual manteve com a sua geração e com os grupos de intelectuais da época, assim como com sua família, além disso, destacam-se as suas vivências como prático e comandante de gaiolas; o Capítulo II “*Na Planície Amazônica: Raymundo Moraes e a invenção da Amazônia nos anos de 1920*” – aborda a trajetória social de seu livro mais conhecido, localizando-o em sua obra nos anos de 1920; e o Capítulo III “Memórias Póstumas de Raymundo Moraes: De Comandante de gaiola a *Belletrista*” – compreende o desfecho de sua trajetória social consolidada na década de 1930 como escritor, seu necrológio e a sua memória evocada após

⁵¹ CHARTIER, 2007, p. 12/ 13.

⁵² Ibid., 2014, p. 11.

⁵³ Dependendo do período da História do livro e da leitura, a mediação editorial de um livro podia envolver também a atuação de tradutores, revisores, compositores ou tipógrafos, copistas e censores. Cf. Ibid., 2014, p. 12.

⁵⁴ Prático significa “Piloto fluvial. Que dirige a bordo dos ‘gaiolas’.” (MORAIS, 2013, p. 140).

sua morte em 1941, assim como as tentativas de patrimonialização de sua memória. A relevância desse trabalho consiste, fundamentalmente, na originalidade da pesquisa sobre a trajetória social de um intelectual mediador cujo lugar de enunciação é a Amazônia e cuja obra ainda não foi incorporada ao Pensamento Social Brasileiro.

CAPÍTULO I
DO CONVÉS AO GABINETE:
Sociabilidades e Deslocamentos de Raymundo Moraes

1.1 O “ilustre morto” está “vivo da Silva”!

*Acauã rufrou
as asas, mas não bradou:
Viva Moraes?!⁵⁵*

Seguiu de Belém do Pará à capital federal, um telegrama informando a morte do jornalista e escritor Raymundo Moraes. Não tardou para que essa notícia tomasse as páginas dos atuantes jornais em todo o Brasil, gerando imensa comoção na Imprensa brasileira pela morte de Raymundo Moraes e inspirando a publicação de necrológios e notas fúnebres sobre a vida e a obra do jornalista e escritor paraense. Ele, rapidamente, tornou-se nas páginas de jornais e revistas um dos maiores e melhores escritores de todos os tempos que o Brasil havia conhecido:

Acaba de falecer, em Belém do Pará, Raymundo Moraes. Escritor de enorme projeção na literatura brasileira, deixa o autor de “Na Planície Amazônica”, vários livros admiráveis, sobre a vida no grande vale, que poucos conheciam tão bem quanto ele. Com extraordinário poder descritivo, Raymundo Moraes gravou páginas sobre a natureza amazônica que lembram as de Euclides da Cunha. Com a morte de Raymundo Moraes, *o Brasil perde um de seus maiores escritores.*⁵⁶

Na mesma data em que o jornal *Diário da Noite* comoveu os seus leitores com a notícia da morte súbita de Raymundo Moraes cuja obra foi comparada às páginas da lavra de um Euclides da Cunha, publicou também o periódico carioca *A Noite*: “A morte de Raymundo Moraes, em Belém, não pôde deixar de ter uma profunda repercussão nos meios intelectuais do país. (...) *Com a sua morte, perde o país um de seus melhores escritores*”⁵⁷. *O Correio da*

⁵⁵ “Acauã – (*Herpetotheres cachinans*): Ave agourenta que come cobra. Em Faro há uma lenda sobre essa espécie de gavião. Dizem que ele obriga os homens, com seu canto sarcástico, a chocarem pedra” (MORAIS, 2013, p.18).

⁵⁶ MORREU RAYMUNDO Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1937, num. 3.111, p. 13. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

⁵⁷ RAYMUNDO MORAES. FALECEU O ESCRITOR do “País das Pedras Verdes”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1937, num. 9.283, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Manhã uniu-se aos outros impressos cariocas para também lamentar a morte do jornalista e escritor paraense enfatizando o grande valor que tinha a sua escrita como viajante da Amazônia:

... Raymundo Moraes em suas longas travessias pelo estuário [amazônico], pelos médios rios e pelas cabeceiras, em leituras contínuas, formou vasta cultura e passou a colaborar com erudição na imprensa de Belém e de Manaus. (...)

Tornou-se escritor de nomeada (sic), teve o seu talento aplaudido fora da planície amazônica, o que lhe serviu como incentivo para aprofundar os seus estudos regionais.⁵⁸

Na capital paulista, a Imprensa lamentou também a morte prematura do jornalista e escritor Raymundo Moraes reproduzindo uma nota de pesar com o texto integral publicado também no jornal carioca *A Noite*.⁵⁹ De Recife em Pernambuco a Joinville em Santa Catarina, a comoção pelo falecimento de Raymundo Moraes era registrada nas páginas impressas dos jornais “... jornalista de mérito e o mais cintilante cronista da Amazônia”⁶⁰, do “Piloto das águas ciclópicas do Amazonas legendário”⁶¹, do “consagrado como o mais paciente estudioso da vida amazônica. (...) [do] escritor honesto” que falecera bruscamente⁶². E não havia mais nenhum elogio a ser feito, de tantos que o seguiram em poucos dias de sua dada morte.

Um longo necrológio na capital federal, publicado pelo impresso carioca *O Jornal* em 15 de dezembro de 1937, arrematou as homenagens póstumas ao recém falecido jornalista e escritor paraense, comparando-o a Euclides da Cunha (1866-1909), a Alberto Rangel (1871-1945) e a Gastão Cruls (1888-1959), defendendo *O Jornal* a superioridade da escrita do intelectual paraense. Em 1937, portanto, reclamou-se a presença de Raymundo Moraes na genealogia intelectual brasileira de estudiosos sobre a Amazônia, inaugurada por Euclides da Cunha, com a publicação de *À Margem da História*, texto publicado em 1905:

⁵⁸ MORREU O CRONISTA da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1937, num. 13.220, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁹ “Rio, 14 – (A. B.) - A morte de Raymundo Moraes, em Belém, não pôde deixar de ter uma profunda repercussão nos meios intelectuais do país. (...) Com a sua morte, perde o Brasil um de seus melhores escritores” (MORREU, EM BELÉM, o ilustre escritor Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 dez. 1937, num. 25.081, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁶⁰ FALECEU RAYMUNDO de Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, 15 dez. 1937, num. 282, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁶¹ FALECE O piloto das águas ciclópicas do Amazonas legendário. *A Notícia*, Joinville, 15 dez. 1937, num. 2.760, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁶² DESAPARECE Raymundo de Moraes. O grande estudioso da vida amazônica. *O Dia*, Curitiba, 16 dez. 1937, num. 4.416, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Dentre todos, porém, ninguém, talvez, mais familiar à paisagem amazônica, ninguém a conheceu intimamente como Raymundo Moraes.

Deve-se essa circunstância ao fato de ter ele conhecido desde criança toda a trama hidrográfica da região, viajando nos “gaiolas” que fazem o tráfego marítimo da Amazônia.

Assim, a vida amazônica de tal forma se impregnou em sua obra que se pode sentir a sua realidade pujante com uma força e uma verdade surpreendente.⁶³

A notícia da morte de Raymundo Moraes serviu até como pretexto para se criticar o modo como se operavam as eleições dos acadêmicos para as cadeiras vagas da Academia Brasileira de Letras como a crítica de Pedro da Costa Rego (1889-1954)⁶⁴: “Este especialista da Amazônia mereceu a Academia, onde, aliás, não entrou infelizmente, menos para ele que para ela”⁶⁵. Apesar das divergências políticas entre Costa Rego e Raymundo Moraes, o político e jornalista alagoano nunca escondeu a sua admiração pelo intelectual paraense. Antes mesmo da morte anunciada em 1937, Costa Rego já havia se referido a Raymundo Moraes como “o belo escritor que venero”. Ele sempre elogiou a produção literária do Norte do Brasil, mas criticava a vinculação aos “mandos e desmandos” da política local: “O que não admiro, nem Raymundo Moraes admirará, é a injustiça como arma de governo”⁶⁶.

⁶³ RAYMUNDO MORAES. O FALECIMENTO do autor de “Na Planície Amazônica”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1937, num. 5.677, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁶⁴ Pedro da Costa Rego, ou apenas Costa Rego como era conhecido na Imprensa, nasceu em Pilar no interior do Estado de Alagoas em 1889, mas em 1900 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos ginasiais em 1906 e onde começou a colaborar nos jornais *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*. Foi revisor, depois repórter até ascender a redator chefe desse último periódico em 1923, função que exercera até a sua morte em 1954 com apenas breves interrupções devido a sua militância política. Concomitantemente a uma carreira jornalística promissora e muito atuante, Costa Rego seguiu também carreira política. Ao participar do movimento revolucionário em Alagoas em 1912, empossando Clodoaldo da Fonseca no Governo do Estado, foi indicado ao cargo de secretário de Agricultura de Alagoas. A partir de então, associou suas funções políticas a de jornalista sempre. Foi deputado federal de Alagoas de 1915 a 1918; permaneceu em cargos políticos comissionados nesse período, deixou a Câmara Federal em 1923 para concorrer às eleições para o Governo do Estado; em 1924, elegeu-se governador do Estado de Alagoas e sua gestão foi concluída em 1928. O jornalista continuou na política e foi deputado e senador de Alagoas, mas teve seu mandato interrompido devido à Revolução de 1930. Apesar disso, não se afastou da política, sempre militando em partidos políticos em Alagoas como o Partido Democrático (PD), no início de sua carreira na política e depois ajudando a fundar, em 1932, o Partido Economista Democrático (PED) que não teve sucesso na vida política em Alagoas. Daí Costa Rego passou a militar no Partido Progressista (PP), quando retornou ao Senado Federal em 1935 pelo Estado de Alagoas. Nesse período, tornou-se um jornalista muito visado, pois defendia o federalismo e criticava, incisivamente, o Governo de Getúlio Vargas na coluna que escrevia no *Correio da Manhã* e como Redator-chefe desse impresso. Com a instauração do Estado Novo, teve seu mandato como senador interrompido em 1937, passou a ser vigiado pela Censura, mas continuou como opositor ao Governo Vargas (Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rego-pedro-da-costa>>. Acesso em 16.03.2016. Acervo CPDOC - FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁶⁵ REGO, Pedro da Costa. Raymundo Moraes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1937, num. 13.222, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁶⁶ *Ibid.*. As Obras e os Direitos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 jul. 1934, num. 12.148, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O Governo de Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (1888-1959)⁶⁷ no Pará sempre foi duramente criticado por Costa Rego por este entender que tal gestão era também autoritária como o Governo de Getúlio Vargas também o era. Quando Getúlio Vargas ascendeu ao Governo Provisório em 1930, ele nomeou interventores nos vários estados brasileiros; o major Barata, como se referia Costa Rego, foi nomeado para a Interventoria no Pará porque havia participado ativamente no movimento revolucionário que consolidou a Revolução de 1930 na Amazônia, principalmente, no Pará. A crítica de Costa Rego ao confrade Raymundo Moraes direcionava-se, portanto, ao fato de que o amigo de ofício, além de correligionário político de Magalhães Barata, também colaborou diretamente com o mandonismo do interventor, na medida que ocupou cargos públicos de chefia muito importantes durante a Primeira Interventoria (1930-1935) quando foi Diretor da Biblioteca Pública e do Arquivo Público do Pará de 31 de dezembro de 1931 até 26 de julho de 1933 e como Inspetor escolar e, principalmente, Secretário do Gabinete do Interventor Federal.

Em 1937, depois de anunciado na Imprensa o falecimento de Raymundo Moraes, Costa Rego assinou um artigo lamentando profundamente a morte do jornalista e escritor e em tom assertivo e crítico, reivindicou o valor da obra de Raymundo Moraes, revelando sua indignação pela ausência do jornalista e escritor paraense nas associações culturais como a ABL que deveria reunir todos, indistintamente, os ilustres escritores do país.

Dois dias após a primeira publicação no jornal *Correio Paulistano* sobre a morte de Raymundo Moraes ocorrida em Belém do Pará, o referido impresso paulista voltou a comentar o fato, publicando, dessa vez, um longo necrológio:

⁶⁷ Interventoria é a gestão dos interventores (governadores) indicados pelo Presidente Getúlio Vargas durante o período do Governo Provisório e Estado Novo. O Presidente da República indicava os gestores estaduais e esses indicavam os municipais. No Pará, Magalhães Barata foi Interventor Federal duas vezes durante a Presidência de Getúlio Vargas.

Pois bem: com o falecimento de Raymundo Moraes, noticiado ontem nesta capital, perde a literatura brasileira um dos mais criteriosos reveladores da Amazônia. O papel desempenhado pelo grande escritor nas letras da nossa pátria é daqueles que ficam assinalados para todo o sempre.

Fazendo obra de observação e de análise, Raymundo Moraes deu-nos sempre, a respeito das regiões que estudou e conheceu a fundo, uma impressão exata, menos poética, talvez, do que a desejaríamos, mas em todo o caso, fiel e nítida. (...) Ocupa um lugar de grande relevo ao lado de Euclides da Cunha, Carlos de Vasconcellos, Rodolpho Teophilo, Alberto Rangel, Gastão Grulz (sic), não se parecendo, todavia, com nenhum deles, pois de todos eles se distingue pela fidelidade da documentação, pelo tom sério de suas observações.

(...) O que cabe nestas linhas é apenas o nosso pesar pelo seu desaparecimento, com o qual se abre, na literatura do Brasil, um claro dificilmente preenchível.⁶⁸

Nos círculos intelectuais, tratou-se a morte de Raymundo Moraes como uma grande perda para o mundo das letras, tendo sido ele um jornalista e escritor muito atuante considerado um influente homem de letras na Amazônia, apesar de nunca ter concluído seus estudos ginasiais, visto que vinha de uma família de origem simples, começando muito cedo a trabalhar na companhia do pai, o prático Miguel Quintiliano de Moraes. Raymundo Moraes começou a sua faina embarcado, viajando pelos rios da Amazônia. Ainda na juventude tornou-se autodidata; não se formou nem em Direito nem em Medicina, como a maioria dos homens de letras no Brasil do início do século XX, mas de acordo com o sr. Carlos Rubens, membro da Academia Carioca de Letras (ACL), o intelectual da Amazônia merecia uma “sentida homenagem” por parte da ACL em memória e “em louvor à obra desse ilustre homem de letras, que a intelectualidade da Amazônia acaba de perder”⁶⁹.

Em São Luiz, no Maranhão, o jornal *O Imparcial* não se ocupou de publicar o necrológio do jornalista e escritor paraense, mas comunicou em nota de pesar a morte de Raymundo Moraes, enfatizando a sua vasta produção sobre a Amazônia e elogiando o livro, que à época ainda se encontrava no prelo: “Deixa o ilustre morto um livro inédito ‘O homem do Pacoval’ que afirmam ser um dos mais completos relativamente ao homem e à natureza amazônica”.⁷⁰

As homenagens ao recém-falecido intelectual da Amazônia alcançaram também as páginas das revistas ilustradas como a *Revista da Semana* que publicou o necrológio de Raymundo Moraes, afirmando ser a sua morte uma grande perda para o Brasil, especialmente, para a literatura regionalista. O jornalista e escritor paraense mantinha uma relação bastante

⁶⁸ A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 dez. 1937, num. 25.083, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁶⁹ ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1937, num. 297, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷⁰ FALECEU O ESCRITOR Raymundo de Moraes. *O Imparcial*, São Luiz, 17 dez. 1937, num. 5.779, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

amistosa com o corpo editorial dessa revista e por diversas vezes escreveu artigos sobre a Amazônia publicados na revista, assim como também teve vários de seus livros comentados no periódico e oferecidos ao público leitor para aquisição. Alguns dias antes, inclusive, de tomar conhecimento do falecimento de Raymundo Moraes, a *Revista da Semana* havia comentado o livro “Aluvião”⁷¹, recentemente, lançado. Além disso, a *Revista da Semana* havia acabado de receber uma das últimas colaborações na década de 1930⁷²:

Morreu Raymundo Moraes.

A Amazônia perdeu o seu mais brilhante e operoso cronista.

(...)

Ele, o grande cronista – viajor incansável que foi durante cinco lustros dos imensos cursos de água da Amazônia comandando “gaiolas” e “vaticanos” – ele tudo sabia e conhecia tudo, podendo realizar, como realizou, a obra de definir e explicar fenômenos e coisas.

Uma grande perda para a literatura regionalista.

A REVISTA DA SEMANA, ligada por muito afeto a Raymundo Moraes, pediram-lhe a sua colaboração. Ele nol-a (sic) mandou de Belém do Pará.

O seu artigo – hoje um inédito precioso – nós o publicaremos num dos próximos números.⁷³

Assim como a notícia da morte prematura de Raymundo Moraes foi rapidamente difundida na Imprensa brasileira e comoveu o mundo das letras, não tardou muito para que ela fosse desmentida nos mesmos impressos que pranteavam a grande perda: “O escritor Raymundo de Moraes cujo sentido necrológico foi publicado pela imprensa continua *vivo da Silva*. Telegrama de Belém desmente seu falecimento”⁷⁴. Essa notícia foi publicada por *O Imparcial* na capital federal em uma data que outros jornais ainda estavam a publicar suas homenagens póstumas ao jornalista e escritor da Amazônia.

A partir de então, a notícia que desmentia a morte de Raymundo Moraes começou a ser divulgada até em tom divertido ou irônico na Imprensa brasileira como fez o periódico *A Nação*: “Foi um grande escritor. (...) Que a terra lhe seja leve! Isto teria eu escrito se, de fato, Raymundo tivesse morrido como os jornais noticiaram. Mas Raymundo não morreu!”.⁷⁵ O periódico carioca justifica as inúmeras condolências devido ao equívoco na comunicação entre Belém do

⁷¹ LIVROS NOVOS E USADOS. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1937, num. 1, p. 21. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷² O SONHO do naturalista. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1938, num 10, p. 3 - 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷³ RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1937, num. 2, p. 32. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

⁷⁴ ONTEM. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1937, num. 788, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

⁷⁵ REGISTRO. *A Nação*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 dez. 1937, num. 1.514, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Pará e a então capital federal, que deu como morto o jornalista e escritor do Norte do Brasil. Porém, informou que recebeu um novo telegrama de Belém do Pará com a “grata notícia” de que “Raymundo Moraes estava vivo!”. E continua o comentário em forma de brincadeira:

Eu esperei. É dos meus hábitos. Só choro, mesmo, se o morto ao cabo de três dias ... não der sinal de vida.... (...)
Quanto a Raymundo perdi a oportunidade graças a Deus... Mas consolo-me. Antes o bom escritor a mais que uma péssima crônica a menos.
D. CASMURRO ⁷⁶

Após dois dias de ter publicado a notícia do suposto falecimento de Raymundo Moraes, o *Jornal Pequeno*, em 17 de dezembro de 1937, retificou a nota de pesar: “O Diário da Noite publica um telegrama de Belém, dizendo não ter fundamento a notícia do falecimento do escritor Raymundo de Moraes” ⁷⁷. E, assim como a Imprensa brasileira divulgou inúmeras condolências, teve de publicar seguidas retificações desmentindo a morte do jornalista e escritor: “Agora o vespertino ‘O Globo’ publica uma entrevista que obteve daquele publicista, o qual se encontra em Belém vivo de perfeita saúde e escrevendo um romance” ⁷⁸.

Os periódicos voltaram-se com afincos para a morte de Raymundo Moraes, ou melhor, para a falsa morte do escritor; o “desdito” da época sacudiu as páginas dos impressos até com mais entusiasmo do que a tristeza que os acometera em dias anteriores quando tomaram ciência do falecimento de Raymundo Moraes e tiveram de o comunicar. Vários periódicos que nem haviam publicado notas e/ou artigos com o necrológio do jornalista e escritor acabaram por aderir ao desmentido falecimento, como o *Diário de Pernambuco*, que não se ocupou em comunicar a morte, mas que destinou um grande espaço para divulgar que o intelectual paraense não havia morrido ⁷⁹.

Mesmo com a ampla divulgação da notícia desmentindo o falecimento do jornalista e escritor paraense, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou um artigo destacando a crítica de Costa Rego contra a atuação da ABL por não o receber em sua assistência e pelo tratamento desdenhoso que Raymundo Moraes recebeu por ocasião das eleições de 1931 à vaga aberta com o falecimento de Graça Aranha (1868-1931) na instituição de letras de maior prestígio no Brasil:

⁷⁶ REGISTRO. *A Nação*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 dez. 1937, num. 1.514, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷⁷ NÃO FALECEU o escritor Raymundo de Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, 17 dez. 1937, num. 284, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷⁸ CAPITAL Federal. *Jornal do Comércio*, Manaus, 22 dez. 1937, num. 11.362, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁷⁹ NÃO MORREU o escritor Raymundo de Moraes. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 dez. 1937, num. 342, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Os jornais noticiaram a morte de Raymundo de Moraes. Admirador profundo e sincero do escritor, Costa Rego escreveu um belo artigo, lamentando que o morto de anteontem e o vivo de ontem não tivesse sido eleito para a Academia Brasileira de Letras. Costa Rego acreditara mesmo na imortalidade dos acadêmicos?⁸⁰

O jornal carioca *O Imparcial* voltou a comentar a notícia da suposta morte do jornalista e escritor paraense, divulgando a existência de uma carta escrita pelo próprio Raymundo Moraes, que foi endereçada ao diretor da Revista *Vida Doméstica*, em que o primeiro comentou o boato de seu falecimento e anunciou o lançamento de seu mais novo livro, ainda inédito; para quem havia sido dado como morto, um novo livro é uma grande conquista.⁸¹ A carta a que se refere o periódico carioca *O Imparcial* foi publicada integralmente na própria revista *Vida Doméstica*, com introdução do editor-chefe Gonçalves Fidalgo. Trata-se da carta-resposta de Raymundo Moraes à correspondência que a revista ilustrada encaminhou a ele, registrando a alegria pela não confirmação da “notícia infausta” de sua morte. A manifestação da revista sugere uma grande simpatia pelo intelectual paraense e demonstra, mais do que isso, que havia uma relação de afinidade entre Raymundo Moraes e a revista *Vida Doméstica*, assim como reafirma a amizade com seu Editor Chefe:

Quando circulou recentemente divulgada por todos os órgãos de imprensa a notícia da morte de Raymundo Moraes, não tardou que surgisse o desmentido. Imediatamente endereçamos ao grande escritor e sábio brasileiro, ao qual nos ligam laços de amizade, uma carta cujo o (sic) tom denunciava a alegria de que estávamos possuídos pela constatação de que a notícia infausta não a confirmara.⁸²

Em resposta à Gonçalves Fidalgo, Raymundo Moraes encaminhou ao confrade e amigo a carta que retifica o seu suposto falecimento e elogia o presidente Getúlio Vargas, considerando-o o “maior estadista do continente americano”. A relação entre a sua suposta morte, a gratidão pela comovente carta de Gonçalves Fidalgo e o Governo Vargas é que não ficou muito clara.

⁸⁰ RAYMUNDO DE MORAES. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1937, num. 297, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁸¹ “VIDA Doméstica”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1938, num. 825, p. 12. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁸² OS PERLUSTRADORES da nossa Hinterlândia, pela sabedoria e pelo arrojo. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fev. 1938, num. 239, p. 37. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

“Belém, 28 de dezembro de 1937.

Prezado amigo Gonçalves Fidalgo

Foi com alta alegria que recebi sua carta referente a *minha morte*.

Fiquei comovido com suas expressões de bom amigo, tanto mais que já fazem muitos meses, talvez anos, que não recebia letras suas. Respondo num longo abraço que envolve a V., sua distinta filha e todos os nossos colegas da “Vida Doméstica”. Em janeiro publicarei “Os Igaráunas”, romance amazônico de costumes paraenses, quem o edita é a Civilização Brasileira S. A. Nesta data envio os originais d’ (sic) “O Homem do Pacoval” a sair ainda em Agosto do ano de 1938. Tudo isso que refiro não são planos, são fatos concretos: é só meter no prelo. Trabalho entretanto (sic) num novo romance para dar certamente em princípios de 1939. Vários capítulos já estão prontos. Planejado tenho um grande livro, no formato e na ideia “O Rio Amazonas e sua História”, que me foi sugerido pel’ (sic) “O Nilo” de Emil Ludwig. Eis tudo. Aproveito o resto da vida, meu ilustre confrade, queimando os tubos na chama da literatura pátria. O exemplo é o nosso grande Presidente Getúlio, cuja atividade assombra. Daí toda a massa pensante do Brasil o ter pelo maior estadista do continente americano. E é. Adeus.

“Et nunc et semper”

Raymundo Moraes”.⁸³

Segundo Salomão Larêdo (2010, p. 51), citando uma entrevista com Robério Braga, que havia sido Secretário de Cultura do Estado do Amazonas, Raymundo Moraes teria sofrido muito com o boato de sua morte, principalmente, porque a difusão na Imprensa brasileira foi associada ao ressentimento de seus adversários políticos do passado quando o jornalista e escritor paraense era um dos principais redatores do jornal paraense *Estado do Pará* no início da década de 1920. Raymundo Moraes acreditou que a notícia de sua falsa morte circulou como um ataque de seus rivais políticos, que continuavam atuando na Imprensa paraense, egressos das antigas contendas do início do século XX entre os principais jornais paraenses *A Província do Pará* e *Folha do Norte* e depois *Estado do Pará* e *Folha do Norte*.

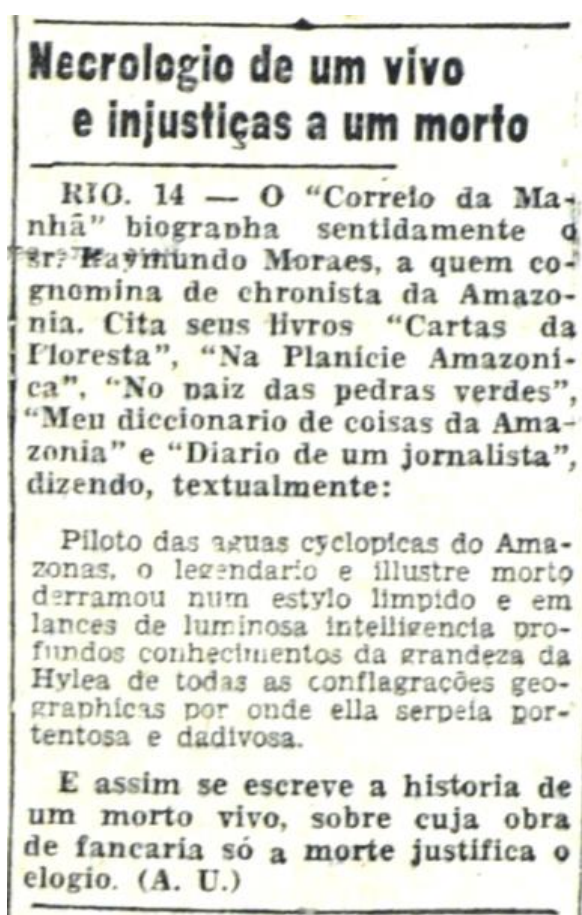
Desde o século XIX, quando se disseminaram os primeiros impressos no Pará, os inflamados debates sobre, principalmente, política ganhavam as páginas diárias dos jornais paraenses e acabavam causando animosidade e violência para além da tinta e do papel desses impressos concorrentes. Assim, rivais políticos na Imprensa tornavam-se, cada vez mais, inimigos pessoais o que motivou situações de extrema violência em que ocorreram agressões físicas graves até homicídios de jornalistas motivados por juízos impressos em que os autores das agressões e dos homicídios eram também jornalistas. Foi o que aconteceu quando os dois periódicos paraenses acirraram o debate por conta da campanha à Presidência da República de Artur da Silva Bernardes (1875-1955). O violento encontro entre os jornalistas do *Folha do*

⁸³ OS PERLUSTRADORES da nossa Hinterlândia, pela sabedoria e pelo arrojo. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fev. 1938, num. 239, p. 37/38. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Norte, Heráclito Ferreira e José Santos com Raymundo Moraes, redator do *Estado do Pará*, resultou na morte do primeiro, assassinado pelo intelectual paraense.

No dia 15 de dezembro de 1937, o jornal *Folha do Norte* publicou uma notícia sobre o desmentido falecimento de Raymundo Moraes, atacando-o através de uma dura crítica a sua obra: “E assim se escreve a história de um morto vivo, sobre cuja obra de fancaria só a morte justifica o elogio”⁸⁴. O impresso paraense acabou levantando suspeitas de que, ainda que não fosse o único responsável pela divulgação da falsa notícia, tinha decisiva participação na origem e disseminação daquele boato:

Figura 1. Notícia no jornal *Folha do Norte*, 1937.



Fonte: *Folha do Norte*, Belém, 15 dez.1937, num. 15.362, p. 2. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna (Microfilmagem) – Belém/ PA, Brasil.

⁸⁴ NECROLÓGIO de um vivo e injustiças a um morto. *Folha do Norte*, Belém, 15 dez.1937, num. 15.362, p. 2. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

Em 1937, se o boato sobre a morte de Raymundo Moraes surgiu para desmerecer a sua trajetória social e a sua obra, no entanto, não cumprira esse papel no contexto em que circulou, porque os periódicos dedicaram-se a publicar longos necrológios em homenagem ao autor de *Na Planície Amazônica* e depois publicaram notas de satisfação pelo fato de ser infundada a notícia de seu falecimento:

A REVISTA DA SEMANA, como, ao que parece, toda a imprensa carioca, registrou o falecimento de Raymundo Moraes, o primoroso cronista da Amazônia. Fazendo-o, bordou em torno da personalidade inconfundível do artista de *Na Planície Amazônica* e de *Cartas da Floresta* os mais justos conceitos, exaltando o profundo conhecedor dos segredos do Paraíso Verde. Os conceitos emitidos ficam de pé, por sinceros e, sem dúvida, sancionados pelo Brasil inteiro.

Retiramos porém (sic) – e com infinito júbilo – a notícia do passamento do consagrado escritor: Raymundo Moraes está vivo!

Infelizmente, ainda sobram na nossa terra (sic) pobres de espírito que se comprazem com pilherias de mau gosto, como essa do óbito do notável cronista. São os bem-aventurados ...

Raymundo Moraes, no seu poético retiro de Belém do Pará, passada a primeira emoção, deve ter perdoado o mal que lhe quiseram fazer, pelo bem que isso lhe soube, e que foi o de certificar-se, pela série infinita de necrológios prematuros, quanto é apreciado no Brasil pela pujança do seu valor intelectual e pelo brilho de sua prosa colorida.⁸⁵

A suposta morte de Raymundo Moraes foi divulgada até em periódicos de cunho religioso como o jornal *A Cruz – Órgão da Liga do Bom Jesus* em Mato Grosso: “Faleceu o escritor Raymundo de Moraes”.⁸⁶ Quanto à precipitação de se divulgar a morte sem ela ter de fato ocorrido, alegou o *Diário de Pernambuco* que se pode extrair dos prematuros necrológios um aspecto positivo: o próprio objeto do necrológio pode contemplar, porque ainda vive, o que se dirá acerca dele por ocasião de sua verdadeira morte.

São comuns os casos dos cidadãos M. (sic) dos sem vida. Rocha Pombo, João Ribeiro e, agora, mui recentemente, Raymundo Moraes tiveram o prazer de ler seus próprios necrológios, tendo pelo menos este conforto de saberem por antecipação como seriam julgados quando tivessem passado desta para melhor.⁸⁷

⁸⁵ RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1937, num. 3, p. 37-38. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁸⁶ RADIO JORNAL. Dia 19. *A Cruz - Órgão da Liga do Bom Jesus*, 26 dez. 1937, num. 1.316, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁸⁷ O NOVO FALECIMENTO de Rodolfo Teófilo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 fev. 1938, num. 49, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Até o início de 1938, como se vê, a morte do jornalista e escritor Raymundo Moraes ainda era pauta nos impressos no Brasil, seja através da publicação dos necrológios ou das retratações pela publicação da falsa morte. A Imprensa brasileira voltou a comentar esse incidente de 1937 na ocasião do verdadeiro falecimento do escritor em 1941. Nesse período entre a suposta morte de Raymundo Moraes em 1937, que não passara de um boato, e a sua morte cabal em 1941, a sua obra é que se sobressaiu, visto que os jornais e revistas publicaram, recorrentemente, comentários sobre os seus últimos livros lançados, assim como publicaram colaborações e muitas citações e críticas de seus principais livros.

Se esse boato partiu mesmo de seus adversários políticos, eles o fizeram para abalar o velho comandante, jornalista de *A Província do Pará* e do *Estado do Pará*, que já estava debilitado. Para demarcar a sua morte simbólica ainda em vida, sua *pseudo* morte deveria inaugurar o artifício do esquecimento da vida e da obra de Raymundo Moraes, visto que os atos ou a capacidade de lembrar/esquecer estão sempre condicionados às relações, às ações e processos inscritos no interior de um campo, que é um lugar social de luta concorrencial entre as diferentes classes e frações de classe. Todo campo, portanto, é um lugar de produção simbólica: “...é um microcosmo da luta simbólica entre as classes”⁸⁸; é “... um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social”⁸⁹. Em outras palavras, “lembrar/esquecer” é uma estratégia do poder constituído no interior dos campos, tanto do campo político como do literário porque “O princípio da eficácia de todos os atos de consagração não é outro senão o próprio campo, lugar da energia social acumulada, reproduzido com a ajuda dos agentes e instituições através de lutas pelas quais eles tentam apropriar-se dela”⁹⁰.

Nesse sentido, tanto o apagamento da memória como a sua afirmação estão sempre inscritos na tessitura mental de uma sociedade e fazem parte do patrimônio simbólico dessa mesma sociedade, produzindo ou reproduzindo o imaginário, portanto, todos os ritos de morte, abarcando também as homenagens públicas *in memoriam* como os necrológios publicados nos impressos, compõem essa dimensão simbólica de esquecimento ou lembrança porque o imaginário inclui “... hierarquias que identificam os sujeitos sociais, tanto distinguindo-os entre si como em relação às qualidades e potências atribuídas a alguns poucos, como artistas enaltecidos e os heróis”⁹¹. A morte simbólica de Raymundo Moraes, que fora pleiteada em 1937, consolidou-se rapidamente e quase imediatamente ao seu real falecimento, visto que os

⁸⁸ BOURDIEU, 2004, p. 12.

⁸⁹ Ibid., 2011, p. 195.

⁹⁰ Ibid., 2002, p. 25.

⁹¹ COELHO, 1995, p. 20.

comentários sobre a vida e a obra de Raymundo Moraes, praticamente, foram desaparecendo das páginas dos impressos brasileiros com o avançar da década de 1940. Esquecer Raymundo Moraes, o polígrafo e polímata da Amazônia, não foi difícil! Mas em 1937, a tentativa de apagá-lo foi frustrada.⁹²

Figura 2. Raymundo Moraes. Foto “Fidanza”, Belém do Pará, 1935.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada; São Paulo: Edusp, 1987.⁹³

⁹² O único trabalho monográfico sobre Raymundo Moraes, de que se tem conhecimento, é a dissertação defendida no Curso de Mestrado em Letras, com habilitação em Estudos Literários do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA): *Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento* (2007) de Salomão Larêdo. Como sugere o título da dissertação, o autor afirma que não “valorizamos” os escritores da literatura paraense, dentre eles Raymundo Moraes, mesmo que sua obra tenha inestimável valor literário e político, pois “Na Planície Amazônica” é uma das mais completas interpretações sobre a Amazônia do início do século XX. Embora o objetivo da pesquisa de Larêdo não tenha sido o de analisar a obra de Raymundo Moraes ou mesmo de o biografar, esse trabalho reúne informações muito importantes sobre a atuação literária e política do jornalista e escritor paraense assim como informações preciosas sobre a sua trajetória familiar. Essa pesquisa é, sem dúvida, o ponto de partida para os estudos sobre a obra e a vida de Raymundo Moraes, seja nos domínios da Teoria Literária ou mesmo da História.

⁹³ Essa fotografia foi impressa nas primeiras páginas de todos os livros publicados de autoria de Raymundo Moraes a partir de 1935.

1.2 Perlustrando o “bandeirante hídrico” da Amazônia

*Divino Verde,
cinge o Velho Moraes
singrando os rios.*

Raymundo Joaquim de Moraes (nome de batismo) nasceu em 15 de setembro de 1872 em Belém do Pará, fruto de um casamento em que o seu pai, Miguel Quintiliano de Moraes (?-1890), foi acusado e preso pelo “rpto”⁹⁴ em 1868 de sua mãe, Lucentina Martins de Moraes (?-1945). Segundo filho homem dos seis filhos do casal, Raymundo Moraes era irmão de Celina Hylarião de Moraes (?-1954), Constança Carolina de Moraes Pimentel, Julia Ferreira Puget (?-1941), Maria Nazareth de Moraes Soares (?-1956) e Miguel Quintiliano de Moraes (?-1916).⁹⁵

Salomão Larêdo, a partir da entrevista com Maria Filadelfa Soares Dantas Faria⁹⁶, sobrinha neta do jornalista e escritor paraense, afirma que a família Moraes tem ascendências espanhola (Moraes) e italiana (por conta dos Conte) e que tal família era procedente de Abaetetuba (da microrregião de Cametá) e Igarapé-Miri (da mesorregião do nordeste paraense), municípios paraenses que compõem, atualmente, a região de integração do Baixo Tocantins. Segundo a sobrinha neta de Raymundo Moraes, ele teria vindo de uma “família de origem simples e pobre”⁹⁷. Entretanto, Filadelfa afirma também que as pessoas falavam que Lucentina, conhecida no convívio da família como “mãe Tintina”, sua bisavô, mãe de Raymundo Moraes, era a proprietária da Ilha das Onças (localidade que faz parte do município de Barcarena no interior do estado do Pará), isso nunca conseguiu se provar, mas se sabia mesmo que sua família possuía “... um enorme casarão no Largo de Nazaré, com lustres de cristal e móveis de valor” na cidade de Belém, capital paraense, e que a prosperidade da família Moraes veio, fundamentalmente, através da evolução dos percursos escolares de seus filhos e filhas e não de bens herdados de família. Depois da morte do jornalista e escritor, esse casarão é lembrado pelos confrades de Raymundo Moraes: “o único bem que o escritor legava à família era a casa da Generalíssimo Deodoro [nome do logradouro] (...). Essa mesma casa acaba de aluir, em

⁹⁴ REPARTIÇÃO da Polícia. Extrato das partes de 28 de agosto de 1868. *Jornal do Pará*, Belém, 28 ago. 1868, num. 196, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁹⁵ LARÊDO, 2007, p. 163.

⁹⁶ Filha de Aloysio Cavalcante Dantas e Diva Coeli Soares Dantas e neta de Maria Nazareth Moraes Soares, irmã de Raymundo Moraes. “DANTAS, Filadelfa Soares. *Tio Mundico*. Belém, 2007. Entrevista concedida a Salomão Larêdo em 02 fev. 2007” (LARÊDO, 2007, p. 160).

⁹⁷ *Ibid.*, 2007, p. 162.

parte”, deixando a família e, principalmente, a filha Myriam Moraes, que foi sua secretária pessoal, “paupérrima” e desamparada ⁹⁸.

É inegável que Raymundo Moraes manteve até o fim de sua vida muita reserva sobre o seu convívio familiar, porém, ainda fez dedicatórias manuscritas e impressas à mãe nos livros que escreveu; chegou também a dedicar à avó alguns dos seus escritos, dedicou até aos netos e netas um de seus últimos livros publicados, mas o silêncio completo sobre o seu pai é instigante porque torna a figura paterna de Miguel Quintiliano de Moraes, praticamente, invisível na trajetória social do jornalista e escritor, sabendo-se que foi na companhia do pai que ele aprendeu o ofício de prático e comandante de gaiola pelo qual seria lembrado e aclamado até a sua morte. Não há fontes que sugiram que havia uma relação conflituosa ou estremecida entre Raymundo Moraes e seu pai, entretanto, a inexistência de quaisquer dados sobre o assunto pode indicar que esse silêncio, por parte de Raymundo Moraes, era no mínimo proposital e que representara um possível desencontro entre pai e filho.

Esse desencontro pode ter sido resultado da escolha do pai pelo segundo filho homem para os ensinamentos do ofício de prático e comandante e a conseqüente interrupção obrigatória no processo de instrução formal de Raymundo Moraes. Essa escolha de Miguel Quintiliano de Moraes pode ter afetado negativamente a relação entre ele e Raymundo Moraes gerando ressentimentos, pois este já se destacava nas classes iniciais de sua formação, sendo aprovado com distinção em exames de admissão à escola normalista quando ainda criança ⁹⁹.

Ao comparar o percurso escolar do jornalista e escritor paraense com a de seus irmãos, há uma grande discrepância na família Moraes, visto que apenas Raymundo Moraes não concluiu os níveis básicos da educação formal. Como começou a trabalhar embarcado com o pai ainda muito jovem, teve de abandonar definitivamente a escola; no entanto, seus irmãos tiveram acesso completo à educação formal básica e assumiram, inclusive, cargos e funções na área da Educação como Miguel Quintiliano de Moraes, irmão mais velho de Raymundo Moraes, cumpriu todos os níveis escolares e foi professor do Instituto Lauro Sodré até a sua morte em 1916 e foi também diretor dessa instituição por um breve período ¹⁰⁰; sua irmã Maria

⁹⁸ RAYMUNDO MORAES. *Autores e Livros - Suplemento Literário de “A Manhã”*, Rio de Janeiro, 21 set. 1941, num. 6, p. 95. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁹⁹ “Na 2ª classe, 2ª turma, aprovado com distinção, Raymundo J. de Moraes [Era comum abreviar-se o Joaquim que era o segundo nome do jornalista e escritor]” (EXAMES. *O Liberal do Pará – Órgão do Partido Liberal*, Belém, 10 dez. 1880, num. 279, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil). A 2ª classe do 1º Grau equivale, atualmente, em nível de estudos ao 2º ano do Ensino Fundamental I.

¹⁰⁰ “Achando-se doente o coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes, diretor do Instituto Lauro Sodré, assumiu a direção desse estabelecimento como professor (sic) mais antigo o normalista Miguel Quintiliano de Moraes” (TÓPICOS E NOTÍCIAS. *Estado do Pará*, Belém, 01 ago. 1911, num. 114, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

Nazareth de Moraes Soares também concluiu a sua jornada básica escolar e foi diretora do antigo Grupo Escolar Floriano Peixoto; e Celina Hylarião de Moraes, conhecida como “Larico”, cumpriu também todos os níveis escolares e assumiu a Secretaria Estadual de Educação.¹⁰¹

Raymundo Moraes também assumiu cargos e funções ligados à Educação no Estado do Amazonas na década de 1920, porém, isso ocorreu quando ele já tinha mais de 50 anos e assumiu também cargos no Estado do Pará, na primeira Interventoria de Magalhães Barata, no início dos anos de 1930, já quase sexagenário, sendo as palavras de seu filho Aldo Moraes bem significativas quanto à apreensão da trajetória social desse intelectual no tocante as suas atividades náuticas e literárias “... ele foi um precoce como fluviário profissional e, como escritor, um iluminado retardatário”¹⁰².

Devido às habilidades de navegação que desenvolvera logo cedo no trabalho com o pai, recebeu sem dificuldades aos 18 anos sua carta de piloto e de prático¹⁰³ o que permitiu a Raymundo Moraes exercer, precocemente, a função de comandante de navio de linha: “Teve de aumentar a idade para assumir o comando, cometendo a fraude de saltar dos dezoito para os vinte e um anos”¹⁰⁴. E, recém-ingresso à praticagem no Estado do Pará, aos 21 anos incompletos, participou de uma greve dos práticos da Amazônia por melhores salários, quando era o primeiro prático de um navio a vapor:

Tendo em vista à temerosa crise porque estamos passando; ao elevadíssimo aumento dos preços dos gêneros mais necessários à vida; considerando que os nossos atuais salários mal cobrem as nossas despesas, quanto mais permitir que organizemos um futuro para as nossas famílias as quais em geral ficam desamparadas com a nossa morte e sendo como é dever de todos pugnarem por seus interesses, os abaixo assinados práticos das diversas linhas de navegação fluviais deste Estado [Pará] e do Amazonas vem cientificar as companhias de navegação, proprietários, agentes e a quem mais possa interessar que resolveram não pilotar embarcação alguma de 1º de Setembro do corrente ano por menos da seguinte tabela mensal:

Primeiros práticos..... 500\$000

Segundos práticos..... 400\$000

(...)

Pará, 17 de agosto de 1893

(...)

Raymundo J. Moraes ...¹⁰⁵

¹⁰¹ LARÊDO, 2007, p. 162.

¹⁰² MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 nov. 1972, num. 5.207, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁰³ BITTENCOURT, Agnello. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, 15 set. 1972, num. 21.080, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁰⁴ MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 nov. 1972, num. 5.207, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁰⁵ INEDITORIAIS. Praticagem do Amazonas. *O Democrata- Órgão do Partido Democrático*, Pará, 18 ago. 1893, num. 185, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Tornou-se um prático engajado na luta pelos interesses dos trabalhadores da navegação fluvial e liderou na Imprensa local um movimento contra as formas de exploração dessa mão de obra por parte das companhias fluviais, atuantes nas praças de Manaus/ AM e Belém/ PA, assim como também lutou contra a perda de espaço profissional desses trabalhadores como o protesto realizado contra a venda do couraçado “Rio de Janeiro”, quando esse ainda se encontrava em construção nos estaleiros ingleses por encomenda do Governo Federal: “Falaram, a respeito dessa venda o dr. De jard Mendonça e o comandante Raymundo de Moraes, que aconselharam o povo a lançar perante os poderes da União, o respectivo protesto”¹⁰⁶.

Participou, ativamente, aos 26 anos de idade, da fundação da Liga Marítima do Pará¹⁰⁷ em 1899 e anos depois, nos anos de 1910, foi presidente da mesma Associação; foi reconhecido oficial integrante da Marinha Mercante Brasileira¹⁰⁸ devido ao seu eficiente desempenho como prático e comandante na navegação dos rios da Amazônia. Até as atividades de desporto e lazer de Raymundo Moraes eram ligadas a sua atuação como prático e comandante, pois participou da regata à vela, organizada pela Escola de Aprendizes Marinheiros em 1916, em comemoração ao Tricentenário da Fundação da capital paraense, Belém do Pará, fazendo parte do quarto páreo, liderado pela Federação Paraense do Remo, categoria de Canoas regionais, pilotando a canoa “Memória”.¹⁰⁹

A sua vasta experiência como prático e comandante também lhe rendeu trabalhos importantes ligados ao seu ofício, como a sondagem da malha fluvial depois do segundo encalhe do navio “Pará” e o seu destacamento para o desencalhe do navio “Brasil”; ambos serviços encomendados pela Empresa de Navegação *Lloyd Brasileiro* em 1918, em cuja empresa Raymundo Moraes trabalhava à época¹¹⁰.

¹⁰⁶ TELEGRAMAS. PARÁ. UM “MEETING” de protesto contra a venda do “Rio de Janeiro”. *A Época*, Manaus, 08 set. 1913, num. 405, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. A venda do encouraçado “Rio de Janeiro” agitou a Câmara dos Deputados e o Senado por todo o ano de 1913, mas ao final do imbróglio, ele foi realmente vendido.

¹⁰⁷ LIGA Marítima (sic). *O Pará*, Belém, 05 jun. 1899, num. 452, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁰⁸ “Fez anos, ontem, o sr. comandante Raymundo Moraes, competente oficial de nossa marinha mercante” (DIA SOCIAL. Aniversários. *Estado do Pará*, Belém, 16 set. 1911, num. 160, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

¹⁰⁹ VIDA ESPORTIVA. Regata. *Estado do Pará*, Belém, 21 dez. 1915, num. 1.712, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹¹⁰ A BAHIA DO GUAJARÁ. A Segunda encalhação do “Pará”. Uma sondagem por conta do Lloyd Brasileiro. Modificações hidrográficas. Memorial interessante. *A Capital*, Manaus, 29 mai. 1918, num. 311, p. 1. O “BRASIL” ENCALHADO. A situação do navio. O rio vazando... *A Capital*, Manaus, 22 jun. 1918, num. 335, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Comandou dois transatlânticos, no período em que prestou serviços à *Lloyd Brasileiro*, que transportavam carvão para a boca do Pauhinhy ¹¹¹, porém, fez história mesmo como o comandante do navio a vapor “Rio Amazonas”, pois Raymundo Moraes foi o seu primeiro comandante no Brasil.

Foi adquirido na Inglaterra a *Booth Line* pela nova empresa Companhia Carvoeira da Amazônia, o paquete *Fluminense* [*Remembrance*], que servia aquela companhia nas linhas Europa e América.

(...)

Pretende a nova empresa explorar a venda de carvão no rio Purus. Para isso não só adquiriu o navio referido, que já partiu de Liverpool com o nome de *Amazônia*, e sob a bandeira brasileira, e também com 2.500 toneladas do melhor combustível inglês.

Registra o paquete, 2.850 toneladas, mede 302 pés de comprimento, 35 de boca, 38 de pontal e cala 23. É armado à escuna, tem a popa elíptica e a proa lançada em leque. Suas máquinas são de tríplice expansão e foram construídas juntamente com o casco nos estaleiros de Palmers Shifbuilding, de Yarrow on Tyne. Possui quatro cadeiras multitubulares que resistem à pressão de 160 libras, produzindo a força de 2.500 cavalos indicados e dando ao navio a excelente velocidade de 13 milhas. Servem no serviço de descarga quatro guinchos e uma caldeirinha, além de um bolinete moderno para o trabalho de manobras. O fundo da embarcação é duplo-celular, comportando 374 toneladas d’água (sic). O registro do Lloyd inglês anotou-o com a classificação 100 A 1, que é a mais alta. As acomodações do comandante e dos oficiais demoram a meia nau, havendo, além disso, a ré, uma vasta câmara onde podem ser agasalhados 32 passageiros de 1ª classe. A iluminação é pelo sistema elétrico.

Este vapor, esperado até o dia 10 de abril, seguirá até a boca do rio Pauhinhy, onde passará o verão, regressando a Belém, talvez no fim do ano, o *Amazônia* será comandado pelo piloto Raymundo Moraes. ¹¹²

Quando aportou no Brasil, o transatlântico inglês foi registrado como “Rio Amazonas” e depois foi rebatizado como “Rei *Lear*” pelo amigo de Raymundo Moraes, o médico, escritor, crítico literário e jornalista Carlos D. Fernandes, que era colaborador do jornal carioca *O País*. Ele escreveu por longos anos a coluna *Autores e Livros*, na qual apresentava ao público leitor os livros, recentemente, publicados. A aproximação entre Carlos D. Fernandes e Raymundo Moraes deu-se pela relação política com o leimismo, ou melhor, pela influência de Antonio Lemos (1843-1913) ¹¹³ e sua atuação política no Pará.

¹¹¹ VIDA... DE TODOS. Raymundo Moraes. O Descobridor Literário da Amazônia. Vai rematar a sua obra culminante. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1931, num. 158, p. 76. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

¹¹² CARVOEIRA da Amazônia. Lemos n’ *A Província do Pará. Correio do Norte- Órgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas*, Manaus, 06 abr. 1910, num. 404, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹¹³ Antonio José de Lemos era membro do Partido Liberal (PL) e foi Deputado da Província do Pará no período imperial e também foi Intendente de Belém no período republicano entre 1897 e 1911, sendo o maior adversário político de Lauro Nina Sodré no Pará.

Segundo o jornalista carioca Carlos D. Fernandes: “todo aquele ar de velhice estoica e legendária, [é] que sugerira o crisma (sic) de *Rei Lear* para o vetusto *Remembrance*”¹¹⁴. Esse novo nome, “*Rei Lear*”, fez tamanho sucesso que teve a aceitação unânime entre aqueles que nele trabalhavam embarcados. A viagem na companhia de seu amigo Carlos inspirara a escrita do quarto livro publicado da obra de Raymundo Moraes, *Cartas da Floresta*, publicado em 1927. E o apelido, que Carlos dera ao velho navio ainda na ativa, deu título ao ensaio *Rei Lear* que tratava mais especificamente da alma do transatlântico:

O rei Lear destas linhas era, sem diminuir uma caverna, um velho e inocente transatlântico de duas mil toneladas de deslocamento, que já havia dado baixa em Liverpool sob o nome sentimental de *Remembrance*, e que certa empresa armadora da praça de Belém adquirira afim de transportar carvão de pedra para a boca do Pauhiny, no Purus. Registrado no Brasil com a denominação de Rio Amazonas, fui seu comandante por largos anos.¹¹⁵

Entre o apelido do navio e a trajetória social de Raymundo Moraes, conhecido apenas como o velho comandante Moraes, há uma surpreendente coincidência: a metáfora do “homem desacomodado”¹¹⁶ de William Shakespeare (1564-1616) na tragédia *Rei Lear*, de 1608. A trama da novela shakespeariana transcorre em torno da figura de um rei que perde tudo o que possuía e passa por toda uma árdua e violenta sucessão de sofrimentos para se tornar finalmente ser humano, reconhecendo a ligação entre ele e os outros: “– Isto é o *Rei Lear*’ disse Carlos. (...) Pegou, e ninguém mais chamou o Rio Amazonas senão pela designação de *Rei Lear*”¹¹⁷. Em comentário em sua coluna na Imprensa carioca, Carlos D. Fernandes mencionou a forma como conheceu Raymundo Moraes e como era a relação com o amigo:

¹¹⁴ FERNANDES, Carlos D.. Autores e livros. *O País*, Rio de Janeiro, 20 e 21 fev. 1928, num. 15.828-15.829, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

¹¹⁵ MORAES, 1927, p. 63.

¹¹⁶ Na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman (2007, p. 131-136) analisa as imagens da vida moderna presentes no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), obra de Karl Marx (1818-1883) e de Friderich Engels (1820-1895). Segundo o autor, uma dessas imagens é a “nudez” e sua dialética. O sentido da nudez em Marx está muito próximo do “homem desacomodado” de William Shakespeare, na obra *Rei Lear*, de 1608.

¹¹⁷ MORAES, 1927, p. 66.

A mais de vinte anos que nos conhecemos, eu e o insigne autor das *Cartas da Floresta*.

Nos primeiros tempos de nossas relações, que sempre foram fervorosas e de fundo intelectual, cuidava Raymundo Moraes de suas obrigações de comando, da sua maruja, do seu navio.

(...)

Foi numa dessas deslumbrantes viagens pelo dédalo hídrico da plaga maravilhosa, viagem aliás referida com envolvente carinho num dos capítulos mais empolgantes e deleitosos das *Cartas da Floresta*, que tive a prolongada e contínua oportunidade de conhecer de perto, no exercício de sua profissão o “comandante Moraes”.¹¹⁸

Foi no comando desse pacote que Raymundo Moraes aprofundou seu ímpeto de se tornar um escritor, pois já era um conhecido e atuante jornalista da Imprensa paraense no início da década de 1910. Mesmo sem ter acesso conclusivo aos níveis escolares, Raymundo Moraes continuou estudando por conta própria e como voraz leitor tornou-se também jornalista e depois escritor; teve contato com muitas leituras clássicas e contemporâneas da época, como assegurou Rogel Samuel: “... ele era um homem que não falava com ninguém e tinha poucos amigos. Agnello viajou com ele no *Lloyd* e nunca o viu conversar com ninguém a bordo. Ficou lendo o tempo todo”¹¹⁹. No início, o assunto que mais lhe interessava era a navegação dos rios da Amazônia devido ao seu ofício de prático e comandante, mas depois todos os aspectos relacionados ao grande vale amazônico passaram a tomar lugar em sua rotina diária de estudos e leitura e a definir a sua narrativa tanto nas colaborações na Imprensa brasileira como nos livros publicados de sua autoria:

“... Nesse tempo, não escrevia; apenas, observava e lia. (...) Senti, porém, que me faltava a coisa principal: a cultura. E comecei, então, a mandar buscar livros de todas as províncias literárias e principiei especializando-me sobre as coisas da Amazônia”.¹²⁰

De acordo com a entrevista que concedeu à revista *Vida Doméstica*, publicada em maio de 1931, Raymundo Moraes trabalhou embarcado por décadas e reuniu, em uma parte de sua trajetória social, as atividades jornalísticas e literárias, das quais se ocupava concomitantemente às atividades náuticas.

¹¹⁸ FERNANDES, Carlos D.. Autores e livros. *Cartas da Floresta*. *O País*, Rio de Janeiro, 20 e 21 fev. 1928, num. 15.828-15.829, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹¹⁹ ROGEL SAMUEL. Viva Raymundo de Moraes! *Jornal do Comércio*, 26 out. 1986, num. 34.068, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹²⁰ VIDA... DE TODOS. Raymundo de Moraes, O Descobridor Literário da Amazônia. Vai arrematar a sua obra culminante. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1931, num. 158, p. 76. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 3. Entrevista com Raymundo Moraes, 1931.



Fonte: *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1931, num. 158, p. 76. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Quando os seus adversários políticos não conseguiram encontrar brechas em seus escritos para o atacar, tentavam atingi-lo através dos insucessos de seu ofício de práctico e comandante como, por exemplo, o encalhe do navio a vapor “Manãos” da empresa *Lloyd Brasileiro* em 1921 que repercutiu de forma muito negativa na Imprensa brasileira: várias notícias acusavam-no de ter provocado tal acidente, garantindo que o ocorrido se devia ao despreparo do seu comandante, isto é, do “comandante Moraes”. Com o título “O Encalhe do ‘Manãos’: a responsabilidade do desastre é atribuída ao práctico Moraes”, essa notícia foi publicada no jornal carioca *A Razão* do dia 22 de maio de 1921 e assegurou que: “Segundo as informações publicadas pelos jornais, o causador do encalhe do paquete ‘Manãos’, na subida,

foi o prático Raymundo Moraes, quando dirigia a navegação na costa do Lago Grande”¹²¹. Essa nota colocou Raymundo Moraes em suspeição de imperícia e imprudência por ter insistido em navegar pelo Lago Grande e não pelo canal Mary-Marituba, como era comum fazer, resultando no encalhe do paquete.

*Dizem os jornais que o prático Raymundo Moraes fez o paquete ‘Bahia’ bater nas pedras do Amarity, e também foi o causador do ‘Tabatinga’ ficar na iminência de se afundar devido ao seu quase abalroamento com o paquete “Acre”.*¹²²

Na Imprensa, não há muitos registros sobre a vida íntima de Raymundo Moraes, sobre suas lembranças de infância ou juventude assim como há poucas menções em toda a sua obra sobre as suas duas famílias: tanto à família em que nascera quanto a que constituía com Catharina Souza de Torres (?-1944), com quem se casou e teve cinco filhos: Aldo (1903-1976), Amir, Myriam (1910-2002), Ruth (1911-?) e Yolanda. Mas quem era Catharina? Filha de Joaquina de Souza Torres (?-1916) e do conhecido tenente coronel Manoel José de Souza Torres (?-1914), Catharina, assim como Raymundo Moraes, vinha de uma família com muitos filhos, era irmã de João, Manoel, Joaquim, Domingas, Maria e Orininda. Quando se casou com Raymundo Moraes, continuou morando na casa de seus pais com o esposo. Lá, nasceram todos os filhos do casal. O seu pai falecera em 1914. À época, a família Moraes ainda residia na casa dos pais de Catharina, localizada à rua Dom Romualdo de Seixas, 100, em Belém do Pará.

Com o falecimento do seu sogro, Raymundo Moraes reclamou na Justiça uma parte da herança da família Torres, por acreditar ter direito sendo casado com uma das filhas do tenente coronel e por residir na casa dos sogros, alegando a partir de então, o seu dever em cuidar da sogra viúva. Isso provocou uma grande tensão entre os irmãos de Catharina em relação à presença de Raymundo Moraes na família Torres. Tudo indica que houve desentendimentos entre os irmãos e irmãs de Catharina por conta do inventário de bens de seu pai, levando Raymundo Moraes até a constituir o advogado Ferreira de Souza para questionar a partilha de bens do falecido sogro¹²³. Porém, ele, Catharina e os filhos continuaram residindo na mesma

¹²¹ O ENCALHE DO “MANAOS”: A RESPONSABILIDADE do desastre é atribuída ao prático Moraes. *A Razão*, Manaus, 22 mai. 1921, num. 1.605, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

¹²² Essa notícia foi também publicada sob outro título no jornal *O Combate*: O ENCALHE DO “MANAOS”: QUEM TEM a culpa do acidente é o prático Moraes. *O Combate*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1921, num. 83, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹²³ TÓPICOS E NOTÍCIAS. *Estado do Pará*, Belém, 28 jun. 1914, num. 1.172, p. 4; e AFIM DE apresentar a respectiva fórmula da partilha. *Estado do Pará*, Belém, 24 jul. 1914, num. 1.198, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

casa, pelo menos até o falecimento de sua sogra Joaquina de Souza Torres ¹²⁴, dois anos depois de se tornar viúva. Quando ocorreu o falecimento de sua sogra, o intelectual paraense era diretor e proprietário do jornal paraense *A Tarde*.

Anos depois, Raymundo Moraes mudou-se para o casarão dos seus pais no Largo de Nazaré, na Avenida Generalíssimo Deodoro, na casa em que morara até o seu falecimento em 1941. Raymundo Moraes tinha uma boa relação com todos os seus filhos, apesar de ser descrito como um pai muito austero, um homem sério, de caráter reservado e de temperamento muito forte. Em relação ao seu casamento com Catharina, tinha a fama de “mulherengo”, definido por seu próprio filho, Aldo Moraes, como “um silencioso déspota de fêmeas” ¹²⁵ devido ao seu tipo físico bem afeiçoado e galanteador. Nada se encontrou sobre os seus filhos Amir e Yolanda; entretanto, sobre os filhos que seguiram os passos do pai jornalista e escritor, isto é, Aldo e Myriam, encontraram-se vários registros na Imprensa da época.

O primeiro filho de Raymundo Moraes, Aldo Moraes nasceu em 13 de maio de 1903, em Belém do Pará. Assim como o pai, foi escritor, político e jornalista muito atuante na Imprensa amazônica, colaborando em periódicos como as revistas *Redenção*, *Amazônida* e *Cabocla* e publicou trabalhos no *Jornal do Comércio* do Amazonas e no paraense *Estado do Pará*; colaborou significativamente em periódicos de circulação nacional como *O Jornal* e as revistas *Boletim de Ariel*, *O Cruzeiro*, *Dom Casmurro*, *Revista da Semana*, tendo grande espaço para publicar suas colaborações. Não apenas colaborou nesses periódicos como fez algumas viagens à capital federal para sustentar a sua atuação na Imprensa brasileira e para manter o diálogo político com intelectuais cariocas, durante os anos de 1920 e 1930.

¹²⁴ A VIDA MUNDANA. LUTO. *Estado do Pará*, Belém, 20 nov. 1916, num. 1.198, p. 2. E também: A VIDA MUNDANA. LUTO. *Estado do Pará*, Belém, 21 nov. de 1916, num. 2.047, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹²⁵ MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 nov. 1972, num. 5.207, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 4. "Destino", conto de Aldo Moraes, 1933.



Fonte: Revista da Semana, Rio de Janeiro, 30 dez. 1933, num. 3, p. 28. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 5. Aldo Moraes com grupo de jornalistas do Amazonas no Rio de Janeiro, 1927.



Fonte: *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, dez. 1927, num. 117, p. 144. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Ele lançou um único livro de crônicas, *Ouro Quebrado*, publicado em 1942 e um livro analítico *Novo Aripuanã – O Ramal do Desenvolvimento*.¹²⁶

“Ouro Quebrado” é um espelho da inquieta personalidade de seu autor. Todas as ideias, as da política, as da literatura, as da sociologia e da moral, aí encontram pouso e comentário original. A fantasia anda, também, por essas páginas bem compostas e bem escritas, em que se toma o pulso de um escritor pessoal e convincente.¹²⁷

¹²⁶ LARÊDO, 2007, p. 36-37.

¹²⁷ PANORAMA. UM LIVRO DE ALDO MORAES. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1943, num. 347, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Aldo Moraes, além de crônicas, escreveu também poemas, mas não os reuniu em um livro, ele fez publicá-los em vários periódicos da Imprensa brasileira como o jornal mato-grossense *Gazeta do Comércio*. Afastou-se do pai Raymundo Moraes conservador por conta de divergências ideológicas, pois discordava, na maioria das vezes, dos entendimentos do jornalista e escritor paraense em matéria de política. Participou da Revolução de 1930 no Pará ao lado dos correligionários de Magalhães Barata, porém, muito mais por influência do confrade jornalista Abguar Bastos (1902-1995) do que por convicção política ¹²⁸.

Ao ouvir a sirene dos bombeiros, Abguar despediu-se e correu até a casa em que residia, onde comunicou à sua mãe que rebentara a revolução da qual participava. Dirigiu-se incontinentemente ao prédio de ‘*O Estado*’, encontrando-o fechado e às escuras. (...). E resolveu seguir para o largo de Nazaré, tentar ingressar no quartel. Ao iniciar a caminhada, viu Aldo Moraes, filho do escritor Raymundo Moraes, que ia realizar uma visita de rotina ao ‘Estado’ e não sabia de nada do que estava acontecendo. Abguar colocou-o a par das ocorrências e perguntou-lhe: - ‘Não queres me acompanhar?’ Ele respondeu: - ‘Por que eu iria acompanhar, se não estou metido nisto?’ Abguar retrucou-lhe: - ‘Aldo, o teu capital, nesta coisa toda, é igual ao meu, ou seja, nada. E não temos nada a perder. Por que não vai comigo?’ Para surpresa sua, Aldo aquiesceu: ‘Está certo. Vou contigo’. E saíram juntos, em direção ao 26º BC. ¹²⁹

No final dos anos de 1940, depois do pai falecer, ingressou à militância do Partido Comunista Brasileiro (à época com o nome de Partido Comunista do Brasil e sigla PCB) ¹³⁰ e durante o regime militar foi perseguido, preso e teve seus direitos políticos cassados ¹³¹. Morreu em Manaus em 27 de dezembro de 1976, aos 73 anos. Aldo Moraes construiu sua atuação política, jornalística e literária pela via da negação paterna e somente se reconciliou com o seu passado na condição de filho do jornalista e escritor paraense no centenário de nascimento de seu pai em 1972, quando foi convidado a publicar um artigo sobre Raymundo Moraes no amazonense *Jornal do Comércio*.

Myriam Moraes, ao contrário do irmão, desde menina sempre foi próxima a Raymundo Moraes, que a papericava por ser uma das caçulas (depois de Myriam, nasceu Ruth, a filha mais nova de Catharina e Raymundo Moraes). Ela nasceu em Belém do Pará em 1910, era poetisa e desenhista. Ela começou a escrever poesia ainda muito jovem aos 15 anos de idade. A amizade

¹²⁸ ROCQUE, 1999, p. 119 e 156.

¹²⁹ Ibid., 1999, p. 119.

¹³⁰ REGISTRADOS NO... Partido Comunista do Brasil. *Jornal do Commercio*, Manaus, 14 jan. 1947, num. 14.337, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹³¹ CASSAÇÕES DO DIA atingem oito: direitos e mandatos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11 jun. de 1964, num. 11.112, p. 1; CASTELO ASSINA novas cassações: posta a nu a corrupção no Pará. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1964, num. 13.203, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

entre Raymundo Moraes e Carlos D. Fernandes, fez do escritor, crítico literário e jornalista do carioca *O País* o padrinho intelectual de Myriam Moraes. Ambos passaram a se corresponder, assiduamente, quando a moça começou a escrever seus poemas e a pedir a opinião do padrinho, conhecido em todo o Brasil pelos seus comentários sobre livros e sobre literatura brasileira. A aproximação entre Carlos e Myriam inspirou a escrita de um longo artigo publicado na primeira página da edição de *O País* do dia 25 de abril de 1930, em que Carlos D. Fernandes a chamou, carinhosamente, de “Musa-Menina do Rio Mar”.

Nesse artigo, o crítico literário transcreveu dois poemas de autoria da jovem poetisa do norte, *Oração* e *Revelação*, considerando-a uma “... das representantes celebradas e justamente prestigiosas [da] mentalidade feminina da Amazônia”. Além disso, como crítico literário, Carlos D. Fernandes assegurou que a produção da filha de Raymundo Moraes estava, completamente, sob a influência do pai, “na douta e instrutiva companhia daquele radioso e fecundo operário das letras” e podia ser inserida na “fascinadora corrente do modernismo”¹³².

A partir de então, Myriam Moraes começou a ganhar projeção no campo literário no cenário dos anos de 1930 e sua poesia começou a ser vista como “uma página moderna que realiza o milagre da simplicidade e do ineditismo”¹³³, como afirmou a influente escritora carioca e feminista Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971) no *Diário de Notícias*, de 27 de setembro de 1931, em sua coluna “Ronda de Imagens”, transcrevendo o já conhecido poema de Myriam Moraes, *Oração*.

De acordo com Robério Braga¹³⁴, que foi Secretário de Cultura do Estado do Amazonas, e Thereza Catharina Castro da Silva Maia, neta de Raymundo Moraes e filha única de Ruth Moraes¹³⁵, Myriam Moraes assumiu a transcrição desses livros quando Raymundo Moraes não tinha mais condições de escrever de próprio punho devido às fragilidades físicas impostas pela doença que o acometera e que o levara a óbito em 1941. Segundo a dedução de Salomão Larêdo, os livros ditados à filha Myriam são: “*O Homem do Pacoval* (1939), *Machado de Assis* (1939), *À margem do livro de Agassiz* (1939), *Histórias Silvestres...* (1939), *Cosmorama* (1940) e *Um eleito das Graças* (1941)”¹³⁶.

¹³² FERNANDES, Carlos D.. Menina e Musa. *O País*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1930, num. 16.693, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹³³ ANNA AMÉLIA. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 set. 1931, num. 467, p. 21. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹³⁴ LARÊDO, 2007, p. 52.

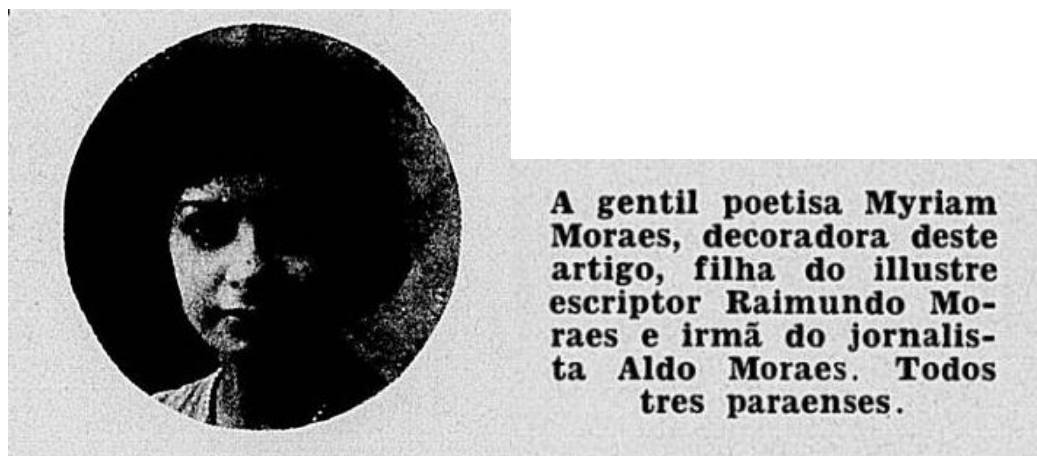
¹³⁵ “MAIA, Thereza Catharina Castro da Silva. *Bonequinhas de Pano*. Matéria feita a partir de diversas correspondências que venho mantendo, por correio eletrônico, com Thereza Catharina desde o mês de março de 2007” (LARÊDO, 2007, p. 160).

¹³⁶ *Ibid.*, 2007, p. 52. Grifo no original.

Além de publicar seus poemas em revistas e jornais do Norte do Brasil, como a revista *Redenção* e o *Jornal do Comércio*, periódicos amazonenses, também publicou sua poesia em periódicos de ampla circulação como a revista ilustrada carioca *Fon Fon* e os importantes jornais *O País* (sob a influência de Carlos D. Fernandes) e *Diário de Notícias*.

Ela também era desenhista e ilustrou alguns artigos de autoria de Raymundo Moraes publicados em importantes periódicos como a revista *Vida Doméstica*. No artigo “Cerâmica Marajoara” de Raymundo Moraes, publicado na referida revista de maio de 1941, Myriam Moraes é citada na legenda do artigo como “decoradora” e ao lado da nota de identificação do desenho também é publicada uma fotografia sua.¹³⁷

Figura 6. Myriam Moraes, 1934.



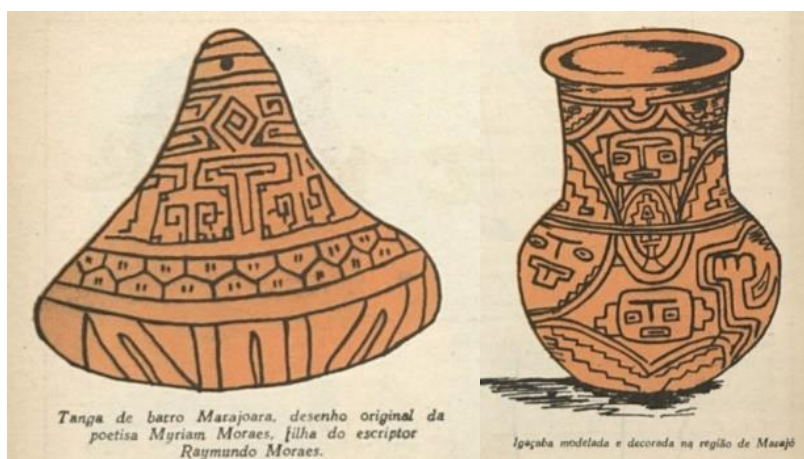
Fonte: *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1934, num. 194, p. 138. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Ela ilustrou também artigos sobre a obra de Raymundo Moraes como o de autoria de Carlos Rubens, publicado na revista ilustrada *O Malho*, de 23 de setembro de 1937, intitulado “O estrangeirismo da arte marajoara”, em que o livro, recentemente, publicado *Aluvião* foi comentado.¹³⁸

¹³⁷ MORAES, Raymundo. Cerâmica Marajoara. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1934, num. 194, p. 138. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹³⁸ CARLOS RUBENS. O estrangeirismo da arte marajoara. *O Malho*, Rio de Janeiro, 23 set. 1937, num. 225, p. 14. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 7. Tanga de barro Marajoara e Igaçaba modelada e decorada de Marajó [Ilustrações de Myriam Moraes], 1937.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 23 set. 1937, num. 225, p. 14. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Ela assumiu, assim como o seu pai, o cargo de Inspetora federal de Ensino Secundário no Estado do Amazonas em 1938, mas teve de abrir mão do cargo para acompanhar ao pai nos seus últimos anos de vida. Depois da morte de Raymundo Moraes, a poesia de Myriam Moraes foi desaparecendo aos poucos; seus poemas mais conhecidos foram republicados em 1950 na Imprensa brasileira, porém, ela não lançaria mais inéditos desde o final da década de 1930, coincidentemente, a partir do agravamento da doença de Raymundo Moraes.

Nesses anos, dedicou-se completamente aos cuidados para com o pai enfermo e em 1941, com a morte de Raymundo Moraes, por quem tinha veneração, ela se recolheu e abandonou por completo a carreira de escritora, deixando a sua sobrinha Thereza Catharina¹³⁹ apenas alguns originais nunca publicados. Ela morreu aos 92 anos em Petrópolis no Rio de Janeiro. Myriam Moraes teve uma grande importância na trajetória social de Raymundo Moraes.

As experiências de Raymundo Moraes, em viagens fluviais pelos sertões amazônicos, auxiliando seu pai ou no comando dos gaiolas, dos transatlânticos, alimentaram a ligação profunda do jornalista e escritor paraense com a Hileia e o fizeram um dos mais reconhecidos etnólogos/etnógrafos da Amazônia, sendo considerado dentre os importantes intérpretes um dos que mais se aproximou à grandeza e à epifania do vale amazônico. Entretanto, as relações

¹³⁹ Ver nota de rodapé nº 57 na dissertação de Salomão Larêdo (2007, p. 35).

familiares e as relações políticas foram decisivas na trajetória social de Raymundo Moraes que se consagrou entre aqueles que se dedicaram ao desvendamento da Amazônia e se dizia orgulhoso de ser um “caboclo” da região:

Caboclo – L. G. Vindo do mato. Originário da selva. Produto do *estrangeiro invasor* com o índio. O termo é afetuoso, empregado com ternura. Meu caboclo. Cabocla da gente. Aquele caboclo é pesado. *Todos nós, da Planície, nos orgulhamos de ser caboclos.*¹⁴⁰

Dizia-se um “caboclo” muito “sabido”¹⁴¹ sobre os diversos assuntos amazônicos, especialmente, sobre o ofício de prático e comandante e sobre a natureza e os habitantes dos sertões da Amazônia. Assim registrou *Vida Doméstica*, em edição de maio de 1931, reproduzindo as próprias palavras do jornalista e escritor, no tocante à descoberta do prazer de ler, de escrever e publicar na Imprensa paraense, pois ele recordou o início da aventura no jornalismo: “... A propósito do farol do Freixal, no Baixo Amazonas, escrevi um artigo técnico na antiga ‘A Província’, do velho Lemos, mostrando o erro da colocação do farol. Fiquei tão encantado com ver o meu nome num jornal que comecei a desejar escrever”¹⁴². Desde então, a pena de Raymundo Moraes tornou-se chamejante tanto nos periódicos da época quanto nos livros de sua autoria.

Aos poucos, ele foi migrando do convés das embarcações que conduzia pelos rios da Amazônia ao seu gabinete de trabalho entre livros e escritos. E se no início, ele conciliava essas atividades, no final da década de 1910 passou mais tempo trabalhando em seu gabinete do que embarcado nos navios como comandante. Nos anos de 1920, aposentou-se do ofício de prático e comandante de navios e se estabeleceu nos meios jornalístico e político. Abandonou a política partidária no início dos anos de 1930 e empreendeu-se no jornalismo literário. Na última década de sua vida dedicou-se à produção literária e à publicação de seus escritos em livros e em periódicos.

¹⁴⁰ MORAIS, 2013, p. 43. Grifo meu.

¹⁴¹ “Advogado, bacharel, sujeito da cidade, contador de histórias. Que homem sabido! Da notícia de tudo, meu bem. O coronel, ontem, estava dizendo pra nhá Venância: ‘Trate bem o doutor que ele bota suspensório em cobra, sabe até latim, é sabido de verdade’” (MORAIS, 2013, 149).

¹⁴² VIDA... DE TODOS. Raymundo de Moraes, O Descobridor Literário da Amazônia. Vai arrematar a sua obra culminante. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1931, num. 158, p. 76. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

1.3 O manejar da “pena fulgurante” e as lutas impressas no início do século XX

*Letras armadas
derramam o sangue que
burila o texto.*

Raymundo Moraes iniciou suas atividades jornalísticas na primeira década dos anos de 1900, colaborando, esporadicamente, no jornal paraense *A Província do Pará*. Depois suas colaborações foram ficando mais frequentes ao ponto de publicar seus escritos semanalmente no jornal, foi quando passou de repórter a um dos principais redatores do matutino paraense. Assinava muitas de suas colaborações no jornal *A Província do Pará* sob o pseudônimo “Sagitário”¹⁴³. As suas colaborações eram de teor político ou relacionadas às atividades náuticas por conta de sua experiência como prático e comandante de gaiolas, inclusive, ficando conhecido como o “comandante Moraes”, redator de *A Província do Pará*. Algumas dessas colaborações foram reunidas em seu primeiro livro publicado, *Traços a Esmo*, de 1908, ainda como jornalista: “Apareceu o livro *Traços a Esmo*, do diretor d’ (sic) *A Província*”¹⁴⁴. Na ocasião da publicação desse livro, Raymundo Moraes estava com 35 anos de idade.

O jornal *A Província do Pará* foi fundado em 1876 por José Joaquim de Assis, redator político, em parceria com Francisco Cerqueira, tipógrafo, e com Antonio Lemos (1843-1913), gerente da redação. Esse periódico mantinha um forte debate político e sua linha editorial aproximava-se discretamente das convicções do Partido Liberal (PL) devido à presença de Antonio Lemos na gerência de redação. Em 1880, morreu Francisco Cerqueira. Nessa década, o periódico participou ativamente do debate a favor da Abolição da Escravidão e se tornou um veículo para divulgar os ideais republicanos. Em 1889, foi José Joaquim de Assis que morreu.

No mesmo ano da morte do dr. Assis, como era conhecido o principal redator do jornal, *A Província do Pará* passou à exclusiva direção e propriedade de Antonio Lemos, assumindo como redator-chefe João Marques de Carvalho. A partir de 1889, a direção do jornal implementou mudanças como o aumento do seu formato impresso e a inserção de novos tipos gráficos. Devido a essa modernização, acabou também se tornando um dos mais ativos

¹⁴³ CAVALCANTE, Antenor. Cartas ao “Rebate”. *O Rebate*, Sobral, 24 jun. 1911, num. 10, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁴⁴ TELEGRAMAS. INTERIOR. PARÁ, 22. *O País*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1908, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

periódicos do Norte do país.¹⁴⁵ Em 1897, Antonio Lemos associou-se ao grupo Chermont, compartilhando a direção do jornal com os irmãos Antonio e Pedro Chermont.

O matutino paraense circulou até 1900, quando ocorreu uma breve interrupção devido, fundamentalmente, a dificuldades financeiras e a divergências políticas na atuação do jornal; depois o jornal voltou a circular em maio de 1901 sob propriedade exclusiva de Antonio Lemos. Em 1912, o periódico sofreu um atentado e teve as suas instalações incendiadas devido às disputas políticas entre lemistas (correligionários de Antonio Lemos) e lauristas (correligionários de Lauro Sodré), assim como também Antônio Lemos teve a sua residência incendiada. Esses acontecimentos levaram Antonio Lemos a suspender as atividades do periódico e logo depois a vendê-lo a Pedro Chermont de Miranda. A circulação do periódico foi restituída apenas em 1920, já sob a direção de João Batista Ferreira de Souza. Em 1926, foi mais uma vez suspensa a sua impressão devido a uma violenta crise financeira. Em 1947, o jornal *A Província do Pará* foi adquirido por Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, e em 1997, vendido ao grupo da Editora CEJUP. O periódico foi extinto em 2001.

146

¹⁴⁵ ROCQUE, 2001, p. 69.

¹⁴⁶ Ver ROCQUE, 2001, pp. 109-116; e *A História de "A Província do Pará"*, 1977.

Figura 8. Grupo de Redatores de *A Província do Pará*, 1908.



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 set. 1908, num. 436, p. 26. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Na redação de *A Província do Pará*, Raymundo Moraes envolveu-se em muitos debates políticos acirrados, por vezes violentos, que resultaram, inclusive, em troca de ofensas em notas e artigos e até mesmo culminando em agressões físicas pessoais como o caso de 26 de setembro de 1907 como as agressões contra o repórter Antonio Mendes e o jornalista Carlos Vitor, ambos da redação do jornal paraense *Folha do Norte*:

Ontem, Alves de Souza, acompanhado de Raymundo de Moraes e mais seis indivíduos, entre eles três bombeiros à paisana, agrediram o “repórter” do “Folha do Norte” Antonio Mendes. (...)

A agressão estava preparada para Manoel Lobato, atual secretário da *Folha do Norte*. Meia hora depois saindo Carlos Vitor, jornalista, do interior da redação da *Folha*, foi também agredido pelo grupo, que, depois de todas essas proezas, foi para a praça da República reunir-se no Café Paz.

A situação dos redatores das folhas oposicionistas é sem garantias.¹⁴⁷

¹⁴⁷ TELEGRAMAS. PARÁ, 26. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 e 27 set. 1907, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

O jornal *Folha do Norte*, principal rival político de *A Província do Pará*, foi fundado em 1896, em Belém do Pará, por Eneas Martins (1872-1919) e Cipriano José dos Santos, ambos jornalistas e políticos no Pará que faziam oposição a Antonio Lemos, político e proprietário de *A Província do Pará* e declaravam apoio político a Lauro Sodré (1858-1944)¹⁴⁸. Daí a contenda permanente entre os jornais *Folha do Norte*, leal a Lauro Sodré, e *A Província do Pará*, de propriedade de Antonio Lemos e, portanto, impresso lealista. No período de 1917 a 1966, o jornalista João Paulo de Albuquerque Maranhão (1872-1966), o conhecido Paulo Maranhão, dirigiu o *Folha do Norte* e depois acabou o adquirindo. Em 1973, o periódico paraense foi vendido a Rômulo Maiorana (1922-1986) que o fez circular até um ano depois, isto é, até 1974 e daí o impresso não foi mais editado, sendo extinto.

No início do século XX, as contendas envolvendo os jornais paraenses - adversários políticos, agravaram-se e os jornalistas cada vez mais se envolviam em brigas e agressões físicas e morais. Nesse período, Raymundo Moraes oscilava entre a figura do agressor ou do agredido e foi alvo de várias denúncias impressas que tentavam manchar o seu nome imputando-lhe desonra ou crime como foi noticiado no jornal *O País*:

O comandante Raymundo Moraes protestou, em tempo, em sessão da Liga Naval, contra a notícia da *Folha do Norte*, de haver a referida sociedade felicitado o coronel Lauro Sodré pela sua promoção.

Hoje, a *Folha* replica, publicando notícia caluniosa contra o comandante, dizendo que ele, na sua última viagem à Venezuela, passara contrabando de vários cortes de seda.

O comandante Raymundo Moraes constituiu um advogado o Dr. Justiniano Serpa, para chamar à responsabilidade a *Folha do Norte*.¹⁴⁹

Como jornalista de *A Província do Pará*, Raymundo Moraes envolveu-se em tumultos nem sempre por conta da atuação de sua pena como o noticiado a 21 de janeiro de 1909 pelo *Jornal Pequeno* de Recife, capital pernambucana: “Ontem, em plena rua, o sr. Salvador Costa agrediu o sr. Raymundo Moraes, redator d’ (sic) *A Província do Pará*”¹⁵⁰, pois tudo indica que essa briga não tem relação com suas atividades jornalísticas e sua militância política e parece ter origem dois anos antes, visto que em 28 de março de 1907, o amazonense *Jornal do*

¹⁴⁸ Lauro Nina Sodré e Silva dirigiu o Partido Republicano Federal (PRF) no Pará, foi governador do Pará nos períodos de 1891 a 1897 e de 1917 a 1921 e havia sido senador pelo Pará e Distrito Federal.

¹⁴⁹ TELEGRAMAS. INTERIOR. PARÁ, 19. *O País*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1908, num. 8.722, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁰ TELEGRAMAS. BELÉM, 21. *Jornal Pequeno*, Recife, 21 jan. 1909, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Comércio havia noticiado que “O comandante Raymundo Moraes, *por questão de família*, agrediu o comerciante Salvador Costa, sócio da firma Ferreira Costa & C^{aa}”¹⁵¹.

Nada se comparou ao período pós-eleições de 1912 para Intendente, Vogais, Senadores e Deputados no Estado do Pará. Nessas eleições, Raymundo Moraes candidatou-se ao cargo de Deputado Estadual do 2º Distrito pelo Partido Conservador (PC), ficando em penúltimo lugar com 1.371 votos¹⁵², juntamente com Acylino de Leão, Alfredo Chaves, Antonio Diniz, Argemiro Pinto, José Lages, José Leandro e José Pombo, todos receberam o mesmo número de votos que Raymundo Moraes.

As disputas entre esses periódicos cresceram, principalmente, porque outros jornais iam sendo fundados e iam se alinhando aos já instalados no Pará e alimentavam ainda mais as redes de intrigas e enfrentamento. As contendas na imprensa paraense alcançaram dimensões de extrema violência, culminando com o incêndio da sede da redação de *A Província do Pará* em 1912, assim como a depredação e incêndio da residência do proprietário do jornal¹⁵³, isto é, de Antônio Lemos, o que levou ao fechamento da sede do jornal e logo em seguida à venda do mesmo. Na ocasião em que ocorreu esse atentado às instalações de *A Província do Pará*, Raymundo Moraes encontrava-se no prédio da redação e presenciou todo o atentado, assim como foi: “... preso na ocasião do tiroteio por duas mulheres, quando tentava fugir pelos fundos do edifício do referido jornal. Estava descalço e em mangas de camisas”¹⁵⁴. E ainda sobre o ocorrido, informou o *Jornal Pequeno* destacando que: “Foram presos os jornalistas Romeu Mariz, diretor, Humberto Campos e Raymundo de Moraes, redatores da *Província do Pará*. O sr. Raymundo de Moraes é oficial da marinha mercante e presidente do ‘Clube Naval’”¹⁵⁵.

Raymundo Moraes encerrou, portanto, sua atuação na redação de *A Província do Pará* em 1912, uma vez que o jornal deixou de ser editado e publicado no intervalo de seis anos consecutivos após o atentado contra as suas instalações e contra o seu proprietário. Mas o jornalista não encerrou suas atividades com esse atentado e continuou a escrever seus artigos polêmicos, mas agora colaborando esporadicamente em outros jornais. Nesse período, assumiu,

¹⁵¹ UMA AGRESSÃO. *Jornal do Comércio*, Manaus, 01 mar 1907, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

¹⁵² BOLETIM Eleitoral. Eleição Estadual. Câmara. 2º Distrito. *Estado do Pará*, Belém, 11 jul. 1912, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵³ TELEGRAMAS. NO PARÁ. A QUESTÃO do Pará. *Jornal Pequeno*, Recife, 31 ago. 1912, num. 200, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁴ OS NOSSOS TELEGRAMAS. OS ACONTECIMENTOS no Pará. Belém, 31. O que sucedeu a um redator d’ “A Província”. *Jornal do Comércio*, Manaus, 1 set. 1912, num. 3.007, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁵ TELEGRAMAS. NO PARÁ. A QUESTÃO do Pará. *Jornal Pequeno*, Recife, 31 ago. 1912, num. 200, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

brevemente, a direção do paraense *O Imparcial* ¹⁵⁶ acompanhado pelos confrades Martinho Pinto e Dejard de Mendonça.

Em 1915, fundou em parceria com Felix Coelho o periódico paraense *A Tarde*: “Chegou do Pará o nosso colega de imprensa o Sr. Comandante Raymundo Moraes, que ali goza de merecida reputação como jornalista. Ultimamente o Sr. Raymundo Moraes dirigia na capital paraense o vespertino ‘A Tarde’” ¹⁵⁷. Dirigiu o vespertino até 1917 quando por falta de recursos financeiros foi obrigado a encerrar as atividades nesse periódico. Embora tenha ficado na direção do periódico por um tempo breve, Raymundo Moraes ainda se envolveu em polêmicas, visto que o jornalista e escritor paraense não abandonara a sua pena agressiva envolvendo-se em uma briga como noticiou o jornal carioca *A Rua* em 27 de junho de 1917:

O Comandante Raymundo Moraes depôs ontem sobre a agressão que sofreu anteontem, dizendo desconhecer os seus agressores.
Estes também fizeram o seu depoimento (...)
A “Folha do Norte”, noticiando o fato, relembra as duas agressões que sofreu o Comandante Moraes no ano passado, de desafetos seus.
Os atuais agressores foram presos e a Polícia prosseguiu no inquérito. ¹⁵⁸

Os preparativos da comemoração do Tricentenário da Fundação da cidade de Belém do Pará em 1915 mobilizaram os intelectuais para o espírito da festa. Eles se reuniram em um Comitê, presidido por Ignácio Moura (1857-1929), para organizar desfiles públicos, para promover a edição e publicação de documentos importantes para o marco da fundação e da história da cidade, para a elaboração de insígnias, de festivais, exposições temáticas, concurso de memórias sobre a jornada de Francisco Caldeira Castelo Branco, para planejar a construção e inauguração de monumentos históricos assim como a inauguração de entidades de instrução pública. ¹⁵⁹

Raymundo Moraes não participou entre os intelectuais dessa efeméride, porque não era considerado um intelectual à época, era visto apenas como um jornalista que havia conquistado um espaço muito importante na Imprensa do Pará. Portanto, cobriu os eventos que demarcaram o Tricentenário da Fundação de Belém do Pará, pois estava à frente do jornal *A Tarde*. Raymundo Moraes permaneceu na esfera da Imprensa paraense, colaborando,

¹⁵⁶ TELEGRAMAS. BELÉM, 23. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 set. 1913, num. 266, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁷ NOTAS SOCIAIS. VIAJANTES. *A Rua*, Rio de Janeiro, 22 set. 1917, num. 259, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁸ A AGRESSÃO ao Comandante Raymundo de Moraes. Belém, 27. *A Rua*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1917, num. 173, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁵⁹ O TRICENTENÁRIO de Belém. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1915, num. 1.415, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

esporadicamente, com artigos publicados semanalmente ou quinzenalmente ao mesmo tempo que pilotava navios a vapor da Companhia de Transporte e Navegação *Lloyd Brasileiro* e realizava trabalhos difíceis relacionados à navegação para a mesma empresa.

Em 1921, começou a atuar na redação do jornal *Estado do Pará*, com o pseudônimo de Jacinto Leite ¹⁶⁰. Sua primeira colaboração com esse pseudônimo data da edição do jornal de 18 de abril de 1921 e assinando como Raymundo Moraes, sua primeira colaboração data de 12 de agosto de 1921 ¹⁶¹. Suas colaborações nesse periódico eram de natureza política, como as colaborações em *A Província do Pará* e como editor chefe de *A Tarde*. Sua estada na redação do *Estado do Pará* foi mais agressiva que sua atuação em *A Província do Pará*.

O jornal *Estado do Pará* foi fundado em 1911 por Justo Chermont em um período conturbado da política paraense em que a oposição a Antonio Lemos crescia e se fortalecia, inclusive, esse periódico foi criado para reunir os principais adversários de Antonio Lemos, sob a direção de Fulgêncio Simões e sob a presidência de Virgílio de Mendonça ¹⁶². Desse modo, nos primeiros anos, a atuação do *Estado do Pará* era aliada à da *Folha do Norte*, ambos contra o leimismo de *A Província do Pará*, pois eram a favor de Lauro Sodré. Entretanto, passados alguns anos, o *Folha do Norte* e o *Estado do Pará* tornaram-se concorrentes e adversários políticos quando o leimismo já não ocupava mais um lugar político de influência no Estado do Pará. A última edição desse periódico paraense circulou em 1980.

Nos anos de 1920, esses jornais passaram a cultivar divergências políticas agudas e a alimentar debates que extrapolavam as páginas dos jornais e continuavam a descambar para agressões morais e físicas para além das edições impressas. Coincidência ou não, foi nesse período em que Raymundo Moraes iniciou como jornalista do *Estado do Pará* e ganhou muito destaque com suas colaborações diárias assinando uma coluna sobre política. À frente da redação do *Estado do Pará*, Raymundo Moraes assumiu a ideologia política pró-Reação Republicana do jornal e começou a militar contra a polêmica candidatura de Artur Bernardes (1875-1955) em favor da chapa “Nilo – Seabra”, quando se preparava um novo pleito eleitoral à Presidência da República no Brasil. Desde os tempos de *A Província do Pará*, Raymundo Moraes ganhou fama devido a sua pena incisiva e impiedosa contra os seus adversários políticos na Imprensa paraense quando precisava defender seu ponto de vista.

¹⁶⁰ “... nosso (...) colaborador Raymundo Moraes (Jacinto Leite)” (7ª REGIÃO Militar. A passagem do comando ao general Abílio de Noronha. Despedida do general Joaquim Ignacio. O Banquete no 26º B.C. *Estado do Pará*, Belém, 30 abr. 1921, num. 3.639, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁶¹ A ENERGIA DO Inspetor. *Estado do Pará*, Belém, 18 abr. 1921, num. 3.627, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁶² ROCQUE, 2001, p. 98.

Nesse período, o *Folha do Norte* era dirigido por Paulo Maranhão, que defendia a campanha de Artur Bernardes. Porém, os jornalistas desse periódico paraense já tinham uma conflituosa relação com Raymundo Moraes desde os tempos de *A Província do Pará*. No contexto de campanha presidencial, aprofundou-se a tensão entre os jornais paraenses, *Folha do Norte* e *Estado do Pará*, culminando com uma briga violenta entre os jornalistas Heráclito Ferreira e José Santos, do *Folha do Norte* e Raymundo Moraes, do *Estado do Pará*, em oito de agosto de 1922 que mudara para sempre a trajetória social de Raymundo Moraes e que se tornou a maior inflexão de sua vida ¹⁶³.

No dia nove de agosto de 1922, o *Estado do Pará* publicou uma longa matéria sobre o trágico ocorrido do dia anterior: Raymundo Moraes tinha assistido a uma sessão no Cinema Olympia, como de costume o fazia; terminada a sessão, seguiu na companhia de Teixeira de Lemos à *terrasse* do Grand Hotel, onde conversou e tomou um sorvete com o amigo. Depois disso, seguiram os dois para a sede da Assembleia Paraense a pé. Assim que Teixeira de Lemos entrou na sede, Raymundo Moraes teria seguido até à esquina da Rua General Gurjão, onde pegou o bonde número 44, de chapa 80, da linha Serzedelo Corrêa, procurando acomodar-se em um dos últimos bancos do veículo. Sentados em um dos primeiros bancos no mesmo veículo, estavam os jornalistas do *Folha do Norte*, Heráclito Ferreira e José Santos.

Ainda segundo o *Estado do Pará*, nas imediações da Rua Paes de Carvalho, esquina da Rua 1º de Março, os jornalistas do *Folha do Norte* mandaram parar o bonde e para descerem, vieram ao encontro de Raymundo Moraes, insultando-o verbalmente e já o agredindo fisicamente, pois Heráclito Ferreira desferiu um murro no olho esquerdo de Raymundo Moraes e José Santos aproveitara para o agredir com pancadas na cabeça com um instrumento de ferro. Raymundo Moraes caiu para trás, na travessa da entrevista, mas conseguiu sacar o revólver, de calibre 38, que mantinha consigo, pois era major na antiga Guarda Nacional em Belém do Pará. Atirou algumas vezes a esmo para se livrar do ataque dos jornalistas do *Folha do Norte*, porém, um dos tiros atingiu o lado direito do peito de Heráclito Ferreira, que ferido foi levado até ao Mercado do Ver-o-Peso e ali transferido pela Assistência ao Hospital da Santa Casa e atendido pelo médico Camilo Salgado que o medicou. No entanto, ferido gravemente no peito, Heráclito Ferreira não resistiu ao tiro à queima roupa e faleceu um pouco mais de meia noite já no dia nove de agosto.

¹⁶³ EMPREITADA sangrenta. Realiza-se o plano tenebroso que ontem denunciámos. *Estado do Pará*, Belém, 09 ago. 1922, num. 4.067, p. 1; A OBRA de um celerado. *Folha do Norte*, Belém, 09 ago. 1922, num. 9.913, p. 1. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil. Raymundo Moraes não foi o único intelectual a se tornar assassino; a história está permeada de casos como esse.

Raymundo Moraes conseguiu escapar correndo pela Rua Paes de Carvalho até ao Largo de Santana, onde foi alcançado por José Santos, que voltou a o agredir, uma vez que Raymundo Moraes estava já desarmado, sendo novamente espancado com o instrumento de ferro que José Santos tinha consigo no momento da agressão ainda no bonde. O escritor e jornalista foi apreendido e conduzido à Polícia, tendo sido no caminho, bastante espancado, segundo o seu relato e de testemunhas oculares. Na sala da Primeira Prefeitura, foi lavrado o auto de prisão e tomado o depoimento de Raymundo Moraes, sem direito à assistência dos advogados de defesa nem de assistência médica. Depois, é que ele foi atendido emergencialmente pelo médico Orlando Lima no Hospital da Ordem Terceira. No exame de corpo delito, realizado pelo médico Otto Santos, constataram-se dez ferimentos extensos na cabeça de Raymundo Moraes, várias contusões no rosto e por todo o corpo. E, mesmo com o estado de saúde comprometido, Raymundo Moraes foi logo transferido para o presídio São José por volta das 01h40 na madrugada do dia nove de agosto de 1922.¹⁶⁴

Na versão do *Folha do Norte*, o evento é narrado por José Santos, repórter do periódico e sobrevivente da briga. A matéria apresenta várias divergências apesar de menos detalhes em relação à versão do *Estado do Pará*; ambas matérias foram publicadas na mesma data, isto é, em nove de agosto de 1922, sendo mais do que narrativas de enfrentamento entre os jornais paraenses: “Eis o fato narrado na sua real e verídica expressão”, assim iniciava a notícia “A OBRA de um celerado” na primeira página do *Folha do Norte*. Primeiramente, José Santos afirmou que Raymundo Moraes deu início à violenta discussão com insultos e agressões verbais e físicas aos jornalistas do *Folha do Norte* assim que ingressou no interior do veículo. Além disso, o jornalista afirmou que Raymundo Moraes foi logo tirando-lhe, do bolso do paletó, um revólver, de calibre 38, de marca *Smith Wesson* e atirando contra Heráclito Ferreira a tiros no peito e não a esmo como narrou o *Estado do Pará*. Informou também o jornalista do *Folha do Norte* que o criminoso esgotou todas as balas também tentando o ferir, mas não conseguiu porque ele se livrou destramente correndo e se escondendo por trás do bonde. Quando a munição do revólver se esgotou, Raymundo Moraes tentou evadir-se correndo pela Rua Paes de Carvalho, porém, em frente ao Central Hotel, José Santos conseguiu alcançá-lo, depois que populares, que por ali passavam, revoltados com o ocorrido a Heráclito Ferreira, apreenderam

¹⁶⁴ EMPREITADA sangrenta: Realiza-se o plano tenebroso que ontem denunciámos. *Estado do Pará*, Belém, 09 ago. 1922, num. 4.067, p. 1. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

o criminoso e tentaram linchá-lo lá mesmo. Raymundo Moraes foi preso em flagrante, conduzido à Polícia, prestou depoimento e lá foi lavrado o auto de sua prisão.¹⁶⁵

Figura 9. Revólver, calibre 38, em posse de Raymundo Moraes, 1922.



Fonte: *Folha do Norte*, Belém, 25 ago. 1922, num. 9.827, p. 1. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

O desfecho dessa tragédia mudou radicalmente os rumos da vida de Raymundo Moraes, haja vista que, de imediato, ele foi quase linchado pelos populares e por José Santos, na ocasião da briga no bonde, quando não tinha mais munição no seu revólver; foi preso em flagrante sem a garantia de direitos à defesa e ao atendimento médico, pois os ânimos dos populares que o capturaram estavam muito alterados; o ocorrido de maior gravidade para a sua vida é que foi preso em flagrante delito como o homicida de Heráclito Ferreira do *Folha do Norte*, assumindo a autoria do crime, o que o levou a fugir de Belém do Pará e depois a fugir de Manaus no Amazonas, pois depois que o governador César do Rego Monteiro foi deposto em 1924, isto é, o governador que recebeu o escritor e jornalista paraense e o apoiou em Manaus em 1922, Raymundo Moraes teve de buscar abrigo na Bolívia, pois a estada do jornalista e escritor em Manaus ficou bastante insegura com rumores de que seria recambiado para Belém/ PA. Além

¹⁶⁵ A OBRA de um celerado. *Folha do Norte*. Belém, 09 ago. 1922, num. 9.913, p. 1. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

disso, Raymundo Moraes assistiu aos periódicos noticiarem acusações sobre o ocorrido em que manifestavam opiniões que o prejudicavam nesse contexto.¹⁶⁶

Somente agora podemos com certa calma e conhecimento de causa dizer alguma coisa sobre o bárbaro assassinato de que foi vítima o jornalista Heráclito Ferreira.

Na noite de 8 do corrente, vinha Heráclito acompanhado de José Santos em direção à *Folha do Norte*. De passagem pela praça da República, antigo largo da Pólvora, o Sr. Raymundo de Moraes tomou o bonde, em que viajavam Heráclito e José Santos, em atitude provocadora, quando na altura da Rua Primeiro de Março, esquina da rua Paes de Carvalho, Heráclito e José Santos se dispunham para apear-se para dali seguirem para a redação do *Folha do Norte* foram arrogantemente interpelados pelo Sr. Raymundo de Moraes e incontinentemente agredidos ao responderem a provocação. Em um instante, Moraes saca de um revólver e fere de morte com um tiro a Heráclito (...). Esse doloroso incidente continua a ser grandemente lamentado em nossa sociedade onde a vítima gozava de muita estima e admiração.¹⁶⁷

Em Belém, Pará, o jornalista Raymundo Moraes, redator principal e chefe ostensivo, pró Nilo Seabra, assassinou a tiros de revólver o seu colega de imprensa dr. Heráclito Ferreira, por motivos políticos, este redator do “Folha do Norte”.

O fato causou extensa sensação, sendo melindrosa a posição do assassino, dada a intolerância partidária reinante no Estado, com a chefia política de Cypriano Santos, intendente municipal.¹⁶⁸

A partir do dia nove de agosto de 1922, iniciou-se uma guerra de discursos que tinha a Imprensa paraense por centro irradiador da contenda, mais especificamente, as crônicas de acusações mútuas entre os jornais *Estado do Pará* e *Folha do Norte* – representando o assassino e a vítima. Uma vasta disputa instaurou-se entre os periódicos pelo que ficou conhecido como o “Atentado do dia 8” (*Estado do Pará*) ou o “Atentado da noite de 8” (*Folha do Norte*) estimulando trocas de ofensas e a consolidação de um clima de tensão e violência extremas entre esses periódicos e outros que apoiavam um ou outro.

¹⁶⁶ É importante conferir as contribuições de Sandra Pesavento (2008, p. 369) no artigo “Na contramão da vida: de onde a imprensa faz, da história, um folhetim” em que analisa o caso da *crioula* Fausta: “Para discutir estas questões, escolhemos um incidente ocorrido em Porto Alegre no final do século XIX, envolvendo uma personagem muito conhecida na época: a *tristemente* célebre *crioula* Fausta, dona do mais famoso bordel da capital, localizado no famigerado beco do Poço, centro do meretrício situado no coração da cidade. A história de Fausta, tema presente na crônica policial dos jornais, foi recriada pela *Gazetinha*, pelo *Correio do Povo* e pelo *Jornal do Commercio* em páginas literárias para o público leitor da cidade”. Embora se tratem de personagens muito díspares quanto as suas funções sociais, a comparação entre Fausta e Raymundo Moraes permite observar como os periódicos através da narrativa, da crônica, isto é, da “forma literária que recupera, pela ficção, a vida cotidiana com todas as suas misérias e exemplifica as estereotípias e os valores de uma época, responde a um horizonte de expectativas com relação a personagens e comportamentos” (Ibid., 2008, p. 393).

¹⁶⁷ O ASSASSINIO DO JORNALISTA Heráclito Ferreira, em Belém. *O País*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1922, num. 13.810, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁶⁸ UM ASSASSINO em Belém. *Folha do Acre*, Território do Acre, 24 ago. 1922, num. 426, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Como se vê, a imprensa pode ressignificar um acontecimento e transformá-lo a partir do que narra; o mesmo acontecimento pode ganhar duas ou até mais versões diferentes dependendo dos interesses dos periódicos como veículos de difusão das notícias. Sabendo que “O jornal é (...) capaz de transformar o vivido, o acontecido, aquilo que foi em uma peça literária, criando ambiência, emoção, razões e sensibilidades, em representações em que o critério da credibilidade suplanta o da veracidade”¹⁶⁹, coube ao público leitor de ambos jornais paraenses decidir entre inocente e culpado. O que aconteceu, portanto, na noite do dia 08 de agosto de 1922? Aconteceu a “Empreitada Sangrenta” como noticiou o *Estado do Pará*? Ou aconteceu “A Obra de um celerado” como publicou o *Folha do Norte*? O fato é que Raymundo Moraes estava armado, sacou de um revólver e feriu à queima roupa com vários tiros o peito de Heráclito Ferreira e o matou, tornando-se um homicida, um assassino; essa foi, sem dúvida, a maior inflexão da trajetória social de Raymundo Moraes... o maior deslocamento de sua vida.

Ausente da capital paraense e com o seu nome manchado de sangue, Raymundo Moraes não participou das efemérides no Pará para demarcar o Centenário da Independência do Brasil em 1922 e da Adesão do Pará à Independência do Brasil em 1923¹⁷⁰ como havia previsto. Mas, em Manaus, capital amazonense, despontou como grande intelectual como se nada tivesse acontecido no Pará, pois assumiu a Direção do Arquivo Público e da Biblioteca Pública e da Imprensa Oficial em dezembro de 1922 e dirigiu, nesse mesmo período, o jornal amazonense *Gazeta da Tarde*.

Em 1924, o jornalista e escritor paraense voltou a publicar um novo livro, *Notas dum Jornalista*, pela *Livraria Clássica Editora*, com mais de 15 anos depois da publicação de sua obra de estreia. Esse livro é uma coletânea de artigos publicados na Imprensa de Belém e de Manaus, daí o título da obra. Reuniu, principalmente, colaborações suas publicadas pelo *Estado do Pará* e pelo *Gazeta da Tarde*. Com esse livro, Raymundo Moraes começou a ser lido e admirado no Brasil: “As *Notas Dum Jornalista* (sic) contém um manancial respeitável de conhecimentos e felizes seríamos se os jornalistas do Rio fossem tão ilustrados como o nosso colega de Manaus”¹⁷¹. Os livros *Traços a Esmo*, de 1908, e *Notas Dum Jornalista*, de 1924 são como dois volumes, visto que ambos reúnem as colaborações de Raymundo Moraes nos periódicos do Norte do país.

¹⁶⁹ PESAVENTO, 2008, p. 369.

¹⁷⁰ “*Independência e adesão*, bem entendido, fazem parte de um mesmo jogo político no interior das genealogias intelectuais” (FIGUEIREDO, 2001, p. 194. Grifo no original).

¹⁷¹ VELLOSO, Antonio Leão. *Notas Dum Jornalista*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1924, num. 9.291, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Em 1924, Raymundo Moraes teve de buscar abrigo na Bolívia, pois a sua estada no Amazonas ficou bastante insegura com rumores de que seria recambiado para Belém do Pará e entregue à Justiça paraense para ser julgado pelo crime que cometeu, uma vez que o governador Cesar do Rego Monteiro havia sido deposto pelos tenentes. O governador do Amazonas, Cesar do Rego Monteiro, não poderia fazer mais nada para garantir a estada pacífica de Raymundo Moraes no Amazonas. Esse governador foi quem recebeu o escritor e jornalista paraense em 1922 e o apoiou, inclusive, nomeando-o para cargos públicos de grande projeção como Diretor do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública cuja gestão começou em cinco de dezembro de 1922 e se estendeu até a deposição do referido governador em 1924:

... se constata com satisfação que a repartição do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública, está sob a direção de um funcionário que se recomenda pela sua capacidade e que vai confirmando o honroso conceito que já havia conquistado entre os profissionais da imprensa. ¹⁷².

Mesmo com mais essa inflexão, o seu livro mais famoso “Na Planície Amazônica” foi escrito e publicado em 1926 pela Livraria Clássica Editora em Manaus no Amazonas. Apesar do grande sucesso de publicação do livro, o *Folha do Norte* não se rendeu aos inúmeros elogios ao livro e com a manchete do dia 10 de outubro de 1926, “O livro do assassino de Heraclito Ferreira: As baboseiras do texto, a voo de pássaro” ¹⁷³, fez questão de lembrar o assassinato de seu jornalista pelas mãos do autor de “Na Planície Amazônica”. A crítica que Paulo Maranhão imputou a Raymundo Moraes e a seus admiradores, depreciando com veemência o escritor e seu recém lançado livro chamou a atenção de outros periódicos que noticiaram:

Belém, 10 – A “Folha do Norte” publica uma crônica de um colaborador, analisando o livro do sr. Raymundo Moraes, intitulado “Planície Amazônica”, dizendo- o que é um trabalho cheio de baboseiras, entra em rigorosa e impressionante análise, lamentando que o sr. Ephigenio Salles mandasse adotar esse livro nas escolas públicas no Amazonas. ¹⁷⁴

A **Folha do Norte** publica um artigo de colaboração, analisando o livro do comandante Raymundo Moraes – Planície Amazônica – dizendo- o cheio de baboseiras e lamentando que o sr. Ephigenio Salles mandasse adotá-lo nas escolas amazonenses. ¹⁷⁵

¹⁷² MENSAGENS do Governador do Amazonas para a Assembleia (AM), Manaus, 14 jul. 1923, p. 130. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁷³ O LIVRO do assassino de Heraclito Ferreira: As baboseiras do texto, a voo de pássaro. *Folha do Norte*, Belém, 10 out. 1926, num. 11.215, p. 7. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

¹⁷⁴ O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAIZ. PARÁ. “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *O Imparcial*, São Luiz, 12 out. 1926, num. 140, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁷⁵ TELEGRAMAS. DOS NOSSOS CORRESPONDENTES. Brasil. Notícias de Pará. *A Província*, Recife, 14 out. 1926, num. 237, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

Raymundo Moraes, quando publicou o seu aclamado livro, já havia retornado da Bolívia e se encontrava, novamente, em Manaus/ AM. Devido ao sucesso de público e crítica do seu livro recém- lançado: “Foi nomeado representante d’ (sic) ‘O País’ no Rio em Manaus, o jornalista Raymundo Moraes, autor d’ (sic) ‘A Planície Amazônica’, livro que mereceu elogios do sr. Washington Luís”¹⁷⁶. Em 1931, ele retornou de Manaus para Belém, depois que foi impronunciado na sentença lida pelo juiz Manuel Maroja Neto (1880-1964) sob a alegação de que agira em legítima defesa e que, portanto, era considerado inocente não precisando ir a julgamento. Depois do *habeas-corpus* impetrado em seu favor, Raymundo Moraes voltou ao Pará e assumiu cargos públicos que envolviam grande prestígio como os cargos de secretário do gabinete de Magalhães Barata, inspetor de instrução pública e diretor do Arquivo Público e da Biblioteca Pública do Estado do Pará.

Belém, 17 (Western). O Tribunal de Justiça do Pará concedeu, hoje, o *habeas-corpus* impetrado em favor do escritor Raymundo Moraes, restabelecendo a sentença absolutória proferida, no processo do paciente, em primeira instância. O sr. Raymundo Moraes tem sido muito felicitado. O processo a que o *habeas-corpus* acaba de pôr termo era devido a um crime de assassinato.
177

A concessão desse *habeas-corpus* foi pauta também de um longo artigo do periódico *Diário Carioca* em 23 de janeiro de 1931, no qual tal concessão foi vinculada à vitória do grupo político que liderou a Revolução de 1930 no Pará:

Vitoriosa a Revolução, liberto o povo paraense, o mesmo Tribunal, induzido por uma petição de *habeas corpus* a pronunciar-se, de novo, sobre a causa, confirmou a decisão de primeira instância, que reconhecera, em favor do mencionado homem de letras, a dirimente invocada pelo respectivo patrono. *Habeas corpus* é o caso de dizer-se que, antes, conseguira, também, a própria corte, para poder fazer justiça...¹⁷⁸.

O regresso de Raymundo Moraes ao Pará não foi tão tranquilo quanto pareceu, pois, o juiz que o impronunciou sofreu várias agressões e insultos na Imprensa paraense,

¹⁷⁶ TELEGRAMAS. DA EDIÇÃO DA TARDE DE ONTEM. INTERIOR. O “JORNAL” NO PARÁ. *Jornal do Recife*, Recife, 10 ago. 1926, num. 184, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁷⁷ UM HABEAS- CORPUS. *O Imparcial*, São Luiz, 18 jan. 1931, num. 2.515, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Cf. também: DO AMAZONAS AO PRATA. PARÁ. Concessão de “*habeas-corpus*” em favor do escritor-autor do “Na Planície Amazônica”. Belém, 17. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1931, num. 221, p. 6; O HOMICÍDIO foi cometido em legítima defesa. Belém, 17. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1931, num. 11.069, p. 7; TELEGRAMAS (PELO RADIO NACIONAL e Western, da Agência Brasileira e correspondentes especiais. Do País. Pará. *O Imparcial*, São Luiz, 07 fev. 1931, num. 2.532, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁷⁸ DOIS HABEAS- CORPUS. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1931, num. 790, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

principalmente, oriundas dos jornalistas do *Folha do Norte* e seus apoiadores por essa ação. E os jornalistas contrários à decisão do *habeas corpus* que favoreceu a Raymundo Moraes não aceitavam o seu retorno à cidade de Belém do Pará como se o jornalista e escritor nada tivesse feito anos atrás – por motivo de divergências políticas, ele matara um jornalista – e ao invés de ser punido pelo crime que cometeu foi premiado com importantes cargos públicos no Amazonas e no Pará.

As contendas envolvendo Raymundo Moraes estavam longe de se encerrarem porque a nomeação a cargos públicos, à época, pertencia ao jogo político. Nesse período, “O referido grupo [membros do ‘Clube 3 de Outubro’] intimou também o sr. Raymundo Moraes a demitir-se da Biblioteca Pública do Estado, por considerá-lo solidário com a redação da ‘Crítica’”¹⁷⁹. O “Clube 3 de Outubro” era um grupo que pleiteou a liderança no imaginário do movimento revolucionário de 1930 que culminou com a dita Revolução de 1930 no Pará.

Essa notícia sobre a reivindicação do “Clube 3 de Outubro” pela demissão de Raymundo Moraes referiu-se ao seu suposto apoio à campanha de oposição política realizada pelo jornal *A Crítica*, sob a direção do jornalista João Malato, contra o governo de Magalhães Barata no Pará, inclusive, tal artigo acabou suscitando a desconfiança entre os próprios correligionários do interventor porque o referido jornal publicou “... um artigo, segundo o qual alguns amigos do governo estavam desejosos de que o major Magalhães Barata não regressasse à interventoria paraense”¹⁸⁰. Nessa ocasião, em resposta ao artigo citado, Magalhães Barata telegrafou ao diretor de *A Crítica*, João Malato:

... afirmando que lera o artigo e sabia que no Pará ficara muita gente ansiosa por que (sic) ele não regressasse ao seu posto. Mas todas as vis manobras dos seus adversários decaídos que tem aliados infelizes em seus inimigos de hoje, não prevaleceram, excluía a hipótese dele (sic) desmerecer a confiança do sr. Getúlio Vargas.

Diz em seguida, o interventor paraense, que só não voltará a exercer o seu cargo quando os paraenses disserem que ele desmereceu a sua confiança.¹⁸¹

Dessa forma, *A Crítica* conseguiu desestabilizar a base de apoio de Magalhães Barata sobre o debate quanto ao imediato retorno de Magalhães Barata ao Governo do Pará o que provocou repercussão negativa na base política baratista, fortalecendo a sua oposição.

¹⁷⁹ COMO se faz no Pará. Belém, 15. *A Província*, Recife, 16 abr. 1932, num. 36, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁸⁰ NOTAS E COMENTÁRIOS. Belém, 15 (A. N.). *Jornal do Recife*, Recife, 19 abr. 1932, num. 85, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁸¹ BRUTALIDADES contra a Imprensa. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1932, num. 664, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Entretanto, isso não foi suficiente para impedir Magalhães Barata de regressar ao Governo Estadual com a anuência de Getúlio Vargas. Esse desentendimento, entre Magalhães Barata e seus partidários e a oposição, culminou anos depois com um atentado a tiros contra João Malato como noticiou o jornal *O Combate* em 30 de dezembro de 1936¹⁸².

Para Raymundo Moraes, o epílogo desse processo que começou ainda com o atentado ao periódico paraense *A Província do Pará* representaria sua definitiva retirada do cenário político e jornalístico no Pará, dedicando-se completamente à carreira de escritor; agora os seus interesses repousavam apenas em sua entrada e estada no campo literário, pois as suas colaborações nos jornais e revistas da época concentraram-se apenas no teor literário sem o perigo de revisitar o seu recente passado conturbado, que envolveu o assassinato do jornalista Heráclito Ferreira do jornal paraense *Folha do Norte*, a sua prisão, sua fuga e exílio e as inúmeras agressões morais e físicas que sofreu e que também imputou ao longo da atuação de sua pena jornalística, desde a redação do jornal *A Província do Pará*, passando pela direção do periódico *A Tarde*, até a redação do jornal *Estado do Pará*. Devido a esses infortúnios vividos pelo jornalista e escritor Raymundo Moraes, ele receberia com espanto e tristeza o último dos ataques de seus adversários políticos, isto é, o boato de seu falecimento em 1937 que coroou esse processo de afastamento de Raymundo Moraes do jornalismo na Imprensa paraense.

1.4 As peripécias de “Um prócer da intelectualidade setentrional”

*Os arremessos
do caçador de símbolos
no mundo das letras.*

Na virada do século XIX ao XX no Pará, importantes associações culturais foram fundadas: o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) e a Academia Paraense de Letras (APL) estão entre elas; ambas criadas em três de maio de 1900. Raymundo Moraes, com seus quase 30 anos, não participou da fundação dessas associações, porque se dedicava com afinco às atividades náuticas. Entretanto, antes de estrear nas letras, seja no jornalismo ou na literatura, ele participou brevemente dos preparativos para a fundação de uma sociedade artística, recreativa e beneficente que se chamou “Atheneu Belenense”, acompanhando o seu irmão

¹⁸² ALVEJADO a tiros o jornalista escapou ao atentado. Belém, 27 (Aéreo). *O Combate*, Maranhão, 30 dez. 1930, num. 3.238, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Miguel Moraes, que já era professor no Instituto Lauro Sodré e seu confrade Nelson Noronha. Eles ficaram responsáveis pela execução dos trabalhos da Comissão de Estatutos da mesma sociedade ¹⁸³. Essa é a única vez que essa sociedade é mencionada. Depois aparece nos periódicos o “Atheneu Paraense”, mas não se trata da mesma sociedade.

Raymundo Moraes iniciou mesmo sua atuação nas letras amazônicas como jornalista em *A Província do Pará* – seus escritos, no início, eram apenas sobre suas experiências náuticas, mas depois também passou a colaborar sobre política como já foi mencionado neste trabalho. Devido começar a atuar na Imprensa local através das colaborações nesse periódico paraense, aproximou-se, politicamente, do grupo de intelectuais (jornalistas, escritores e artistas) que apoiava Antonio Lemos no Pará, pois esse jornal reunia seus apoiadores e militantes do lealismo. Foi quando começou a atuar no jornalismo ao lado de Antonio Lemos (1843-1913) contra Lauro Sodré (1858-1944).

Foi membro efetivo da Academia Paraense de Letras (APL) no período de sua refundação em 1913. Ele ocupou a cadeira de número 15 da APL, cujo patrono é Domingos Soares Ferreira Pena (1818-1888): “Reúnem hoje, (...), os membros da Academia recentemente fundada nesta capital. (...) Os 40 membros de que as (sic) compõe a Academia são os seguintes: (...) comandante Raymundo Mores...”. ¹⁸⁴ Seu nome voltou a circular no período de reorganização da APL em 1927 entre os nomes dos sócios fundadores de 1913, visto que essa Associação já havia sido fundada em 1900 (juntamente com o IHGP), entretanto, ficou desativada até 1913, quando os intelectuais começaram, novamente, a se mobilizar para retomar as suas atividades no interior da APL. Em 1900, Raymundo Moraes ainda não atuava no domínio das letras e, portanto, não se alinhava a nenhum grupo de intelectuais, mas em 1913, já era um conhecido jornalista, o “comandante Moraes”.

Reuniram-se os elementos que promovem o ressurgimento da Academia Paraense de Letras, sendo fornecida uma lista aos sócios fundadores, num total de 37 homens de letras, pois não foram preenchidas as três vagas restantes. Nesta lista figuram os seguintes nomes: (...) Raymundo Moraes, (...). Desses intelectuais, que fundaram a Academia em 1913, (...), achando-se ausentes do Pará os srs. Raymundo Moraes, (...). Assim, dos 37 fundadores da Academia, restam em Belém apenas dezessete.

¹⁸⁵

¹⁸³ ATHENEU Belenense. *O Pará*, Belém, 12 mar. 1900, num. 679, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁸⁴ DIA SOCIAL. Academia Paraense de Letras. *Estado do Pará*, Belém, 31 ago. 1913, num. 872, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁸⁵ O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. *O Imparcial*, São Luís, 07 ago. 1927, num. 427, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Tornou-se membro efetivo também da Academia Amazonense de Letras ¹⁸⁶ no início dos anos de 1920 depois que mudou para Manaus, capital amazonense, devido ter cometido o crime de homicídio de Heráclito Ferreira em Belém do Pará para fugir de seus desdobramentos jurídicos e políticos. No mesmo período, assumiu cargos políticos ligados as suas atividades intelectuais como a Direção do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública do Amazonas ¹⁸⁷ e foi Diretor do jornal amazonense *Gazeta da Tarde*, como já foi mencionado.

Segue fotografia de Raymundo Moraes entre os membros da AAL, da esquerda para a direita: sentados – José Chevalier, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Araújo Lima e Waldemar Pedrosa; e em pé: Benjamim de Souza, Huascar de Figueiredo, Raymundo Moraes, Coriolano Durand, Araújo Filho, Raul de Azevedo e João Leda.

Figura 10. Fotografia de Raymundo Moraes entre membros da Academia Amazonense de Letras, 1924.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1924, num. 1.113, p. 28. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁸⁶ “Em dezembro [de] 1917 alguns escritores reuniram-se sob a liderança de Benjamin Lima, Pericles Moraes e José Chevalier e diante de um quadro de desastre econômico e esvaziamento urbano de Manaus, talvez estimulados pela fundação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas em março daquele ano, retomaram a ideia de uma entidade literária.

A entidade foi criada após três reuniões de debates, estudos do estatuto e escolha de patronos para as Cadeiras, sendo fundada em 1.º de janeiro de 1918 e instalada a 7 do mesmo mês com a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras”. Somente em 1920, receberia o nome de Academia Amazonense de Letras (AAL)” (Disponível em <<http://academiaamazonensedeletras.com/historico.html>>. Acesso em 25.09.2018).

¹⁸⁷ MENSAGENS do Governador do Amazonas para a Assembleia (AM), Manaus, 14 jul. 1923, p. 130. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Com exceção de Raymundo Moraes e Waldemar Pedrosa, todos posando na comemoração do natalício do então presidente da AAL, Adriano Jorge, foram sócios fundadores da Academia Amazonense de Letras e dentre eles foram presidentes dessa Associação literária em contextos diferentes: Adriano Jorge – no período de 1918 a 1948, Pericles Moraes – de 1948 a 1955, João Leda – de 1955 a 1956 e Waldemar Pedrosa – de 1956 a 1958.

Depois de publicados seus quatro primeiros livros, *Traços a Esmo*, 1908, *Notas Dum Jornalista*, 1924, *Na Planície Amazônica*, 1926, em 1ª e 2ª edições e *Cartas da Floresta*, 1927 e do grande sucesso de público e de crítica de *Na Planície Amazônica*, Raymundo Moraes sentiu-se estimulado a inscrever-se no concurso literário da Academia Brasileira de Letras¹⁸⁸ com esse livro, em segunda edição, na categoria de Ensaio: “Pedindo o edital para concursos de 1927, publicado a 10 de novembro de 1926, no seu número IV – ensaios – os seguintes temas: ‘Estudos de folclore e etnografia do Brasil’...”¹⁸⁹. Ele concorreu nessa categoria com sete obras de autores, na época, conhecidos e atuantes nos círculos letrados, com o destaque para Rodolpho Garcia (1873-1949)¹⁹⁰ que na ocasião do concurso já pertencia, inclusive, ao quadro social do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e anos depois desse concurso tornar-se-ia membro efetivo da ABL.

Encerraram-se no dia 31 de março findo, as inscrições de candidatos dos concursos literários da Academia Brasileira de Letras do corrente ano. Nas diferentes seções dos concursos, foram feitas as seguintes inscrições: (...) **Prêmios da Academia Brasileira** (Obras publicadas em 1926): Ensaio: 1 – “Joazeiro do Padre Cícero”, de Lourenço Filho; 2 – “Folk-lore (sic) brasileiro”, de Daniel Gouveia; 3 – “*Na Planície Amazônica*”, de Raymundo Moraes; 4 – “Vocabulário gaúcho”, de Roque Callage; 5 – “Outras terras e outras gentes”, de Raymundo de Menezes; 6 – “Gente do mar”, de Gastão Penalva; 7 – “Glossário das palavras e frases da língua tupy”, de Rodolpho Garcia.¹⁹¹

¹⁸⁸ Para entender melhor o papel dos concursos literários realizados pela ABL, ver: “Academia Brasileira de Letras, Patrocínio Oficial e Concursos Literários durante a República Velha” de João Paulo C. de S. Rodrigues, artigo publicado em BRAGANÇA e ABREU (org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

¹⁸⁹ Revista da ABL, 1928, p. 80.

¹⁹⁰ Jornalista e intelectual brasileiro, foi membro efetivo do IHGB desde 1921 e a partir de 1943, tornou-se seu sócio benemérito. Na década de 1930, seria eleito para a vaga de Rocha Pombo (1857-1933) em 1934 na cadeira 39 da ABL e tornar-se-ia membro efetivo da ABL em 1935. Hoje dá nome a uma das bibliotecas da ABL. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>>. Acesso em 14.09.2018.

¹⁹¹ OS CONCURSOS LITERÁRIOS da Academia Brasileira. Os trabalhos inscritos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 abr. 1927, num. 81, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original e meu. As inscrições foram também publicadas em São Paulo pelo *Correio Paulistano*: ACADEMIA BRASILEIRA. RECEPÇÃO do professor Arturo Farinelli, concursos de 1927. *Correio Paulistano*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1927, num. 22.877, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Depois da avaliação de todos os livros inscritos no pleito, a Comissão julgadora do concurso literário da ABL, categoria Ensaio, formada pelos acadêmicos Gustavo Barroso (1888-1959) (relator), João Ribeiro (1860-1934) e Dantas Barreto (1850-1931) declarou o vencedor e a justificativa para o primeiro lugar no concurso:

Dos livros restantes, em número de sete, a Comissão não podia deixar de pôr em relevo, em primeiro lugar, *Na Planície amazônica*, de Raymundo Moraes. É um dos raros livros fortes, verdadeiramente brasileiros, que tem aparecido estes últimos tempos. O estilo do autor é tão pujante quanto a natureza amazônica que ele descreve, para dentro dela localizar os homens e desenvolver as lendas. Obra de energia criadora e de beleza literária é ao mesmo tempo, obra de etnografia e folclore dessa vasta e misteriosa Amazônia, que um dia há de deslumbrar o mundo. A Comissão tem o prazer de propor à Academia este livro para o prêmio de Ensaio de 1927.¹⁹²

Depois da divulgação na Imprensa brasileira do resultado do concurso literário, dando o primeiro lugar ao livro *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes, toda a sua obra até então publicada acabou por conquistar de vez o público leitor e crítico da época, pois: “A resolução da culta assembleia veio consagrar um livro, que a crítica unânime do nosso país já havia eleito como um dos mais formosos e fortes produtos da intelectualidade nacional”¹⁹³. E Raymundo Moraes conseguiu, então, ingressar nos círculos letrados do país como o grande e ilustre escritor da Amazônia: “A Academia Brasileira de Letras teve um gesto brilhante premiando esse homem”¹⁹⁴.

Várias notícias foram publicadas aclamando-o e o colocando na galeria dos mais importantes escritores brasileiros da época e se fazia questão de registrar as felicitações endereçadas a Raymundo Moraes pela vitória nesse concurso literário. O periódico carioca *O País*, por exemplo, no dia 19 de novembro de 1927, publicou a nota de congratulação “‘Na Planície Amazônica’, de Raymundo Moraes” que tinha como subtítulo, “o nosso ilustre colaborador tem sido muito felicitado”, visto que à época, Raymundo Moraes representava o jornal carioca em Manaus/ AM. Nessa notícia, registraram-se os cumprimentos do Presidente da AAL, Adriano Jorge, do poeta amazonense Raymundo Monteiro, que era membro da AAL, do Governador do Amazonas, Ephigenio Salles e do Prefeito de Manaus, Araujo Lima.¹⁹⁵

¹⁹² Revista da ABL, 1928, p. 81.

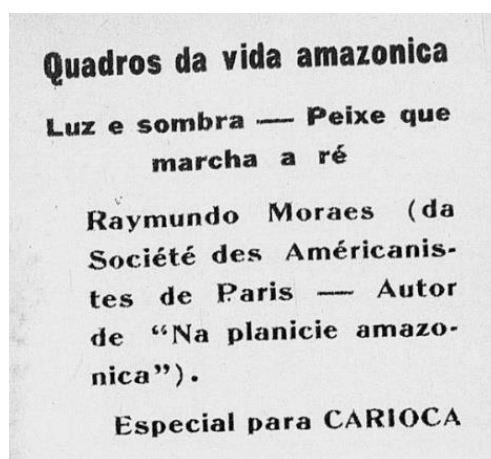
¹⁹³ FOI PREMIADA “Na Planície Amazônica”, de Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1927, num. 15.729, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁹⁴ LIVROS & REVISTAS. PUBLICAÇÕES que nos enviaram. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 dez. 1927, num. 8.271, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁹⁵ “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”, DE RAYMUNDO MORAES. O nosso ilustre colaborador tem sido muito felicitado. *O País*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1927, num. 15.735, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Essa conquista de Raymundo Moraes foi decisiva em seu percurso de escritor, pois a partir de 1927 o interesse pela sua obra aumentou muito e ele começou a ser lido e comentado, inclusive, por todo o país e até fora do Brasil. Em 1927, foi eleito sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e em 1928, eleito sócio da *Société des Américanistes de Paris*: “A Sociedade dos Americanistas, de Paris, acaba de enviar-lhe o diploma de sócio, depois de uma eleição unânime”¹⁹⁶. A partir de 1928, o jornalista e escritor paraense passou a assinar as suas colaborações nos periódicos e a incluir em seus livros publicados o nome próprio: “Raymundo Moraes (da *Société des Américanistes de Paris*)”.

Figura 11. Raymundo Moraes da *Société des Américanistes de Paris*, 1936.



Fonte: *Carioca*, Rio de Janeiro, 10 out. 1936, num. 51, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Após a vitória no prêmio de Ensaios da ABL, Raymundo Moraes começou a ser visado e, portanto, foi convidado para retornar a cargos públicos importantes ligados ao prestígio das suas atividades intelectuais como a Direção do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública do Amazonas: “Tivemos a comunicação de haver assumido a direção do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública o ilustre escritor Raymundo Moraes, nome brilhante e nosso nobre colaborador”¹⁹⁷. Assim como seu nome foi também disputado, no mesmo período, para participar de Associações culturais como a Sociedade Literária dos Novos em Manaus no

¹⁹⁶ ESCRITORES NORTISTAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, 08 jun. 1928, num. 8.423, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

¹⁹⁷ ARQUIVO, Biblioteca e Imprensa Pública do Amazonas. *O País*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1930, num. 16.540, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Estado do Amazonas, fundada em 1930, que o convidou para assumir o patronato de uma das cadeiras da referida Associação ao lado do general Candido Marinho da Silva Rondon (1865-1958)¹⁹⁸, o conhecido Marechal Rondon.¹⁹⁹ Essa Sociedade Literária reunia a “mocidade” do Amazonas que atuava nas letras, isto é, tanto os jovens escritores e jornalistas em idade, como também a denominação “Novos” incluía a ambiguidade do final dos anos de 1920 quanto ao Modernismo, como movimento intelectual, artístico e literário e também incluía a aproximação ao ideário político que culminou com a Revolução de 1930. Os ideais que estimulavam as atividades da Sociedade Literária dos Novos também motivaram a fundação do Clube da Madrugada em 1954.

A popularidade de Raymundo Moraes cresceu bastante entre os intelectuais, jornalistas e escritores da época e ele ganhou admiradores e confrades na capital federal, sendo, inclusive, até homenageado, em sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1931, através de uma Festa de Arte realizada na Associação dos Artistas Brasileiros pelo Centro Literário de Copacabana²⁰⁰ e

¹⁹⁸ Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em Santo Antônio de Leverger/ MT, em 1865 e morreu no Rio de Janeiro/ RJ em 1958. “Militar, cursou a Escola Militar do Rio de Janeiro e, em 1889, ingressou na Escola Superior de Guerra. Foi aluno de Benjamin Constant, de quem recebeu a formação positivista que conservou por toda a vida. Ainda em 1889, participou do movimento político-militar no Rio de Janeiro que derrubou a monarquia e instituiu o regime republicano no país. Em 1891, tornou-se professor da Escola Militar. Nesse mesmo ano, participou pela primeira vez da construção de linhas telegráficas no interior do Brasil, atividade a qual se dedicaria durante grande parte da sua vida. Estabeleceu, então, contatos amistosos com indígenas no estado do Mato Grosso, em regiões próximas à fronteira com o Paraguai e a Bolívia, iniciando, inclusive, a demarcação de suas terras. Em 1906, suas atividades estenderam-se à Amazônia, para onde também foi enviado com a finalidade de construir linhas telegráficas. Nessa ocasião, passou cerca de quatro anos internado na selva, chegando a Manaus somente em 1910. Nesse mesmo ano foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), do qual se tornou o primeiro diretor. Durante a década de 10, deu continuidade às suas experiências de contato com os povos indígenas, promovidas através de expedições científicas e de reconhecimento do território que se estende do Mato Grosso à Amazônia. Em 1919, recebeu a patente de general do Exército. No segundo semestre de 1922, deu combate, em regiões situadas entre os estados do Paraná e Santa Catarina, aos rebeldes militares que meses antes haviam se insurgido contra o governo federal em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e que logo em seguida dariam origem à Coluna Prestes. Em 1930, encontrando-se no Rio Grande do Sul, foi preso durante alguns dias pelas forças revolucionárias que levaram Getúlio Vargas ao poder por se declarar fiel ao presidente deposto, Washington Luís. Entre 1934 e 1938, presidiu a delegação brasileira que mediou as negociações entre Bolívia e Peru, em torno da disputa pelo controle do porto de Letícia. Em 1934, foi nomeado para a presidência do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Manifestou apoio à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, no início da década de 40. Detentor de enorme prestígio dentro e fora do Brasil, recebeu diversas homenagens significativas: em 1955, o Congresso brasileiro conferiu-lhe honras de marechal; no ano seguinte, o território brasileiro de Guaporé foi rebatizado com o nome de Rondônia; e, em 1957, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz (Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/candido_rondon>. Acesso em 29.09.2017. Acervo CPDOC - FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

¹⁹⁹ TELEGRAMAS, CARTAS e Informações dos Estados. Amazonas. *O País*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1930, num. 16.546, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁰⁰ HOMENAGEM AO ESCRITOR DA “Planície Amazônica”. A festa de amanhã na Associação dos Artistas Brasileiros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1931, num. 441, p. 1; e HOMENAGEM AO ESCRITOR RAYMUNDO Moraes. O autor do “País das Pedras Verdes” falará dos homens e das coisas do Amazonas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1931, num. 442, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

através também de um almoço oferecido no Automóvel Club ²⁰¹ pelos intelectuais, jornalistas e escritores do Rio de Janeiro.

... ficou definitivamente assentada para o próximo sábado, as 17 horas, na Associação dos Artistas Brasileiros, à rua Gonçalves Dias, 16, a festa que o Centro Literário de Copacabana, com a adesão de vários dos nossos escritores oferecerá a Raymundo Moraes, o festejado prosador amazonense da “Planície Amazônica” e do “País das Pedras Verdes”.

Vários intelectuais lerão páginas sobre aquele homem de letras, que após fará uma palestra sobre “Homem e coisas do Amazonas”. ²⁰²

Figura 12. Fotografia de Raymundo Moraes no Rio de Janeiro no almoço no Automóvel Club, 1931.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1931, num. 1.483, p. 18. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. ²⁰³

Após o grande sucesso do livro *Na Planície Amazônica*, com a premiação no concurso literário da ABL e com a homenagem que recebeu na capital federal por parte dos intelectuais – artistas, jornalistas e escritores – Raymundo Moraes, estimulado pelos seus confrades do Norte

²⁰¹ HOMENAGEM A UM escritor nortista. O almoço de hoje ao sr. Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1931, num. 497, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁰² SERÁ no próximo sábado a homenagem ao escritor Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1931, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁰³ Essa fotografia também foi impressa na revista ilustrada *Para Todos*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1931, num. 649, p. 24. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

do país, decidiu pleitear sua entrada à “torre de marfim”²⁰⁴, isto é, à “Casa de Machado de Assis”²⁰⁵. Com o falecimento de Graça Aranha (1868-1931), que era acadêmico ocupante da cadeira de número 38 da ABL, a ABL abriu as inscrições à candidatura para as eleições à vaga do autor de *Canaã* durante todo o mês de março de 1931. Raymundo Moraes, portanto, endereçou uma carta de intenção em participar do pleito:

Encerraram-se (...) as inscrições de candidatos à vaga de Graça Aranha, a qual concorrem os senhores: Menotti Del Pichia, Homero Pires, Liberato Bittencourt, Osorio Dutra, *Raymundo Moraes*, Santos Dumont e Abelardo Lobo.²⁰⁶

Na Imprensa brasileira, com a validação das inscrições por parte da ABL, começou a defesa dos nomes para a vaga do romancista de *Canaã* e Raymundo Moraes, que se encontrava no Rio de Janeiro por conta da publicação do seu livro *Meu Dicionário das cousas da Amazônia*, começou a costurar a votação de seu nome à Cadeira 38 da ABL. Nesse processo, conheceu pessoalmente o jornalista Silva Lobato dos *Diários Associados*, conquistando a sua admiração e sua indicação à ABL dentre todos os inscritos. Raymundo Moraes foi fotografado entre Carlos Pontes e Silva Lobato, quando se candidatou à vaga de Graça Aranha na ABL, 1931.

... apareceu agora um novo candidato que, pelos seus méritos e pela sua bagagem, pode conquistar, espontaneamente, o beneplácito unânime dos ‘imortais’ inquilinos da Casa de Machado de Assis. Raymundo Moraes é um festejado nome de escritor e jornalista do extremo Norte, que prescinde de referências elogiosas e de credenciais especialíssimas. Não é um expoente político, é antes um prócer da intelectualidade setentrional. É simplesmente, legitimamente, um homem de letras.²⁰⁷

²⁰⁴ Essa expressão refere-se ao discurso de Machado de Assis em 1897: “[...] a Academia Brasileira de Letras tem que ser o que são as instituições análogas: uma torre de marfim [...]” Machado de Assis, 1897 (apud Campos, 1935, p. 5)” (VELLOSO, 2003, p.150).

²⁰⁵ LOBATO, Silva. Um lindo sonho de um caçador de símbolos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1931, num. 282, p. 19. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁰⁶ NA ACADEMIA BRASILEIRA – Os trabalhos na última semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1931, num. 78, p. 20. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

²⁰⁷ LOBATO, Silva. Um lindo sonho de um caçador de símbolos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1931, num. 282, p. 19. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

Figura 13. Fotografia de Raymundo Moraes no Rio de Janeiro, 1931.



Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1931, num. 1.483, p. 19. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Nessas eleições, desde o período de inscrição dos candidatos, houve certa confusão que foi publicada em detalhes na Imprensa brasileira, especialmente, na carioca: “Graça Aranha, Mesmo Depois de Morto, Agita o ‘Petit Trianon’”²⁰⁸. Tal confusão começou em torno da autenticidade da inscrição do “pai da aviação” no pleito quando surgiram algumas dúvidas e isso sacudiu a “Casa de Machado de Assis”. Em primeiro lugar, a ABL recebeu um telegrama solicitando a inscrição de Alberto Santos Dumont (1873-1932), com a assinatura do mesmo, porém, tal telegrama era endereçado à “Academia Brasileira de Ciências e Letras” e se sabe que a Academia Brasileira é somente de Letras – surgiu, portanto, a primeira dúvida: será que a ABL era mesmo o destino correto do telegrama? – a essa altura já estavam inscritos os seis concorrentes ao pleito. Depois de analisar o telegrama, apesar do fiasco da nomenclatura, a ABL decidiu inscrever mesmo assim Santos Dumont porque a assembleia dos imortais

²⁰⁸ GRAÇA ARANHA, Mesmo Depois de Morto, Agita o “Petit Trianon”. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, 02 jun. 1931, num. 1041, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

entendeu que houve um “equivoco desculpável” por parte do inventor brasileiro e que ele tinha mesmo o desejo de se inscrever para concorrer à vaga de Graça Aranha na ABL.²⁰⁹

Após a validação da candidatura de Santos Dumont, a assembleia da ABL começou a debater sobre os nomes dos inscritos e chegou à conclusão de que o mais acertado a fazer seria estimular aos concorrentes inscritos às eleições que desistissem do pleito em homenagem e respeito à contribuição de Santos Dumont para que o “pai da aviação” fosse aclamado de forma unânime na ABL. Raymundo Moraes retirou, imediatamente, seu nome para as eleições em favor da candidatura de Santos Dumont, como a ABL sugeriu: “Como homenagem ao notável inventor, retiraram as suas candidaturas os srs. Raymundo Moraes, Liberato Bittencourt e Menote del Picchia”²¹⁰. Segue a transcrição da carta de Raymundo Moraes enviada à ABL, representada pelo seu então presidente, Fernando Magalhães (1878-1944), em que o jornalista e escritor paraense retirou o seu nome da concorrência à vaga de Graça Aranha:

O escritor paraense Raymundo Moraes, ora entre nós, era um dos mais sérios concorrentes à vaga de Graça Aranha, na Academia Brasileira de Letras. Não se houvesse nela inscrito Santos Dumont e talvez coubesse ao prosador da “Na Planície Amazônica”, sentar-se na cadeira que o romancista de “Canãa” ocupou.

Querendo prestar uma homenagem a Santos Dumont, o sr. Raymundo Miranda (sic) retirou a sua candidatura (...)

“Venho pela presente renunciar a minha candidatura a membro dessa ilustre corporação, ciente como estou de que o eminente sr. dr. Santos Dumont aquiesce a pleitear a sua, devendo, pois, devidamente, ingressar para o grêmio dos imortais, onde seu nome vai refulgir por tantos títulos e benemerências. Quero, assim, cooperar também com a minha obstenção (sic) nesse ato de pura justiça, com que a mais alta instituição intelectual do meu país vai reverenciar uma das individualidades mais riosas e eficientes da cultura universal. Trazendo à Academia meus aplausos pelo acerto da escolha, exprimo a v. ex. e a seus eminentes confrades os meus atenciosos respeitos e afetuosos cumprimentos. De v. ex. admirador fervoroso – (a) Raymundo Moraes – Rio, 3 de junho de 1931”.²¹¹

No entanto, ainda restavam três candidatos para a concorrência com Santos Dumont à vaga de Graça Aranha, mas a ABL começou a divulgar apenas a concorrência de Homero Pires (1887-1962) como estratégia de eleger por unanimidade a Santos Dumont. Quase às vésperas

²⁰⁹ SANTOS DUMONT NA Academia Brasileira de Letras. *O Dia*, Rio de Janeiro, 07 jun. 1931, num. 513, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹⁰ A ELEIÇÃO de hoje na Academia Brasileira de Letras. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 jun. 1931, num. 513, p. 1; e A BORDO DO “Lutelia” chegará amanhã da Europa o grande inventor Santos Dumont. Um radiograma do Pai da Aviação aos Diários Associados e uma carta do sr. Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1931, num. 516, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹¹ A BORDO DO “Lutelia” chegará amanhã da Europa o grande inventor Santos Dumont. Um radiograma do Pai da Aviação aos Diários Associados e uma carta do sr. Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1931, num. 516, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

das eleições, a ABL recebeu outro telegrama de Santos Dumont, retirando-se do pleito. Assim, outra dúvida pairou sobre a assembleia dos imortais, mais uma vez, sobre a autenticidade do telegrama – seria mesmo ele o autor do telegrama que dizia: “Enfermo, candidatura inexistente”²¹² ? Surgiu, portanto, outro impasse - a ABL deveria manter ou cancelar a candidatura do inventor brasileiro? – Então, a Secretaria da ABL pediu confirmação sobre a candidatura de Santos Dumont através de um radiograma e resolveu de imediato manter a candidatura até à sessão que decidiria quem seria o acadêmico que ocuparia a Cadeira 38.

Várias candidaturas haviam sido retiradas a partir do pedido da ABL, restando apenas os nomes de Homero Pires e Abelardo Lobo às eleições. Além disso, muitas decisões tomadas pela Assembleia dos imortais tiveram como objetivo manter a inscrição e indicação, a todo custo, do “pai da aviação” nas eleições de 1931 desde o primeiro telegrama. Então, no dia quatro de junho de 1931, a ABL iniciou a sessão, mas teve de votar a realização ou não das eleições nesse dia devido ao último desencontro no processo de escolha do sucessor de Graça Aranha, isto é, quanto à retirada ou não da candidatura de Santos Dumont. Houve empate na concorrência: 11 votos a favor e 11 votos contra a realização das eleições nessa ocasião. O presidente da ABL, Fernando Magalhães (1878-1944), teve de votar novamente pelo desempate e votou a favor de que se prosseguissem os trabalhos.

As eleições à vaga de Graça Aranha iniciaram-se. No primeiro escrutínio, Santos Dumont venceu, porém, não com a maioria absoluta, pois recebeu 19 votos e Homero Pires 12 votos. Nesse sentido, houve a necessidade da realização do segundo escrutínio e Santos Dumont recebeu 19 votos, Homero Pires recebeu oito votos, Abelardo Lobo recebeu um voto e houve três votos em branco. Ao se concluírem as eleições e se dar por encerrada a sessão que elegeu Santos Dumont a sucessor de Graça Aranha, a resposta do radiograma chegou em forma de telegrama a Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Secretário da ABL: “Medeiros Albuquerque – (...) Santos Dumont muito doente. Telegramas autênticos. Candidatura inexistente”²¹³. E a partir daí os acadêmicos lamentaram por todos os equívocos cometidos a fim de se eleger Santos Dumont, sem ele sequer ser verdadeiramente um candidato. Ele estava tão debilitado que não conseguiu restabelecer-se para tomar posse, falecendo em 23 de julho de 1932, sendo sucedido por Celso Vieira (1878-1954), eleito em 20 de julho de 1933.

²¹² SANTOS DUMONT NA Academia Brasileira de Letras. *O Dia*, Curitiba, 07 jun. 1931, num. 2.269, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹³ SANTOS DUMONT NA Academia Brasileira de Letras. *O Dia*, Curitiba, 07 jun. 1931, num. 2.269, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O nome de Raymundo Moraes regressou à cena no palco da ABL por ocasião do debate sobre a ocupação da vaga aberta na Cadeira de número 39 devido à morte do acadêmico Alberto de Faria (1865-1931). A ABL ofereceu a cadeira ao então ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco (1870-1943), que seria eleito unanimemente pela Assembleia se aceitasse o convite, porém, como ele ainda não havia se manifestado pela sua candidatura, a ABL discutiu também sobre o nome mais adequado a substituí-lo caso ele declinasse do convite dos imortais para ocupar tal vaga.

Vários nomes foram citados como o do escritor nortista que retirou a sua candidatura à vaga de Graça Aranha em favor de Santos Dumont: “... serão candidatos à sucessão do historiador de ‘Mauá’, os srs. Mucio de Leão, Homero Pires e Raymundo de (sic) Moraes”²¹⁴; E “Daí o boato que está correndo de que já pretendem inscrever-se ao ‘fauteuil’ do historiador de Mauá os srs. Max Fleuiss, Raymundo de (sic) Moraes, Mucio Leão e Homero Pires”²¹⁵. Além deles, no debate dos imortais, o nome de Tristão de Athayde (1883-1983) foi lembrado e o de Oswaldo Orico (1900-1981) também foi lembrado, pois este havia declarado que estaria disposto a concorrer nas eleições da Cadeira 39 da ABL até mesmo se precisasse disputar a vaga com o candidato favorito da ABL que era Afrânio de Melo Franco.

Para a vaga de Alberto de Faria, as eleições foram animadas, até mais do que as eleições à vaga de Graça Aranha em 1931. Ocorreram duas eleições em 1932, a primeira em sete de abril e a segunda em dez de novembro. Para as eleições de abril de 1932, inscreveram-se Max Fleuiss (1868-1943), Oswaldo Orico, Maurício de Medeiros (1885-1966), Lindolfo Gomes (1875-1953), Getulio Shilling e Silvio Julio²¹⁶. Raymundo Moraes não quis disputar o pleito, apesar de citarem o seu nome para a disputa da referida vaga. A ABL realizou quatro escrutínios, entretanto, nenhum candidato conseguiu eleger-se com a maioria absoluta dos votos; venceram Max Fleuiss e Maurício de Mendonça, somente Getulio Shilling não conseguira nenhum voto nos quatro escrutínios²¹⁷. Daí o preenchimento à vaga de Alberto de Faria teve de ser adiado para outra ocasião²¹⁸.

²¹⁴ NOTAS MUNDANAS. LETRAS E ARTES. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 dez. 1931, num. 4.011, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹⁵ H. A.. “*Bric á Brac*”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 dez. 1931, num. 533, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹⁶ AS ELEIÇÕES DE HOJE NA ACADEMIA BRASILEIRA. VÁRIOS são os candidatos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 abr. 1932, num. 11.447, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹⁷ INFORMAÇÕES. ACADEMIA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1932, num. 657, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²¹⁸ JOÃO JOSÉ. “Vida Social. Um prelo animado”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1932, num. 11.448, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O jornal catarinense *A Notícia*, edição de 11 de novembro de 1932, comentou que para as novas eleições à vaga de Alberto de Faria estavam: “... concorrendo os srs. Francisco Campos [1891-1968], Sertorio de Castro, Silvio Julio e Mauricio de Medeiros. Os prognósticos são favoráveis ao sr. Silvio Julio”²¹⁹. Apesar da respeitabilidade de cada candidato inscrito, também não foi dessa vez que se conheceu o sucessor na ABL do autor de “Mauá”. Somente na terceira tentativa de se eleger o acadêmico que ocuparia a Cadeira 39 da ABL, quando Francisco Campos retirou a sua candidatura, é que as eleições tiveram o resultado esperado: “Logo no primeiro escrutínio obteve o sr. Rocha Pombo 24 votos, contra três que foram dados ao sr. Silva (sic) Julio”²²⁰. Diante de todo esse imbróglio, que fora acompanhado por Raymundo Moraes desde a concorrência à vaga de Graça Aranha em 1931, o jornalista e escritor paraense afastou-se, paulatinamente, das instituições literárias: da ABL e suas congêneres no Amazonas e no Pará.

Raymundo Moraes não se inscrevera mais para concorrer às eleições da ABL e, dessa forma, nunca conseguira ingressar à “Casa de Machado de Assis”, apesar de seguir sua carreira de escritor com um fiel público leitor e com uma crítica simpática e elogiosa ao seu estilo de escrita e ao conteúdo de suas obras publicadas por toda a década de 1930. A sua tentativa malograda de adentrar à ABL voltou a ser comentada na ocasião em que se noticiou a sua falsa morte em 1937²²¹ e na ocasião da defesa do projeto de reforma do sistema de eleições da ABL no final do ano de 1940, poucos meses antes do seu falecimento em 1941.

O projeto de reforma da ABL apresentado pelo acadêmico Cassiano Ricardo (1895-1974) à apreciação da assembleia dos imortais incluiu uma dura crítica ao então atual sistema de preenchimento das vagas na ABL. Um critério muito criticado pelo acadêmico no sistema vigente e que deveria ser, portanto, superado era a exigência de que os candidatos tivessem domicílio no estado do Rio de Janeiro: “O que acontece é que um Raymundo Moraes não é membro da Academia por morar no Amazonas”²²². Esse critério também deixou Erico Veríssimo fora da Academia Brasileira. Talvez esse tenha sido o verdadeiro motivo da desistência de Raymundo Moraes à vaga de Graça Aranha e que tenha o desestimulado também

²¹⁹ ELEIÇÃO NA ACADEMIA DE LETRAS. *A Notícia*, Joinville, 11 nov. 1932, num. 1.284, p. 4; e ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. REALIZA-SE hoje a eleição para a vaga de Alberto de Faria. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1932, num. 4.303, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²²⁰ O NOVO ACADÊMICO. A Academia Brasileira elegeu, ontem, o sr. Rocha Pombo para a vaga de Alberto de Faria. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1933, num. 11.743, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²²¹ REGO, Pedro da Costa. Raymundo Moraes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1937, num. 13.222, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²²² A REFORMA DA Academia. Os Debates – A Proposta de Cassiano Ricardo – Fala a “Vamos Ler!” o autor do projeto. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 31 out. 1937, num. 222, p. 51. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

a se inscrever para disputar a vaga de Alberto de Faria, apesar de citado o seu nome, ou para disputar quaisquer outras vagas abertas na década de 1930.

Raymundo Moraes, desde a publicação de *Na Planície Amazônica* em 1926 e a sua consagração como um escritor premiado pela ABL em 1927, usufruiu de uma efêmera posição dentro do campo literário brasileiro, conseguindo certa legitimidade ao ingressar nos círculos letrados da época, daí os convites à tradução de sua obra para outras línguas, a homenagem que recebeu em sua passagem pela capital federal em 1931 e a participação em algumas Associações culturais, porém, o sucesso do livro e o prêmio que ganhou da mais alta Sociedade de Letras do país não foram capazes de o manter permanentemente no interior desse campo porque, como reconheceu Pierre Bourdieu (1996, p. 244) no seu livro *As Regras da Arte*:

Muitas das práticas e representações de artistas e escritores (...) não se deixam explicar senão por referência ao campo do poder, no interior do qual o próprio campo literário (etc.) ocupa uma posição dominada. O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes e instituições que tem em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos.

A análise de Bourdieu (1996, p. 244) é válida para pensar o fato de Raymundo Moraes receber, por exemplo, o título de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), mas não conseguir ingressar ao IHGP, instituição congênere do IHGB sediada em sua cidade natal. Desde a fundação do IHGP em 1900, Raymundo Moraes manteve-se à margem desse grupo de intelectuais, visto que ainda não atuava nas letras no Pará. Entretanto, na refundação do IHGP em 1917, ele já atuava nas letras, mas continuou fora da Associação, devido a sua militância na Imprensa paraense desde os tempos de *A Província do Pará*, pois a partir da refundação dessa Associação em 1917, os seus membros passaram a negar o marco fundador da instituição em 1900 e se apropriar do legado político de Lauro Sodré²²³, registrando o nome do político como Sócio Fundador e como Presidente de Honra do IHGP. Vale ressaltar que Antonio Lemos, principal rival político de Lauro Sodré, participou da fundação do IHGP em 1900, tornando-se um dos sócios fundadores, quando ele ainda era senador.

²²³ Ver FREITAS, 2007, p. 32-33.

Aos seis dias do mês de Março de mil e novecentos e dezessete, em sessão magna comemorativa da Revolução Pernambucana de 1817, promovida em homenagem aos Heróis pernambucanos, pela Associação da Imprensa do Pará, por *incumbência do Exmo. Sr. Lauro Sodré, preclaro governador do Estado*, celebrada no Teatro da Paz, *presentes o Excelentíssimo Senhor Doutor Lauro Sodré, que presidiu o ato.*²²⁴

Nos anos de 1920, devido ao assassinato do jornalista do *Folha do Norte*, Heráclito Ferreira, que era membro do IHGP e da Associação de Imprensa do Pará, consolidou-se a rejeição pela presença de Raymundo Moraes no Instituto e em outras Associações culturais do Pará que reuniam também os confrades de Heráclito e os desafetos políticos de Raymundo Moraes. Por esse motivo, o intelectual paraense não teve mais inserção em nenhum desses grupos no Pará quando retornou à capital paraense.

Nem quando o IHGP ficou sob o patronato de Magalhães Barata e Raymundo Moraes retornara à cidade de Belém/ PA tendo assumido a Secretaria do Gabinete de Magalhães Barata (Primeira Interventoria) e a Direção do Arquivo e Biblioteca Pública do Estado do Pará, foi possível a acolhida de Raymundo Moraes entre os membros do IHGP ou da Associação de Imprensa do Pará. Ele só conseguira entrar para o IHGP depois de morto, como patrono da Cadeira de número 37, no início dos anos de 1950, isto é, depois de uma década de sua morte. E após 45 anos de sua morte, tornou-se também patrono da Cadeira de número 28 da Academia de Letras de Rondônia (ACLER), fundada em 1986.

A rejeição desse grupo de intelectuais do Pará à presença de Raymundo Moraes não foi suficiente para impedir que o jornalista e escritor paraense conquistasse a acolhida de grupos de intelectuais no Amazonas, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além disso, a sua obra, principalmente enquanto ele se mantinha em vida, circulou por todo território nacional e ficou conhecida também em diálogos internacionais devido à especificidade de sua autoria fundada em suas vivências como prático e comandante de gaiolas e como jornalista atuante. Desse modo, o convés e o gabinete são os lugares simbólicos mais importantes da trajetória social de Raymundo Moraes e as sociabilidades e deslocamentos ocorreram por conta das posições sociais que assumira nesses dois lugares e a partir do papel que desempenhou nas redes estabelecidas em função deles.

²²⁴ Revista do IHGP, 1917. p. 1. Grifo meu.

CAPÍTULO II
“NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”:
Raymundo Moraes e a invenção da Amazônia nos anos de 1920

2.1 O “revelador estético da Amazônia”: de *Traços a Esmo*, 1908 a *Cartas da Floresta*, 1927

Traços e Cartas
A esmo na Floresta
da Hinterlândia.

Raymundo Moraes tornou-se escritor depois de sua atuação como comandante de navio e jornalista no Pará. O seu primeiro livro foi publicado em 1908, *Traços a Esmo*, uma coletânea que reúne “uma série de ligeiros artigos publicados intervaladamente [...] no jornal *A Província do Pará*, tratando em linguagem amena e estilo elegante”, assuntos referentes a sua experiência náutica e a sua observação à “vasta e empolgante região amazônica”²²⁵. Essa obra que inaugurou a narrativa impressa em livro do jornalista e escritor paraense foi publicada pela *Oficina Tipografia Elzeviriana* em Belém do Pará, com 132 páginas. Esse livro aborda os seguintes assuntos que foram elencados pela *Revista Marítima Brasileira* de julho de 1908:

Assimilação Brasileira, escola de práticos; as barras de Belém; o rio Amazonas; pela marinha; as colisões; tática naval; correção de uma regra; o Ituquara; o arquipélago amazônico; cerrações; desobstrução do Acre; as construções navais do Pará; faróis; cartas do Amazonas; nas Antilhas; vizinhança irritada; o almirante Saldanha; a origem das enchentes; o combustível; evolução naval; o êxodo ...; o ciclone americano; *Hampton-Roads*; na exposição de *James-town*; o farol do Frechal”.²²⁶

De todos os livros de Raymundo Mores, esse é o único que não está disponível para a consulta e pesquisa nem está disponível para a venda em livrarias e sebos. Talvez essa dificuldade esteja ligada a própria raridade da obra, pois segundo Leandro Tocantins (1987, p. 23): “*Traços a Esmo* permaneceu, como que anonimamente, escondido num desvão da

²²⁵ BIBLIOGRAFIA. RAYMUNDO Moraes. “Traços a esmo”. 1908. Tipografia Elzeviriana. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, jul. 1908, num. 1, p. 1130. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²²⁶ BIBLIOGRAFIA. RAYMUNDO Moraes. <<Traços a esmo>>. 1908. Tipografia Elzeviriana. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, jul. 1908, num. 1, p. 1131. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

biblioteca de Raymundo Moraes. Só depois de sua morte foi localizado pela filha [Myriam Moraes]”. Continua o prefaciador:

Traços a Esmo é um primor de arte gráfica. Uma diagramação com vinhetas e letras capitulares, papel de primeira, impecável impressão tipográfica. O que revela o estágio cultural que Belém do Pará alcançou no princípio deste século [XX], quando os preços altos da borracha, a inteligência e a operosidade de um administrador competente, o prefeito Antonio Lemos, impulsionaram o progresso social e econômico da capital paraense, as graças e as belezas de urbanismo.²²⁷

O intervalo de 1908 até 1924 corresponde ao período de estiagem literária de Raymundo Moraes – por mais de uma década, o autor de *Traços a Esmo* não publicou livro algum – retornando, portanto, à Imprensa como escritor somente com a publicação de *Notas Dum jornalista*²²⁸ em 1924 pela *Livraria Clássica Editora*, isto é, pela firma “J. J. da Camara”²²⁹. À época, essa empresa oferecia serviços como pautação e tipografia até a distribuição e venda dos livros. Essa foi uma das primeiras modernas firmas do Norte do país a publicar livros com a mesma qualidade de impressão oferecida por oficinas tipográficas e editoras do Rio de Janeiro, então capital federal, e de São Paulo, grande centro comercial do país.

A obra de Raymundo Moraes começou a ser conhecida e comentada a partir dessa coletânea de artigos publicados na Imprensa de Belém do Pará e de Manaus, no Amazonas, daí o título da obra, reunindo, dessa vez, principalmente, colaborações suas publicadas no matutino paraense *Estado do Pará* e no vespertino amazonense *Gazeta da Tarde*: “O autor, que tem grande erudição escreve com elegância e graça, sendo por isso agradabilíssima a leitura das páginas de seu formoso livro”²³⁰. Esse livro reúne os artigos: Ilha que imigra; A Batalha Naval do Riachuelo; Reminiscência da Pavlowa; Os Galos de Apolo; A Queixa de Grimaldi; Rendas e Redes; História da Civilização; O nível da terra é o nível das águas; Poemas em Prosa; Notas de um Estudante; Flexa Ribeiro; É Rio Jacobino...; ... O Rio Tocantins; Carta a Mme. Papillion;

²²⁷ TOCANTINS, 1987, p. 24. Grifo no original.

²²⁸ Esse livro em 2ª edição foi também publicado pelo Governo do Estado do Amazonas em 2001, com a apresentação de Roberio Braga.

²²⁹ A *Livraria Clássica*, em Manaus/ AM, não deve ser confundida com a Livraria Clássica, em Belém/ PA, isto é, com a firma “J. B. dos Santos & Cia.”, pois são firmas distintas e independentes. Assim como também não se trata da Livraria Clássica do proprietário A. M. Teixeira inaugurada em Manaus em 1904, uma correspondente da Livraria Clássica de Lisboa. Sobre a inauguração da Livraria Clássica de A. M. Teixeira em Manaus no Amazonas: Cf. PINA, Ruy de. Livraria Clássica Editora. *Jornal do Comércio*, Manaus, 07 fev. 1904, num. 32, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. A *Livraria Clássica* de Manaus localizava-se, quando do lançamento do livro de Raymundo Moraes, à Rua Guilherme Moreira, 1-3, esquina com à Rua Theodureto Souto, 1-9, no centro da cidade de Manaus.

²³⁰ OS LIVROS NOVOS. NOTAS Dum Jornalista, de Raymundo Moraes (Manaus). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1925, num. 16, p. 30. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

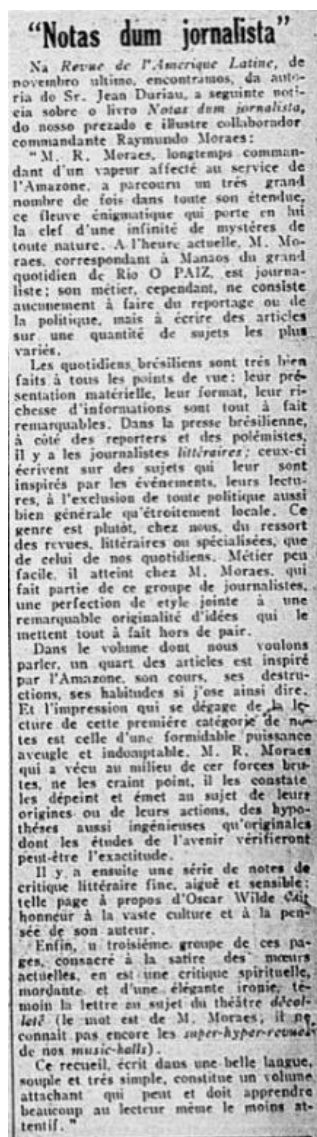
A Trajetória do Jornal; Salvé, Gaivota Amiga; Carta a Mme. Trincaespinhas; História do Rio Amazonas; Sansão e Dalila; Carta ao Comendador Basilio; Ronald de Carvalho; Mulher Nua; Carta a Mme. Anofelina; e por fim, A minha borboleta Azul.

O jornal carioca *O País*, exaltando o nome de Raymundo Moraes, publicou um longo artigo em que transcreve, em francês, a crítica de Jean Duriau (18??-1936) na *Revue de l'Amérique Latine* ²³¹, publicação latino-americana mensal, no volume de novembro de 1927. Finalizando-se tal artigo com a seguinte citação em francês: “Esta coleção, escrita em uma bela linguagem, flexível e muito simples, é um volume envolvente com que se pode e deve aprender muito o leitor, mesmo o menos atencioso”. ²³² Essa revista foi fundada em Paris na França, circulando o seu primeiro exemplar em janeiro de 1922 e tornou-se uma importante publicação sobre os assuntos latino-americanos.

²³¹ Para compreender a importância dessa crítica publicada na *Revue de l'Amérique latine*, entendendo o alcance dessa revista ilustrada francesa: ver o artigo de Adriana Berchenko, intitulado “*La Revue de l'Amérique latine en los años 20*”, publicado em *América: Cahiers du CRICCAL*, nº4-5, 1990, pp. 21-26.

²³² Minha tradução de “Ce recueil, écrit dans une belle langue, souple et très simple, constitue un volume attachant qui peut et doit apprendre beaucoup au lecteur même le moins attentif” em NOTAS DUM JORNALISTA. *O País*, Rio de Janeiro, 21 e 22 nov. 1927, num. 15.737-15.738, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura. 14. *Notas Dum Jornalista* – livro comentado na *Revue de l'Amérique Latine*, 1927.



Fonte: *O País*, Rio de Janeiro, 21 e 22 nov. 1927, num. 15.737-15.738, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

No jornal carioca *Correio da Manhã*, em 27 de agosto de 1924, Antonio Leão Velloso escreveu um artigo sobre a publicação do livro de Raymundo Moraes discorrendo, longamente, sobre a Amazônia e sobre os naturalistas estrangeiros, que estiveram na Amazônia, como Humboldt (1769-1859), Wallace (1823-1903), Agassiz (1807-1873), Hartt (1840-1878) e que se ocuparam de estudos sobre a região e sobre os escritores brasileiros como Euclides da Cunha (1866-1909), Oliveira Vianna (1883-1951) e Alberto Rangel (1871-1945) que também

escreveram sobre a Amazônia. O jornalista construiu uma narrativa elogiosa à escrita de Raymundo Moraes, destacando no artigo os predicados do jornalista e escritor paraense:

Lendo o livro do sr. Raymundo Moraes, tive a impressão de que estava penetrando às selvas amazônicas. (...) [Ele] dá-me a impressão de possuir as qualidades necessárias a esse gênero de desporto; é como os aviadores, que só o são quando a visão, a audição e o equilíbrio nervoso o permitem. (...) No seu livro há de tudo. (...)

Exuberância de citações, pujança de conceitos, tudo se explica no livro do sr. Raymundo Moraes, porque ele é o reflexo daquela orgia nativa que os contempladores da região setentrional do Brasil não se cansam de enaltecer. No Amazonas tudo é demais. (...)

A seiva que brota do estilo do jornalista amazônico está sujeita às leis gerais que lá presidem a gênese de todos os fenômenos naturais.²³³

As qualidades de Raymundo Moraes são ressaltadas também pelo periódico *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes* em um longo artigo publicado na edição do dia quatro de outubro de 1924, onde se critica a perspectiva pecuniária exclusivista dos jornalistas do Rio de Janeiro e se enaltece, de certa forma, a perspectiva de lutas políticas travadas pelos jornalistas provincianos, dentre eles Raymundo Moraes.

... é nos Estados onde fulguram atualmente as inteligências mais notáveis da imprensa nacional. Basta que citemos um Julio de Mesquita, em S. Paulo, um Carlos D. Fernandes, no nordeste (sic) e um Raymundo Moraes, no extremo norte.

(...) Quem quiser ter uma revelação do valor mental de Raymundo Moraes, com certeza o menos conhecido dos três, aqui pelas avenidas tumultuárias, onde a Amazônia é para muita gente uma espécie de criação romântica da geografia, – quem quiser conhecer a singular celebração de Raymundo Moraes, leia o livro que ele acaba de publicar, *Notas dum Jornalista*, título algo inexpressivo para uma série de ensaios brilhantes, estilizações fortes, claras, incisivas, sutis ou enérgicas, de temas da vida brasileira.²³⁴

Dois anos após a publicação de *Notas Dum Jornalista*, Raymundo Moraes voltou às páginas dos jornais e revistas da época com o lançamento do terceiro livro de sua obra que, sem dúvida, foi o mais importante de seu percurso de escritor, *Na Planície Amazônica*. Foi esse livro que representou o seu passaporte aos círculos letrados da época e que o fez um dos autores mais lidos e comentados na Imprensa brasileira, afirmando Angione Costa (2013, p. 203) que:

²³³ VELLOSO, Antonio Leão. Notas Dum Jornalista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1924, num. 9.291, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²³⁴ O PENSAMENTO E A MENTALIDADE DA PROVÍNCIA. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 4 out. 1924, num. 500, p. 13. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

“Com as *Notas dum jornalista*, Raimundo se fez um escritor paraense. Com *Na Planície Amazônica*, um escritor brasileiro”.

O livro *Na Planície Amazônica* – entre a narrativa e suas materialidades – fez de Raymundo Moraes um autor e um escritor, lançou-o como um “caçador de símbolos” como o chamou Silva Lobato. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1926 pela *Tipografia da Livraria Clássica* em Manaus/ AM, com 242 páginas numeradas e apresentou uma dedicatória impressa a Ephigenio de Salles (1877-1939) que à época era Governador do Estado do Amazonas. No ano de 1926, Raymundo Moraes vivia em Manaus, capital do Amazonas.

No exemplar consultado em 1ª edição²³⁵, há uma dedicatória escrita de próprio punho pelo autor a Celso Vieira (1878-1954), que foi reproduzida também na sétima edição do livro em 1987 pela *Editora Itatiaia* e pela *Editora da Universidade de São Paulo (Edusp)*. Ainda em 1926, devido aos constantes elogios à obra de Raymundo Moraes por jornalistas e escritores brasileiros, publicou-se a 2ª edição do livro com 6.000 exemplares, pelas *Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino*, de Lino Aguiar, também em Manaus/ AM, com 243 páginas numeradas, mantendo continuidade em relação à identidade tipográfica e iconográfica da 1ª edição do livro. Essa edição foi revisada e ampliada, reunindo, portanto, não mais 25 ensaios, mas 26 ensaios no total, cada ensaio dedicado a uma figura da política ou da Imprensa.

Raymundo Moraes expõe suas impressões da paisagem, da natureza e dos habitantes dos sertões da Amazônia. O jornalista e escritor paraense descreve, nesse livro, a importância dos rios na vida amazônica e alerta contra o perigo da força das águas que a tudo arrasta; apresenta com inominável admiração à biodiversidade – flora e fauna – presente nas florestas e nos leitos dos rios e às singularidades das sociedades humanas que vivem na Amazônia; não deixa escapar o imaginário e os saberes dos povos da floresta – indígenas e caboclos – através das encantarias, mitos e lendas do imaginário amazônico. Apesar de não assumir o livro em letras de denúncia, ele aborda com sutileza o abandono por parte do Estado em que a região se encontrava relegada no início do século XX, aspecto também abordado por Euclides da Cunha em *À margem da história*.

A narrativa de Raymundo Moraes era o que descortinava os mistérios dessas paragens porque o autor conhecia cada recôndito da misteriosa e hiberbolizante Hileia, uma vez que foi prático no convívio do pai e depois piloto fluvial e comandante de gaiola. Em pouco tempo, *Na Planície Amazônica* virou um cânone, quando a Amazônia era o centro do debate. O livro de

²³⁵ Esse exemplar encontra-se disponível para consulta no acervo da Biblioteca Rodolfo Garcia da Academia Brasileira de Letras que se localiza à Av. Presidente Wilson, 231 – 2º andar, Castelo – Rio de Janeiro/ RJ - Brasil, CEP: 20030-021.

Raymundo Moraes alcançou um público leitor crítico e influente na Imprensa brasileira; foi também adotado como manual na instrução pública do Estado do Amazonas em 1926 e do Estado do Pará em 1931: “Manaus, 10 (Serviço Especial do PAÍS) - O presidente Ephigenio de Salles mandou adotar para a leitura nas escolas deste Estado o livro ‘Na Planície Amazônica’ do Dr. Raymundo Moraes”²³⁶. Mas também houve protesto quanto a esse ato do Governador do Amazonas em Belém do Pará, afirmando o jornal maranhense *O Imparcial* que:

A “Folha do Norte”, em vibrante *suelto*, diz que o gesto do governador do Amazonas, é um belo florão à coroa de sangue e álcool que orna a cabeça de Moraes, assassino do malgrado jornalista Heraclito Ferreira, vivendo em Manaus, foragido da justiça, e que a tolerância perversa e criminosa dos homens deixa viver em plena acintosa e injustificável liberdade. O *suelto* diz que o sr. Ephigenio devia explicar as almas em formação de sua terra adotiva quem é o crápula e que títulos Moraes o recomendam.²³⁷

Foi com a 2ª edição de *Na Planície Amazônica* que Raymundo Moraes concorreu ao Prêmio de Ensaio da ABL em 1927 e venceu tal concurso literário da mais respeitada Associação literária do país. Esse livro foi impresso em várias edições, publicado, esparsamente, de 1926 a 2001. Devido ao sucesso que fez, em pouco tempo, o livro tornou-se uma referência regional e nacional²³⁸ e até internacionalmente conhecida, pois Raymundo Moraes foi convidado a publicar tal livro em outros idiomas como Inglês e Espanhol (Castelhano):

²³⁶ A ATUALIDADE NOS ESTADOS. NOTÍCIAS por telegramas e por cartas. *O País*, Rio de Janeiro, 11 set. 1926, num. 15.301, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Ver também: VAI ser adotada a “Planície Amazônica” nas escolas oficiais de Manaus. *A Noite*, Rio de Janeiro, 16 set. 1926, num. 5.324, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²³⁷ O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. JUSTOS Reparos. *O Imparcial*, São Luís, 14 set. 1926, num. 115, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²³⁸ TOCANTINS, 2000, p. XX.

A grande obra da “Na Planície Amazônica” de Raymundo Moraes, conhecido jornalista paraense será traduzida para o Inglês pelo escritor *Cuttcliff Hyne*, representante do “The Times” de Londres, aqui em excursão, assim como também será traduzido para a língua espanhola pelo literato argentino *Benjamin Geray* que pediu permissão, ao autor, que concedeu.²³⁹

O ministro peruano, Dr. *Victor Maurtua*, por intermédio do presidente Ephigenio de Salles, solicitou o consentimento do comandante Raymundo Moraes, afim de publicar uma edição de “A Planície Amazônica” para o espanhol.

O trabalho de versão daquele ilustre diplomata já estão pronto (sic), e o comandante Moraes escreveu uma carta ao diplomata autorizando²⁴⁰

Mas foi o convite do jornalista japonês Tada Okuwabara a Raymundo Moraes para traduzir *Na Planície Amazônica* para a língua nipônica que mais surpreendeu o jornalista e escritor paraense:

... Para coroar-lhe o êxito invulgar, tendo estado, há pouco, em Manaus, em estudos da região amazônica como enviado de um grande jornal do seu país, o periodista japonês *Tada Okuwabara* propôs ao autor da *Planície* vertê-la para a língua nipônica e divulga-la nos jornais *Osaka Mainichi* e *Nichinichi* com objetivo de propaganda da Amazônia através da obra já célebre de Raymundo Moraes.

A proposta foi aceita, e, assim, teremos dentro em pouco a elite japonesa em contato com mais uma afirmação, e magnífica, da nossa cultura literária.²⁴¹

Raymundo Moraes, enquanto jornalista e escritor, está investido de posições sociais diferentes²⁴² que dependem do contexto e da finalidade de sua atuação na Imprensa e na Literatura, porém, as experiências vivenciadas se entremeiam e até se confundem por vezes e é impossível separar as suas atividades jornalísticas de sua produção literária porque ambas estão

²³⁹ TELEGRAMAS. DA EDIÇÃO DA TARDE DE ONTEM. INTERIOR. O “JORNAL” NO PARÁ. *Jornal do Recife*, Recife, 15 fev. 1927, num. 38, p. 2. Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. A notícia do convite ao escritor Raymundo Moraes para traduzir a sua obra “Na Planície Amazônica” para o Inglês e o Espanhol também foi divulgada no jornal carioca *O País*, em 13 de fevereiro de 1927, em longo artigo: “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *O País*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1927, num. 15.456, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴⁰ A ATUALIDADE NOS ESTADOS. TELEGRAMAS, CARTAS, INFORMAÇÕES DIÁRIAS. PARÁ. *O País*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1927, num. 15.770, p. 5. Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

²⁴¹ NOSSA LITERATURA NO JAPÃO. *O País*, Rio de Janeiro, 09 e 10 mai. 1927, num. 15.541-15.542, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original. Essa notícia já havia sido divulgada no periódico carioca *O País* em 27 de março de 1927: A ATUALIDADE NOS ESTADOS. NOTÍCIAS POR TELEGRAMAS E CARTAS. AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1927, num. 15.498, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

E, em 28 de maio de 1927, o periódico *O Estado*, de Santa Catarina, também noticiou o convite ao escritor paraense em verter o livro para o Japonês, com a íntegra do texto já publicado pelo *O País* de 09 e 10 de maio de 1927: NOSSA LITERATURA NO JAPÃO. *O Estado*, Florianópolis, 28 mai. 1927, num. 3.897, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴² “As posições sociais são constituídas estruturalmente como interseções específicas de significação, dominação e legitimação que se relacionam com a tipificação dos agentes” (GIDDENS, 2009, p. 97).

vinculadas à rede de sociabilidades e aos lugares de enunciação do autor de *Na Planície Amazônica*. Como escritor, ele ainda enfrentou dificuldades para adentrar ao campo literário e sua manutenção nele também não foi fácil nem pacífica; conseguiu manter seu nome vívido por aproximadamente uma década, depois foi relegado ao esquecimento. Em sua jornada como escritor, ele enfrentou obstáculos como o evento que permaneceu velado na Imprensa brasileira, mas que causou, na época, tanto desconforto a Raymundo Moraes que o impulsionou a comentá-lo em nota explicativa de rodapé de página na 2ª edição do livro *Na Planície Amazônica*. Trata-se da grande semelhança entre a narrativa na novela *Amazônia Misteriosa*, de 1925, de Gastão Cruls (1888 - 1959)²⁴³ e no livro *Na Planície Amazônica*, especialmente, no ensaio “As Amazonas” dedicado pelo autor a Caio Valadares.

(*) Como na **Amazônia Misteriosa** há páginas parecidas com estas, é bom notar que o presente capítulo foi estampado no **Estado do Pará**, brilhante matutino que se publica em Belém, no dia 21 de maio de 1925, enquanto o magnífico livro do sr. Gastão Cruls só veio a lume no mês de novembro do mesmo ano. Aliás a declaração presente é quase desnecessária, pois o próprio autor da **Amazônia Misteriosa**, que nunca veio aqui, afirma ser o seu volume uma fantasia decalcada em observações alheias, gênero de romance à Wells.
244

Apesar de Raymundo Moraes assegurar que essa declaração era quase desnecessária, essa nota tornou-se expressiva na obra do escritor, pois foi impressa ao longo de todas as edições desse livro no período de 1926 até em 2001. Raymundo Moraes teria plagiado Gastão Cruls? Ou teria Gastão Cruls copiado os escritos de Raymundo Moraes? À época do lançamento do “romance” (novela), *A Amazônia Misteriosa*, de Gastão Cruls, a crítica enalteceu o livro através das palavras de Antonio Leão Velloso no *Correio da Manhã*, de Amaury de Medeiros (1893-1928) no *Jornal Pequeno*, de Oscar Lopes em *O Imparcial*, de Gilberto Amado (1887-1969) em *O País*, de Gondin Fonseca (1899-1977) no *A Manhã*²⁴⁵ e a semelhança entre a novela *A Amazônia Misteriosa* e a obra de ensaios de Raymundo Moraes não foi comentada: “Rio, 31 – o grande sucesso do dia no mundo literário está sendo o novo romance de Gastão Cruls ‘A

²⁴³ ACABA de aparecer: Gastão Cruls, “A Amazônia Misteriosa”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1925, num. 4.917, p. 4; e ACABA de aparecer: Gastão Cruls, “A Amazônia Misteriosa”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1925, num. 2.029, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴⁴ MORAES, 1926, p. 125. Grifo no original.

²⁴⁵ VELLOSO, Antonio Leão. *A Amazônia Misteriosa*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1925, num. 9.375, p. 4; e ver também MEDEIROS, Amaury de. *A Amazônia Misteriosa*. *Jornal Pequeno*, Recife, 20 ago. 1925, num. 186, p. 1; LOPES, Oscar. Crônica de Livros. Gastão Cruls – “Amazônia Misteriosa”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1925, num. 4.624, p. 4; AMADO, Gilberto. *A Amazônia Misteriosa*. *O País*, Rio de Janeiro, 14 e 15 set. 1925, num. 14.939-14.940, p. 3; e FONSECA, Gondin. Pathé - *Jornal. A Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1928, num. 695, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Amazônia Misteriosa’, cuja saída nas livrarias tem sido extraordinária – (HAVAS)”²⁴⁶. O livro de Gastão Cruls até serviu como base para um filme no cinema brasileiro com o mesmo nome lançado em 1928: “O filme *Amazônia Misteriosa* é preciosa e notável documentação das possibilidades econômicas e industriais daquelas regiões”²⁴⁷.

Há vozes, entretanto, vozes dissonantes no processo de recepção de uma obra. Daí o periódico carioca *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes* publicar um longo artigo em que prevaleceu uma ácida crítica à novela de Gastão Cruls, alegando que a obra foi elogiada na Imprensa brasileira, não por mérito da escrita, mas pela relação de amizade que Gastão Cruls mantinha nos círculos letrados da época com os intelectuais, políticos, jornalistas e escritores: “A crítica exerce-se aqui através de epinícios; é uma exaltação bajulatória, uma expressão de camaradagem passional e não uma análise feita à luz da realidade”²⁴⁸. O periódico continuou sua crítica, de forma incisiva, alegando que o livro de Gastão Cruls é uma das “Verdadeiras abominações literárias” e se apresenta inferior ao compará-lo à obra de Raymundo Moraes, pois a novela *A Amazônia Misteriosa*, segundo o periódico, não chegou nem perto: “[...] quadros admiráveis de colorido em que Raymundo Moraes faz poesia e ciência magistrais em torno do cenário fluvial do Inferno Verde. O romance de Gastão Cruls nada tem de grande, de imprevisto e de sensacional”²⁴⁹.

O ensaio “As Amazonas” de *Na Planície Amazônica* já havia sido publicado, anteriormente, na Imprensa paraense em forma de artigo no jornal *Estado do Pará* em 21 de maio de 1925 como Raymundo Moraes afirmou na nota. Além disso, a novela de Gastão Cruls já reproduziria grande semelhança com algumas passagens dos ensaios de *Notas dum Jornalista*, publicado em 1924, dois anos antes do lançamento de *A Amazônia Misteriosa*. Vale ressaltar também que Gastão Cruls nunca havia estado no cenário que inventou quando publicou sua novela e admitiu visitar a Amazônia apenas através da obra de outros escritores.

O próprio Raymundo Moraes tentou superar esse desconforto instalado envolvendo Gastão Cruls ao organizar a recepção ao jornalista carioca em 1928 quando esse chegasse à

²⁴⁶ TELEGRAMAS. “A AMAZÔNIA Misteriosa”: novo romance de Gastão Cruls. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01 ago. 1925, num. 22.276, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴⁷ F. R. *Amazônia Misteriosa*. *O País*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1928, num. 16.015, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original. A exibição desse filme já havia sido comentada pelo jornal *O País* em 10 de agosto de 1928: A “AMAZÔNIA MISTERIOSA”. *O País*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1928, num. 16.000, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Ver também: NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS. AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1928, num. 16.000, p. 35. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴⁸ A CRÍTICA de Pangloss. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 03 out. 1925, num. 552, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁴⁹ *Ibid.*

praça de Manaus/ AM no pacote “Prudente de Moraes”²⁵⁰. Ele seria recebido por políticos, jornalistas, artistas e escritores no Amazonas e seria conduzido à casa de Raymundo Moraes: “Entre outros números do programa organizado figurava uma saudação, em estilo amazônico, feita pela senhorinha Myriam, filha e secretária do autor de *Cartas da Floresta*”²⁵¹. Liderando esse movimento de simpatia a Gastão Cruls, Raymundo Moraes “telegrafou para Santarém ao seu velho amigo general Candido Rondon pedindo a fineza de comunicar a Gastão Cruls do carinho intelectual com que seria recepcionado”²⁵². Candido Rondon, porém, respondeu a Raymundo Moraes que Gastão Cruls não mais desembarcaria em Manaus no Amazonas, fazendo o percurso Óbidos – Tumucumaque – Fronteira da Guiana Holandesa. Desse modo, a recepção a Gastão Cruls teria de ser cancelada e assim aconteceu. Então, essa história de um possível plágio entre Raymundo Moraes e Gastão Cruls foi enterrada sem os dois nunca se encontrarem para conversar e esclarecê-la, pois não há fontes que demonstrem a troca de correspondências entre ambos.

A publicação de *Na Planície Amazônica* deu o que falar também devido ao discurso elogioso do estadista Washington Luís (1869-1957) ao jornalista e escritor paraense por ocasião do lançamento de sua obra em 1926, no banquete comemorativo oferecido em Belém do Pará. Mencionou Washington Luís honras a Raymundo Moraes e a sua obra. Essa foi a primeira crítica elogiosa de grande repercussão ao livro *Na Planície Amazônica* na Imprensa brasileira e de decisiva participação na construção da memória do autor e na trajetória social do livro.

O dr. Washington Luiz (sic) respondendo o discurso feito pelo governador dr. Dionysio Bentes no grande banquete que lhe foi oferecido teceu rasgados elogios ao livro ultimamente publicado pelo consagrado escritor paraense Raymundo Moraes, intitulado “Na Planície amazônica”.²⁵³

Isso causou o desgosto e o protesto de Paulo Maranhão (1872-1966), diretor e proprietário do jornal *Folha do Norte*, através de sua retirada voluntária da assembleia em que se encontrava para também homenagear ao estadista paulista. Lembrando que a razão de sua retirada repousa no fato de Raymundo Moraes ter alvejado e assassinado o jornalista Heraclito

²⁵⁰ A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Jornal do Comércio*, Manaus, 05 set. 1928, num. 8.496, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁵¹ A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Jornal do Comércio*, Manaus, 09 set. 1928, num. 8.500, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

²⁵² Ibidem.

²⁵³ INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. SERVIÇO Especial e direto d’ A Reforma. Washington Luiz em Belém. Manaus, 28. Território do Acre – Município de Tarauacá, Cidade Seabra, 08 ago. 1926, num. 409, p. 1; CONSAGRAÇÃO de um livro. O Dr. Washington Luís e a Lenda Amazônica da “Boiúna”. *O País*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1926, num. 530, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Ferreira do *Folha do Norte* em oito de agosto de 1922. Apesar da contrariedade do *Folha do Norte* e de seus parceiros em reconhecer as qualidades de escritor de Raymundo Moraes, o elogio do estadista paulista alavancou o sucesso do livro *Na Planície Amazônica* no seu processo de recepção.

Raymundo Moraes, o grande e o iluminado escritor, que o dr. Washington Luiz (sic) acaba de apreciar nesse formoso livro que é o “Na Planície Amazônica”, foi sempre pelo seu talento e pela sua cultura, a espinha de garganta de Paulo Maranhão, que requintou em infâmias contra a sua pessoa, desde a hora que Moraes entrou a servir na redação do “Estado do Pará”.²⁵⁴

Depois do grande sucesso do livro *Na Planície Amazônica*, Raymundo Moraes lançou *Cartas da Floresta* em 1927, sendo esse o último livro impresso na década de 1920. Esse livro foi publicado pela *Livraria Clássica Editora*: “Saiu à publicidade o livro intitulado ‘Cartas da Floresta’ do conhecido escritor paraense Raymundo Moraes”²⁵⁵. O jornal *A Reforma* publicou em 23 de outubro de 1927 uma nota sobre o conteúdo: “o livro contém sugestivos capítulos sobre a cerâmica de Marajó, mitos amazônicos, movimento hidrográfico e bacia do grandioso Rio Mar”²⁵⁶. Assim como *Na Planície Amazônica*, o quarto livro publicado do jornalista e escritor paraense foi bastante comentado elogiosamente na Imprensa brasileira: “Mais um livro de Raymundo Moraes, isto é, mais um triunfo certo, magnífico, de larga repercussão nacional como foi o de *Na Planície amazônica*”²⁵⁷ porque se ressalta que “Raymundo Moraes, em *Cartas da Floresta*, é o mesmo pensador-poeta de *Na Planície Amazônica*”²⁵⁸.

O periódico amazonense *Jornal do Comércio*, em 14 de dezembro de 1927, aproveitou o lançamento do livro *Cartas da Floresta* para divulgar o artigo em que protesta contra os críticos que não reconheceram o talento e os bons atributos da escrita do jornalista e escritor Raymundo Moraes: “Cartas da Floresta é, para não alongar mais esse registro bibliográfico, uma documentada demonstração do quanto pode o triunfador da Planície e uma amável resposta

²⁵⁴ TELEGRAMAS. PARA O DR. WASHINGTON LER. Porque a “Folha” odeia a Raymundo Moraes. *Alto Madeira*, Porto Velho, 02 set. 1926, num. 959, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁵⁵ INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. Produções literárias, Manaus, 5. *A Reforma*, Território do Acre – Município de Tarauacá, Cidade Seabra, 15 jan. 1928, num. 484, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁵⁶ INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. UM LIVRO a mais, Manaus, 20. *A Reforma*, Território do Acre – Município de Tarauacá, Cidade Seabra, 23 out. 1927, num. 472, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁵⁷ “CARTAS DA FLORESTA”. *O País*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1928, num. 15.799, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁵⁸ ABRANCHES, Vicente. *A.B.C. Política, Atualidade, Questões Sociais, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 04 mai. 1929, num. 739, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

aos que o taxaram de cronista fútil e de recursos apoucados”²⁵⁹; e em oito de janeiro de 1928, o jornal amazonense voltou a comentar o livro, transcrevendo algumas considerações publicadas pelo jornal paraense *Correio do Pará*:

“... *Cartas da Floresta* - ... é uma afirmação triunfante do seu grande talento onímado, em cujas páginas o requinte da prosa rica tumultua numa *ferie* de luz ou do rumor delirante das paisagens desordenados (*sic*) dos trópicos. (...) É um livro tumultuário, de prosa soberba e formosa”.²⁶⁰

Em 14 de julho de 1928, o periódico carioca *O País* publicou um artigo em que transcreveu integralmente uma carta que Celso Vieira endereçou a Raymundo Moraes, agradecendo a oferta de um exemplar de *Cartas da Floresta* e elogiando o jornalista e escritor paraense pelo último livro publicado.²⁶¹

Figura 15. Anúncio de venda do livro *Cartas da Floresta*, 1928.



Fonte: *O País*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1928, num. 15.848, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

A saga literária de Raymundo Moraes ampliou-se na década de 1930 com a publicação de *País das Pedras Verdes* em 1930, *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, em dois volumes, em 1931, *Anfiteatro Amazônico* em 1936, *Aluvião* publicado um ano depois em 1937,

²⁵⁹ LIVROS & REVISTAS. PUBLICAÇÕES que nos enviaram. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 dez. 1927, num. 8.271, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁶⁰ “CARTAS DA FLORESTA”. *Jornal do Comércio*, Manaus, 08 jan. 1928, num. 8.293, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil, Grifo no original.

²⁶¹ “CARTAS DA FLORESTA”. *O País*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1928, num. 15.973, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Os Igarauínas, O Mirante do Baixo Amazonas, O Homem do Pacoval em 1938, *Ressuscitados, Notas sobre o Eldorado, À margem do livro de Agassiz, Machado de Assis e Histórias Silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia*, todos publicados em 1939, *Cosmorama* em 1940 e *Um Eleito das Graças* no ano da morte do jornalista e escritor em 1941. A linearidade e unicidade presentes na narrativa de Raymundo Moraes em toda a extensão de sua obra é talvez a característica mais forte de sua trajetória nas letras.

2.2 Papel, Tinta, Ação! Na Planície Amazônica e a Mediação Editorial

*EditorAção
Mede a ação da forma
fixa da obra.*

O livro *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes foi publicado por diferentes Editoras em contextos distintos no período de 1926 a 2001 ²⁶²; é um produto cultural do início do século XX que atravessou a virada para o XXI e que completará 100 anos em 2026. Como a mediação editorial tornou-se, na economia do livro, um processo decisivo na economia dos bens materiais e simbólicos de uma sociedade, isto é, a ponte que liga a cultura escrita à “cultura gráfica” ²⁶³, pode ser, portanto, considerada um tipo de mediação cultural. Na capital amazonense, em Manaus, esse livro foi publicado em duas edições, a 1ª edição pela *Livraria Clássica Editora* e a 2ª edição pelas *Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino*, ambas edições no mesmo ano, em 1926.

²⁶² Ver Quadro 01, p. 159.

²⁶³ Trata-se da atribuição a cada sociedade “... do conjunto dos objetos escritos e das práticas que os produzem ou empregam, essa categoria convida a compreender as diferenças existentes entre as diversas formas de escrita, contemporâneas umas das outras, e a inventariar a pluralidade de usos dos quais se encontra investida” (CHARTIER, 2007, p. 10). Esse autor tece essas considerações a partir da categoria “Cultura gráfica” já proposta por Armando Petrucci (1993, pp. 7-14).

Vamos ter brevemente “Na Planície Amazônica”, novo livro da pena brilhante de Raymundo Moraes.

Terá duzentas e cinquenta páginas com os seguintes capítulos: *O Vale, A Hidrografia, Geografia Botânica, O Delta, Os Furos de Breves, O Regatão, As Cerrações, As lendas, A Inundação, O Seringueiro, A Friagem, As Formigas, As Amazonas, O Paraíso Verde, O Celeiro do Mundo, A Madeira Mamoré, Uma Cidade a Far West, A Atlântida, A Orla Fronteiriça, Clima e Salubridade, O Índio, A Pescaria, O Gaiola.*

Sairá até o fim do mês das oficinas da Livraria Clássica, que está a esmerar-se na confecção do trabalho material. ²⁶⁴

Esse livro foi publicado pela primeira vez com 242 páginas numeradas e apresentou uma dedicatória impressa a Ephigenio de Salles (1877-1939) que à época era governador do Estado do Amazonas, com capa assinada pelo artista plástico amazonense Branco Silva (1892-1959), pintor, escultor, desenhista e conhecido retratista, que nasceu em 1892, “no seringal São João, nas barrancas do rio Purus na entrada do rio Tapauá” ²⁶⁵. Branco Silva, cujo nome de batismo era Leovegildo Ferreira da Silva, era filho de um rico comerciante português, exportador de borracha. O artista plástico cresceu e estudou em Berna, na Suíça e depois se mudou para Portugal e estudou em Lisboa, no Liceu de Artes e de Ofícios.

Com a decadência do negócio da borracha, teve de retornar para a capital amazonense por volta dos anos de 1910. Ao servir ao Exército, já em Manaus, conheceu Álvaro Maia, que anos depois foi interventor e governador do Amazonas e Américo Antony, renomado poeta amazonense. Além de trabalhar no ateliê, onde ensinava e produzia pinturas e esculturas, trabalhava também, esporadicamente, como intérprete, pois era fluente em Espanhol, Francês e Alemão devido à educação que recebeu na Suíça e em Portugal. Trabalhou também como cenógrafo para os clubes de carnaval e em espetáculos de teatro. Ficou famoso por esculpir presépios que ficavam expostos no período natalino para visitaçãõ mediante pagamento de ingresso, cobrando também pela visitaçãõ às exposições que fazia de cenas amazônicas em outros períodos do ano. Assim, Branco Silva proveu o sustento de sua família em Manaus no Amazonas.

Nos idos de 1940, ao se tornar amigo de Ademar de Barros, que fora governador do Estado de São Paulo, Branco Silva a convite do referido amigo mudou-se com a família para São Paulo. Mas quando findou a gestão de Ademar de Barros, ele e a família retornaram para

²⁶⁴ VÁRIAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, 05 mar. 1926, num. 7.811, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil Ver também “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA, derradeiro livro de Raymundo Moraes, continua à venda na Livraria Clássica de J. J. da Camara” (NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 abr. 1926, num. 7.846, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

²⁶⁵ Disponível em <<http://catadordepapeis.blogspot.com/2018/01/branco-silva-1892-1959.html>>. Acesso em 09.10.2018.

capital amazonense. O artista plástico morreu em 1959 em sua terra natal.²⁶⁶ Branco Silva não se consagrou como paisagista, mas ficou muito famoso pelas esculturas de presépios e cenas religiosas que esculpia e reunia em exposições como a exposição de arte sacra “A Ceia do Senhor e o Presépio Maravilha” de 1942²⁶⁷ e pelos retratos que pintava por encomenda como o de D. João da Mata de Andrade Amaral, que fora bispo do Amazonas²⁶⁸. Segundo Marco Aurelio Paiva:

A capa da primeira edição de *Na planície amazônica*, de 1926, livro de ensaios de Raimundo Moraes destinado a deslindar a região em seus diversos aspectos, é ilustrada com uma enorme lira fincada sobre as copas das árvores que formam a vasta floresta amazônica e ladeada por duas enormes palmeiras regionais, dois açazeiros. Essa resolução encontrada pelo ilustrador segue os argumentos do autor do livro já em sua abertura no primeiro parágrafo; parágrafo este que vem parcialmente reproduzido na própria ilustração, na grande base que constitui a lira agigantada. A abertura do ensaio, portanto, tem a pretensão de fornecer ao leitor uma visão geral da região e de seus contornos geográficos e, ao mesmo tempo, identificar os esforços analíticos do autor em articular ciência e estética.²⁶⁹

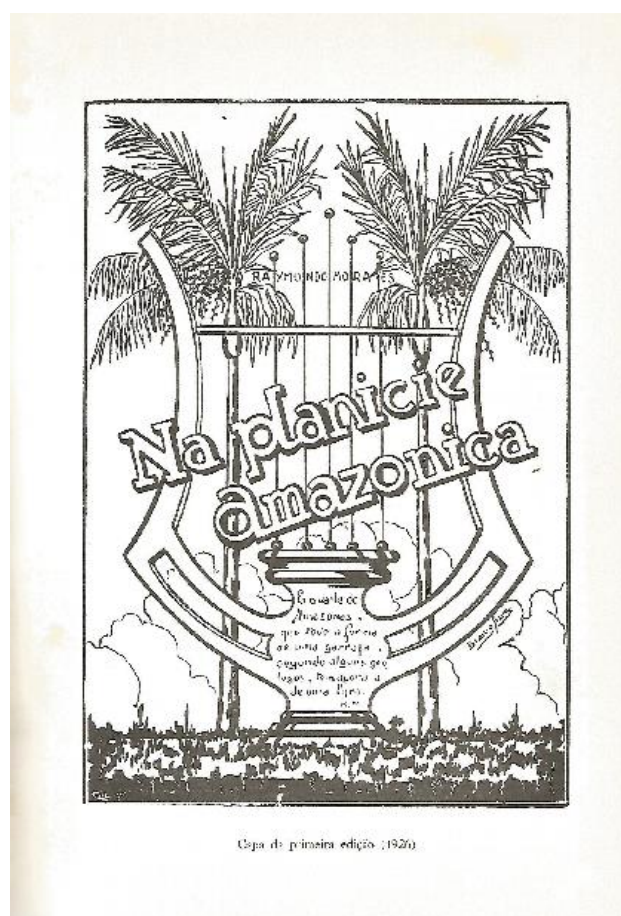
²⁶⁶ Disponível em <<http://catadordepapeis.blogspot.com/2018/01/branco-silva-1892-1959.html>>. Acesso em 09.10.2018.

²⁶⁷ EXPOSIÇÃO DE ARTE Sacra. A Ceia do Senhor e o Presépio Maravilha. *Jornal do Comércio*, Manaus, 14 jun. 1942, num. 12.953, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁶⁸ CONVITE. Sociedade de São Vicente de Paulo. *Jornal do Comércio*, Manaus, 04 jun. 1949, num. 15.072, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁶⁹ PAIVA, 2016, p. 234.

Figura 16. Reprodução da capa da 1ª edição do livro *Na Planície Amazônica*, 1926.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1987, sp. Acervo Pessoal.

A lira desenhada por Branco Silva, sobreposta às árvores da mata amazônica, ilustrando a capa do livro em 1ª edição é a representação lítero-poética da região. Essa representação do grande “vale amazônico”, da Hileia, da Hinterlândia reforça a narrativa de Raymundo Moraes na defesa do imaginário do “Paraíso Verde”, em contraposição à representação do “Inferno Verde” de Alberto Rangel, que dá título ao seu livro publicado em 1908 e do argumento oscilante de Euclides da Cunha presente nos seus escritos sobre a região amazônica que ora a Amazônia era o Paraíso Verde ora o Inferno Verde. Além disso, a ilustração revela que a narrativa de Raymundo Moraes nasceu do modo de vida amazônico, como parte da alma desse lugar; na narrativa do jornalista e escritor paraense prevalece um discurso fabricado a partir do que Raymundo Moraes vivera, ao lado de seu pai quando aprendia o ofício de prático e

comandante de gaiolas e depois em suas experiências de navegação e também como leitor assíduo dos clássicos e contemporâneos estudiosos da Amazônia.

... sobre fundo verde Raymundo Moraes mandou desenhar uma lira que é o feitio presentemente da planície equinocial, ladeando a lira como símbolo decorativo da terra luminosa da Amazônia, dois açazeiros, que é a palmeira mais comum da bacia, subindo das cercanias aos altiplanos das cordilheiras andinas.²⁷⁰

O nome do autor aparece na parte superior da capa e o título do livro aparece no centro da ilustração com letras maiores e em destaque, assim como na base da lira o artista Branco Silva subscreveu um pensamento presente na narrativa do autor. A lira mencionada por Raymundo Moraes é poeticamente comparada à lira fabricada pelo deus da chamada Antiguidade Clássica chamado Hermes, filho de Zeus e Maia, e com a qual presenteara o seu meio irmão Apolo, filho de Zeus e Leto. Segundo a lenda antiga grega, Hermes teria furtado e matado algumas vacas do rebanho de Apolo, que se enfureceu e que procurou o irmão para confrontá-lo, então, Hermes ofereceu a lira, que havia fabricado, como presente a Apolo com o objetivo de aplacar a sua ira, uma vez que sabia que Apolo gostava muito de música:

O Vale do Amazonas, na transformação constante porque vem passando, tem hoje a forma de uma lira, como se algum deus pagão e autóctone, através da harmonia e da beleza, tentasse amenizar as arestas cortantes dessa natureza rude²⁷¹.

O livro em 1ª edição ganhou grande visibilidade depois do elogio do então Presidente da República, Washington Luís (1869-1957). Muitos intelectuais, jornalistas e escritores no Brasil quiseram conhecer a obra de Raymundo Moraes, o escritor do Norte do Brasil que mereceu o elogio de Washington Luís. Desse modo, a procura pelo livro *Na Planície Amazônica* aumentou muito no mercado brasileiro do livro impulsionando a venda dos últimos exemplares da 1ª edição. E, no dia 30 de maio de 1926, o jornal *Folha do Acre* lançou, então, em uma nota que a 1ª edição já se encontrava esgotada²⁷², havendo a necessidade de uma nova tiragem do livro em questão para dar conta da grande procura pela obra:

²⁷⁰ O NOVO LIVRO “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *Jornal do Comércio*, Manaus, 28 mar. 1926, num. 7.831, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁷¹ MORAES, 1926, p. 13.

²⁷² A PRIMERIA edição do belo e notável livro. *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 mai. 1926, num. 530, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Surge esta segunda edição enaltecida pela voz clara e sonora do homem público mais eminente da minha pátria – o dr. Washington Luís. (...)

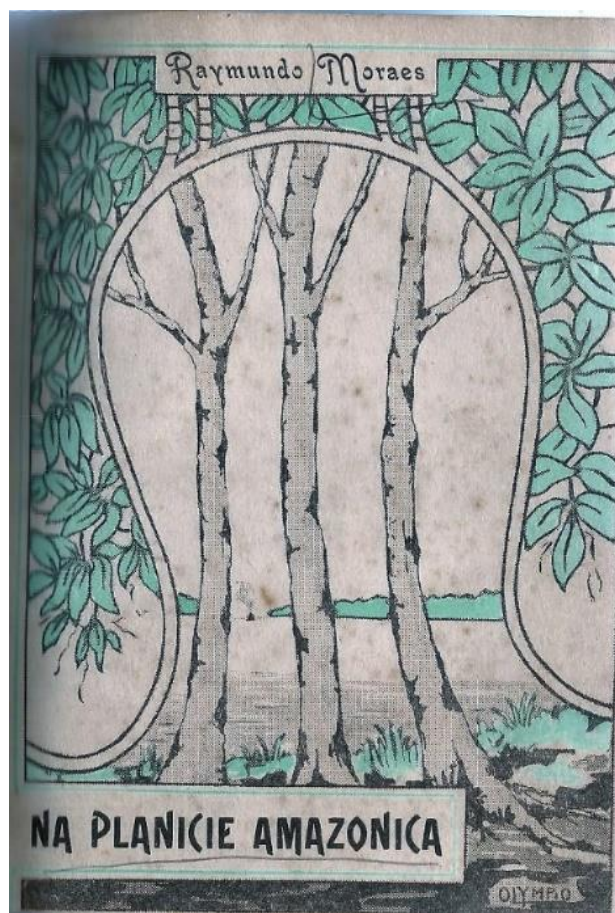
Na Planície Amazônica, que já tinha a sua primeira edição esgotada no vale, conquistou, com a crítica altissonante do dr. Washington Luís, uma tão larga procura de nossos irmãos do sul e de nossos irmãos do nordeste, que foram necessários novos milheiros.²⁷³

Coube à firma “Lino Aguiar & Irmão” que havia se tornado “Lino Aguiar e Cia” atender ao público que procurava nas livrarias da região o livro já esgotado. Então, as *Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino* publicaram a obra em 2ª edição, com 6.000 exemplares e com 243 páginas numeradas e com capa assinada por Olympio²⁷⁴. Na capa, novamente, aparece a lira confirmando e reforçando a representação lítero-poética da Amazônia na narrativa de Raymundo Moraes, porém, agora, o artista a inverteu no desenho, com o arco voltado para baixo, de modo que suas cordas transfiguram-se em troncos de árvores e sua base está incrustada na copa da mata fechada e não mais sobreposta e fincada sobre um arbusto como na ilustração de Branco Silva. Um outro elemento novo na capa ilustrada por Olympio é o rio ao fundo e já predomina o verde. O nome do autor aparece em destaque na parte superior da capa e o título do livro com letras maiores e mais destacadas na parte inferior à esquerda do leitor; o artista não inseriu no desenho nenhuma mensagem subscrita.

²⁷³ MORAES, 1926, s/p.. Grifo no original.

²⁷⁴ Não encontrei nenhuma pista sobre o artista que assinou essa capa.

Figura 17. Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 2ª edição, 1926.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 2ª ed. Manaus: Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino, 1926. Acervo Pessoal.

Essa 2ª edição foi revisada e ampliada pelo próprio autor que a dedicou ao Estado de São Paulo em homenagem ao Presidente da República Washington Luís pelo discurso elogioso acerca da obra: “a nova edição é dedicada ao Estado de São Paulo e traz um capítulo novo oferecido ao Dr. Deodoro de Mendonça, além de um outro dedicado ao Dr. Henrique Santa Rosa”²⁷⁵. Essa notícia publicada no jornal carioca *O País* refere-se aos capítulos “A água trabalha a terra” oferecido a Henrique Santa Rosa (1860-?) e “Alternativas Singulares” dedicado a Deodoro de Mendonça (1889-1968), porém, desses dois capítulos, apenas o oferecido a Deodoro de Mendonça não fora publicado antes na 1ª edição.

²⁷⁵ NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. *O País*, Rio de Janeiro, 17 out. 1926, num. 15.337, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 18. Índice do livro em 1ª e 2ª edições, respectivamente, 1926.

INDICE		INDICE	
O Valle	7	Palavras reconhecidas	11
A Hydrographia	21	O Valle	13
Geographia Botanica	31	A Hydrographia	27
O Delta	39	Geographia Botanica	37
Os Faros de Breves	49	O Delta	45
O Regatão	57	Os Furos de Breves	53
As Cerrações	67	O Regatão	61
As Lendas	77	As Cerrações	69
A Inundação	87	As Lendas	79
A Pescaria	97	A Inundação	89
O Ajuhiseiro	107	A Pescaria	99
A Friagem	115	O Ajuhiseiro	109
As Amazonas	123	A Friagem	117
O Seringueiro	131	As Amazonas	125
O Gaiola	141	O Seringueiro	133
As Formigas	151	O Gaiola	143
O Paraiso Verde	161	As Formigas	153
O Celeiro do Mundo	169	O Paraiso Verde	163
Clima e Salubridade	178	O Celeiro do Mundo	171
Uma Cidade à Far West	187	Clima e Salubridade	179
O Índio	195	Uma cidade à Far-West	187
A Atlantida	205	O Índio	195
A Madeira Mamoré	215	A Atlantida	205
A agua trabalha a terra	225	A Madeira Mamoré	213
A Orla Fronteira	233	A agua trabalha a terra	223
		Alternativas Singulares	229
		A Orla Fronteira	235

Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Manaus: Editora Livraria Clássica, 1926. Acervo Biblioteca Pública Arthur Vianna - Belém/ PA, Brasil e MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 2ª ed. Manaus: Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino, 1926. Acervo Pessoal.

Depois da folha de rosto, constam as dedicatórias impressas a Washington Luís (1869-1957), a Ephigenio de Salles, que foi Governador do Estado do Amazonas (que consta desde a primeira edição) e a Araujo Lima (1884-1945), nomeado pelo Governador para a Prefeitura de Manaus em 1924. O prefácio nessa edição foi escrito pelo próprio autor. Depois da conclusão dos escritos de Raymundo Moraes, constam duas notas consideradas como informações adicionais: 1) Sobre a adoção do livro “Na Planície Amazônica” nos estabelecimentos de instrução pública no Estado do Amazonas; e 2) Sobre a 2ª edição do livro e a parceria com o comendador J. G. Araujo através das pessoas de Agesilau Araujo e Aluizio Araujo e por fim, o índice da obra. O jornalista e escritor paraense encaminhou alguns desses exemplares aos periódicos atuantes na Imprensa brasileira da época como a *Revista Vida Doméstica* e a *Revista da Semana*, ambas na cidade do Rio de Janeiro ²⁷⁶, isso para conquistar a crítica elogiosa de

²⁷⁶ OS NOVOS LIVROS. NA PLANÍCIE Amazônica, de Raymundo Moraes (Manaus). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1928, num. 3, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

jornalistas e escritores da capital federal. Foi a partir da difusão dessa versão impressa do livro, que Raymundo Moraes recebeu convites a publicar a obra em outros idiomas e teve seu livro amplamente comentado pela crítica.

Na 2ª edição constam três notas explicativas, mas se chama a atenção para a nota explicativa no ensaio “A Pescaria” dedicado ao político Sá Peixoto (1869-1948), no rodapé da página 101, em que o autor de *Na Planície Amazônica* refere-se a um acontecimento de 22 de junho de 1926 em que Josino Cardoso, pescador brasileiro, salvou, a bordo de sua canoa “Juruna”, os aviadores argentinos ²⁷⁷. Apesar do salvamento, o pescador recusou o prêmio de 30 contos oferecido em recompensa pela progenitora de Bernardo Duggan ²⁷⁸.

Esse feito do simples pescador inspirou muitas notícias, assim como incentivou algumas homenagens a Josino Cardoso em crônicas como a da revista paulista *A Cigarra* ²⁷⁹ e a da *Voz do Chauffeur* ²⁸⁰, periódico carioca. Raymundo Moraes aproveitou o acontecimento para citar Josino Cardoso como o típico pescador brasileiro, nato da Amazônia. Essa nota demonstra dois aspectos significativos na narrativa de Raymundo Moraes: 1) O lugar social de enunciação, pois Raymundo Moraes era natural de Belém do Pará, dizia-se caboclo da Amazônia e fora, durante muitos anos, prático e comandante de gaiola; e 2) A Editora reconheceu o discurso do autor como legítimo e o publicou em nota de rodapé. Essa nota assim como as duas outras notas também continuou a ser impressa em todas as edições posteriores do livro.

Em 23 de dezembro de 1927, *A Noite* (RJ) publicava: “O maior sucesso de livraria dos Estados, neste ano, coube ao Amazonas, com o formoso livro de Raymundo Moraes – ‘Planície Amazônica’” ²⁸¹. Na virada dos anos de 1920 a 1930, devido ao grande sucesso de público do livro, o jornalista e escritor paraense foi convidado por Gustavo Barroso, da ABL e um dos

²⁷⁷ “(*) Corajoso, de boa-fé, honesto, quase ingênuo, símbolo da hospitalidade, o melhor documento que se podia apresentar sobre ele na segunda edição deste livro, seria, sem dúvida, o colhido agora, nos dias de junho de 1926, com a figura de Josino Cardoso, piloto que salvou nas águas do estuário amazônico, junto à ilha de Maracá, na sua canoa **Juruna**, o avião argentino a cujo bordo faziam o *raid* Nova York – Buenos Aires os aviadores Bernardo Duggan, Eduardo Olivero e Eugenio Campanelli. O gesto de Josino e seus companheiros tripulantes da vigilância, tanto concorreu para que a gente platina visse melhor a alma do brasileiro, a ponto de afastar por completo qualquer prevenção porventura existente contra nós da parte do povo da grande nação. Nenhum diplomata conseguiria isso talvez em tão pouco tempo” (MORAES, 1926, p. 101. Grifo no original).

²⁷⁸ NOTICIÁRIO. Outros Estados. *Lar Católico*, Juiz de Fora, 25 de julho de 1926, num. 30, p. 239. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁷⁹ “Na história da aviação do país amigo [Argentina] o nome de Josino Cardoso ficou para sempre, e com ele o nome brasileiro.

O destino tem desses caprichos!” (CRÔNICA. *A Cigarra*, São Paulo, jul. 1926, num. 281, p. 23. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

²⁸⁰ “Quem será capaz de romper esse laço de cordialidade tão estreita entre esses dois povos, motivado pelo desastre dos bravos aviadores argentinos, salvos pelos nossos pescadores, chefiados pelo bravo, honrado e nobre Josino Cardoso?” (CRÔNICA SEMANAL. *Voz do Chauffeur*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1926, num. 95, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

²⁸¹ OS LIVROS, OS AUTORES E OS PÚBLICOS. *A Noite*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1927, número 5.780, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

diretores e proprietários da *Civilização Brasileira Editora (CB)* ²⁸², fundada em 1929 pelo livreiro Getúlio M. Costa, por Ribeiro Couto (1898-1963) ²⁸³ e por Gustavo Barroso (1888-1959) ²⁸⁴, a publicar a obra em 3ª edição, tendo aceitado imediatamente o convite do acadêmico da ABL e diretor da *CB*.

Em sete de novembro de 1928, portanto, o jornal *O País* já anunciava que a 2ª edição estava quase esgotada e que uma 3ª edição do livro já estava sendo preparada, com a distinção de que seria ilustrada por um grande pintor brasileiro que havia se oferecido para o serviço de ilustração da obra, sem contudo, mencionar quem era esse pintor ²⁸⁵. Em 1931, a 3ª edição do livro foi publicada pela *Civilização Brasileira Editora*, com 11.000 exemplares impressos no Estabelecimento Gráfico Fernandes & Rohe na cidade do Rio de Janeiro e com 237 páginas numeradas, a 3ª edição foi anunciada elogiosamente na Imprensa brasileira:

O CRUZEIRO, para assinalar a 3ª edição do livro de Raymundo Moraes Na Planície Amazônica, que acaba de ser exposta pela ‘Civilização Brasileira Editora’, desdobra nesta página, opulenta colgadura, um dos capítulos da obra admirável ²⁸⁶.

²⁸² “A CB ficou sob a administração de seus fundadores cerca de três anos apenas” (LIMA; MARIZ, 2010, p. 253).

²⁸³ Rui Ribeiro Couto foi diplomata, poeta, contista, romancista, magistrado e jornalista. Nasceu em Santos/ SP em 1898 e faleceu em Paris, França, em 1963. Em 1912, estreou no jornalismo; em 1916, começou a trabalhar no *Jornal do Comércio*; depois no *Correio Paulistano*. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, bacharelou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1919. Trabalhou colaborando nos jornais do país até 1922. Participou da Semana de Arte Moderna. Em 1928, regressou ao Rio de Janeiro/ RJ, assumindo a redação do *Jornal do Brasil*. Morou e trabalhou na França de fins de 1928 a 1931. No governo provisório de Getúlio Vargas, em 1932, foi promovido a cônsul de terceira classe. Morou e trabalhou na Holanda, de 1935 a 1940; em Portugal, de 1944 a 1946; na Iugoslávia, de 1947 até se aposentar. Durante a sua permanência na Europa, ocupou-se também em divulgar a literatura brasileira e continuou colaborando nos jornais: *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *A Província* (de Pernambuco). Conquistou, em 1958, em Paris, o prêmio internacional de poesia com o livro “*Le jour est long*” (O dia é longo), outorgado anualmente a poetas estrangeiros cuja obra honrava a França. Ribeiro Couto foi o quarto ocupante da cadeira 26 da ABL, eleito em 28 de março de 1934, na sucessão de Constâncio Alves (Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/ribeiro-couto/biografia>>. Acervo ABL. Acesso em 03.09.2017).

²⁸⁴ Gustavo Barroso foi professor, ensaísta, romancista e político, natural de Fortaleza/ CE; nasceu em 1888 e faleceu no Rio de Janeiro/ RJ em 1959. Estudou na Faculdade Livre de Direito do Ceará, mas se bacharelou em 1911 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Assumiu a redação do *Jornal do Ceará* em 1908 e do *Jornal do Comércio* em 1911; foi diretor da *Revista Fon Fon* a partir de 1916; foi também deputado federal pelo Ceará de 1915 a 1918; fundador e diretor do Museu Histórico Nacional (MHN) a partir de 1922; representou o Brasil em várias missões diplomáticas, entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941). Participou ativamente do movimento integralista. Era membro da *Royal Society of Literature* de Londres, da Academia de Belas Artes de Portugal, da Sociedade Numismática da Bélgica, do IHGB e de vários congêneres nos Estados. Gustavo Barroso foi o terceiro ocupante da Cadeira 19 da ABL, eleito em 8 de março de 1923, na sucessão de D. Silvério Gomes Pimenta. (Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso>>. Acervo ABL. Acesso em 03.09.2017).

²⁸⁵ A ATUALIDADE NOS ESTADOS. TELEGRAMAS, CARTAS, INFORMAÇÕES DIÁRIAS. AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, 07 nov. 1928, num. 16.089, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁸⁶ INUNDAÇÃO – de Raymundo Moraes. *O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1931, num. 36, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Não se trata de uma edição ilustrada, mas teve a capa assinada por aquele que se tornaria um dos mais importantes muralistas brasileiros, Paulo Werneck (1907-1987). Paulo Cabral da Rocha Werneck ²⁸⁷ nasceu em 1907 no Rio de Janeiro. Parte de sua infância viveu em uma fazenda no interior do Estado do Rio de Janeiro. Em 1914, começou a estudar com Marcelo Roberto (1908-1964) e Oscar Niemeyer (1907-2012). Em 1927, começou sua trajetória social publicando desenhos na revista *A Época*, dos estudantes de Direito da Universidade Federal. Ilustrou muitos livros e periódicos nesse período como a *Revista Souza Cruz*, *Fon Fon*, *Para Todos*, *Esfera*, *Diretrizes*, *Sombra*, *Rio Magazine* e como os jornais *A Esquerda*, *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *Para Todos*, *Imprensa Popular* e outros. Em 1928, ao dividir escritório com Marcelo Roberto, Paulo Werneck realizou desenhos para capas de revistas, artigos, anúncios, decorações de interior, decorações para teatro e para bailes de carnaval. Nesse contexto, aprendeu desenho de arquitetura com o arquiteto Celestino Severo de San Juan, aprimorando-se nos desenhos de perspectivas; tornou-se a partir dessa experiência chefe do Serviço de Cartografia do Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do antigo Distrito Federal, cargo exercido por oito anos. Foi nesse período que foi contratado pela CB para desenhar a capa da 3ª edição de *Na Planície Amazônica*. O artista Paulo Werneck também ilustrou outros livros publicados pela CB.

Nos anos de 1930, Paulo Werneck teve grande sucesso após desenhar o projeto vencedor do arquiteto Marcelo Roberto inscrito no concurso para a construção do prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 1935, o primeiro edifício modernista a ser construído no Rio de Janeiro. Em 1935, participou da 1ª Exposição de Arte Social, organizada pelo Club de Cultura Moderna. Em 1938, participou do 2º Salão de Maio no Hotel Esplanada, em São Paulo, organizado por Quirino da Silva (1897-1981), Geraldo Ferraz (1905-1959) e outros, com desenho em bico de pena. Em 1939, ilustrou o livro infantil *Lenda da carnaubeira*, com texto de Margarida Estrela Bandeira Duarte e em 1941, publicou livro infantil *Negrinho do pastoreio*, pela editora CB.

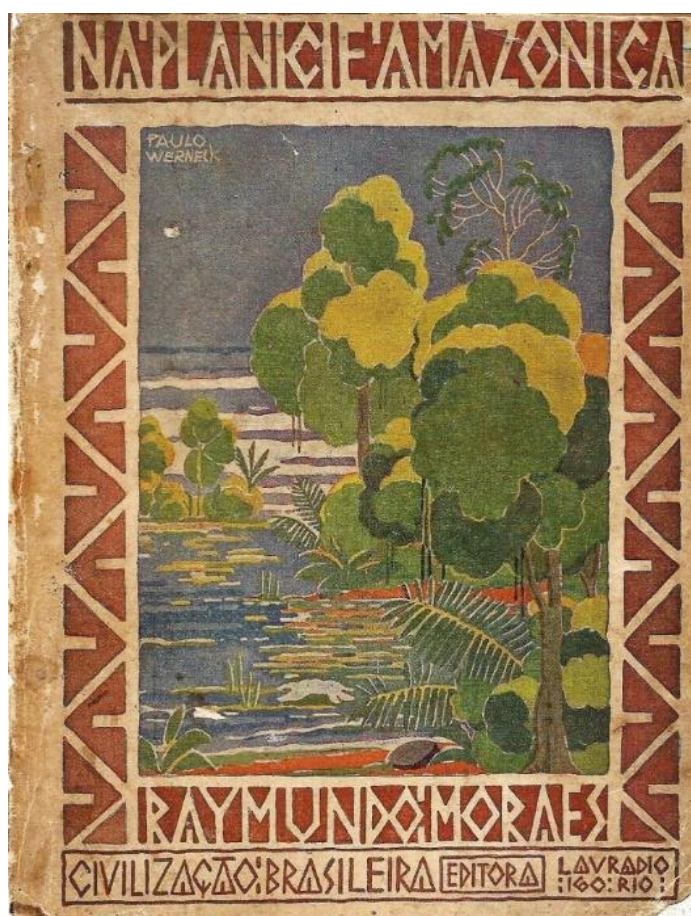
Na década de 1940, passou a realizar um conjunto de painéis por encomenda do arquiteto Oscar Niemeyer como o da Casa de Juscelino Kubitschek, o da Casa do Baile, do Iate Clube, do Cassino da Pampulha e da Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, todos em Belo Horizonte/ MG. Participou em 1947 do 52º Salão Nacional de Belas Artes com o desenho

²⁸⁷ Disponível em <<http://paulowerneck.org>>. Acesso em 11.10.2018. O sítio “PAULO WERNECK MURALISTA BRASILEIRO” tem o objetivo de “... preservar, catalogar e divulgar a obra do artista que marcou a paisagem arquitetônica brasileira com centenas de murais e desenvolveu de forma pioneira a utilização de mosaico cerâmico em empenas cegas e outras superfícies”.

“Retirantes”, ganhando Medalha de Prata. Nas décadas de 1950 a 1970, realizou inúmeros painéis no Rio de Janeiro, em Brasília e em Minas Gerais. Na década de 1980, retomou suas atividades de desenho e pintura, com obras figurativas cujo tema principal era a natureza brasileira. Foi amigo de vários artistas, escritores e arquitetos. Foi um grande admirador e enaltecido da cultura brasileira. Paulo Werneck morreu em 1987.

A paisagem composta para a capa de *Na Planície Amazônica* em 3ª edição, possui um arbusto com diversas espécies vegetais, retratando a riqueza da flora amazônica. O artista desenhou também um riacho, com suas águas azuladas emendando com um céu também azulado, representando a importância dos rios na vida amazônica. A flora e o rio não são elementos novos, pois já haviam aparecido na capa da 1ª e 2ª edição do livro. As cores que aparecem na ilustração são: verde (flora), azul (águas e céu) e vermelho terroso (barro), sendo que a cor azul não apareceu na composição de Olympio em 1926 e ela é predominante na composição de Paulo Werneck. A natureza ocupa o centro da imagem emoldurada pelo título da obra em destaque na parte superior da capa e pelo nome do autor na parte inferior, assim como há triângulos recortados nas laterais também emoldurando a natureza que lembram desenhos da arte marajoara; a fonte das letras também faz alusão às inscrições marajoaras. É a primeira vez que o nome da Editora aparece na capa de *Na Planície Amazônica*.

Figura 19. Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 3ª edição, 1931.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1931. Acervo pessoal.

Nessa edição, na folha de guarda, há o título da obra e no seu verso a mesma inscrição da 2ª edição: “Do mesmo autor: Notas Dum Jornalista (esgotado)”, depois da folha de rosto, constam a dedicatória do autor do livro ao Presidente do Brasil, Washington Luís, que ocupou a Presidência da República no período de 15 de novembro de 1926 a 24 de outubro de 1930, e ao que fora prefeito de Manaus/ AM, Araujo Lima; depois em sequência, constam o prefácio da 2ª edição, assinado pelo próprio autor, e o prefácio da 3ª edição do livro, assinado pela Editora. Após o texto completo da obra de Raymundo Moraes, consta uma nota sobre a adoção de *Na Planície Amazônica* nos estabelecimentos de instrução pública nos estados do Amazonas em 1926 e no Pará em 1931 e em seguida o índice da obra.

O convite de Gustavo Barroso a Raymundo Moraes para a publicação de *Na Planície Amazônica* pela CB ocorreu após o contato do acadêmico em 1926 com o livro, mais

especificamente, com o capítulo “As Formigas” que fora dedicado a Gustavo Barroso, quando este ainda era editor da Revista *Fon Fon*, periódico ilustrado do Rio de Janeiro. Em entrevista concedida ao periódico carioca *O Jornal*, publicada em 15 de agosto de 1926, Gustavo Barroso mencionou sua admiração pelo autor de *Na Planície Amazônica* e realizou o seu protesto contra o silêncio da Imprensa brasileira sobre algumas obras literárias grandiosas:

- Escute. Há pouco tempo saiu a lume um livro do sr. Raymundo de Moraes, sobre a Amazônia. Tão grande como os livros de Euclides da Cunha. Já ouviu falar dele? Vamos! Responda, sinceramente...

- Não. Francamente, não.²⁸⁸

O acadêmico teve também um contato mais efetivo com a obra *Na Planície Amazônica* por ocasião do julgamento das sete obras inscritas com a finalidade de concorrer ao Prêmio de Ensaio da ABL em 1927, visto ser Gustavo Barroso o relator dessa Comissão julgadora, acompanhado dos acadêmicos João Ribeiro (1860-1934) e Dantas Barreto (1850-1931). Depois da vitória alcançada na ABL, o livro premiado merecia ser publicado por uma Editora com prestígio nacional e por outro lado, publicar um livro premiado pela ABL também ajudaria a divulgar melhor a recém fundada Editora e sua linha editorial comprometida, principalmente, com os autores e obras brasileiros.

Em 1931, a 2ª edição de *País das Pedras Verdes*²⁸⁹ foi publicada também pela CB, ainda sob a direção de Gustavo Barroso e seus sócios, sendo que a 1ª edição havia sido publicada em 1930 pela Imprensa Pública de Manaus no Amazonas. E os livros *Aluvião*, de 1937²⁹⁰ e *Os Igarauínas*, de 1938²⁹¹ também foram obras de Raymundo Moraes publicadas

²⁸⁸ O MOMENTO Literário. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1926, num. 2.355, p. 15. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

²⁸⁹ “- Acaba, de aparecer (*sic*), com bonita apresentação gráfica, a 2ª edição do ‘País das Pedras Verdes’, do sr. Raymundo Moraes, lançado pela Civilização Brasileira Editora” (NOTAS MUNDANAS. LETRAS E ARTES. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1931, num. 4.018, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

²⁹⁰ “Agora, em bela edição da Civilização Brasileira, Raymundo de Moraes nos dá mais um esplêndido livro sobre a Amazônia, ALUVIÃO” (LIVROS. ALUVIÃO – Raymundo de Moraes, Civilização Brasileira S. A. – 1937. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1937, num. 3.540, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil); “Agora, numa edição da Civilização Brasileira, Raymundo de Moraes, nos oferece mais um magnífico livro sobre a Amazônia, ‘Aluvião’” (LIVROS NOVOS. “ALUVIÃO” – Raymundo de Moraes, Civilização Brasileira. *O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1937, num. 42, p. 42. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

²⁹¹ LIVROS NOVOS. OS IGARAÚNAS, DE Raymundo de Moraes – (Civilização Brasileira S. A. Editora – Rio). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1938, num. 37, p. 13. Acervo Biblioteca Nacional – Brasil). E “Agora, com ‘Os Igarauínas’, edição da Civilização Brasileira, o sr. Raymundo de Moraes penetra no complexo campo do romance” (LIVROS NOVOS. OS IGARAUNAS – ROMANCE de Raymundo de Moraes, Civilização Brasileira. *O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1938, num. 42, p. 17. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

pela *CB*, mas já sob a administração de Octalles Marcondes Ferreira (1901-1973)²⁹², proprietário da *Companhia Editora Nacional (CEN)*.

A *Civilização Brasileira Editora* tem uma grande importância na trajetória social do livro *Na Planície Amazônica*, pois foi responsável pela inserção da obra de Raymundo Moraes no mercado editorial brasileiro para além dos domínios do Norte do país, consolidando a recepção do livro no Rio de Janeiro e também em São Paulo, tornando ampla a circulação da obra do jornalista e escritor paraense em todo o território nacional a partir de 1931: “A crítica deste grande livro já está feita, pelo maior juiz, que é o público. A terceira edição, ora circulando, é o atestado mais eloquente do interesse que o livro despertou”²⁹³.

A admirável aceitação que obteve este livro em todo o país decidiu-nos a propor ao autor o lançamento desta terceira edição, destinada aos curiosos das cousas da Amazônia e admiradores do brilhante escritor, que já não encontram nas livrarias os exemplares em que se condensam as revelações magníficas daquela terra tão desconhecida quanto fértil de assunto.

A Editora²⁹⁴

Com o selo da *CB*, o livro *Na Planície Amazônica* ganharia maior visibilidade e conquistaria um lugar bem posicionado tanto no campo literário quanto no campo pedagógico²⁹⁵ através dos elogios de vários importantes críticos e especialistas que publicavam comentários nos impressos da época e através da colaboração da obra em propalar os modernos sentidos da “nova” nação brasileira. E o livro seguiu com aceitação bem-sucedida, com grande interesse do público leitor o que levou em 1936 a *CEN*, através da *Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB)*, na *Coleção Brasileira*, a publicá-lo em São Paulo. O livro em 4ª edição de *Na Planície Amazônica* foi publicado como o volume 63, composto e impresso na Tipografia “Rossolillo” de A. Rossolillo, em São Paulo, com 255 páginas numeradas e sob a direção de

²⁹² Octalles Marcondes Ferreira, mineiro, nasceu em 1901 e morreu em São Paulo em 1973. Foi o fundador e diretor geral da *Companhia Editora Nacional*, em sociedade com o escritor e editor brasileiro Monteiro Lobato, assim como também foi proprietário da *Civilização Brasileira Editora*. É considerado um dos que inauguraram a indústria editorial brasileira; foi também pioneiro e líder na produção de literatura didática no Brasil; foi um dos fundadores e diretores do Museu da Casa Brasileira e Diretor Cultural da Fundação Armando Álvares Penteado.

²⁹³ ESCRITORES E LIVROS. Raymundo Moraes – *Na Planície Amazônica* – *Civilização Brasileira Editora* – Rio – 1931 - 6\$. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 02 jan. 1932, num. 1, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

²⁹⁴ MORAES, 1931, s.p..

²⁹⁵ “Nos cursos populares noturnos também são lidos jornais diários e também se fazem sessões dos Clubes de Leitura”, cujos livros ‘*Na Planície Amazônica*’ e ‘*No País das Pedras Verdes*’ fazem parte da leitura sobre a Amazônia, assim como ‘*Inferno Verde*’ de Alberto Rangel e ‘*À Margem da História*’ de Euclides da Cunha” (PADILHA, Celina. Como intensificar o gosto de ler. *A Escola Primária*, Rio de Janeiro, dez. 1933, num. 9, p. 178. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

Fernando de Azevedo (1894-1974) ²⁹⁶: “Na quarta edição e incluída na *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, série ‘Brasiliana’, vem de aparecer o livro de Raymundo Moraes ‘Na Planície Amazônica’” ²⁹⁷.

A capa do volume é padrão da BPB com o esboço de um mapa do Brasil, representando a unidade nacional, com estrelas representando as unidades da Federação, isto é, os Estados brasileiros. Essa edição registra na primeira orelha do livro a apresentação, assinada pela Editora (de autoria de Fernando de Azevedo), da 5ª série, *Coleção Brasiliana*, da BPB; na folha de guarda (frente e verso) registrou-se a relação dos volumes publicados no total de 62 volumes das Edições da CEN; na folha de rosto consta o título da obra e no seu verso publicou-se a inscrição “Obras do mesmo autor” que relaciona os livros, até então, publicados e aqueles a serem publicados, e depois segue a dedicatória impressa a Washington Luís. Constam, nessa edição, os prefácios da 2ª e 3ª edições do livro e em seguida o índice da obra; e na segunda orelha, consta a relação das próximas publicações da *Coleção Brasiliana*.

²⁹⁶ Fernando Azevedo nasceu em Minas Gerais em 1894 e morreu em São Paulo em 1974. “Formou-se na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, em 1917, mas nunca advogou. Nesse mesmo ano mudou-se para São Paulo, onde passou a lecionar latim e literatura, na Escola Normal. Posteriormente ingressou no jornalismo, dedicando-se à crítica literária, primeiro no *Correio Paulistano* e depois em *O Estado de São Paulo*. No último, levantou grande inquérito sobre a instrução pública – discutindo a necessidade da criação da universidade – e que alcançou enorme repercussão em todo país. Foi um dos principais integrantes do movimento pela reforma do ensino, conhecido por movimento pela Escola Nova, tendo participado do processo da fundação da Universidade de São Paulo (1934), da qual foi um dos planejadores. Primeiro diretor da FFLCH, aí ocupou a cadeira de sociologia. Foi ainda Secretário da Secretaria (sic) da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1945) e Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, no mesmo ano em que se tornou professor emérito da Universidade de São Paulo (USP). Em 1968 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras” (PONTES, 1989, p. 388).

²⁹⁷ LIVROS NOVOS. NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. Comp. Editora Nacional – São Paulo. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1936, número 3.652, p. 3 Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

Figura 20. Folha de rosto do livro *Na Planície Amazônica* em 4ª edição, 1936.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
Acervo Brasileira Eletrônica.

A *CEN* foi fundada em 1925 por Octalles Marcondes Ferreira e Monteiro Lobato (1882-1948)²⁹⁸. Com a compra da *CB*²⁹⁹, Octalles Marcondes Ferreira colocou a *CEN* em contato direto com o legado editorial da recém-adquirida editora. Foi possível, então, verificar as obras que já haviam sido publicadas pela *CB* e que foram bem aceitas no mercado brasileiro do livro e que se enquadravam na missão da *CEN*: algumas delas foram republicadas mantendo-se o selo da *CB* e outras foram republicadas sob o selo da *CEN* que as reorganizou em coleções a partir dos significados e do público leitor a que se destinavam essas obras organizadas e reunidas por especialistas. Então, em 1936 surgiu a 4ª edição do livro *Na Planície Amazônica* publicada pela *Companhia Editora Nacional* sob a propriedade exclusiva de Octalles Marcondes Ferreira, mas ainda sob a forte influência de Monteiro Lobato.

Nobre é a missão de cultura a que se dedicou a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, com a iniciativa de publicação de sua coleção “Brasiliana”, hoje sem dúvida a mais completa e a mais brilhante série de livros sobre o Brasil em todos os seus aspectos.

(...)

Destaquemos, entre os últimos volumes da Brasiliana, (...) “Na Planície Amazônica”, de Raymundo Moraes, o amazonista que goza na Europa de um conceito sem par.³⁰⁰

²⁹⁸ José Bento Monteiro Lobato foi jornalista, proprietário de uma fazenda, escritor, editor, crítico de arte, tradutor e trabalhou também na Embaixada Brasileira nos Estados Unidos. Nasceu em 1882 em Taubaté/ SP e morreu em 1948 em São Paulo/ SP, registrado como José Renato Monteiro Lobato, após a morte do pai, ao herdar uma bengala com as iniciais gravadas do nome completo do pai (J.B.M.L.), adotou também o prenome do pai. Quando o pai morreu, passou à tutela do avô, o Visconde de Tremembé. Em 1896, mudou-se para a capital paulista, onde concluiu seus estudos preparatórios no Instituto de Ciências e Letras e fundou a associação literária *O Cenáculo*, tendo grande importância em sua formação que depois se desdobrou na criação do jornal *O Minarete*. Em 1904, bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e começou a trabalhar na área em 1906 no interior de São Paulo. Em 1909, começou a colaborar em vários importantes jornais no país. Com a morte de seu avô em 1911, herdou a fazenda da família e mudou-se para essa propriedade rural, a fim de administrá-la. Em meados de 1917, ele a vendeu e se mudou com a família para a capital paulista, onde continuou a escrever para *O Estado de São Paulo*, para a *Revista do Brasil* e outros órgãos. Em 1918, Monteiro Lobato comprou a *Revista do Brasil*, que havia sido criada em 1916. Lançou o seu primeiro livro “Urupês” em 1918. Em 1919, criou sua própria editora “Monteiro Lobato e Cia”. Nos anos de 1920, publicou vários de seus livros infantis e também colaborou intensamente nos jornais. Sua editora foi à falência no fim de 1925. Mas, nesse mesmo ano, fundou a Companhia Editora Nacional com Octalles Marcondes Ferreira (Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bento-monteiro-lobato>>. Acesso em 06.09.2017. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

²⁹⁹ “A empresa Civilização Brasileira Editora, em colaboração com a Companhia Editora Nacional de São Paulo, fará, a bordo, interessante exposição de livros brasileiros. Só serão expostos autores nacionais e traduções, em vernáculo de obras estrangeiras. Essa exposição que é uma prova documental do progresso da indústria do livro entre nós, será franqueada ao público em todos os portos” (TURING CLUB DO BRASIL. Cruzeiro Turístico Interestadual. Exposição de livros brasileiros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 jun. 1932, num. 713, p. 7; e ver também: “A Companhia Editora Nacional (de São Paulo) e a Civilização Brasileira Editora (do Rio), combinadas no mesmo trabalho de publicação de livros” (A EXPANSÃO do livro brasileiro. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 04 jul. 1932, num. 25, p. 26. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

³⁰⁰ PANORAMA. LITERATURA Brasileira. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1936, num. 19, p. 21. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Foi a primeira vez que esse livro de Raymundo Moraes surgiu sob o arquétipo de uma coleção ³⁰¹, isto é, da conhecida *Coleção Brasileira* da *BPB*, dirigida pelo conceituado educador brasileiro Fernando de Azevedo, que foi indicado, pessoalmente, por Monteiro Lobato para assinar a organização da *BPB* e para arregimentar os autores: “Participante ativo do movimento educacional, ele possibilitaria a projeção da editora na nova frente da literatura educacional e da literatura sobre o Brasil, colocando-a em condições de concorrer comercialmente nesse novo mercado” ³⁰². Esse projeto editorial da *CEN* assumiu um lugar fundamental “nos embates estabelecidos, na década de 1930, em torno da reforma da cultura pela reforma da escola” ³⁰³. De acordo ainda com Maria Rita de A. Toledo (2010, p. 139), uma das principais estratégias político-editoriais da *CEN* era “editar coleções assinadas por especialistas”:

³⁰¹ “As coleções de livros são compreendidas como modalidade específica de impresso, que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção cultural: a intervenção editorial, que, por meio da reorganização dos textos, objetiva a ampliação do mercado do livro; a intervenção no campo da cultura que é fruto da seleção e adaptação do conjunto de texto e autores, assim como da prescrição de seus usos em um programa para a formação do leitor destinatário da coleção” (TOLEDO, 2010, p. 139/140).

³⁰² *Ibid.*, 2010, p. 148.

³⁰³ *Ibid.*, 2010, p. 147.

A Biblioteca Pedagógica Brasileira era constituída de cinco séries, a saber: *Literatura Infantil*, *Livros Didáticos*, *Atualidades Pedagógicas*, *Iniciação Científica* e a famosa coleção *Brasiliana*, responsável pela renovação do pensamento social brasileiro e publicou, até 2005, 444 títulos de expressivos nomes da *intelligentsia* nacional, a exemplo de Nina Rodrigues, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e autores estrangeiros que estudaram o País, como Roger Bastide, Jacques Lambert, entre outros.³⁰⁴

A *Coleção Brasiliana*³⁰⁵, segundo Fábio Franzini (2006, p. 85), surgiu com o intuito de recuperar e fomentar a reflexão sobre o país, reunindo obras de autores “conhecidos e novos, clássicos e contemporâneos, nacionais e estrangeiros e trabalhos tanto originais quanto reeditados”. Daí o livro *Na Planície Amazônica* ser republicado entre obras de autores conhecidos e contemporâneos como Basílio de Magalhães (1874-1957) e José Francisco de Araújo Lima (1884-1945) sob o tema de Geografia. As obras de Geografia representam o quinto lugar por ordem de importância no conjunto de obras publicadas na *Coleção Brasiliana*, com 8,4%, entre os gêneros mais editados no período de 1931, quando é criada a Coleção, até 1960.³⁰⁶

Os livros publicados sob o selo da *CEN* como volumes da *Coleção Brasiliana*, isto é, da série V da *BPB*, “eram destacados da literatura em geral para constituir uma classe específica de textos de estudos da cultura brasileira para a formação da nacionalidade”³⁰⁷. Desse modo, assegura-se que Raymundo Moraes nunca teve uma relação pessoal nem com Monteiro Lobato, que influenciou muito a atuação da *CEN* até depois de 1930 quando vendeu a sua parte da empresa a Octalles Marcondes Ferreira, nem com este, novo proprietário da *CB* nem com Fernando de Azevedo, que dirigiu a *BPB*. A publicação da obra *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes pela *CEN* justificara-se devido ao tema da obra e devido ao grande interesse que o livro despertou nos anos de 1930 quando a *CB* o publicou. A crítica positiva e a consagração de Raymundo Moraes como um dos mais importantes estudiosos da Amazônia, devido ao elogio do Presidente Washington Luís ao livro mais conhecido de sua obra, influenciaram na escolha de *Na Planície Amazônica* para compor a *BPB* e, sem dúvida, a homenagem que o jornalista e escritor paraense fez ao estadista, dedicando-lhe a obra em 2ª

³⁰⁴ ORIÁ, 2010, p. 90. Grifo no original.

³⁰⁵ “Nesse processo, junto aos autores agora imbuídos de interpretar o Brasil também os editores desempenharam um papel fundamental, não apenas por exercerem a imprescindível tarefa de converter manuscritos em livros, mas ainda por desdobrar-lhes o sentido, à medida que reuniram e organizaram muitos deles em conjuntos maiores, as *coleções*” (FRANZINI, 2006, p. 81. Grifo no original).

³⁰⁶ Entre os gêneros mais editados no período (1931-1960), destacam-se por ordem de importância: história (24,1 %), biografia e memória (19,5 %), viajantes e cronistas (14,6 %), ensaios de interpretação sobre o Brasil (10 %), geografia (8,4 %), antropologia (7,8 %), que somados detêm 83,1 % dos gêneros publicados, equivalentes a 256 livros (PONTES, 1989, p. 392).

³⁰⁷ TOLEDO, 2010, p. 149/150.

edição e dedicando-a ao Estado de São Paulo também influenciou em alguma medida a publicação do seu livro pela *CEN*. A republicação dos volumes da *Coleção Brasileira* da *BPB* ocorria, geralmente, quando os exemplares se esgotavam nos seus pontos de venda por todo o país e a procura pelo livro continuava intensa. Foi isso que impulsionou a republicação da 5ª edição do livro *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes três anos depois da 4ª edição, ainda com o autor vivo.

A 5ª edição publicada no ano de 1939, como reedição do volume 63 da *Coleção Brasileira* da 5ª série da *BPB*, ainda sob a direção de Fernando de Azevedo foi, novamente, composta e impressa na Tipografia Rossolillo, de A. Rossolillo, em São Paulo, constando esse selo tipográfico na última página do livro, porém, não mais com 255 páginas e sim com 227 páginas numeradas. Essa edição também apresenta a capa padrão da *BPB*, porém, agora com cores vívidas e não mais com as cores quase em marca d'água, com o esboço do mapa em verde e o fundo completamente amarelo.

Figura 21. Anúncio da *Companhia Editora Nacional*, 1936.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS TERÇA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1936

SÉRIE BRASILIANA

**O Brasil em todos os seus aspectos
e em todos os seus problemas**

SISTEMATIZADO MÉTODO DE SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS TRABALHADO DE
SIMPPLICIDADE E DE FUNDADA CONFIANÇA, A PARTIR DA REVISÃO DE TODAS AS
RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS, TENDENTES DE CADA DADOS, CRIANDO CRIAS DOS
MUNDOS DESCRITIVAS. COLEÇÃO QUE TUDO O INTELLECTUAL DE VISITAÇÃO DE
PENSAR E QUE NÃO DEVE FALTAR DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E PARTICULARES.

ADQUIRA ANTES QUE SE ESCOTE!

VOLUMES PUBLICADOS:

1 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	12 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
2 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	13 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
3 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	14 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
4 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	15 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
5 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	16 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
6 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	17 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
7 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	18 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
8 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	19 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
9 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	20 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
10 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	21 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
11 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	22 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
12 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	23 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
13 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	24 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
14 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	25 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
15 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	26 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
16 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	27 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
17 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	28 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
18 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	29 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
19 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	30 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
20 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	31 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
21 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	32 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
22 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	33 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
23 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	34 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
24 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	35 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
25 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	36 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
26 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	37 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
27 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	38 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
28 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	39 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
29 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	40 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
30 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	41 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
31 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	42 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
32 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	43 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
33 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	44 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
34 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	45 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
35 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	46 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
36 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	47 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
37 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	48 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
38 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	49 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
39 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	50 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
40 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	51 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
41 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	52 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
42 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	53 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
43 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	54 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
44 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	55 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
45 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	56 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
46 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	57 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
47 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	58 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
48 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	59 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
49 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	60 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
50 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	61 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
51 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	62 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
52 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	63 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
53 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	64 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
54 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	65 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
55 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	66 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
56 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	67 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
57 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	68 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
58 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	69 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
59 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	70 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
60 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	71 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
61 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	72 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
62 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	73 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
63 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	74 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
64 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	75 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
65 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	76 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
66 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	77 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
67 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	78 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
68 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	79 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
69 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	80 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
70 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	81 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
71 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	82 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
72 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	83 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
73 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	84 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
74 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	85 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
75 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	86 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
76 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	87 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
77 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	88 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
78 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	89 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
79 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	90 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
80 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	91 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
81 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	92 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
82 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	93 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
83 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	94 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
84 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	95 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
85 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	96 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
86 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	97 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
87 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	98 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
88 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	99 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108
89 - Brasil: Paisagem e História da In-	42	100 - O Brasil: Aspectos Econômicos	108

Já se achou 3 vezes
o melhor livro de
GABRIEL FERREZ

Sobrados e Mucambo
1936 - 1939

VOLUMES ANUNCIADOS - 1936 - 1939

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
EDIÇÕES DA RUA D. GUSMÃO, N. 118 - SÃO PAULO

**A' venda em todas as Livrarias e na Livraria Civilização
à RUA 7 DE SETEMBRO N. 162**

Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 set. 1936, num. 2.982, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Antes da folha de guarda, aparece o catálogo com a relação de todos os volumes publicados, até então, da *Coleção Brasileira* da *BPB*. Além disso, apresenta-se na folha de guarda do livro o título da obra e no seu verso a inscrição “Obras do mesmo autor” com a lista das obras publicadas de Raymundo Moraes, assim como a relação das obras do mesmo autor que estavam no prelo; depois da folha de rosto, nessa edição constam, mais uma vez, a dedicatória “ao estadista brasileiro”, isto é, a Washington Luís, os prefácios da 2ª e 3ª edições e depois o prefácio da 5ª edição assinado pelo próprio autor, Raymundo Moraes, que ressalta sua satisfação em revisar a obra para a nova publicação ainda na *Coleção Brasileira*, em seguida constam o índice da obra e, ao fim, o selo tipográfico da *CEN*.

A *Companhia Editora Nacional* foi também de suma importância na trajetória social de *Na Planície Amazônica*, pois conquistou maior circulação para a obra, elevando o livro ao *status*

de uma das leituras e interpretações do Brasil mais procuradas. No tocante aos estudos da Amazônia brasileira, a procura pelo livro tornou-se muito significativa entre intelectuais brasileiros e estrangeiros (chamados de brasilianistas) na primeira metade do século XX, inserindo-o no desenho da “geografia da cultura”³⁰⁸ brasileira, estando sob a égide de uma das mais importantes coleções que representaram o Brasil nos anos de 1930, isto é, a *Coleção Brasileira*: “É com singular prazer que reviso, para a quinta edição na Brasileira, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, de São Paulo, este meu querido livro”³⁰⁹. E continua o intelectual paraense:

Os artistas que aparecem na terra do Cruzeiro, os prosadores e poetas, os sábios, os filósofos, os pensadores, os historiadores não honram unicamente a pátria, sim o continente americano. Orgulho-me pois (sic) com o fato. Senti o reflexo dessa irradiante estética, dessa elevação de sentidos, dessa beleza espiritual, ao ler vagorosamente as páginas, da minha humilde e rústica monografia, concluindo de tal leitura, quanto **Na Planície Amazônica** se acha distanciada das grandes obras, que os eleitos do Senhor vem (sic) produzindo na minha admirável pátria.

Raymundo Moraes.
Belém do Pará, 19 de setembro de 1938³¹⁰

Em 1960, depois de quase 20 anos da publicação de *Na Planície Amazônica* pela CEN: “Lançou a Editora Conquista, do Rio, a 6ª edição do livro de Raymundo Moraes, ‘Na Planície Amazônica’, cujo sucesso permanece tantos anos depois da morte do autor”³¹¹. Nesse sentido, o livro mais conhecido de Raymundo Moraes voltou ao cenário editorial brasileiro publicado em outra coleção, a *Coleção Terra dos Papagaios*, no volume quatro, com 229 páginas numeradas e capa assinada por Israel Cysneiros (? – 1985): “Esta edição, a sexta, tem capa e ilustrações especiais de Israel Cysneiros”³¹², assim como as ilustrações a bico de pena ao longo da obra de Raymundo Moraes. Essa edição, segundo o anúncio do *Diário Carioca*:

INDISPENSÁVEL a quem deseje introduzir-se no estudo da Amazônia é a leitura da obra de Raimundo Moraes, ‘Na Planície Amazônica’ fora anteriormente incluída na Brasileira e hoje saía sob a égide da Editora Conquista”³¹³.

³⁰⁸ TOLEDO, 2010, p. 140.

³⁰⁹ MORAES, 1939: XVII.

³¹⁰ Ibid., 1939: XVIII. Grifo no original.

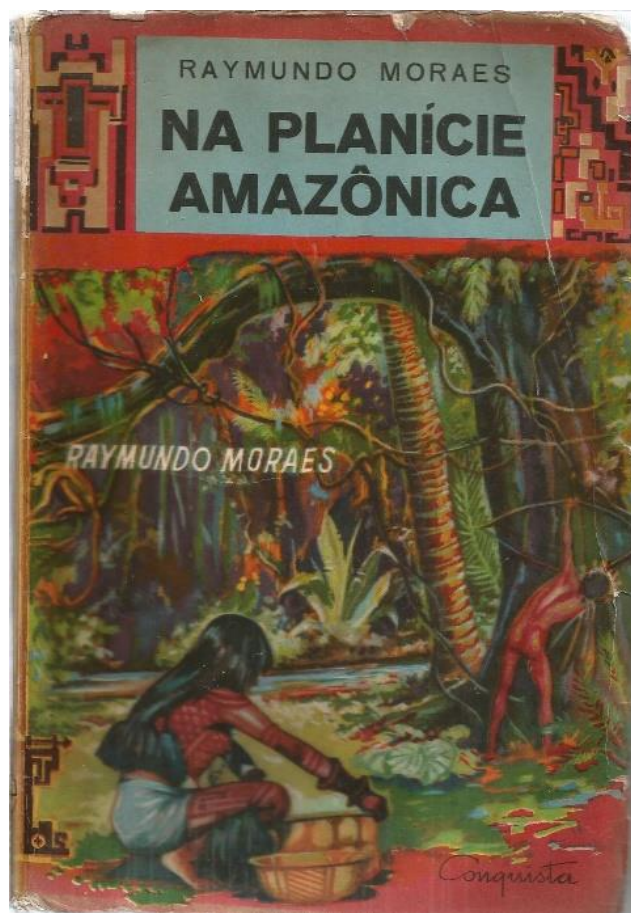
³¹¹ NO MUNDO das ideias. Amazônia. *O Semanário*, Rio de Janeiro, 7 a 14 jan. 1961, num. 244, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³¹² CAVALCANTI, Valdemar. Livros & Ideias. Reedições. Na Planície Amazônica, de Raimundo Moraes (Editora Conquista). *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, mai. 1961, num. 303, p. 31. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³¹³ LITERATURA R.J. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 05 jan. 1961, num. 9.978, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

A capa do livro é ilustrada com cenas cotidianas das populações indígenas representadas por um casal: a mulher agachada preparando algum alimento no alguidar com desenhos indígenas e o homem com arco e flecha na mão em uma posição que sugere que está a ponto de flechar algum animal ou fruta na copa das árvores. A mulher está vestida da cintura para baixo, mas o homem está completamente nu de costas. A floresta e o rio encontram-se no centro da composição e a flora é representada de forma desordenada e tumultuária. A presença humana e a flora tumultuária são dois símbolos que não apareceram nas capas das edições anteriores, com exceção da 4ª e 5ª edição que tinham capa padrão da *Coleção Brasileira* da *BPB*, publicada pela *CEN*. O nome do autor se repete na parte superior da capa junto ao título do livro em destaque e sobre a floresta em destaque branco. Na parte superior ladeando o nome do autor e título do livro encontram-se dois desenhos análogos à arte autóctone, aproximando-se da composição de Paulo Werneck na capa da 3ª edição pela *CB*. Na contracapa, há inscrições imitando a arte marajoara e um vaso decorado indígena, assim como dois homens em uma canoa navegando por um rio de cor vermelha, que se mistura ao fundo da pintura, sugerindo o Rio Amazonas, com suas águas barrentas.

Figura 22. Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 6ª edição, 1960.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Rio de Janeiro: Conquista Editora, 1960. Acervo pessoal.

Israel Cysneiros³¹⁴ fez carreira ilustrando a capa de livros e o conteúdo dos mesmos no final dos anos de 1930 ao início dos anos de 1980. Ficou famoso na década de 1940 por ilustrar matérias com tomadas espontâneas para os periódicos reunidos sob o selo dos *Diários Associados*, principalmente, o *Diário da Noite* na então capital federal e o *Diário de Pernambuco* em Recife, capital pernambucana. Nos anos de 1940, ilustrou a revista carioca *O Cruzeiro* e fez parte do seu Departamento Artístico no período de 1945 a 1947. Em 1948, foi

³¹⁴ Todas as informações sobre a trajetória social do artista foram reunidas por mim a partir das fontes impressas disponíveis em jornais e revistas; não consegui encontrar nenhuma referência bibliográfica sobre a biografia de Israel Cysneiros.

recomendado para pintar a tela “Promulgação da Constituição de 1946”³¹⁵, devido aos flagrantes diários do período de trabalho da Constituinte que Israel Cysneiros desenhava para os jornais dos *Diários Associados*. Foi nesse contexto que as ilustrações dos “Bocas de Siri”³¹⁶ ganharam tão grande repercussão na Imprensa brasileira que seu autor começou a ser muito visado e convidado para ilustrar muitos flagrantes e matérias nos periódicos. Porém, não realizou o trabalho de pintura da tela “Promulgação da Constituição de 1946” porque nunca chegou a ser contratado³¹⁷.

No início dos anos de 1950, em homenagem a Santos Dumont, o “Aero Club do Brasil” encomendou ao artista um painel, com pintura a óleo de sete metros de comprimento por um metro e quarenta centímetros, retratando o monumento de *Sant Claud* para celebrar a memória do “Pai da Aviação” e a síntese da obra de Santos Dumont, como o voo do “14-Bis”, voo histórico realizado a 23 de outubro de 1906 e do voo da “Demoiselle”.³¹⁸ Com menos frequência, o artista ilustrou no período dos anos de 1950 os jornais *Tribuna da Imprensa* e *O Jornal*, ambos periódicos cariocas. O artista conquistou mesmo seu lugar entre os mais importantes ilustradores do país ao aceitar o convite de trabalhar para a *Editora Conquista*, ilustrando toda uma saga de livros publicados por essa Editora na década de 1950 ao início dos anos de 1980. No início da década de 1970, ficou muito conhecido por assinar os textos e ilustrações do livro *Orixás de Umbanda*, de 1972³¹⁹, tornando-se uma pioneira e importante referência na literatura ilustrada sobre a Umbanda no Brasil.

O livro em 6ª edição foi composto e impresso nas Oficinas da Gráfica Editora S/A para a *Editora Nacional do Direito no Rio de Janeiro*. Na primeira orelha do livro, consta o texto “Raymundo Moraes e suas Obras” que é, em verdade, uma compilação de comentários de literatos e jornalistas sobre a obra de Raymundo Moraes publicados nos impressos da época, assim constam nessa orelha os comentários de Gustavo Barroso (1888-1957) e João Ribeiro (1860-1934); na folha de guarda consta o título da obra e no seu verso a inscrição “Obras de Raymundo Moraes” em que aparecem listadas as obras publicadas do jornalista e escritor com exceção dos livros: *Machado de Assis*, de 1939, *Cosmorama*, de 1940 e *Um Eleito das Graças*,

³¹⁵ DISCUSSÃO do Orçamento. Acréscimo de nove milhões de cruzeiros nas despesas da Guerra. Na Comissão de Educação e Cultura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 ago. 1948, num. 16.988, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³¹⁶ AS GRANDES REPORTAGENS do momento. 15 mil cruzeiros para ficar quieto. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 02 abr. 1946, num. A04060, p. 12. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³¹⁷ LÁPIS DE ISRAEL CISNEIROS FEZ HISTÓRIA NO “DIÁRIO DA NOITE”. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 06 out. 1959, num. 11.321, p. 17. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³¹⁸ MAIS UMA HOMENAGEM do Aero Club do Brasil a Santos Dumont. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 mai. 1953, num. 14.397, p. 20. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

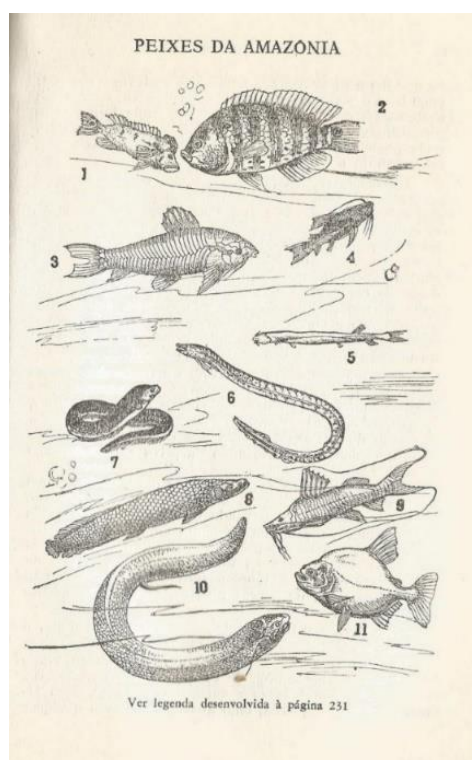
³¹⁹ ORIXÁS DE UMBANDA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1972, num. 15.234, p. 24. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

de 1941. Na folha de rosto da obra aparece uma pequena ilustração de Israel Cysneiros com a legenda “Maloca”. Depois da folha de rosto, consta o índice da obra, em seguida constam os prefácios da 2ª edição do livro com a ilustração “Prato pintado” e da 5ª edição com a ilustração “Urna”.

Em cada ensaio, depois do título, foi impressa uma ilustração de Cysneiros com legenda, garantindo certa identidade iconográfica aos ensaios. Também outras ilustrações aparecem ao longo da 6ª edição para demonstrar a riqueza cultural, natural e humana da Amazônia como as intituladas: Aves da Amazônia, Peixes da Amazônia, Flora Amazônica, Cerâmica Amazônica, As Amazonas de Orellana, Crendices Amazônicas, Objetos Indígenas, Armas Indígenas e Quelônios ³²⁰. E ao final, depois da última página numerada, constam as legendas das ilustrações reunidas com indicação de suas respectivas páginas; e por fim, na segunda orelha do livro, seguem os comentários de Humberto de Campos (1886-1934), Alves de Souza, Carlos D. Fernandes, Carlos Pontes, Carlos Malheiros Dias (1875-1941), Luiz Moraes e Peregrino Júnior (1898-1983).

³²⁰ Aves da Amazônia (MORAES, 1960, p. 27), Peixes da Amazônia (Ibid., p. 95), Flora Amazônica (Ibid., p. 103), Cerâmica Amazônica (Ibid., p. 113), As Amazonas de Orellana (Ibid., p. 119), Crendices Amazônicas (Ibid., p. 137), Objetos Indígenas (Ibid., p. 177), Armas Indígenas (Ibid., p. 187) e Quelônios (Ibid., p. 211).

Figura 23. Peixes da Amazônia, ilustração de Israel Cysneiros, 1960.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960, p. 95.

A partir da 6ª edição de *Na Planície Amazônica* publicada pela *Editora Conquista*, o livro ganhou um projeto gráfico inovador e muito mais pedagógico com as ilustrações de Israel Cysneiros, pois essa apresentação gráfica do livro de Raymundo Moraes tem mais cores, mais imagens, com o objetivo de atrair leitores mais jovens e inexperientes na leitura de referências clássicas sobre a Amazônia, pois na década de 1960, a obra de Raymundo Moraes era enunciada como uma obra clássica. O jornal carioca *Correio da Manhã* dava a notícia de que essa edição do livro abriria a republicação da obra completa de Raymundo Moraes por essa mesma Editora: “Com esse volume, a Conquista dá início à publicação das obras completas de Raymundo Moraes”³²¹.

³²¹ CONDÉ, José. Escritores e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1960, num. 20.781, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

A conhecida obra de Raymundo Moraes, “A Planície Amazônica”, a que faz parte da prestigiosa Brasileira vem ter a sua 6ª edição lançada pela Editora Conquista. Trata-se de livro indispensável na biblioteca de quem quer se interesse pelo conhecimento geográfico, econômico e social de uma das maiores regiões do Brasil.³²²

Essa foi a primeira edição ilustrada do livro e é por isso uma edição importante para a trajetória social do livro como para a do autor porque apresenta a narrativa de Raymundo Moraes entrelaçada às ilustrações de Israel Cysneiros, forjando uma identidade entre os trabalhos de escrita e ilustração do livro como se esses fossem contemporâneos e como se complementassem. Entretanto, tais ilustrações passaram a fazer parte da obra depois de quase vinte anos após a morte do autor do livro em 1941 e após mais de 30 anos da primeira publicação de *Na Planície Amazônica* em 1926.

Figura 24. Anúncio do livro *Na Planície Amazônica* em 6ª edição, 1960.

**VOLTAM AS LIVRARIAS
AS OBRAS NOTÁVEIS
DE RAYMUNDO MORAES
NA PLANÍCIE AMAZÔNICA**

SEXTA EDIÇÃO

“Raymundo Moraes é uma das mais belas figuras literárias do Brasil. Conhecendo a Amazônia a fundo, sua vida, sua natureza, seus costumes, seu folclore, suas tradições, sua gente, a flora, a fauna, a geologia e a potamografia daquela planície formidável, ninguém como ele jamais pintou, descreveu e sentiu a natureza daquele mundo esquecido.” GUSTAVO BARROSO

“O Sr. RM conseguiu, de um ponto remoto da selva amazônica, impor-se ao país inteiro.” HUMBERTO DE CAMPOS

“Quando os críticos da Avenida lhe sancionaram a celebridade, ele já era um escritor notável e glorioso.” PEREGRINO JÚNIOR

“... obra harmoniosa da erudição e vulgarização que se fazia imprescindível...” ALVES DE SOUSA

Edição ilustrada, em papel de primeira: Cr\$ 300,00
Nas principais livrarias do país ou na Editora

CONQUISTA
AV. 28 DE SETEMBRO, 174 - RIO DE JANEIRO

Fonte: *Última Hora*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1960, num. 3.219, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³²² INFORMAÇÃO Literária Colt. Lançada a 6ª Edição de “A Planície Amazônica”. *O Dia*, Curitiba, 12 jan. 1931, num. 36, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

A 7ª edição de *Na Planície Amazônica*, de 1987, é uma publicação conjunta da *Editora Itatiaia Limitada* em Belo Horizonte/ MG e da *Editora da Universidade de São Paulo (Edusp)* em São Paulo/ SP. Trata-se do volume 112, da *Coleção Reconquista do Brasil* (2ª série), dirigida por Antonio Paim (1927-?), Roque Spencer Maciel de Barros (1927-1999) e Ruy Afonso da Costa Nunes (1928-?), com projeto gráfico de Alceu Letal. A capa é do designer, fotógrafo, escritor e ilustrador brasileiro Cláudio Martins (1948) com desenho de Poty (1924-1998), com “Introdução” (Prefácio) do escritor paraense Leandro Tocantins (1919-2004) e com nove ilustrações de Poty ³²³. Com 201 páginas numeradas, o livro foi impresso na Gráfica Bisord Ltda. em São Paulo. *A Coleção Reconquista do Brasil* “... tem uma extensa relação de títulos (os relatos de viagem são seu prato forte)” ³²⁴. Assim tal coleção foi definida por Antonio Paim (1927-?), seu diretor:

A Reconquista do Brasil abrange atualmente 174 volumes, distribuídos em três séries, tendo-se tornado, no gênero, uma coleção tão importante quanto a *Brasiliana*, da Cia Editora Nacional (...) e a Documentos Brasileiros da José Olympio”. ³²⁵

Na primeira orelha, constam algumas considerações de Leandro Tocantins sobre a vida e obra de Raymundo Moraes, também comentários de João Ribeiro e Humberto de Campos sobre a obra do escritor paraense. E na segunda orelha, seguem os comentários de Gustavo Barroso, Carlos Malheiros Dias, Peregrino Júnior, Carlos D. Fernandes, Luiz Moraes e Alves de Sousa. Antes da folha de guarda, constam os títulos publicados da *Coleção Reconquista do Brasil* nos volumes 102 a 115. Na folha de guarda, há apenas o título da obra, depois constam a ficha catalográfica, e no verso, os dados técnicos do presente volume. Essa é a primeira edição do livro com ficha catalográfica.

Essa edição também inovou a apresentação gráfica do livro, pois acrescenta, depois da folha de rosto da obra, a fotografia de Raymundo Moraes em 1935 feita por Fidanza e do seu gabinete de trabalho em sua residência localizada à “Avenida Generalíssimo Deodoro, 421, em Belém do Pará”, onde o escritor faleceu e onde se desejava fundar a “Casa de Raymundo Moraes”; apresenta também a reprodução da folha de rosto do seu primeiro livro publicado,

³²³ As ilustrações de Israel Cysneiros da 6ª edição publicada em 1960 pela Editora Conquista no Rio de Janeiro foram suprimidas nessa 7ª edição. Somente, a edição publicada pelo Senado Federal é que vai resgatar as ilustrações de Israel Cysneiros.

³²⁴ LEITE, Marcelo. Os Viajantes. *Diário do Pará*, Belém, 08 mai. 1988, num. 1.552, p. D - 9. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³²⁵ PAIM, Antonio. Oliveira Viana de Corpo Inteiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 mai. 1987, num. 361, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

Traços a Esmo, de 1908, assim como da folha II relativa ao capítulo IV do mesmo livro, com o início do ensaio “O rio das Amazonas”, reproduziram-se também o prefácio completo do livro citado, com o título “Palavras necessárias” e a capa e a folha de rosto da 1ª edição de *Na Planície Amazônica*.

Seguem nessa edição, o índice da obra e a “Nota biográfica de Raymundo Moraes” assinada por Leandro Tocantins em duas páginas. Constam a reprodução de duas dedicatórias manuscritas a punho pelo autor: uma a Celso Vieira, colega e amigo de Raymundo Moraes dos tempos da redação de *A Província do Pará* e à Myriam Moraes, filha do escritor e sua secretária pessoal. Depois consta também a inscrição “Obras de Raymundo Moraes, com todos os livros publicados do jornalista e escritor paraense, inserindo um livro *Notas sobre o El Dourado* ³²⁶ que não aparece em listas anteriores. Nessa edição, consta uma longa introdução intitulada “Um escritor Nativista” por Leandro Tocantins ³²⁷. É impressa a relação onomástica, em ordem de dedicação, com todos os nomes a quem Raymundo Moraes dedicou cada ensaio do livro *Na Planície Amazônica*, os prefácios da 5ª edição e da 2ª edição do livro.

Essa edição de *Na Planície Amazônica* foi a única publicação de Raymundo Moraes que reuniu a parceria entre uma empresa privada, a *Editora Itatiaia*, e uma instituição pública, a *Edusp*. Além disso, esse livro foi republicado ao lado de obras de autores brasileiros renomados e já estabelecidos como Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), Oliveira Vianna (1883-1951) e de brasilianistas como a arqueóloga americana Betty Meggers (1921-2012). Nessa edição, os editores optaram por fazer algumas mudanças no desenho do texto como, por exemplo, retirar as dedicatórias nominais do início de cada ensaio e dispô-las antes da narrativa de Raymundo Moraes, assinalando uma lista com os nomes a quem o intelectual paraense dedicou cada ensaio, respeitando a ordem de dedicação. Os editores mantiveram todas as notas explicativas, mas suprimiram as ilustrações de Israel Cysneiros, inserindo as ilustrações de Poty Lazzarotto no intervalo das páginas 161 a 169.

³²⁶ Não foram encontradas citações ou referências a esse livro. Trata-se da única citação.

³²⁷ TOCANTINS, 1987, pp. 21-29.

Figura 25. Ilustrações de Poty na 7ª edição de *Na Planície Amazônica*, 1987.

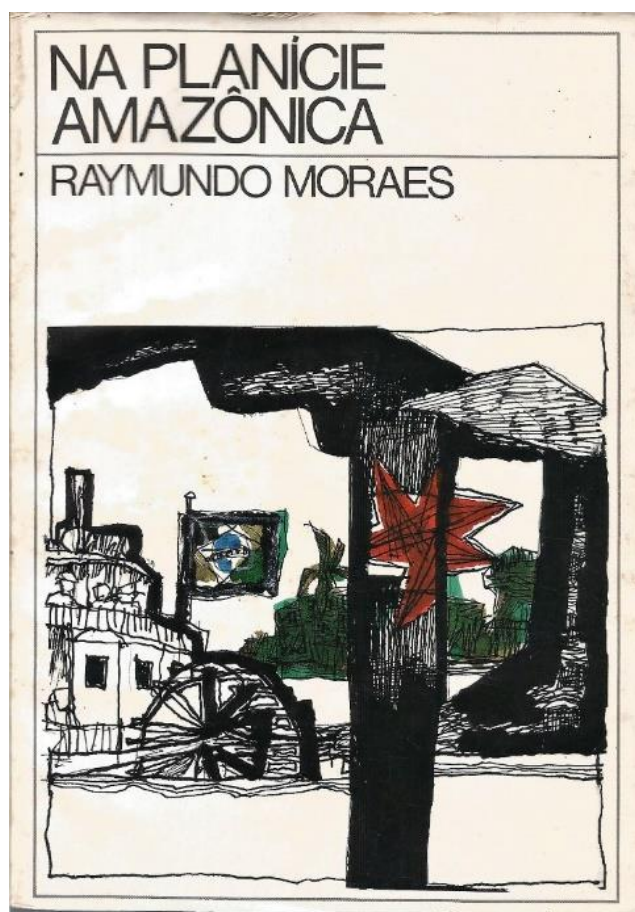


Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada; São Paulo: Edusp, 1987. Acervo Pessoal.

Poty ilustrou a capa de *Na Planície Amazônica* retratando uma cena amazônica com o ancoramento de um barco com pessoas a bordo e a bandeira do Brasil, fincada na popa da

embarcação, assim como recriou a floresta no segundo plano da obra. Essa ilustração da capa parece uma das tomadas da série de ilustrações que produziu para o livro de Raymundo Moraes e que foram publicadas no corpo da obra e que constam acima.

Figura 26. Capa do livro *Na Planície Amazônica* em 7ª edição, 1987.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada; São Paulo: Edusp, 1987. Acervo Pessoal.

Em 1924, nasceu Napoleon Potyguara Lazzarotto em Curitiba, capital paranaense. Foi gravador, desenhista, ilustrador, muralista e professor. Estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba) no Rio de Janeiro. Morou em Paris, onde, financiado pelo governo francês, estudou litografia na *École Supérieure des Beaux-Arts*. Foi um dos fundadores, em 1950, da Escola Livre de Artes Plásticas, onde lecionou desenho e gravura. Nesse mesmo período, organizou o primeiro curso de gravura do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). A partir de 1960, ganhou notoriedade como muralista executando diversas obras em

edifícios públicos e particulares no país e no exterior. Os murais da Casa do Brasil, em Paris, de 1950, e o painel para o Memorial da América Latina, em São Paulo, de 1988, estão entre os seus principais murais. Tornou-se um dos mais importantes ilustradores brasileiros quando passou a ilustrar obras literárias como as de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Dalton Trevisan, entre outros. Publicou os livros *A Propósito de Figurinhas*, de 1986, e *Curitiba, de Nós*, de 1989, em parceria com Valêncio Xavier Niculitcheff³²⁸. Poty faleceu em 1998.

Poty trabalhou para a *Editora Itatiaia* fundada pelos irmãos Moreira, Pedro Paulo e Edison Moreira, na década de 1950 em Belo Horizonte/ MG. Essa Editora caracterizou-se pelo apoio, publicação e divulgação de obras inéditas de autores brasileiros, até então, desconhecidos no mercado editorial³²⁹ e pela reedição de obras clássicas. Além disso, a sua linha editorial definiu-se, principalmente, através da publicação de coleções. Foi aclamada em 1961, porque lançou em parceria com um Banco de Minas Gerais, o “Grande Prêmio Nacional do Romance” no valor de 13 mil cruzeiros³³⁰, que para a época, era um prêmio valioso para os novos escritores; foi vista por essa iniciativa e por outras ações no mercado brasileiro do livro como uma Editora ousada com uma nova proposta editorial que tentava superar as iniciativas das grandes editoras brasileiras. A *Editora Itatiaia* também publicou, em 1986, a 2ª edição de *Histórias Silvestres do tempo que os animais e as plantas falavam na Amazônia*³³¹.

A parceira na coedição de *Na Planície Amazônica*, isto é, a *Editora da Universidade de São Paulo* foi criada em 1962 através de estatuto assinado pelo então reitor Antonio de Barros Ulhôa Cintra que designou nove professores para a Comissão que organizaria e coordenaria as atividades dessa Editora universitária. Porém, em 1964, todos os professores dessa Comissão pediram demissão, ao assumir a reitoria da USP, Luiz Antonio da Gama e Silva, no contexto quando se iniciou a ditadura no Brasil. Esse reitor nomeou, então, uma nova Comissão para coordenar a *Edusp*, agora com cinco professores apenas. Desde 1964 até o final da década de 1990, essa Editora universitária assumiu a política norteadora de não concorrer e sim colaborar com a empresa privada, admitindo apenas o sistema de coedição de obras³³², firmando

³²⁸ Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazarotto>>. Acesso em 30.10.2018.

³²⁹ Essa característica da Editora foi destacada pelo poeta mineiro Bueno de Rivera (1911-1982) em entrevista concedida ao editor da *Montanha* na matéria: A ACADEMIA MINEIRA de Letras é um velório de celebridades distritais. *Montanha*, Belo Horizonte, jun. 1957, num. 3, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³³⁰ O MAIOR Prêmio Literário do Brasil. *Alterosa*, Belo Horizonte, abr. 1961, num. 340, p. 124. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³³¹ CARDOSO, Emily. Leandro Tocantins, Belém merece uma condecoração. *Diário do Pará*, Belém, 15 jan. 1987, num. 1.287, p. 17. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³³² EDUSP: 1.500 títulos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01 jun. 1980, num. 187, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

convênios com editoras privadas brasileiras. Esse modelo de editoração foi criticado por não representar um modelo favorável, pelo menos, para a *Edusp*:

O resultado desses princípios que regiam a Edusp (...) contribuíram para a edição de obras que não circulavam e se amontoavam nas dependências das instituições, muitas com tiragens superiores às demandas reais, além de coedições que beneficiavam apenas as editoras comerciais.³³³

Sobre a *Coleção Reconquista do Brasil*, na qual se insere o livro *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes, o periódico carioca *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem especial em 1981 sobre o papel das editoras universitárias no mercado editorial brasileiro. A partir da entrevista com o professor Mário Guimarães Ferri (1918-1985), presidente da Comissão editorial desde 1964 da *Edusp* e depois presidente dessa Editora universitária por mais de 20 anos, afirma o periódico que: “Dos mais de 1.500 livros publicados pela *Edusp*, o professor Ferri fala com especial carinho dos que integram a série Reconquista do Brasil formada por obras de viajantes célebres”³³⁴. O livro *Na Planície Amazônica* é entendido como um relato de um viajante sobre a Amazônia, com a diferença que esse viajante é natural da região amazônica.

Depois do texto original da obra, aparecem a primeira página da Ata da 11ª sessão da ABL de 12 de março de 1931, apresentando a candidatura de Raymundo Moraes à vaga de Graça Aranha como um ponto de pauta da reunião. E, por fim, o catálogo da *Coleção Reconquista do Brasil* com 60 títulos da 1ª série, 101 títulos da 2ª série (antes da folha de rosto, constam os volumes 102 a 115) e três títulos da 3ª série. E no verso da última página, uma apresentação técnica da obra *Na Planície Amazônica* com uma ilustração.

³³³ MARQUES NETO; GARCIA ROSA, 2010, p. 344.

³³⁴ FIM DO Anonimato. Editoras universitárias começam a ganhar um lugar ao sol no mercado do livro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1981, num. 289, p. 37. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 27. Última página da 7ª edição de *Na Planície Amazônica*, 1987.



Fonte: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada; São Paulo: Edusp, 1987.

Passou-se mais de uma década para o livro ser republicado pela *Editora do Senado Federal do Brasil*. Sob a gestão do Conselho Editorial composto pelo Senador Lúcio Alcântara³³⁵, presidente do Conselho, pelo Vice-presidente Joaquim Campelo Marques e pelos Conselheiros, Carlos Henrique Cardim (1948-2003)³³⁶, Carlyle Coutinho Madruga e

³³⁵ Lúcio Alcântara nasceu em Fortaleza/ CE em 1943. Tem muita experiência na vida pública e já publicou mais de 20 obras literárias. Ocupou a Prefeitura de Fortaleza na gestão de 1979 a 1982; foi Deputado Federal pelo Ceará de 1983 a 1994 e Senador pelo Estado do Ceará, de 1995 a 2002 (Disponível em <<http://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/57>>. Acesso em 26.09.2017). Foi também Governador do Estado do Ceará de 2003 a 2007.

³³⁶ Carlos Henrique Cardim nasceu em São Paulo/ SP em 1948 e morreu em 2003. Tornou-se Sócio correspondente do IHGB. Diplomata de carreira e professor universitário, foi embaixador, docente do Instituto Rio Branco e da Universidade de Brasília (UnB). Foi também diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), órgão da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), entidade vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. Serviu nas embaixadas do Brasil em Buenos Aires, Santiago, Washington e Assunção. Foi Diretor do Centro de Estudos Estratégicos (CEE) do Ministério da Ciência e Tecnologia, Assessor do Secretário-Geral das Relações Exteriores e do Diretor do Instituto Rio Branco. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, foi Decano de Extensão da UnB e Presidente do Conselho Editorial da Editora da UnB (Disponível em <http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5054>. Acesso em 26.09.2017).

Raimundo Pontes Cunha Neto, o livro *Na Planície Amazônica* voltou ao mercado editorial. Esse Conselho foi “criado em 1997, no âmbito organizacional da instituição [Senado], com a missão de publicar obras de suma relevância histórica para a compreensão da estrutura política, econômica e social do Brasil”³³⁷.

A nova edição, registrada também como 7ª edição, foi publicada em 2000, com 176 páginas, com as ilustrações de Israel Cysneiros e com o projeto gráfico de Achilles Milan Neto. Atualmente, essa é a edição da obra mais conhecida e divulgada. Ela faz parte da *Coleção Brasil 500 Anos* – catálogo das obras selecionadas mais importantes da História do Brasil – essa coleção editada e publicada pela *Editora do Senado Federal* em Brasília/ DF é vendida a preço acessível pela Livraria do Senado Federal, na loja física e atendendo também a pedidos via sítio da livraria.³³⁸ É a primeira edição que atualizou a grafia do nome de “Raymundo Moraes” para “Raimundo Morais”. Em 27 de abril de 2000, o Senado Federal anunciava o livro em breve nota como mais um volume da *Coleção Brasil 500 Anos*, reproduzindo o “Resumo” do livro no site da *Editora do Senado Federal*:

Na Planície Amazônica, de Raimundo Morais - Livro escrito há mais de 60 anos por um comandante de "gaiolas" que, durante 30 anos, percorreu os rios do maior sistema hidrográfico do mundo. É uma descrição viva da paisagem física e humana de uma das regiões que mais têm atraído a atenção nos últimos tempos.³³⁹

A capa do livro apresenta a citação de parte da obra “Paisagem Amazônica”, de 1978, óleo sobre tela, do artista Moacir Andrade de Morais (1927-2016) assim como a reproduz em nova página, antes da folha de guarda. Moacir de Andrade é amazonense, de Manaus, nasceu em 1927. Na década de 1940, ele estudou desenho na Escola Técnica de Manaus, mas concluiu seus estudos superiores em Museologia pelo Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Fundou e participou ativamente do Clube da Madrugada em Manaus nos anos de 1950³⁴⁰. O Clube da Madrugada foi fundado em 1954 em Manaus/ AM e tinha por finalidade reunir artistas

³³⁷ MAIA, Agaciel da Silva. Páginas da história. *Correio Braziliense*, Brasília, 13 dez. 2003, num. 14.818, p. A - 21. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³³⁸ O livro ainda se encontra disponível para a solicitação via internet ou física na Livraria do Senado Federal do Brasil no valor de R\$ 15,00 (quinze reais) (Disponível em <<http://livraria.senado.leg.br/na-planicie-amazonica.html>>. Acesso em 02.10.2017).

³³⁹ PUBLICAÇÕES do Conselho Editorial do Senado. Disponível em <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/04/27/publicacoes-do-conselho-editorial-do-senado>>. Acesso em 26.09.2017.

³⁴⁰ Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24171/moacir-andrade>>. Acesso em 07.11.2018; ver também PESSOA, Simão. Moacir Andrade: paixão perene pela cultura amazônica (4). *Blog do Simão Pessoa*. Disponível em <https://simaopessoa.blogspot.com/2015/10/moacir-andrade-paixao-perene-pelas-pela_4.html>. Acesso em 03.12.2018; e ALENCAR, José Roberto Girão de (org.). *Moacir Andrade, uma lenda amazônica*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

alinhados ao modernismo, ainda sob a influência dos ditos “novos” dos anos de 1930. Ele faleceu em 2016, com 89 anos ³⁴¹.

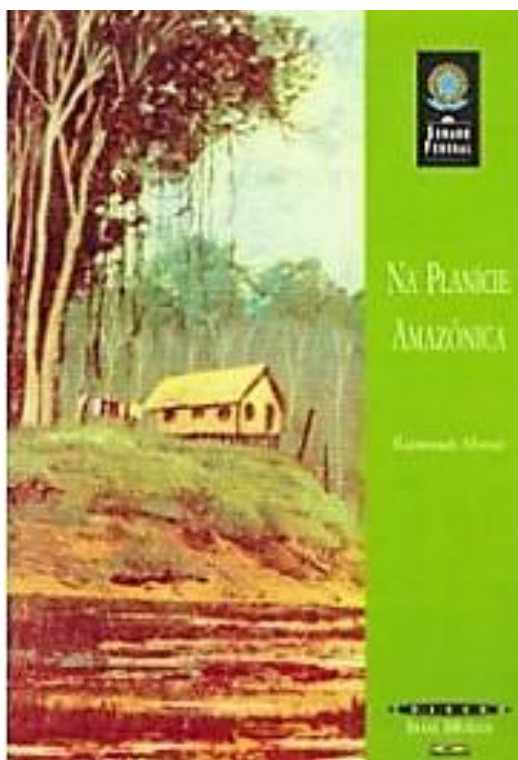
Figura 28. “Paisagem Amazônica” de Moacir Andrade de Moraes, 1978.



Fonte: MOACIR Andrade. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2017. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24171/moacir-andrade>>. Acesso em 05.09.2017. Acervo da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.

³⁴¹ Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/07/morre-o-artista-plastico-amazonense-moacir-andrade-aos-89-anos.html>>. Acesso 03.12.2018.

Figura 29. Capa de *Na Planície Amazônica* em 7ª edição, 2000.



Fonte: MORAIS, Raimundo. *Na Planície Amazônica*. Brasília: Senado Federal, 2000. Disponível em <<http://livraria.senado.leg.br/na-planicie-amazonica.html>>. Acesso 03.12.2018. Acervo da Livraria do Senado Federal.

Em seguida, na folha de guarda consta o título da obra com a ilustração de Israel Cysneiros, com a legenda “Maloca”, e no verso da folha de guarda os dados acerca da Mesa Diretora (Biênio 1999/ 2000) do Senado Federal do Brasil e a composição do Conselho Editorial da Casa. No verso da folha de rosto, constam informações sobre a *Coleção Brasil 500 anos* e a ficha catalográfica da obra e em seguida o índice do livro. Após o índice, novamente a introdução assinada por Leandro Tocantins: “Um escritor nativista”, mas agora revisada e ampliada, com a análise do prefaciador sobre o estilo literário de Raimundo Moraes, com as considerações sobre as influências de outros escritores sobre a narrativa do jornalista e escritor paraense e sobre os assuntos abordados no livro *Na Planície Amazônica*. Leandro Tocantins (200, p. XXI) foi o primeiro prefaciador a definir o autor como um escritor modernista pertencente à fase nativista da literatura da Amazônia. O amigo de Raimundo Moraes, Carlos D. Fernandes, já havia o definido como modernista, mas nunca prefaciou nenhum de seus livros publicados.

Essa edição traz os prefácios da 2ª edição e da 5ª edição do livro. E depois do conteúdo original dos escritos de Raymundo Moraes, acrescentaram-se nessa edição mais três tópicos: “Raimundo Moraes e suas obras” com comentários de críticos literários, escritores e jornalistas como Gustavo Barroso, João Ribeiro, Humberto de Campos, Alves de Sousa, Carlos D. Fernandes, Carlos Pontes, Carlos Malheiros Dias, Luís Moraes e Peregrino Júnior sobre a obra de Raymundo Moraes como a 6ª edição pela *Editora Conquista*; também o item “Obras de Raimundo Moraes” que relaciona em uma lista os livros publicados do escritor, com exceção do livro *Machado de Assis e Cosmorama*, voltou a incluir *Notas sobre o El dourado*, assim como o “Índice Onomástico” com a relação de todos os nomes de intelectuais, literatos, naturalistas, viajantes, jornalistas que são citados no livro. Esse índice é um item novo dessa edição.

A última versão impressa do livro *Na Planície Amazônica* foi publicada no ano de 2001 em Manaus pelas *Edições do Governo do Estado*, em 8ª edição, via Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto do Governo do Estado do Amazonas (SEC - AM), com 148 páginas numeradas e texto revisado por Alcides Werk, com o acompanhamento editorial da Editora da Universidade do Amazonas (EDUA). E, traz em sua capa a fotografia de Ana Andrade e a ilustração da Expedição de Frans Keller (1872), do Acervo do Museu Amazônico, Manaus/ AM. Na folha de guarda, consta o título do livro e no seu verso, constam as informações institucionais do Governo do Amazonas. No verso da folha de rosto, há a ficha técnica e a ficha catalográfica. Depois do sumário do livro, aparecem as dedicatórias impressas a Washington Luís, também a Ephigenio de Salles e a Araujo Lima. Consta uma apresentação com breves palavras do Governador do Estado do Amazonas, à época, Amazonino Armando Mendes (nascido em 1939), elogiando o jornalista e escritor paraense e sua obra. O prefácio é assinado por Robério Braga, o então, Secretário de Estado da Cultura, Turismo e Desporto do Governo do Estado do Amazonas. Essa é uma edição pouco conhecida do livro, pois o seu espaço de circulação restringiu-se praticamente à capital do Estado do Amazonas.

Essa iniciativa do Governo do Estado do Amazonas, apesar da alegação de Amazonino Mendes (2001, s.p.): “O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais não tem paralelo no governo”, fez parte do projeto político de gestão pública no campo da cultura do Governo de Amazonino Mendes no período de 1999 a 2002, quando se reelegeu. As publicações das *Edições do Governo do Estado* tiveram o acompanhamento editorial da EDUA, sendo financiadas com recursos públicos destinados ao campo da cultura, tanto que quem prefaciou o livro de Raymundo Moraes foi Robério Braga, então, Secretário de Cultura do Estado do Amazonas.

O Governo do Estado do Amazonas também publicou a 2ª edição dos livros *Notas Dum Jornalista* (a 1ª edição foi publicada pela *Livraria Clássica Editora* em 1924) e *À margem do livro de Agassiz* (a 1ª edição foi publicada pela *Editora Melhoramentos* em 1939)³⁴². O Governo Estadual tinha por meta publicar a obra, senão completa, mas pelo menos os livros mais conhecidos do jornalista e escritor paraense e de outros *amazonólogos* (como são chamados os vários escritores da Amazônia que tem a região como foco de suas pesquisas e produção literária e acadêmica).³⁴³

As Edições Governo do Estado do Amazonas voltam-se para a reedição das obras do festejado escritor Raymundo Moraes que, tendo publicado intensamente, era o viajante amazônico, aproveitando-se aqui e ali das impressões de viagem, longas viagens pelo *hinterland*. Escreveu para tratar dos temas regionais com base no que via e ouvia, pelo mundão da selva e dos rios.³⁴⁴

Há uma forte coincidência entre a trajetória social de Raymundo Moraes e a do seu livro *Na Planície Amazônica*. Raymundo Moraes nasceu e morreu em Belém/ PA; apesar de ter vivido em Manaus/ AM, na Bolívia (fronteira com o Brasil), retornou a sua terra natal, onde viveu a última década de sua vida vindo a falecer em 1941. As duas primeiras edições do livro foram publicadas pelas Editoras de Manaus no Estado do Amazonas e a última edição, até então publicada, de 2001, fechou esse ciclo de publicação do livro também na capital amazonense. Início e fim da trajetória social de Raymundo Moraes e de *Na Planície Amazônica* repousam em um único lugar social - a Amazônia. Mesmo publicada por Editoras do Sudeste do Brasil, essa obra nunca deixou de representar a Amazônia em sua pluralidade e nunca deixou de contextualizar o seu lugar social e de seu autor.

³⁴² LIVROS NOVOS. À MARGEM do livro de Agassiz. *A Cigarra*, Rio de Janeiro – São Paulo, out. 1939, num. 67, p. 126. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁴³ Esse projeto de gestão da cultura no Estado do Amazonas não teve sucesso, não cabendo aqui avaliar os motivos. Essa edição do livro “Na Planície Amazônica” é, praticamente, desconhecida do público leitor, até mesmo localmente. Essa edição do livro não foi divulgada na Imprensa brasileira nem mesmo nos periódicos do Norte do Brasil, daí não ser conhecida e compor apenas o acervo de algumas poucas bibliotecas públicas do Estado do Amazonas. Na Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – aparecem dois exemplares disponíveis – e da Biblioteca da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), antiga Universidade do Amazonas (UA) – aparece um único exemplar disponível. Especula-se que esse silêncio na Imprensa do Norte do país sobre essa edição de “Na Planície Amazônica” e sobre a obra do jornalista e escritor paraense publicada pela Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, assim como sobre o repertório bibliográfico de outros *amazonólogos* tenha tido relação à divulgação dos insucessos do projeto político do extinto Partido da Frente Liberal (PFL) no Amazonas, do qual Amazonino Mendes fazia parte, quando da gestão do Governo do Amazonas (1999-2002), e a suspeita da participação do Governador e de sua equipe em vários crimes de evasão de divisas, enriquecimento ilícito, corrupção ativa e passiva, peculato e improbidade administrativa que culminou com a denúncia do Ministério Público Federal (MPF) contra Amazonino Mendes à época. A Imprensa brasileira noticiava também essa suspeita (DIREITO & Justiça. Inquérito investiga denúncias contra Amazonino Mendes. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 mai. 2001, num. 190, p. B-9. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁴⁴ MORAES, 2001, p. V.

Ao longo de 75 anos de publicação, desde 1926 a 2001, as oito edições com as nove versões impressas de *Na Planície Amazônica* colocaram o livro mais conhecido de Raymundo Moraes no domínio da construção das linguagens coletivas com que os grupos sociais e as sociedades elaboraram e reelaboraram o seu patrimônio simbólico³⁴⁵. E, esse patrimônio, ao ser interpretado, ampliou-se, visto que as leituras que os sujeitos históricos e atores sociais fizeram desse mesmo patrimônio também se somaram a ele e se tornaram partícipes na construção da identidade desses sujeitos que, subjetivamente, pode ser traduzida em um livro nas diferentes temporalidades em que a obra alcança a forma fixa através da mediação editorial e de outras mediações como a recepção.

A partir da primeira publicação em 1926 até a última em 2001, dependendo do local e contexto (histórico-editorial) em que *Na Planície Amazônica* foi editado e da editora que o publicou, o livro foi ganhando capas diferenciadas, retratos da obra, que revelaram o diálogo autor-obra-ilustrador. Para além da construção da identidade visual da obra, com a captura do conteúdo e sentidos do texto por parte do ilustrador e de sua transposição imagética, as capas de livros e de revistas “são de suma importância para a venda do produto, além de ser ‘um chamariz para a leitura’”³⁴⁶ porque representam a propaganda mais imediata da obra e é através das capas que se exerce o primeiro impacto visual.

Recapitulando os aspectos principais da trajetória social do livro *Na Planície Amazônica*: ele foi publicado em nove versões impressas e em oito edições; cinco dessas edições foram publicadas quando o autor Raymundo Moraes ainda era vivo e foi quem as prefaciou; a partir da primeira edição *in memoriam*, ou melhor, a partir da 6ª edição do livro publicado pela *Editora Conquista* no ano de 1960, as ilustrações de Israel Cysneiros foram adicionadas ao conteúdo da obra e voltaram a ser reproduzidas na 7ª edição pela *Editora do Senado Federal do Brasil* em 2000; na 7ª edição pela *Editora Itatiaia Limitada* e *Edusp* em 1987, as ilustrações de Cysneiros foram suprimidas e as ilustrações de Poty foram incluídas; esse livro foi publicado pertencendo às coleções: *Brasiliiana* da *BPB* pela *CEN* em 1936 e 1939, *Terra dos Papagaios* pela *Editora Conquista* em 1960, *Reconquista do Brasil* pela *Editora Itatiaia* e *Edusp* em 1987, *Brasil 500 Anos* pela *Editora do Senado Federal do Brasil* em 2000, sendo essa a edição mais conhecida da obra porque ainda amplamente comercializada.

³⁴⁵ Entende-se patrimônio simbólico como “o conjunto de representações sociais que conferem sentido e significado à relação entre o sujeito e as formas assumidas pelos processos com que faz da cultura um espelho de identidade social” (COELHO, 2005, p. 348/349).

³⁴⁶ PIAZZA, 2015, p. 204.

2.3 “Baboseiras” ou “*Amazonéida*”: A Crítica ao *best-seller* amazônico

*Livro sui generis
de paisagens impressas
em forma de lira.*

Como a noção de recepção é bastante ampla, assim como a concepção do texto, recortar-se-á, de forma mais específica, o que se entende por recepção. Primeiro, a concepção do texto restringe-se à narrativa impressa que alcançou uma forma fixa no livro *Na Planície Amazônica*, de Raymundo Moraes, escrito nos anos de 1920 e editado e reeditado no Brasil ao longo de 75 anos do século XX, de 1926 a 2001, na e sobre a Amazônia; esse texto pode ser pensado na categoria de ensaio de literatura histórica sob a influência da vertente euclidiana. Segundo, não é a busca pela literariedade³⁴⁷ da obra de Raymundo Moraes que interessa aqui, pois esse trabalho não se encontra no domínio dos estudos literários. Interessa, sim, a recepção do texto de *Na Planície Amazônica* e como ele foi transformado pela Imprensa brasileira do início do século XX. Esse trabalho encontra-se, portanto, no domínio da crítica histórica e não avança à fronteira da Teoria literária nem da História da Literatura. Terceiro, sabe-se que a recepção é um processo que envolve diferentes etapas, isto é, trata-se do processo de leitura e interpretação daquilo que se lê e das implicações materiais e simbólicas dos sentidos do texto construídos pelo sujeito que o lê, envolvendo elementos cognitivos e afetivos da leitura; e mais ainda, a recepção envolve também como esse sujeito mobiliza esses sentidos em suas vivências cotidianas, sendo, portanto, a crítica do texto apenas uma das etapas desse processo amplo que é recepção. Cabe elucidar que somente a crítica do livro de Raymundo Moraes será o centro da análise.

Talvez seja menos complexo lidar com as experiências de leitura no tempo presente quando se assiste aos desdobramentos e impactos da leitura de um texto, porém, ao lidar com as experiências passadas de leitura, há um grande desafio que se impõe aos historiadores do livro e da leitura pelos motivos enunciados por Robert Darnton (2010), pois o autor reconhece que não é fácil analisar a recepção de um texto apesar de ser “possível desenvolver uma história, bem como uma teoria da reação do leitor”³⁴⁸:

³⁴⁷ A literariedade é um conceito que ganhou novos contornos a partir do final dos anos de 1960 e passou das variantes internas da literatura, isto é, da “propriedade distintiva do texto literário”, como definiram, principalmente, os formalistas russos, aos diversos usos que uma sociedade faz de um texto reconhecendo-o como literário (COMPAGNON, 2014, p. 43).

³⁴⁸ DARNTON, 2010, p. 171.

Possível, mas não fácil, pois os documentos raramente mostram os leitores em atividades, modelando o sentido a partir dos textos, e os próprios documentos também são textos, o que requer interpretação. Poucos tem uma riqueza tal que possa fornecer um acesso, mesmo que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e um ou outro caso excepcional talvez não seja suficiente para se reconstruírem as dimensões internas dessa vivência.³⁴⁹

Além disso, a recepção de um texto ocorre de forma diferenciada quanto ao público leitor nas várias camadas da sociedade e também no tempo-espaço em que estão inseridos os vários públicos de leitura e os vários seguimentos da crítica do texto; um mesmo texto não é recebido de uma única forma por todos que o leem, ainda que esses sujeitos ocupem os mesmos lugares sociais, porque a recepção depende diretamente dos interesses e objetivos no processo de leitura, depende também dos contextos de escrita e leitura do texto e também das formas de acesso a esse mesmo texto. Ressalta-se que se pretende atingir a recepção do livro mais conhecido de Raymundo Moraes, através da micro análise, com o foco para a recepção de um grupo específico: os jornalistas, escritores e intelectuais (representantes do mundo letrado da época) que interpretaram a narrativa de Raymundo Moraes a seu modo e expressaram a sua interpretação através da crítica ao livro na Imprensa brasileira nos anos finais de 1920. Esse recorte temporal relaciona-se ao contexto de lançamento do livro *Na Planície Amazônica* de Raymundo Moraes.

Nos anos finais de 1920 e no início dos anos de 1930, quando o assunto abordado era a Amazônia, os periódicos através de seus críticos, divulgaram breves comentários, elogiosas referências e longos artigos sobre o livro de Raymundo Moraes mais conhecido na época, assim como chegaram a publicar capítulos inteiros do referido livro. As notícias acerca do livro e do autor que selecionadas foram publicadas nos principais jornais e revistas que circularam e que tiveram uma importante atuação na expansão do processo de comunicação impressa de massa no Brasil, de Norte a Sul, no início da primeira metade do século XX. As revistas ilustradas do início do século XX que se ocuparam em publicar referências, comentários e artigos sobre o livro *Na Planície Amazônica* são as revistas: *Ilustração Brasileira* (FRA), *Revista da Semana* (RJ), *Brasiliiana* (RJ), *Vida Doméstica* (RJ), *A Cigarra* (SP) e *Fon Fon* (RJ).

A *Ilustração Brasileira*, de maio de 1926, com 72 páginas impressas, divulgou a crítica assinada por Raul de Azevedo (1875-1957), datada de “Manaus, 16, Abril, 1926”, isto é, no contexto recente de lançamento do livro em 1ª edição, publicado pela *Tipografia da Livraria*

³⁴⁹ Ibid., 2010, p. 171.

Clássica em Manaus, capital amazonense. Nascido no Maranhão, Raul de Azevedo ³⁵⁰ cresceu em Belém do Pará e viveu quase três décadas em Manaus no Amazonas, antes de se mudar para Curitiba (PR) e depois para o Rio de Janeiro (RJ). Raymundo Moraes e Raul de Azevedo foram, portanto, contemporâneos; o primeiro era mais velho apenas três anos e morreu no dia do aniversário de 66 anos do segundo; ambos viveram, concomitantemente, em Belém do Pará, e viveram também em Manaus no Amazonas, porém, em períodos distintos, pois, Raul de Azevedo transferiu-se para Manaus em 1895 e Raymundo Moraes mudou-se para a capital amazonense em 1922, justamente, no ano de transferência do primeiro para Curitiba, capital paranaense; ambos foram jornalistas d' *A Província do Pará*, um dos mais importantes periódicos do Norte do Brasil e também desempenharam cargos públicos de destaque, foram membros da Academia Amazonense de Letras. Há, portanto, muitas aproximações entre as vivências do crítico literário e do escritor paraense; foi a obra *Na Planície Amazônica* que os aproximou definitivamente, mas eles não conviveram pessoalmente.

As considerações de Raul de Azevedo constituem uma crítica extremamente favorável ao livro: "... ele [o livro] é uma reabilitação para nossa terra e nossa gente" ³⁵¹. Essa crítica teve uma importância crucial na trajetória social do livro de Raymundo Moraes porque Raul de Azevedo, nos anos de 1920, já era uma autoridade reconhecida no campo literário e na Imprensa brasileira, pois foi membro fundador da AAL e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), ou seja, ela era um estabelecido nas letras. Além disso, o veículo impresso que divulgou a crítica sobre o livro de Raymundo Moraes estava entre as principais revistas ilustradas do país na época apesar de sua curta vida editorial.

A revista *A Ilustração Brasileira* ³⁵², foi fundada em 1909 por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azeredo como uma publicação quinzenal da Imprensa ilustrada. Foi

³⁵⁰ "Naquela capital [amazonense] desenvolveu, principalmente, carreira nos Correios, onde iniciou como auxiliar e chegou ao posto máximo de Administrador, cargo que exerceu por cerca de 12 anos. Além de funcionário postal, foi também jornalista e político, exercendo em diferentes mandatos os cargos de Secretário de Governo, Secretário de Estado e Deputado Estadual. Paralelamente a essas atividades, manteve intensa e profícua produção literária, redigindo diversos artigos, contos, críticas, crônicas, peças teatrais e romances. Entre seus vários livros, publicados até sua chegada ao Paraná, destacam-se os romances *Amores de Gente Nova*, *Dr. Renato* e *Onde está a Felicidade* e as coletâneas de contos *Vida Elegante*, *Amigos e Amigas* e *Ternuras*" (IORIO, 2003, p. 15).

³⁵¹ AZEVEDO, Raul de. Um livro. *Ilustração Brasileira (FRA)*, Rio de Janeiro, mai. 1926, num. 69, p. 35. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁵² "A *Ilustração* merecerá o seu nome do modo o mais largo possível. Nem se cingirá às ocorrências nacionais, nem às estrangeiras: tratará de todas as que possam ter qualquer interesse, dentro ou fora do país, sejam de que natureza forem. É do seu programa dar a conhecer os fatos do Brasil aos seus amigos do exterior, mas ao mesmo tempo dar a conhecer no Brasil o que se passa no estrangeiro. E uma das suas preocupações será sempre o de fazer o confronto entre umas e outras. (..)

No programa d' (sic) *A Ilustração* ainda há uma parte original: é a que diz respeito às modas femininas" (ALBUQUERQUE, Medeiros e. Para começar. *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 01 jun. 1909, num. 1, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

publicada de 1909 a 1915. E, em um redirecionamento editorial em 1920, voltou a ser editada, como propriedade da Sociedade Anônima *O Malho* sendo, portanto, impressa nas oficinas gráficas dessa Sociedade e publicada mensalmente com o nome *Ilustração Brasileira*. Em 1921, foi interrompida a sua publicação, voltando a circular no mercado impresso brasileiro em 1922 como *Ilustração Brasileira*. No contexto da publicação da crítica de Raul de Azevedo sobre o livro *Na Planície Amazônica*, a revista estava sob a direção de Alvaro Moreyra (1888-1964), que partiu do grupo *Fon Fon*³⁵³, com colaborações frequentes, à direção de revistas como *O Malho*, *Para Todos* e *Ilustração Brasileira*, essas duas últimas em parceria com o ilustrador, desenhista e designer gráfico brasileiro José Carlos B. e Cunha (1884-1950) ou apenas J. Carlos como assinava³⁵⁴. Segue a apresentação gráfica da crítica:

³⁵³ “Com o tempo, Fon-Fon! perde a virulência e alguns colaboradores, como Álvaro Moreyra, que vai dirigir outras revistas com um modelo semelhante” (LINS, 2010, p. 18).

³⁵⁴ LINS, 2010, p. 33.

Figura 30. Página da Revista *Ilustração Brasileira* com a crítica ao livro *Na Planície Amazônica*, 1926.



Fonte: *Ilustração Brasileira* (FRA), Rio de Janeiro, mai. 1926, num. 69, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Outra revista ilustrada que se ocupou da elogiosa crítica ao livro *Na Planície Amazônica* foi a *Revista da Semana*³⁵⁵, semanário ilustrado fundado em 1900 no Rio de Janeiro por Alvaro

³⁵⁵ “A revista, cujo primeiro número hoje publicamos, tem o desejo de ser um órgão de informação, ilustrado e popular. Não cogita de política, sob qualquer forma que se possa entender essa designação. Não tem empenho algum em ver triunfar tal ou qual escola literária.

Feita para o povo – desde as ínfimas as mais altas camadas sociais – a REVISTA DA SEMANA empenhar-se-á somente em fornecer a todos ilustrações e artigos interessantes. De tudo quanto se passar durante a semana e que mereça atenção procurará dar, em excelentes gravuras, copiadas de fotografias, o que deva excitar a curiosidade pública. Quando o caso assim exigir, juntar-se-á a isso o texto necessário para a boa compreensão dos fatos, embora, em regra, nos empenhemos em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem que dispensem comentários. Onde houver o que agrade ou impressione os espíritos curiosos, haverá um operador da REVISTA, fotografando-o, para inclui-lo nas páginas delas.

A par dos sucessos nacionais, a REVISTA DA SEMANA publicará frequentemente ilustrações acerca dos fatos estrangeiros demais vulto.

de Tefé, em parceria com o jornalista, escritor, teatrólogo, orador, memorialista e professor brasileiro Medeiros e Albuquerque (1867-1934) e com o caricaturista, chargista, pintor, escritor, dramaturgo e professor brasileiro Raul Pederneiras (1874-1953).

A *Revista da Semana* era de propriedade da *Companhia Editora Americana*, em cujas oficinas gráficas eram editados e publicados os seus volumes. Depois de adquirida pelo *Jornal do Brasil*, tornou-se o encarte literário deste. Contou com a colaboração de ilustradores famosos como Raul Pederneiras, Luís Peixoto (1889-1973), Amaro do Amaral, Julião Machado (1863-?) e Fernando Correia Dimas (1892-1935) e de jornalistas e escritores como Olavo Bilac (1865-1918), Luís Gastão d' Escragnolle Dória (1869-1948), João do Rio (1881-1921), Pedro Lessa (1859-1921) e Menotti Del Picchia (1892-1988). Em 1915, a *Revista da Semana* foi vendida a Carlos Malheiro Dias (1875-1941), Aureliano Machado e Artur Brandão. A partir de então, seu perfil editorial mudou radicalmente, sendo dedicada em sua nova fase ao público feminino. Esse periódico, sob a direção de Aureliano Machado, em quatro de setembro de 1926, com 44 páginas, publicou uma crítica também favorável e elogiosa ao livro de Raymundo Moraes:

Inacessível à imaginação dos que não a conhecem, a Amazônia vem agora até nós explicada, comentada, gravada em páginas preciosas. O cérebro de um observador guiou a mão de um artista, e Raymundo Moraes, durante cerca de vinte e cinco anos perlustrou os rios da região misteriosa, conhecendo-os profundamente por dever profissional de comandante de navio; Raymundo Moraes que aí viveu e aí só na torre de comando, esquadrinhando as águas, os barrancos, as florestas e o céu daquelas paragens, deu vida a sua longa e segura observação plasmando-as em capítulos lapidares em “Na Planície Amazônica”.

O livro é uma dupla revelação: a do artista bizarro e esplêndido, que lhe traçou as páginas, a da terra pujante de agora que despe o véu apregoado de mistério para que a compreendamos e a admiremos.³⁵⁶

Em 31 de dezembro de 1927, a *Revista da Semana* teceu um breve comentário acerca de *Na Planície Amazônica*, porém, com decisivo significado para a trajetória social do livro de Raymundo Moraes. Na coluna “Vida, Paixão e Morte de 1927” por Afonso de Carvalho, sob o assunto “Vida literária”, afirma o crítico que os grandes livros do ano foram: “*A História do Império*, de Tobias Monteiro e *Na Planície Amazônica*, de Raymundo Moraes”³⁵⁷. E quase

Caricaturas, modas, cenas das grandes obras dramáticas, peças de música, romances - de tudo buscaremos dar o melhor” (SIMPLES Apresentação. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1900, num. 1, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

³⁵⁶ O MISTÉRIO DO Amazonas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 04 set. 1926, num. 37, p. 28. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁵⁷ CARVALHO, Afonso de. Vida, Paixão e Morte de 1927. Vida Literária. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1927, num. 2, p. 20. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

dois anos depois do lançamento do livro, a *Revista da Semana* voltou a elogiá-lo na edição de sete de janeiro de 1928:

Na *Planície Amazônica* é, sem favor, a mais perfeita de quantas obras se tem escrito sobre a Amazônia.

... é um livro empolgante e fascinador tão impressionantes as cores com que o autor descreve a terra, o homem, os costumes, as lendas, a flora, a fauna, os fenômenos, todos que tornam essa grande parcela do Brasil, absolutamente diferentes das demais.

As qualidades de escritor que possui, empregam-nas o sr. Raymundo Moraes admiravelmente, bordando capítulos de intenso poder descritivo que absorvem o leitor mais rebelde, tal o seu encanto, tais as belezas que contém.

358

Outra revista que dedicou um grande espaço à crítica de *Na Planície Amazônica* foi a *Brasiliiana – Revista de boas letras: língua portuguesa, ciência, arte e filosofia*, fundada em 1925 por Liberato Bittencourt (1869-1948), professor da Escola Militar e redator-chefe, que dirigiu também, especialmente, a seção de “ciência” da revista. Os principais redatores, quando da fundação da revista, eram o professor Horácio Mendes, que dirigiu a seção de “língua portuguesa”, Fábio Luz, a de “arte literária” e o general Moreira Guimarães, a de “filosofia”. Tratava-se de uma publicação trimestral que começou a circular em janeiro de 1925 e encerrou sua jornada em julho de 1928. À época da publicação do artigo de Moreira Guimarães sobre o livro “Na Planície Amazônica”, a equipe de redação mantinha-se a mesma desde a fundação da revista em 1925, com exceção de Horácio Mendes, que foi sucedido por José de Sá Nunes. Liberato Bittencourt, contemporâneo de Raymundo Moraes, em 1931 foi concorrente do escritor paraense, inscrevendo-se para disputar com ele a vaga aberta na ABL pelo falecimento de Graça Aranha na Cadeira de número 38 da Academia Brasileira de Letras, entretanto, retirou a sua candidatura, assim como Raymundo Moraes o fez, em função da indicação do nome do inventor brasileiro Alberto Santos Dumont (1873-1932) ³⁵⁹.

A revista *Brasiliiana* publicava cada volume, trimestralmente, com 240 páginas, em média, cuja metade era dedicada a assuntos relacionados à língua portuguesa, aceitando publicar apenas anúncios de “coisas intelectuais”, como anúncios de “livraria, papelaria, material de gabinete e escritório”. O longo artigo de Moreira Guimarães abordou a relação entre a filosofia e a geografia, daí propor a importância da leitura de *Na Planície Amazônica*:

³⁵⁸ OS NOVOS LIVROS. NA PLANÍCIE Amazônica, de Raymundo Moraes (Manaus). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1928, num. 3, p. 27. Acervo Biblioteca Nacional – Brasil. Grifo no original.

³⁵⁹ NA ACADEMIA BRASILEIRA – Os trabalhos na última semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1931, num. 78, p. 20; e A ELEIÇÃO de hoje na Academia Brasileira de Letras. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 jun. 1931, num. 513, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

E em cada um desses capítulos é tão forte o vigor do artista da palavra, que se lhe transforma a vigorosa pena, num pincel maravilhoso. Não descreve; pinta. Por isso não andei a ler páginas e páginas, antes, por sobre a terra, *Na Planície Amazônica*, estive a contemplar o *Paraíso Verde*...³⁶⁰

E, Moreira Guimarães finalizou o seu longo artigo de crítica na revista *Brasiliiana*, de abril de 1928, reafirmando que o escritor era um “verdadeiro”³⁶¹ intérprete da Amazônia, porque além de cronista, era também cientista: “E basta. E pra que mais?... Corra por aí, *Na Planície Amazônica*, quem acaso queria julgar das belezas de que está impregnado esse bom livro de Raymundo Moraes, o qual livro não apenas bem escrito, é verdadeiro”³⁶².

Em maio de 1928, foi a vez da revista *Vida Doméstica* publicar a sua crítica ao livro *Na Planície Amazônica*, aproveitando para agradecer ao jornalista e escritor Raymundo Moraes pelo envio de um exemplar ao periódico da sua obra festejada, por ocasião da recente publicação em 2ª edição do livro:

Acabamos de receber, com penhorante dedicatória do autor, este belíssimo livro, do sr. Raymundo Moraes, consagrado escritor, que neste seu trabalho estuda e descreve o Amazonas, em todos os seus aspectos, fenômenos e riquezas, em páginas de intenso colorido, e empolgante descrição, sendo o seu autor erudito nos comentários e sempre elegante e vernáculo na forma de escrever (...)
... oferecemos aos presados leitores uma bela página, extraída do referido livro a qual por certo receberá a consagração dos leitores de *Vida Doméstica* como todo o livro a recebeu já dos que apreciam as belas letras da nossa terra.³⁶³

A revista *Vida Doméstica*³⁶⁴, criada em 1920, foi a principal publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. Em 1928, foram inauguradas as novas instalações da revista, em propriedade de José Gonçalves Fidalgo. O periódico *Vida Doméstica* dedicava-se aos múltiplos temas referentes à família brasileira, apresentando-se como “Revista do lar e da Mulher”: “Por

³⁶⁰ GUIMARÃES, Moreira. Bibliografia Filosófica. *Brasiliiana*, Rio de Janeiro, abr. 1928, vol. 14, p. 212/213. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

³⁶¹ Quando se usa tais adjetivos em uma mesma classe de um campo o que se pretende é alcançar a universalidade, negando a relatividade dos pontos de vistas, pois o que está em jogo são as disputas nesse campo. O predicado “verdadeiro” aciona, portanto, quando evocado no texto, o sentido de reivindicação à universalidade e ao julgamento absoluto: “Se existe uma verdade, é que a verdade é uma aposta de lutas” (BOURDIEU, 1996, p. 332).

³⁶² GUIMARÃES, Moreira. Bibliografia Filosófica. *Brasiliiana*, Rio de Janeiro, abr. 1928, vol. 14, p. 214. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁶³ BIBLIOGRAFIA. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1928, num. 122, p. 35. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁶⁴ “Ela [*Vida Doméstica*] dedicar-se-á pois com esmero à criteriosa divulgação de todos os acontecimentos úteis sobre a natureza”. E finaliza a sua apresentação na primeira edição da revista: “A *Vida Doméstica* tratará, pois com todo carinho os assuntos que se relacionem com a vida do lar, que afinal, é o objetivo de todas as cogitações humanas” (APRESENTAÇÃO. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mar. 1920, num. 1, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

suas características, *Vida Doméstica* era dirigida prioritariamente ao público feminino, e concebia a mulher como consumidora dos diversos produtos anunciados”³⁶⁵. A Sociedade Gráfica também era proprietária das revistas: *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e seus respectivos almanaques.

Em julho de 1928, a revista *A Cigarra* lançou a sua edição considerando o livro de Raymundo Moraes como “... [o] melhor livro do Norte, *Na Planície Amazônica*”³⁶⁶. Apesar do comentário sucinto da revista acerca do livro *Na Planície Amazônica*, esse comentário garantiu à obra de Raymundo Moraes bastante popularidade no Brasil, principalmente, em São Paulo, pois vale ressaltar que desde 1917, entre vários periódicos ilustrados da época, *A Cigarra* tornara-se a revista de maior circulação do Estado de São Paulo. Foi lançada em 30 de março de 1914 por Gelásio Pimenta, que além de proprietário era também seu redator-chefe; a revista foi editada como uma publicação quinzenal para atender o maior número de leitores oriundos de todos os públicos com um perfil editorial eclético e efêmero, porém, acabou expressando certo compromisso com o público feminino através da maioria dos assuntos e natureza dos reclames e das matérias que a revista publicava e apesar de se afirmar isenta de questões políticas, a revista manifestou uma certa simpatia pelo Governo e um certo apelo ao patriotismo. Teve uma longa jornada de edição e publicação que se estendeu de 1914 a 1975, com seis décadas de atuação na Imprensa ilustrada paulista.³⁶⁷

E em edição de dois de janeiro de 1932, a revista *Fon Fon* divulgava a crítica do livro em 3ª edição, afirmando que “Não há como distinguir os vários capítulos do volume, pois todos se revestem de uma grande beleza harmoniosa”³⁶⁸. A revista ilustrada *Fon Fon* foi muito atuante e sua tiragem era semanal. Foi fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro em 1907. Jorge Schmidt, foi editor-proprietário das revistas *Kosmos* e *Careta*. Vários intelectuais deram direção à revista como Gonzaga Duque (1883-1911), Lima Campos e Mário Pederneiras (1867-1915) e seus principais ilustradores eram os renomados Raul Pederneiras (1874-1953), Kalixto (1877-1957) e J. Carlos (1884-1950). As fotografias, charges e caricaturas coloridas e o recurso às técnicas de ilustração, litografia e xilogravura representavam bem a finalidade da revista que era capturar o cotidiano carioca com destaque para a agenda cultural

³⁶⁵ BRITES, 2000, p. 164.

³⁶⁶ CRONICA. *A Cigarra*, São Paulo, jul. 1928, num. 328, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

³⁶⁷ CIGARRA, A. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CIGARRA,%20A.pdf>>. Acesso em 04.12.2017. Acervo CPDOC- FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁶⁸ ESCRITORES E LIVROS. Raymundo Moraes – *Na Planície Amazônica* – Civilização Brasileira Editora – Rio – 1931 - 6\$. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 02 jan. 1932, num. 1, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

(teatro, dança, cinema, etc.), para atualidades, política, crônica social, moda e comportamento, entretenimento (jogos, charadas, curiosidades, concursos) e colunismo social. Quando foi lançada, a revista ilustrada *Fon Fon* apresentou-se como um semanário alegre, político, crítico e esfuziante ³⁶⁹.

Em 1915, Jorge Schmidt vendeu a *Fon Fon* a Sérgio Silva. A partir de então, além de Mário Perderneiras, assumiram a direção da revista Álvaro Moreira (1888-1964), Hermes Fontes (1888-1930), Olegário Mariano (1889-1958), Felipe d'Oliveira (1890-1933), Homero Prates (1890-1957), Rodrigo Otávio Filho (1892-1969), Ronald de Carvalho (1893-1935), Paulo Godói, Rui Pinheiro Guimarães e Ribeiro Couto (1898-1963). A revista contou também com a colaboração de Gustavo Barroso (1888-1957), Mario Sette (1886-1950), Oscar D'Alva, Mario Poppe e Bastos Portela. A ilustração passou às mãos de Correia Dias (1892-1935), com eventuais colaborações de outros artistas, como Di Cavalcanti (1897-1976) e Fabian. Nessa fase, a *Fon Fon* passou a divulgar o ideário do movimento modernista. Essa revista ilustrada circulou até 1958. ³⁷⁰

A crítica ao livro foi mais presente nos jornais da época do que nas revistas por conta, principalmente, da tiragem e regularidade com que eram impressos esses periódicos: *Jornal do Comércio* (AM), *Alto Madeira* (RO), *Folha do Norte* (PA), *A Reforma* (AC), *O País* (RJ), *A Federação* (RS) foram alguns dos impressos que publicaram a crítica ao livro de Raymundo Moraes.

O *Jornal do Comércio* do Amazonas foi o periódico de circulação regional no Norte do Brasil (que à época era formado pelo atual território da região Norte e Nordeste do país) que mais publicou a crítica ao livro de Raymundo Moraes. Em 14 de março de 1926, publicou um longo artigo apresentando a crítica ao livro *Na Planície Amazônica* através de uma resenha de todos os seus capítulos: “Transmitindo essas informações ao público, nada mais visamos que dar uma ideia do trabalho mais completo e mais verdadeiro que se publicou sobre a Amazônia”

³⁶⁹ “Para um jornal ágil e leve como o Fon Fon! Não pode haver programa determinado (devíamos dizer distância marcada).

Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve das coisas de atualidade. (...)

E pronto. Não haverá mais assunto sobrecasaca preta, sobre cartola, sobre Instituto Histórico, que resista à ferina expressão desta ‘sirene’ boêmia.

Assim, leitor amigo, cá estamos nós prontos para o sucesso... e para a glória” (FREGUESIA. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1907, num. 1, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

³⁷⁰ FON FON. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>>. Acesso em 23.11.2018. Acervo CPDOC- FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷¹. E em 28 de março do mesmo ano, o periódico amazonense voltou a comentar o livro: “O que desde já podemos garantir, todavia, é o sucesso da obra, a mais completa e a mais perfeita de quantas já se publicaram sobre a Amazônia” ³⁷². Esse periódico nos anos de 1920 era um dos mais atuantes e é o mais antigo impresso da Amazônia ainda hoje em atividade. O *Jornal do Comércio* foi fundado em 1904 por J. Rocha dos Santos em Manaus no Amazonas. No ano de 1943, esse impresso matutino passou a compor a rede dos *Diários Associados*, sob a propriedade e direção geral de Assis Chateaubriand e sob a direção regional de João de Medeiros Calmon (1916-1999), diretor dos *Diários Associados* do Ceará, Pará e Amazonas ³⁷³. Em 1985, Guilherme Aluizio de Oliveira Silva (1937) ³⁷⁴ adquiriu o controle societário do periódico. ³⁷⁵

Na edição de 10 de novembro de 1926, o jornal amazonense *O Acadêmico – Órgão dos Estudantes da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus*, publicou a crítica ao livro *Na Planície Amazônica*, assinada por Manuel Xavier Paes Barreto Filho (1871-1960). O crítico pernambucano nasceu em 1871 e concluiu seus estudos na Faculdade de Direito de Recife (atual UFPE), formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais, no ano de 1893. Foi Prefeito de Rio Formoso-PE, Promotor de Justiça das comarcas mineiras de Patrocínio, Ferros, São João Batista e de Ubá e das comarcas baianas de Juazeiro e Bonfim. Em 1908, iniciou a sua atuação na Magistratura, no Espírito Santo, como Juiz de Direito da Comarca de Viana. Ocupou, interinamente, o cargo de Procurador Geral do Estado do Espírito Santo, entretanto, em 1913 ocupou, efetivamente, a Chefia do Ministério Público do Estado do Espírito Santo até 1915. Ocupou também o cargo de Juiz Federal em Mato Grosso, Amazonas e Acre, então Território Federal. Em 1939, aposentou-se nesse cargo. Ele ajudou a fundar o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) em 1916, integrando também diversas associações como o IHGA, a Sociedade Brasileira de Geografia, a Associação dos Magistrados Brasileiros e diversas agremiações literárias em Pernambuco, Amazonas, Mato Grosso e Espírito Santo.

³⁷¹ O NOVO LIVRO “NA PLÁNICIE AMAZÔNICA”. *Jornal do Commercio*, Manaus, 14 mar. 1926, num. 7.819, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷² O NOVO LIVRO “NA PLÁNICIE AMAZÔNICA”. *Jornal do Commercio*, Manaus, 28 mar. 1926, num. 7.831, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷³ VIAJOU ATÉ BELÉM, o diretor do Jornal do Comércio. *Jornal do Comércio*, Manaus, 09 fev. 1943, num. 13.153, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷⁴ AOS 80 ANOS, empresário e jornalista Guilherme Aluizio proprietário do “Jornal do Comércio” faz aniversário. *Portal Gazeta Mercantil*, Manaus, 09 set. 2017. Disponível em <<http://portalgazetadoamazonas.com.br/aos-80-anos-empresario-e-jornalista-guilherme-aluizio-proprietario-do-jornal-do-commercio-faz-aniversario/>>. Acesso em 28.11.2018.

³⁷⁵ FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de Imprensa na Amazônia. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Mais%20de%20180%20anos%20de%20imprensa%20na%20Amazonia.doc>>. Acesso em 28.11.2018.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1960³⁷⁶. A crítica de M. X. Paes Barreto Filho destacou as várias qualidades do jornalista e escritor Raymundo Moraes, como nauta, como geógrafo, como geólogo e, por fim, como escritor.

Sob todas as faces o autor de “Na Planície Amazônica” vibra toda a emotividade despertada por esta região, pois que como nauta, ele vai devassar todas as lendárias origens dos nossos rios evocativos dos filhos do oceano e de Thetis das Theogonias, de Hesíodo; como geógrafo, precisa a situação do terreno e suas constantes modificações; como geólogo, analisa minudentemente (*sic*) a gleba; como escritor enastra à afirmação incontestada [com] a graça, a beleza e a pureza do vernáculo.³⁷⁷

O jornal amazonense *O Acadêmico* circulou apenas durante três anos, de 1926 a 1928, era bimestral e tinha por finalidade: “... estimular o espírito da mocidade acadêmica, dando expansão ao seu raciocínio e vulgarização aos seus conhecimentos obtidos no estudo das matérias que abrangem no curso de direito”³⁷⁸. Esse periódico não chegou a ter a mesma projeção do *Jornal do Comércio* no Amazonas nem no Norte do Brasil, mas como ele reunia em sua redação e circulação, principalmente, os jovens acadêmicos assim como os professores da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus, ele permitiu a divulgação e circulação da obra de Raymundo Moraes no âmbito acadêmico em nível local. Além de estudantes e professores do curso de direito, também colaboravam políticos, escritores e jornalistas que atuavam ou já haviam atuado na área do direito, principalmente, no Estado do Amazonas. Daí Paes Barreto Filho colaborar no periódico *O Acadêmico*.

Outro periódico do Norte do Brasil que publicou um longo artigo analisando o livro *Na Planície Amazônica* foi o jornal *Alto Madeira*. Nesse artigo, assinado por João Malato, um importante e engajado jornalista que à época era diretor da *Revista de Pernambuco*, a pena de Raymundo Moraes foi comparada à pena de Euclides da Cunha e à pena do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870). Na crítica, João Malato destaca que teve a oportunidade de ler a obra do jornalista e escritor paraense ainda nos manuscritos do autor³⁷⁹.

³⁷⁶ MANUEL XAVIER PAES BARRETO FILHO. Disponível em <<http://www.academiadeletrasmt.com.br/cadeiras/cadeira-7/82-manuel-xavier-paes-barreto-filho>>. Acesso 29.11.2018.

³⁷⁷ BARRETO FILHO, M. X. Paes. Cotas. I – “Na Planície Amazônica”. *O Acadêmico*, Manaus, 10 nov. 1926, num. 3, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷⁸ O ACADÊMICO. *O Acadêmico – Órgão dos Estudantes da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus*. Manaus, 28 set. 1926, num. 1, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁷⁹ Essa é a única referência acerca dos manuscritos de “Na Planície Amazônica” de Raymundo Moraes divulgada na Imprensa brasileira.

Agora mesmo venho de me extasiar com sua última obra em via de publicação e que a benevolência gentil do escritor amigo quis que eu lesse naquela sua letrinha nervosa e torturada, de quem quer fazer, de balde, a pena acompanhar a marcha célere do pensamento.

“Na Planície Amazônica” é o título. É a obra de um espírito de elite, “double” de literato e cientista.

Avanço mesmo até o limite de afirmar sem enfatuado convencimento que será o livro mais completo que até hoje já se escreveu sobre a Amazônia. (...)

“Na Planície Amazônica” será também a obra reformadora do conceito falso e vesgo em que é tida essa região caluniada. (...)

Só afirmo, embora sem autoridade crítica e preocupações de vidente literário, que o “Na Planície Amazônica” será a lente poderosa e fiel por onde poderemos entrever o cenário vasto e maravilhoso, irisado em cores, que se desdobra no interior deste imenso vale equatorial, cujas belezas sempre novas tem vivido ocultas pelas cortinas verdes destas florestas e pela insinceridade vesga de literatos de ficção, que, parece, por traz delas, só tem entrevisto o Inferno que o Poeta florentino no seu horroroso pesadelo de acordado...³⁸⁰

Em 1917, o jornal “Alto Madeira” foi fundado em Porto Velho (à época jurisdição do Estado do Amazonas) pelo médico de formação, jornalista e político Joaquim Augusto Tanajura (1878-1941) que chegara à Amazônia com a expedição liderada por Cândido Rondon (1865-1958) para implantar o sistema telegráfico do Brasil. Foi também Secretário Geral da Comissão de Demarcação de Limites e Fronteiras entre Brasil, Peru e Colômbia. Foi Prefeito de Porto Velho (atual capital do Estado de Rondônia), deputado do Estado do Amazonas e prefeito de Manaus (AM). Transferiu-se para Curitiba e morreu em sua passagem por São Paulo/ SP em 1941. No início, o jornal circulava apenas duas vezes por semana em formato tabloide. Desde a década de 1920, começou a integrar a rede dos *Diários Associados*. Em 1938, esse periódico assumiu o formato *estandard* e tornou-se diário. Nos anos de 1950, o grupo Tourinho comprou o jornal e a aquisição foi liderada por Euro Tourinho (1921), que havia colaborado muito no jornal antes mesmo de se tornar seu proprietário.³⁸¹

³⁸⁰ MALATO, João. “Na Planície Amazônica” – o novo livro de Raymundo Moraes. *Alto Madeira*, Porto Velho, 19 jun. 1926, num. 936, p. 1 e 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Foi o apoio ao jornalista João Malato, de *A Crítica*, que motivou os correligionários de Magalhães Barata do “Clube 3 de Outubro” a exigir a demissão de Raymundo Moraes do cargo de diretor do Arquivo Público e Biblioteca Pública do Estado do Pará.

³⁸¹ FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de Imprensa na Amazônia. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Mais%20de%20180%20anos%20de%20imprensa%20na%20Amazonia.doc>>. Acesso em 28.11.2018; ver também: MACHADO, Getúlio Tanajura. Tanajura: 150 anos em Livramento de Nossa Senhora – Bahia. Disponível em: <<http://tanajura150anos.blogspot.com/2011/07/dr-joaquim-augusto-tanajura.html>>. Acesso em 28.11.2018.

Em 10 de outubro de 1926, o jornal *Folha do Norte*³⁸² também publicou um longo artigo discutindo a obra de Raymundo Moraes, apresentando uma crítica declaradamente desfavorável ao livro *Na Planície Amazônica*, com o título “O livro do assassino de Heraclito Ferreira. As baboseiras do texto, a voo de pássaro” que dispensa comentários.

Acabo de ler o livro do assassino de Heraclito Ferreira, o boníssimo Heraclito, que nunca fizera mal a ninguém e que tão caro pagou a confiança no instinto feroz dos homens.

Atraiu a minha atenção para essa obra o ato do governo do Amazonas, mandando admiti-la nas escolas.

(...)

Fica-se pasmo como é que um homem de responsabilidade resolve pôr nas mãos das crianças das escolas públicas, onde aprenderão talvez seus filhos, um livro em que as coisas mais comesinas (sic) do saber humano são vítimas de mutilações e equívocos, o livro de um réu de justiça, fugido a esta, um alcoólico inveterado, um tipo, enfim que se não recomenda por nenhuma espécie de virtude.

(...)

Mas deixemos esse lado do caso e vejamos, a correr, as asneiras do livro.

Diz o autor no capítulo “O vale”, à pag. 11: “a fria rarefação do ar das cumeadas, origem do mal das alturas, aquece, substituída pela densidade atmosférica das baixadas, fonte de insolação fulminante”. Como se justifica que a fria rarefação das cumeadas aqueça com densidade das baixadas? Que é densidade? Essa propriedade dos corpos pode aquecer? São fenômenos de física elementar que o literato assassino ignora.

(...)

*Quantas noções falsas vai esse livro fazer germinar no espírito das pobres crianças, por conta do governo do Amazonas.*³⁸³

Além do jornal paraense, o jornal acreano *A Reforma* também publicou uma crítica desfavorável ao livro *Na Planície Amazônica* através de um longo artigo intitulado “A Amazônia ao clarão dos livros e aos ruídos das visitas”, enfatizando a predileção de Raymundo Moraes pelos políticos regionais, atacando-o devido ao seu livro que, segundo o periódico, ecoava e reforçava as representações fantasmagóricas da Amazônia:

³⁸² Como a história do jornal *Folha do Norte* já foi comentada no capítulo I, não há necessidade de repetir as mesmas informações no corpo do texto deste capítulo II. Então, seguem essas breves informações sobre as atividades desse jornal em nota de rodapé para apenas lembrá-la: O periódico paraense *Folha do Norte* foi fundado em 1896 por Eneas Martins (1872-1919) e Cipriano José dos Santos, ambos jornalistas e políticos no Pará que faziam oposição a Antonio Lemos, político e proprietário de *A Província do Pará* e declaravam apoio político a Lauro Sodré (1858-1944). No período de 1917 a 1966, o jornalista João Paulo de Albuquerque Maranhão (1872-1966), o conhecido Paulo Maranhão, dirigiu o *Folha do Norte* e depois acabou o adquirindo. Em 1973, o periódico paraense foi vendido a Rômulo Maiorana (1922-1986) que o fez circular até um ano depois, isto é, até 1974 e daí o impresso não foi mais editado.

³⁸³ ORION. O LIVRO DO ASSASSINO DE Heraclito Ferreira. As baboseiras do texto, a voo de pássaro. *Folha do Norte*, Belém, 10 out. 1926, num. 11.215, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu. O jornal maranhense *O Imparcial* publicou acerca da crítica do *Folha do Norte*: “‘A Folha do Norte’ publica uma crônica de um colaborador analisando o livro do sr. Raymundo Moraes intitulado ‘Na Planície Amazônica’.

... Raymundo Moraes, com “Na Planície Amazônica”, o livro encheu as medidas e agradou os políticos regionais, mas tendo somente por fim elevar ainda mais alto a fantasia deslumbrante da Amazônia que tem o poder de agradar a tudo e a todos, menos aos americanos do norte que observam terras e plantas em silêncio.³⁸⁴

A Reforma, jornal fundado em 1918 na Vila Seabra (atual Município de Tarauacá/ AC) por José Florencio da Cunha, que além de proprietário, foi seu diretor e gerente. Esse periódico circulou até 1934. Em 1919, o jornal passou também a publicar folhetins. Desde a sua fundação foi ligado ao Partido Republicano do Tarauacá (PRT). Nos anos de 1920, aproximou-se do paraense *Folha do Norte*; daí a crítica também desfavorável do livro de Raymundo Moraes. Era semanal, sempre publicado aos domingos em formato *standard*, com aproximadamente quatro a seis páginas impressas.³⁸⁵ Esse jornal acreano apoiou a Revolução de 1930 e o governo de Getúlio Vargas, assim como defendeu a nomeação de Francisco de Paula Assis Vasconcellos para interventor do Acre. O perfil editorial desse jornal era político, mas ele também divulgava textos literários, crônicas sociais e esportivas, artigos sobre a vida social, anúncios e notícias policiais. Colaboraram no jornal *A Reforma*, políticos, escritores e artistas conhecidos na Imprensa do Norte. Em 1931, passou a ser dirigido por Julio Pereira Rocque e em 1933, Manoel Vieira da Cunha assumiu a direção política e José de Sá Barreto, antigo chefe das oficinas tipográficas, assumiu a gerência do periódico.³⁸⁶

A obra de Raymundo Moraes, devido à notoriedade que ganhou na Imprensa brasileira, foi equiparada a grande obra de Euclides da Cunha no periódico pernambucano *Jornal Pequeno*: “‘A Planície Amazônica’, segundo as críticas mais nomeadas é uma obra que pode se rivalizar ao ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha”³⁸⁷. Mas foram os periódicos da então capital federal que mais publicaram a crítica ao livro de Raymundo Moraes. E dentre esses periódicos o jornal *O País* foi o periódico que mais publicou anúncios, notas e artigos sobre o livro *Na Planície Amazônica* nos anos de 1920 e início dos anos de 1930. No dia 19 de junho de 1926, Alves de Souza, crítico, colaborador e diretor de *O País*, enfatizou o valor literário e ao mesmo

³⁸⁴ A AMAZÔNIA AO CLARÃO dos livros e aos ruídos das visitas. *A Reforma*, Município do Acre – Cidade Seabra, 03 out. 1926, num. 417, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁸⁵ “... foi resolvida a criação da A Reforma, que adota como programa: trabalhar, empenhando a melhor vontade indo até o sacrifício, pelo aperfeiçoamento moral, progresso e engrandecimento material do Departamento [de Tarauacá]. O raio de ação do nosso jornal há de estender-se a todas as manifestações da atividade humana, nos diversos desdobramentos da vida política, administrativa, comercial e agrícola do Departamento” (NO PÓRTICO. *A Reforma*, Território do Acre, Departamento de Tarauacá – Vila Seabra, 12 mai. 1918, num. 1, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

³⁸⁶ BRASIL, Bruno. Tarauacá: histórico do jornal A Reforma. Disponível em: <<https://almaacreana.blogspot.com/2018/04/tarauaca-historico-do-jornal-reforma.html>>. Acesso em 30.11.2018.

³⁸⁷ NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. A VIGOROSA obra do exímio escritor Raymundo Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, 06 dez. 1926, num. 278, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Brasil.

tempo científico da obra de Raymundo Moraes através de um longo artigo intitulado “O Paraíso Verde” - que dá nome ao primeiro dos ensaios presentes na obra *Na Planície Amazônica*, sendo a categoria mais importante de sua narrativa por representar a sua visão da Amazônia. Vale ressaltar que Raymundo Moraes dedicou o ensaio “A Atlântida” a Alves de Souza.

Sem falsa modéstia: essa simples recapitulação dos temas capitais da obra bastaria – supérfluos, por isso, os comentários que a precedem – para dizer do inconfundível valor literário e científico que lhe assinala um posto de exceção entre os triunfos maiores da inteligência brasileira nos dias que correm.³⁸⁸

Outra crítica importante na trajetória social do livro de Raymundo Moraes é a assinada por Carlos D. Fernandes, crítico literário de *O País*, amigo a quem o jornalista e escritor paraense dedicou o ensaio “O Apuizeiro”. À época, Carlos D. Fernandes escrevia a coluna “Autores e Livros”. Ele apresentou uma opinião elogiosa acerca da obra do jornalista e escritor paraense: “A Amazônia teve em Humboldt o seu revelador, em Euclides da Cunha o seu arúspice, em Raymundo Moraes, o seu artista”³⁸⁹. E, uma semana depois, em longo artigo, o crítico literário voltou a comentar o livro comparando a narrativa em *Na Planície Amazônica* às “Geórgicas” de *Os Lusíadas*, destacando que: “*Na Planície Amazônica* marca uma fase nova na história das nossas letras e insere o nome de Raymundo Moraes na galeria dos maiores e mais deslumbrantes escritores da língua portuguesa”³⁹⁰. Não se pode esquecer que Carlos D. Fernandes era amigo de Raymundo Moraes e a aproximação entre ambos se deu em função da militância lealista de Raymundo Moraes na redação de *A Província do Pará*.

Esse livro seria a *Amazonéida*, em 25 rapsódias, se quem o concebeu e realizou pudesse vasar em estrofes os ritmos largos do seu ardente e erguido pensamento. Tudo ali é poesia, é ficção engenhosa, é lídima epopeia, já nos moldes científicos das *Geórgicas*, de *Os Lusíadas*, com um vago tempero mitológico, para acusar e realçar a beleza e o encantamento das realidades.³⁹¹

Fundado em 1884 por João José dos Reis Júnior (1846-?), com a crise do poder monárquico, *O País* tornou-se um defensor dos ideais abolicionistas e republicanos. O primeiro redator-chefe do jornal foi Rui Barbosa (1849-1923), mas após três dias declinou do cargo, sendo substituído por Quintino Bocaiúva (1836-1912). Com a Proclamação da República, o

³⁸⁸ SOUZA, Alves de. “O Paraíso Verde”. *O País*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1926, num. 15.217, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁸⁹ FERNANDES, Carlos D. Autores e Livros. *O País*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1926, num. 15.214, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁹⁰ FERNANDES, Carlos D. Autores e Livros. *O País*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1926, num. 15.221, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

³⁹¹ Ibid.

periódico tornou-se bastante influente na vida política do Brasil, tornando-se um dos periódicos mais atuantes na capital federal. Francisco de Paula Mayrink (1839-1906) o adquiriu nesse período. Nos anos de 1920, tornou-se seu redator-chefe Antônio José Azevedo do Amaral (1881-1942) e devido à vinculação ideológica e política do jornal com a estrutura de poder da República Velha, sua sede foi saqueada e empastelada após a vitória da Revolução de 1930. Em 1933, o matutino e diário carioca voltou a ser editado, reaparecendo sob a direção de Alfredo da Silva Neves (1887-1975), mas logo após um ano incompleto encerraria suas atividades em 1934.³⁹² Esse periódico congregou colaborações de escritores e jornalistas muito conhecidos na Imprensa brasileira como Lima Barreto (1881-1922) e João do Rio (1881-1921), Raymundo Moraes colaborou com o jornal, sendo correspondente de *O País* quando residiu em Manaus/ AM. Daí o livro *Na Planície Amazônica* ser tão elogiado nas páginas desse jornal, assim como o periódico acabou responsabilizando-se pela distribuição dos volumes entre as livrarias da cidade do Rio de Janeiro.

O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, publicou a crítica ao livro de Raymundo Moraes em quatro de janeiro de 1927, ressaltando que a narrativa do jornalista e escritor paraense se aproximou da narrativa de Euclides da Cunha: “... o sr. Raymundo Moraes na pompa do estilo chega a lembrar Euclides da Cunha e nisto estará um grande elogio ao seu trabalho”³⁹³. O escritor Raymundo Moraes recebeu até uma carta manuscrita do amigo militar e sertanista Candido Rondon (1865-1958) ou Marechal Rondon, como era conhecido na Amazônia, que foi transcrita, integralmente, pelo jornal rio-grandense *A Federação - Órgão do Partido Republicano*, no dia 14 de janeiro de 1928. Nessa carta, Marechal Rondon deu notícias das suas incursões no território amazônico e comentou suas impressões sobre o livro *Na Planície Amazônica*. Apesar de não ser considerado um crítico, como era uma grande autoridade política e militar na Amazônia, a sua carta ganhou *status* de crítica na Imprensa brasileira:

³⁹² PAÍS, O. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o>>. Acesso em 13.12.2017. Acervo CPDOC-FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁹³ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. RETROSPECTO literário de 1926. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 04 jan. 1927, num. 4, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

“Cidadão Raymundo Moraes – Manaus – Meu velho e distinto amigo. Li com particular prazer o seu empolgante livro, na viagem que me trouxe, de Manaus a esta Fazenda Nacional. Achei-o digno do seu talento literário. As monografias que o compõem são traços de luz que ficam na memória de quem as lê. (...)”

“Na Planície Amazônica” é um livro digno de ser divulgado nas escolas, não só para unificar a instrução da juventude, como para consolidar o conhecimento que os professores têm da Terra das Amazonas. (...)”

Com um cordial abraço, vão os melhores votos pela sua felicidade pessoal, formulados por quem o admira e estima. Velho amigo – Candido M. Rondon”.

³⁹⁴

O jornal *A Federação* foi fundado em 1884 em Porto Alegre, capital paranaense, idealizado por correligionários do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). No início do século XX, o jornal modernizou-se assumindo uma diagramação mais atraente para os moldes da época e diversificando os assuntos, pois deixou de ser exclusivamente político e econômico e passou a publicar noticiário esportivo e ligado às artes. As atividades no periódico rio-grandense tiveram o seu auge na década de 1910. Na década de 1930, tornou-se uma publicação do Partido Republicano Liberal (PRL) (que substituiu o PRR). Em 1933, foi adotado como Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, mas em 1935, com a criação do Diário Oficial do Rio Grande do Sul voltou a ser um jornal político do PRL. Em 1937, foi extinto a partir da instalação do Estado Novo.³⁹⁵

E para finalizar a discussão sobre a crítica ao livro *Na Planície Amazônica*, de Raymundo Moraes, revisita-se a notícia publicada no jornal carioca *A Manhã*: “*Entre os bons livros do ano*, (...) figuram os seguintes: ... ‘Na Planície Amazônica’, de Raymundo Moraes, série de retratos robustos em que romanceia pitorescamente a realidade humana do Amazonas”³⁹⁶. Ideia reforçada pelo periódico *Beira-Mar*, quase cinco anos depois, em edição de 31 de outubro de 1931, na longa matéria sobre a crise do mercado do livro no Brasil, publicando entrevistas com os principais livreiros do Rio de Janeiro. Ao interpelar Firmino Pena, gerente da livraria “Odeon”, propriedade de F. Soria, uma das livrarias mais atuantes no Rio de Janeiro no início do século XX, sobre a procura pelos títulos: “- como livreiro, diga-nos, sinceramente, quais as obras nacionais mais procuradas atualmente?”; *Beira-Mar* obteve a resposta do

³⁹⁴ O BRASIL Ignorado. *A Federação- Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, 14 jan. 1928, num. 13, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁹⁵ A FEDERAÇÃO. Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/AFederação>> Acesso em 01.12.2018. E ver também: FEDERAÇÃO, A. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/federacao-a>>. Acesso em 01.12.2018. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

³⁹⁶ OS MELHORES Livros de Mil Novecentos e Vinte e Seis. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1926, num. 312, p. 16. Acervo Biblioteca Nacional – Brasil. Grifo meu.

livreiro-gerente: “- *Várias; destacamos, porém, entre muitas outras, as seguintes: (...) O Quinze, (...) Na Planície Amazônica...*”³⁹⁷. Portanto, apesar da crise do mercado editorial brasileiro, o livro “Na Planície Amazônica” de Raymundo Moraes continuava a ser procurado pelo público leitor ao lado de narrativas regionalistas como “O Quinze” (1930) de Rachel de Queiroz.

A construção da crítica literária no início do século XX tinha muito mais a ver com as redes de sociabilidades no campo literário do que com os atributos do autor e com a qualidade da sua obra. Então, a crítica elogiosa a uma obra quase sempre era construída por confrades, correligionários, simpatizantes e, por outro lado, a crítica desfavorável refletia, na maioria das vezes, os desencontros, ressentimentos e as contendas provindos do campo político que alcançaram as atividades jornalísticas e literárias do autor. Segue um quadro demonstrativo de todas as edições de Na Planície Amazônica.

³⁹⁷ QUAL A SITUAÇÃO do livro nacional no momento de crise que atravessamos? “Livraria Odeon”. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 31 out. 1931, num. 292, p. 25. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

QUADRO 01. Na Planície Amazônica (1926-2001) de Raymundo Moraes						
Versão Impressa/ Edição	Ano de Publicação/ UF	Editora	Coleção	Exemplares	Projeto Gráfico	Capa e/ou Ilustrações
1/1 ^a	1926/ AM	Livraria Clássica Editora	----	2.000	----	Branco Silva
2/2 ^a	1926/ AM	Oficinas Gráficas da Papeleria Velho Lino	----	6.000	----	Olympio
3/3 ^a	1931/ RJ	Civilização Brasileira Editora	----	11.000	----	
4/4 ^a	1936/ SP	Companhi a Editora Nacional	Brasiliana	3.000	----	
5/5 ^a	1939/ SP			3.000		
6/6 ^a	1960/ RJ	Editora Conquista	Terra dos Papagaios			Israel Cysneiros
7/7 ^a	1987/ MG; SP	Editora Itatiaia Limitada e Edusp	Reconquista do Brasil		Alceu Letal	Poty
8/7 ^a	2000/ DF	Editora do Senado Federal do Brasil	Brasil 500 Anos		Achilles Milan Neto	Israel Cysneiros
9/8 ^a	2001/ AM	Secretaria de Estado da Cultura, Turismo de Desporto do Governo do Estado do Amazonas	----		Cinara Cardoso	

CAPÍTULO III
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE RAYMUNDO MORAES:
De Comandante de gaiola a *Belletrista*

3.1 As aventuras literárias do “Caçador de Símbolos” nos anos de 1930

*Dentro das pedras
encantou-se o verde
das graças do eleito.*

As experiências nas letras nos anos de 1930 foram muito cruciais na trajetória social de Raymundo Moraes. Foi a partir do final da década de 1920 que sua obra ganhou maior projeção e certa estabilidade no campo literário brasileiro - ainda que essa estabilidade tenha sido muito breve. Nesse período, a releitura do realismo naturalista predominou como a chave estética da representação literária da Amazônia, desde Euclides da Cunha em *À margem da História*, de 1905, a Peregrino Júnior (1898-1983) em *A mata submersa e outras histórias da Amazônia*, de 1960³⁹⁸.

O jornalista e escritor paraense pertenceu a uma geração de intelectuais, em Belém do Pará, que reuniu poetas como Antônio e José Marques de Carvalho, o escritor, crítico literário e o médico Carlos D. Fernandes, o escritor Romeu Mariz³⁹⁹, o jornalista Alves de Souza e tantos outros. Praticamente, essa geração se construiu durante a sua atuação no jornal *A Província do Pará*, sob a propriedade de Antonio Lemos. Todos intelectuais que ajudaram a edificar o lemissmo no Pará. Em Manaus, capital do Estado do Amazonas, Raymundo Moraes vinculou-se à geração de Adriano Jorge (1879-1948), médico, jornalista, professor e musicista e dos intelectuais vinculados à Academia Amazonense de Letras, assim como de Agnello Bittencourt (1876-1975), jornalista, professor e geógrafo. Esses grupos de intelectuais todos atuaram na Imprensa do Amazonas, eram antes de tudo, jornalistas e haviam assumido a missão de revelar a Amazônia ao Brasil e ao mundo, combatendo os estereótipos de atraso e degeneração que ainda pairavam sobre a região; missão essa tributária da escrita euclidiana do início do século XX.

³⁹⁸ HARDMAN, 2007, passim.

³⁹⁹ TOCANTINS, 2000, p. XX.

No final dos anos de 1920, Raymundo Moraes aproximou-se de Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*, obra publicada em 1928 e de Raul Bopp (1898-1984)⁴⁰⁰, autor de *Cobra Norato*, livro de 1931, ambos intelectuais, inclusive, estiveram na Amazônia e suas obras também foram inspiradas no imaginário da região. Foi nesse período que a autoria de Raymundo Moraes foi reconhecida, definitivamente, e sua obra passou a ser enquadrada, por críticos literários, no percurso do modernismo como Carlos D. Fernandes o fez⁴⁰¹. Nos anos de 1930, quando escreveu e fez publicar a maioria de seus livros, o jornalista e escritor paraense aproximou-se do legado de Graça Aranha (1868-1931), autor de *Canaã*, obra de 1902, inclusive, tentando construir-se como romancista. Ao longo de sua trajetória social nunca abandonou a sua declarada inspiração euclidiana.

Leitor de Friedrich Katzer, Carvalho de Mendonça, Elisée Reclus, John C. Branner, Navarrete, A. J. Sampaio, Paulo Ehrenreich, Carlos Cuervos Marques, Gregório Garcia, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, José Veríssimo, Humboldt, dos Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi, de Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Louis Agassiz, Capistrano de Abreu, Spix e Martius, Henri Coudreau, La Condamine, Alcide D'Orbigny, Príncipe Adalberto da Prússia, de Jacques Huber, Barão de Santa Ana Néri, Vicente Chermont de Miranda, Torquato tapajós, Inglês de Souza, Arthur Vianna, Orville Derby. Leu “Uma bibliografia amazônica representativa da mais alta expressão intelectual”.⁴⁰²

Deve-se lembrar que o modernismo amazônico se construiu para além do modernismo paulistano dos anos de 1920. De acordo com Aldrin Figueiredo (2001, p. 190): “A aparente antinomia na atuação dos literatos locais revelou a ambiguidade do modernismo dos anos 20 por plagas amazônicas”⁴⁰³. Em “Modernismo Revisitado”, Cristina Queiroz (2018, p. 82) apresenta um balanço das pesquisas, até então, desenvolvidas com o objetivo de repensar “o

⁴⁰⁰ Raul Bopp, poeta, cronista e jornalista, nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul em 1898 e morreu na cidade do Rio de Janeiro/ RJ em 1984. Ainda muito jovem, com 16 anos, realizou a primeira das viagens que inspiraram sua obra, percorrendo a Argentina, Paraguai e o Centro e o Sudoeste do Brasil. Visitou os estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Rio de Janeiro. Formou-se em Direito em 1922. Tornou-se amigo de escritores importantes como José Lins do Rego (1901-1957) e Aníbal Machado (1894-1964). Em 1926, transferiu-se para São Paulo/ SP e passou a participar do movimento antropofágico, tornando-se amigo da pintora Tarsila do Amaral (1883-1973) e do escritor Oswald de Andrade (1890-1954). Publicou trechos de seu livro mais famoso, o poema narrativo *Cobra Norato*, na revista *Para todos*. Escreveu também “*Como se Vai de São Paulo a Curitiba*”. Em 1929, quando o movimento antropofágico terminou, foi para o Oriente. Na década de 1930, publicou integralmente “*Cobra Norato*”, editou os poemas de “*Urucungo*” e ingressou na carreira diplomática, voltando-se também à redação de artigos e memórias na Imprensa brasileira (Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3426/raul-bopp>. Acesso em 14.12.2018).

⁴⁰¹ FERNANDES, Carlos D.. Menina e Musa. *O País*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1930, num. 16.693, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁰² TOCANTINS, 2000, p. XIV.

⁴⁰³ Aldrin de Moura Figueiredo, desde 2001, já discutia as especificidades e o lugar do modernismo amazônico no contexto brasileiro.

lugar do movimento vanguardista paulistano na cena cultural brasileira”. A autora cita as recentes pesquisas de Maria Arminda do N. Arruda, Mônica Pimenta Velloso, Humberto Hermenegildo de Araújo, Miguel Ávila Duarte e de Eneida Maria de Souza para reafirmar o caráter plural do modernismo brasileiro e revisar a construção do movimento modernista apenas pelo viés da bipolaridade centro-periferia. Desse modo, o modernismo brasileiro não se restringe aos ares paulistanos, portanto, a Semana de Arte Moderna em 1922 não pode ser pensada como o marco fundador do movimento modernista no Brasil e o grupo paulista não pode ser concebido nem como o líder do movimento como defende Alfredo Bosi (2015, p. 363) em *História concisa da Literatura Brasileira* nem como o catalizador das ideias modernistas como sugeriu Lilia Moritz Schwarcz (2017, p. 443) em *Lima Barreto: Triste visionário*.

Assim como a *Belle Époque*, o modernismo na Amazônia foi um processo que não aconteceu em imitação, desdobramento ou consequência do modernismo paulistano ou carioca. Dentre as suas especificidades, o modernismo amazônico caminhou a passos regionalistas. Segundo Figueiredo (2001, p. 197), a polissemia em torno do regionalismo acabou por dividir a produção literária local, principalmente, entre duas visões distintas: o *paroquianismo* e o *cosmopolitismo*. O ponto de vista qualificado como “paroquiano” tendeu a encarar a literatura na Amazônia como o bem maior da região, interessando somente aos que comungavam dos mesmos valores e experiências; enquanto a visão “cosmopolita” defendia a necessidade de afirmação dessa produção literária em um contexto muito mais amplo, nacional e até “universal”.

Os dois primeiros livros de Raymundo Moraes, *Traços a Esmo* e *Notas Dum Jornalista* estão alinhados com essa visão paroquiana da literatura. Apesar de manter uma linearidade na narrativa desde o seu *Traços a Esmo* até *País das Pedras Verdes* com a junção entre jornalismo e literatura, a partir de *Na Planície Amazônica*, de 1926, Raymundo Moraes avançou, aos poucos, alinhando-se à visão cosmopolita da literatura, tendo o livro *País das Pedras Verdes* inaugurado, portanto, o seu compromisso definitivo com essa visão, sobretudo, porque nesse livro intensificaram-se os esforços de Raymundo Moraes em se adequar aos novos padrões temáticos de escrita do final dos anos de 1920, período em que se aprofunda o debate sobre raça e nação, debate tão caro ao modernismo.

O livro *País das Pedras Verdes* foi publicado pela primeira vez no dia nove de maio de 1930, impresso nas *Oficinas da Imprensa Pública do Amazonas*, com capa de Branco Silva

(1892-1959)⁴⁰⁴, com ilustrações de Gil Ruiz⁴⁰⁵, tiragem de 2.500 exemplares e dedicatória impressa ao Presidente Washington Luís e ao Governador do Estado do Amazonas Dorval Porto⁴⁰⁶. Na introdução do livro *País das Pedras Verdes*, declarou o seu autor que “O que realmente se pretende e busca”, com a publicação de seu quinto livro e o primeiro da década de 1930 : “(...) é que ninguém do sul do Brasil ou de outro ponto do globo, alheio a esta plaga [Amazônia], a julgue erradamente, por simples fantasias a Barão de *Munchhausen*, contadas por viajantes e letrados inescrupulosos”⁴⁰⁷.

Raymundo Moraes reuniu nesse volume os ensaios: “Oração à Mocidade” que é a introdução do livro, dedicada a Alberto Rocha, “País das Pedras Verdes”, capítulo I dedicado a Alves de Sousa, “O Pindorama”, capítulo II dedicado a José Júlio de Andrade, “Sambaquis Paraense”, capítulo III dedicado a Samuel Mac-Dowell, “Um Batedor de Sertões”, capítulo IV dedicado a Fraga de Castro, “Do Pandemônio à Amazônia”, capítulo V dedicado a David Péres, “Cidade das Colinas”, capítulo VI dedicado a Caio Valladares, “O Eldorado dos Naturalistas”, capítulo VII dedicado a Oscar Barreto, “Nave Telúrica”, capítulo VIII dedicado a Jean Duriau, “A Pajelança”, capítulo IX dedicado a Araujo Lima, “A Nossa Arque avó Tapuia”, capítulo X dedicado a Raimundo Monteiro, “A Mundurucania”, capítulo XI dedicado a Carneiro da Motta, e o derradeiro capítulo XII “Marido das Viúvas” dedicado a Clovis Gusmão.

Esse livro encerrou a unidade discursiva iniciada ainda em *Traços a Esmo*, de 1908, passando por *Notas Dum Jornalista*, de 1924, *Na Planície Amazônica*, de 1926, e *Cartas da Floresta*, de 1927: “O escritor vive dentro de suas páginas com o mesmo esplendor com que se nos deparou com seus três primeiros livros [‘Traços a Esmo’ não é considerado aqui]. É o mesmo sempre: grandioso, erudito e brilhante”⁴⁰⁸. Raymundo Moraes definiu essa obra como “... um livro de sugestões, possivelmente capaz de animar alguns espíritos a exames mais profundos, e, certamente, com finalidade necessária para convocar os moços a uma justa em prol da nossa gente e da nossa terra”⁴⁰⁹. Em edição de 23 de agosto de 1930, no contexto de lançamento do livro, afirmou *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*: “No seu novo livro - *País das Pedras Verdes* - Raymundo Moraes consolida vitoriosamente o

⁴⁰⁴ Branco Silva já havia ilustrado a capa da 1ª edição de *Na Planície Amazônica*.

⁴⁰⁵ FERNANDES, Carlos D.. Campo de Joio. “País das Pedras Verdes” - Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1930, num. 16.623, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁰⁶ MORAES, 1930, s.p..

⁴⁰⁷ Ibid., 1930, p. 16.

⁴⁰⁸ LIVROS NOVOS. PAÍS DAS PEDRAS VERDES, DE RAYMUNDO Moraes (Manaus- 1930). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 out. 1930, num. 43, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁰⁹ MORAES, 1930, s.p..

seu renome de único, de exclusivo grande escritor da Amazônia”⁴¹⁰. Em 1931, o livro foi também publicado em segunda edição: “- Acaba, de aparecer (sic), com bonita apresentação gráfica, a 2ª edição do ‘País das Pedras Verdes’, do sr. Raymundo Moraes, lançado pela Civilização Brasileira Editora”⁴¹¹. Trata-se de um livro definido como uma: “Obra de arte, obra de erudição – *País das Pedras Verdes* é, também, *uma obra de alto patriotismo*”.⁴¹² Assim como afirma Carlos D. Fernandes, crítico literário de *O País* (RJ):

Raymundo Moraes se dirige à juventude brasileira exortando-a ao amor da Pátria, ao culto das suas tradições, à estima de sua fenomenalidade cósmica, por intermédio do restabelecimento panteístico, monumental da vera realidade amazônica inteiramente expurgada dos exageros que a deformam, das pechas que a denigrem, dos aleives que a difamam.⁴¹³

Após publicar *País das Pedras Verdes*, Raymundo Moraes lançou *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia* em 1931, pela *Tipografia Alba*, em dois volumes reunindo verbetes de A – F; de G – Z, com notas biográficas, nomes de plantas e animais, assim como nomes de fenômenos da natureza amazônica e com costumes da Amazônia⁴¹⁴:

Raymundo Moraes veio ao Rio, e aqui está, para acompanhar a edição do seu livro “Meu Dicionário das cousas da Amazônia” complemento obrigado (sic) de sua obra maior e mais profunda, tão grande como “Os Sertões” de Euclides da Cunha, o “País das Pedras Verdes”.⁴¹⁵

Esse livro foi muito elogiado nos círculos letrados da época, principalmente, entre os homens de letras já consagrados no campo literário, escritores e jornalistas vinculados às associações culturais como a ABL e suas congêneres estaduais. A publicação do livro ocorreu no mesmo contexto em que Raymundo Moraes inscreveu-se para disputar a vaga aberta na ABL com o falecimento de Graça Aranha em 1931. Entretanto, esse livro sacudiu mesmo o mundo das letras devido a uma polêmica por conta de uma pequena passagem em que Raymundo

⁴¹⁰ RAPSODO, Geógrafo e Historiador da Amazônia. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1930, num. 807, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

⁴¹¹ NOTAS MUNDANAS. LETRAS E ARTES. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1931, num. 4.018, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴¹² PAÍS DAS PEDRAS VERDES. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1930, num. 24, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

⁴¹³ FERNANDES, Carlos D.. Campo de Joio. “País das Pedras Verdes” - Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1930, num. 16.623, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴¹⁴ “O Meu Dicionário de cousas da Amazônia” foi também publicado pelas Edições do Senado Federal em 2ª edição, vol. 175 em 2013.

⁴¹⁵ VIDA... DE TODOS. Raymundo de Moraes, O Descobridor Literário da Amazônia. Vai arrematar a sua obra culminante. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, mai. 1931, num. 158, p. 76. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Moraes citou Mário de Andrade (1893-1945) ⁴¹⁶, citação que levou o autor de *Macunaíma* a responder ao escritor paraense por meio de uma longa carta aberta publicada no *Diário Nacional* em 20 de setembro de 1931 ⁴¹⁷. Mário de Andrade, um dos maiores expoentes do modernismo paulistano, apesar de evocar o escritor paraense de forma respeitosa: “A Raimundo Moraes. Meu ilustre e sempre recordado escritor”, já começou a carta corrigindo ortograficamente o verbete em que o escritor paraense o cita.

Não imagina a intensa e comovida surpresa com que ontem, no segundo volume do seu *Meu dicionário de cousas da Amazônia* ao ler na página 146 o verbete sobre Theodor Kock Grunberg (naturalmente o sr. se refere a Koch-Grünberg, ou em nossa letra, Koch-Gruenberg), topei com a referência a meu nome e a defesa que faz de mim. ⁴¹⁸

Continua a carta, elogiando o “escritor de Na Planície Amazônica”, mas instigando os leitores a julgá-lo pela sua ingenuidade.

Mas como esta minha carta é pública pra demonstrar a admiração elevada que tenho pelo escritor de *Na Planície amazônica*, acho melhor citar o trecho do seu livro pra que os leitores se inteirem do que se trata:
Os maldizentes afirmam que o livro *Macunaíma* do festejado escritor Mário de Andrade é todo inspirado no *Vom Roroima zum Orinoco* do sábio (Koch-Gruenberg). Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas. ⁴¹⁹

A carta é permeada por ironias e ataques. As investidas de Mário de Andrade sempre começam com elogios e, enfim, terminam com críticas. Nesse trecho que segue, fica claro o desconforto de Mário de Andrade na associação que Raymundo Moraes fez em *O Meu Dicionário das Cousas da Amazônia* entre o que afirmam os “maldizentes” acerca de *Macunaíma* e o que o escritor paraense acredita, porém, como explica Mário de Andrade, para desacreditar do boato, Raymundo Moraes teve de o reproduzir em sua obra o que confere que algum sentido fez para ele a intenção desses “maldizentes”:

⁴¹⁶ “Mário de Andrade é uma das figuras mais emblemáticas do cenário cultural brasileiro. É difícil encontrar uma área em que ele não tenha atuado, e mais que isso, se destacado pela excelência de sua contribuição. Poeta, romancista, pesquisador, etnógrafo, musicólogo, professor, ensaísta, documentarista, fomentador das artes e da cultura popular, ‘turista aprendiz’, inventor de políticas culturais, ‘correspondente contumaz’, foi também um descobridor de talentos e de preciosidades, e sobretudo, um formador de mentalidades e explorador apaixonado de praticamente tudo que se referisse ao Brasil” (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2002, s.p.). Palavras do então Ministro de Estado da Cultura, Francisco Weffort.

⁴¹⁷ ANDRADE, Mário de. A Raimundo Moraes. *Diário Nacional*, São Paulo, 20 set. 1931, num. 1.262, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴¹⁸ ANDRADE, 2015, p. 200.

⁴¹⁹ Ibid., 2015, p. 202/201.

Ora apesar de toda a minha estilizada, exterior e conscientemente praticada humildade, me é lícito imaginar que, embora o sr. não acredite na malvadeza desses maldizentes, sempre a afirmativa deles calou no seu espírito, pois garante o boato para garantir com incontestável exagero o meu valor.⁴²⁰

E, nesse trecho a seguir, Mário de Andrade, sutilmente, critica a subserviência política e intelectual de Raymundo Moraes aos “grandes”, colocando, inclusive, a sua produção em favor deles, tanto que Mário de Andrade é citado no verbete “Theodor Kock Grunberg”, isto é, no nome do naturalista germânico, cuja obra Raymundo Moraes, provavelmente, apenas conhecia superficialmente porque não sabia ler em Alemão e o livro ainda teria sido traduzido para a o Português:

Sempre tive a experiência de sua generosidade, mas não deixou de me causar alguma pena que o espírito sempre alcandorado na admiração dos grandes, preocupados com sucurijus tão tamanhas e absorventes como Hartt, Gonçalves Dias, Washington Luís, José Júlio de Andrade, presidentes, interventores, Ford e Fordlândia, se inquietasse por um pium tão jito que nem eu. E para apagar do seu espírito essa inquietação tomo a desesperada ousadia de lhe confessar o que é o meu *Macunaíma*.⁴²¹

E com derradeira ironia, Mário de Andrade devolve a crítica aos ditos “maldizentes”, pois ao contrário deles, o autor de *Macunaíma* assume, às claras, as influências intelectuais sob as quais se abrigou quando escreveu o livro e revelou a inegável importância da obra de outros para a escrita de toda e qualquer obra sobre o Brasil; defendeu o fato de que ao assumir tais influências, sua obra não é por isso mera cópia de outra obra ou menos sua por aceitar as influências alheias, mas é reflexo de uma construção coletiva, construída a partir de experiências de pesquisa e levantamento.

Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Gruenberg, quando copiei todos. E até o sr. na cena da Boiuna. [...]

Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil, ao menos naquela parte em que me interessava satirizar o Brasil por meio dele mesmo. Mas nem a ideia de satirizar é minha pois já vem desde Gregório de Matos, puxa vida! Só me resta pois (sic) o acaso dos Cabrais que por terem em provável acaso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertence a Portugal. Meu nome está na capa do *Macunaíma* e ninguém o poderá tirar. Mas só por isso apenas o *Macunaíma* é meu. Fique sossegado. E certo de que tem em mim um quotidiano admirador.

MÁRIO DE ANDRADE⁴²²

⁴²⁰ ANDRADE, 2015, p. 201.

⁴²¹ Ibid., 2015, p. 201.

⁴²² Ibid., 2015, p. 202/203.

Figura 31. Carta aberta de Mário de Andrade a Raymundo Moraes, 1931.



Fonte: *Diário Nacional*, São Paulo, 20 set. 1931, num. 1.262, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Raymundo Moraes manteve-se em silêncio quando da publicação da carta de Mário de Andrade no periódico *Diário Nacional*, mas a relação entre os dois encerrou-se após a publicação da mesma. Raymundo Moraes conheceu Mário de Andrade durante a viagem do paulista pela Amazônia em 1927, quando participou da comitiva chefiada por Olivia Guedes Pentead, uma fazendeira de São Paulo, seguindo da capital federal, Rio de Janeiro/ RJ, no navio "Pedro I" à cidade de Belém/ PA, passando por Manaus/ AM e prosseguindo até Iquitos

no Peru ⁴²³. E, depois, a comitiva retornou por Manaus e prosseguiu para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo.

Depois de conhecer Mário de Andrade, pessoalmente, no seu retorno a São Paulo, Raymundo Moraes acabou encaminhando duas cartas a Mário ⁴²⁴; ambas cartas manuscritas, assinadas pelo autor de *Na Planície Amazônica*, em que o escritor paraense usou a forma de tratamento: “Meu caro Mário de Andrade” na carta de novembro de 1927 com total de três folhas e “Meu querido Mário” ⁴²⁵ na datada de 12 de fevereiro de 1928, com total de cinco folhas. Ambas correspondências foram autografadas a lápis, em papel branco e timbrado pelo “O PAÍS”, de 29,6 x 17,0cm, com dois furos e uma marca de grampo. Na primeira carta enviada a Mário de Andrade, há um *post escriptum*: “P.S. Penso lhe enviar, até o fim deste mês de novembro, um exemplar do livro que tenho no prelo, Cartas da Floresta. Mande-me a nota das melhores e mais procuradas livrarias de São Paulo, a fim de há remeter a obra” ⁴²⁶.

A forma de tratamento, principalmente, na segunda correspondência sugere que os dois conversavam, trocavam ideias, compartilhavam, ainda que esporadicamente, os seus escritos, isto é, eram relativamente próximos intelectualmente e pessoalmente, porém, a publicação da carta aberta “A Raimundo Moraes” de Mário de Andrade no *Diário Nacional* ceifou essa amizade entre os dois intelectuais. Fora essa crítica desfavorável de Mário de Andrade ao *O Meu Dicionário das Cousas da Amazônia*, esse foi um livro muito bem acolhido por jornalistas e escritores, críticos atuantes na Imprensa brasileira, e foi aclamado no interior da ABL.

⁴²³ UMA MULTI-MILIONÁRIA paulista visita a Amazônia. *A Reforma*, Território do Acre, Município de Tarauacá – Cidade Seabra, 12 jun. 1927, num. 453, p. 1; e TELEGRAMAS. INTERIOR. AMAZONAS. O REGRESSO da comitiva da senhorita Penteado. *Diário de Pernambuco*, Recife, 05 jul. 1927, num. 153, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴²⁴ As duas cartas encontram-se no Acervo do IEB na USP) e estão disponíveis para consulta presencial. O IEB localiza-se à Avenida Professor Luciano Gualberto, 78, Cidade Universitária – São Paulo/ SP, Espaço Brasileira; CEP. 05508-010. Endereço eletrônico: arquivoieb@usp.br; número telefônico: +55 11 3091-3427.

⁴²⁵ MORAES, Raymundo, comunicação pessoal, s.l., 12 fev. 1928. Acervo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/ USP – São Paulo/ SP, Brasil.

⁴²⁶ MORAES, Raymundo, comunicação pessoal, s.l., nov. 1927. Acervo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/ USP – São Paulo/ SP, Brasil. Grifo no original.

Figura 32. Página da Revista *Fon Fon* com a crítica sobre *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, 1931.



Fonte: *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1931, num. 432, p. 28. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

A forma da escrita de Raymundo Moraes mudou bastante nesse livro porque se trata de um dicionário com alguns dos verbetes que são apenas conhecidos na Amazônia, como por exemplo: “**Mãe-d’água** – Boiúna. Cobra grande. Espírito aquático das lendas amazônicas. Hartt, registrando os mitos, conta a ‘História do Paitunaré’, cobra grande”⁴²⁷. Daí o pronome possessivo “Meu” no título do livro. Trechos com os verbetes eram, constantemente, publicados nos periódicos como *O Malho* que publicou vários deles na seção “De Tudo Um Pouco”:

⁴²⁷ MORAIS, 2013, p. 115. Grifo no original.

Figura 33. Página da Revista *O Malho* com o verbete “Caboclo”, 1931.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1933, num. 8, p. 33. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Desde *Na Planície Amazônica*, a preocupação com a concepção de raça e de nação e com a relação entre ambas começou a crescer na narrativa de Raymundo Moraes, mas é em *Anfiteatro Amazônico* que o jornalista e escritor paraense assume, definitivamente, os esforços de explicar as diferenças entre as populações nativas (indígenas), africanas e europeias e de caracterizar as especificidades do encontro cultural entre elas. A partir de um discurso rácico, defende Raymundo Moraes que foi esse encontro “racial” que deu origem ao mestiço da Amazônia, isto é, ao caboclo, reconhecendo nesse tipo social local um dos maiores representantes da “nova” nacionalidade brasileira ⁴²⁸ e que melhor representaria o caráter do povo brasileiro.

⁴²⁸ Para lembrar o acontecimento de 22 de junho de 1926 envolvendo o salvamento dos aviadores argentinos a bordo da canoa “Juruna” de Josino Cardoso, pescador brasileiro.

Moraes opera com ideias que demonstram as ligações entre o desejo de branquear a nação e a imagem do Brasil como o “paraíso racial” que foi se desenhando nas duas primeiras décadas do século XX e ganhando mais visibilidade na década de 1930 sobretudo com o nacionalismo do governo de Getúlio Vargas.⁴²⁹

Nesse contexto, passou-se a valorizar:

... o caráter cordial do povo, ou seja, o personalismo e a proximidade que marcavam nossas relações sociais [...]. Na década de 1930, em vez de se recusar, aceitava-se e consagrava-se a mestiçagem como caminho que dissolveria as diferenças, como aparece em “Casa-Grande & Senzala, obra mais famosa de Gilberto Freire.⁴³⁰

A partir de *Anfiteatro Amazônico*, o “caboclo” fez-se presente até no último livro de sua obra, *Um Eleito das Graças*, de 1941; virou verbete em seu *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia* em 1931 e protagonista nas narrativas ficcionais em três romances sociais. Esse livro, portanto, pode ser considerado como o prelúdio da consagração de Raymundo Moraes como um escritor regionalista. Foi o primeiro livro de Raymundo Moraes publicado pela *Companhia Melhoramentos* de São Paulo e com capa de Theodoro Braga (1872-1953)⁴³¹. Segundo Mathias Ayres, do jornal *Correio Paulistano*, “Sua mais recente obra (...) mais não é do que a promessa

⁴²⁹ LIMA, 2013, p. 45.

⁴³⁰ OLIVEIRA, 2003, p. 326.

⁴³¹ Theodoro José da Silva Braga nasceu em Belém do Pará em 1872. Foi pintor, decorador, professor, caricaturista, historiador, crítico de arte. Em 1893, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Iniciou seus estudos em arte com o pintor paisagista Jerônimo José Telles Jr. (1851-1914). Em 1894, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Estudou na Enba. Depois ao receber o Prêmio de Viagem em 1899, estudou na Academia Julian em Paris entre 1900 e 1905. Investiu na pintura histórica e artes decorativas. Ao regressar ao Rio de Janeiro, em 1905, realizou a primeira exposição individual, exibida, a seguir, em Recife e Belém. No Pará, dedicou-se aos estudos de motivos decorativos indígenas e da flora e fauna locais, mantendo seu interesse na história e ciências naturais. Ficou muito famoso com a pintura da tela “*A Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém*” (1908). Redigiu e ilustrou contos folclóricos para crianças, publicados em 1911. Em comemoração do Tricentenário da Fundação de Belém, publicou “*Apostilas de História do Pará*” (1916). Publicou depois “*A Arte no Pará, 1888-1918: Retrospecto Histórico dos Últimos Trinta Anos*” (1918). Foi Diretor do Instituto de Formação Profissional Lauro Sodré e promoveu exposições de trabalhos produzidos por estudantes entre 1908 e 1920. Ao retornar ao Rio de Janeiro em 1921, foi professor na Enba e dirigiu, interinamente, o Instituto de Formação Profissional João Alfredo. Em 1925, transferiu-se para São Paulo e tornou-se professor do Instituto de Engenharia Mackenzie e diretor da Escola de Belas Artes. Publicou artigos sobre o ensino do desenho no Rio de Janeiro a partir de 1921. Sua contribuição foi inovadora no campo das Artes, ao defender a adoção de modelos baseados na natureza local. Publicou também “*Desenho Linear Geométrico*” (1951) e “*Artistas Pintores no Brasil*” (1942). Morreu em São Paulo em 1953 (Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10853/theodoro-braga>>. Acesso em 06.12.2018). Para entender melhor a obra de Theodoro Braga, consultar: FIGUEIREDO, Aldrin. De pinceis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. Disponível em <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/575/pdf>>. Acesso em 06.12.2018. E conferir também a dissertação “Do Lyceu ao Foyer: exposições de arte e gosto no Pará da virada do século XX para o século XIX”, de Moema de Bacelar Alves, defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) (Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2013_Moema_Alves.pdf>. Acesso em 06.12.2018).

de novas produções de idêntico fulgor, pois o filão é inestancável, e o revelador guarda ciosamente os segredos de seus miríficos tesouros”⁴³². O livro é uma coletânea de ensaios. O periódico *A Nação*, do Rio de Janeiro, comentou o livro transcrevendo o seu índice:

A Porta – O Fogo e a Água – Ilha de Marajó – O Ameríndio – Rios Gêmeos – Mitos Amazônicos – Imagens Alheias – A Arqueologia – Rios Solteiros – O Autoctonismo – O Totem da Planície – O Negro no Anfiteatro – Plantas e bichos Trepadores - Tabus Amazônicos – Rio das seis mil Ilhas – O Encontro das Águas – Caminho dos Descobridores – Rio Caluniado – Águas brancas, pretas e verdes – Sábios, Terras, Ventos e Árvores – Cavaleiro e Canoeiro – Relógio Amazônico – O Muiraquitã – O Pindorama – Caracteres simbólicos da Tanga.⁴³³

Depois, a *Civilização Brasileira Editora* publicou em 1937, *Aluvião*, reunindo 50 ensaios de Raymundo Moraes, com 271 páginas numeradas: “... é um título que traduz por certo a literatura miúda e ligeira deste livro”⁴³⁴. E continua o autor na defesa do título do livro: “como a obra é traçada no estuário amazônico, em Belém do Pará, riba guajarina, pátria maravilhosa da aluvião”, ressalta que “... nada mais justo que esse nome simbolize o conjunto do tomo na mais real das alegorias”.⁴³⁵

Aluvião- livro, é, pois, a imagem da aluvião – terra, sempre contraditória, heterógena, feita de folhas, de raízes, de minérios, de despojos, de elementos complexos, em suma, originários de vários territórios desta ou daquela nação, e que a Natureza, nos seus mil processos transformadores, lança aqui na corrente caudalosa para, acolá, numa reconstituição topográfica, levantá-los de novo.⁴³⁶

⁴³² AYRES, Mathias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1936, num. 2.4703, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

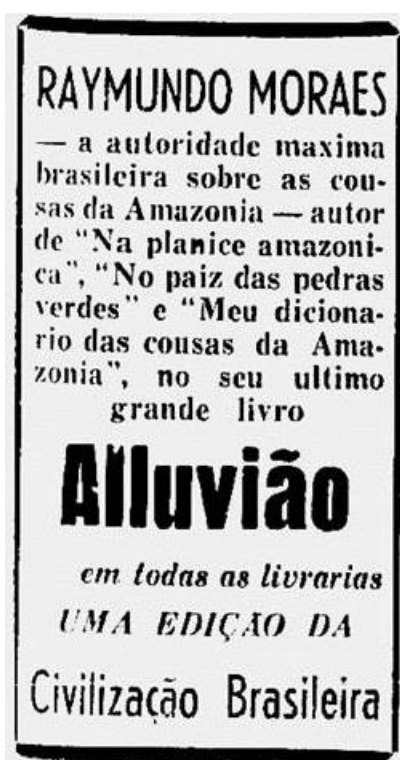
⁴³³ LIVROS NOVOS. “ANFITEATRO AMAZÔNICO”. *A Nação*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1937, num. 1.387, p. 11. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴³⁴ MORAES, 1937, s. p..

⁴³⁵ *Ibid.*, 1937, s. p..

⁴³⁶ *Ibid.*, 1937, p. 8/9.

Figura 34. Anúncio de venda do livro *Aluvião*, 1933.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1933, num. 8, p. 33. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Em 1938, Raymundo Moraes estreou como romancista publicando *Os Igarauínas* pela *Civilização Brasileira Editora*. Nesse romance, João Cabelludo, mameluco de 25 anos, mariscador do barracão e Merandolina, uma cunhatã de 16 anos, vivem como agregados na fazenda Redentor de propriedade do coronel Anastacio Igarauína, que é casado com a professora normalista Victorina. A presença da cientista alemã Emilia Snethlage, uma ornitologista, torna-se central no enredo quando das explicações e observações científicas acerca da natureza amazônica, da flora e da fauna. Ousa-se até afirmar que essa personagem, inspirada na própria pesquisadora com o mesmo nome vinculada ao Museu Emilio Goeldi, é o alter ego litero-científico de Raymundo Moraes nesse romance. O desfecho do romance aborda o destino trágico de Anastacio e Victorina: "... o enredo de *Os Igarauínas* pode ser resumido como a derrocada da família de Anastácio Igarauína por conta dos conchavos políticos tramados em

Belém”⁴³⁷. Ele morre e ela viúva, ficando mal-assombrada com a morte do marido, desaparece abruptamente de Redentor e nunca ninguém tem notícias do paradeiro da viúva.

Segundo Leandro Tocantins (2000, p. XVI): “... os críticos destacaram a falta de uma estrutura dramática, de uma lógica romanesca no estilo, na narrativa, na psicologia dos personagens”. Ainda segundo o autor, como esse romance de Raymundo Moraes não se enquadra no modelo clássico, não foi bem compreendido quando publicado pela primeira vez. Há 27 capítulos reunidos no romance de estreia de Raymundo Moraes, com 326 páginas impressas: “1 – João Cabelludo e o Promotor”; “2 – A Viagem”; “3 – O Naufrágio”; “4 – Panorama da Imprensa”; “5 – O Mamanãomama”; “6 – Volta ao Redentor”; “7 – Aspectos e Comentários”; “8 – Imposto das Barrigas”; “9 – O Mau Olhado”; “10 – Navio no Porto”; “11 – A Coroa do Divino”; “12 – O Mastro”; “13 – O Boto”; “14 – Noite de S. João”; “15 – Regresso de Sneathage”; “16 – A Fuga dos Bichos”; “17 – Yrapurú e Carachué”; “18 – O Igapó”; “19 – As Pérolas”; e “20 – O Putirum”; “21 – Deposição do Santo”; “22 – A Eleição”; “23 – A Perseguição Política”; “24 – O Drama das Cachoeiras”; “25 – Enterro do coronel e sumiço da viúva”; “26 – Projeção Cametauara”; “27 – Índios Brancos”. A 2ª edição desse romance foi publicada em 1985 pelos *Roswith Kempf Editores*, de São Paulo.

Ainda em 1938, *O Mirante do Baixo Amazonas* foi publicado pela *Companhia Melhoramentos* de São Paulo, com 20 capítulos: “I – O Mirante”; “II – De S. Lourenço aos Brocas”; “III – As Queimadas”; “IV – O Sonho”; “V – O Coberto”; “VI – A Cidade de Pedra”; “VII – O Cavalo-Fantasma”; “VIII – Viagem ao Paituna”; “IX – Angélica”; “X – Regresso em Canoa”; “XI – O Casamento”; “XII – A Transformação”; “XIII – Lanchas Ciganas”; “XIV – O Abalroamento”; “XV – Tristezas e Alegrias”; “XVI – Farol do Frechal”; “XVII – Encalhe de um Vaticano”; “XVIII – Impressões de Belém”; “XIX – Morte do Engenheiro”; e “XX – Ruína Fatal” reunidos em 225 páginas impressas.

A trama foi organizada em torno de Florêncio Timbira, engenheiro paraense, que herdara de uma avó terras e gados no município de Monte Alegre, no interior do Estado do Pará e que se casou com Angélica, natural do lugar. No desfecho o engenheiro morre em um acidente de montaria e Angélica é assassinada pelo ajudante do geólogo norte-americano Smith Roosevelt, o austríaco Strauss, que não suportando a rejeição, mesmo depois da viuvez de Angélica: “Matara ele a mulher que amava e suicidara-se”⁴³⁸.

⁴³⁷ PAIVA, 2016, p. 236.

⁴³⁸ MORAES, 1938, p. 224.

O que admira, porém, nesse romance é a perfeição com que o ilustre escritor paraense conseguiu identificar um tema atual, atualíssimo, num ambiente afastado dos grandes centros, por isso mesmo sujeito a preconceitos insanos e tolos. (...) a salientar o realismo dos quadros em que se desenvolve o romance: duas almas irmãs, um jovem engenheiro e uma linda cabocla, unindo-se na consecução de um mesmo ideal. A luta contra os preconceitos sociais, a luta contra a natureza madrasta, a perfídia humana, a covardia dos grandes ante o clamor insano das massas.⁴³⁹

O livro *O Homem do Pacoval* foi publicado em 1938 pela *Companhia Melhoramentos*, de São Paulo, com capa de Theodoro Braga (1872-1953) e com 297 páginas impressas. É um livro etnográfico que apresenta: “[o] Tipo remoto ideado da tribo Aruac e surgido pré-historicamente na Ilha de Marajó”⁴⁴⁰. Esse livro reúne os ensaios: “I – O farelhão Marajoara”; “II – O Homem do Pacoval”; “III – Antropogeografia Amazônica”; “IV – A Língua”; “V – As Religiões”; “VI – A Música”; “VII - As Indústrias”; “VIII – O Livro de Barro”; “IX – De Navegante a Centauro”; “X – A Pesca”; “XI – A Caça”; “XII – As Aves”; “XIII – Os Furtos”; “XIV – As Cobras”; “XV – Os Sáurios”; “XVI – O Uruá”; e “XVII – As Itacoatiaras”. Segundo a revista ilustrada *O Malho*: “... o novo livro que vem, mais uma vez, provar a fecundidade prodigiosa de Raimundo Moraes, (...). Não vemos restrições a fazer no seu círculo de leitores. É um livro tão útil para cientistas como para os espíritos que buscam simplesmente um recreio”⁴⁴¹.

A *Companhia Melhoramentos* também publicou *Ressuscitados* em 1939, o último romance de Raymundo Moraes, com capa de Theodoro Braga, um livro que narra os “... costumes do rio Purus, descritos com aquela linguagem em que se sente o palpitar de um Brasil desconhecido, porém muito familiar ao autor. Um entrelaçamento da vida do índio com o do desbravador nordestino”⁴⁴². Com o livro *Notas Dum Jornalista* em 1924, Raymundo Moraes tornou-se um escritor do Norte do Brasil, um escritor amazônico, com *Na Planície Amazônica* em 1926, um escritor brasileiro e com *Ressuscitados*, afirmou a revista ilustrada *Vida Doméstica*, na edição de abril de 1939: “Raymundo Moraes não é apenas um grande escritor do Brasil: é um escritor da América”⁴⁴³. A narrativa em *Ressuscitados* foi elogiada na *Revista da Semana* (RJ) por ocasião do lançamento do livro:

⁴³⁹ A. M. M. O mirante do baixo Amazonas, de Raimundo Mores. Edições da Comp. Melhoramentos. *O Dia*, Curitiba, 25 ago. 1938, num. 4.624, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁴⁰ MORAIS, 1939, s.p..

⁴⁴¹ INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. O HOMEM DO PACOVAL. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, abr. 1939, num. 253, p. 36. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁴² LIVROS NOVOS. RESSUSCITADOS. *Jornal Pequeno*, Recife, 04 fev. 1939, num. 29, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁴³ INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. RESSUSCITADOS. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, abr. 1939, num. 253, p. 36. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Em *Ressuscitados*, sente-se o romance do Purus, o rio mais ‘civilizado’ do Amazonas. É a vida pujante, pitoresca e rude daquele ‘mundo perdido’, onde o Brasil é ainda uma incógnita.

O drama no homem e na terra; o drama na alma e na natureza.

A pena máscula do grande estilista grava, em páginas palpitantes, essa batalha do instinto, sem deixar de pincelar o assombro do meio físico.⁴⁴⁴

De acordo com Marco Aurélio Paiva (2016, p. 237):

Em *Ressuscitados*, terceiro e último romance de Raimundo Moraes, a questão racial ainda é o tema central, mas a resolução encontrada pelo autor tendeu a reforçar e radicalizar a importância de uma visão nativista da região sintetizando, dessa forma, o empreendimento intelectual do próprio autor.

O ápice do romance está, portanto, no encontro de duas personagens: “o cearense José Alves, proprietário do seringal Santa Clara na região do rio Iaco, Acre, e Corina, índia ipurinã sequestrada pelos índios canamari e negociada com José Alves quando ainda recém-nascida”⁴⁴⁵. E o enredo é centrado nas tramas que se desdobram a partir do encontro de José Alves e Corina. Raymundo Moraes afirma na orelha do livro *Machado de Assis em 1939* que “O enredo de RESSUSCITADOS não é, pois, uma hipótese, sim a realidade na Amazônia”.⁴⁴⁶

Até nos seus três romances, *Os Igarauínas* e *O Mirante do Baixo Amazonas*, ambos de 1938 e *Ressuscitados* de 1939, são presentes os esforços de Raymundo Moraes em construir um sentido para raça, de forma geral, e mais especificamente para raça na Amazônia. Ele acreditava que somente pelo entendimento do que seria raça e do encontro “racial” é que se poderia explicar a origem e as qualidades do caboclo, o sertanejo da Amazônia. E era no elogio ao caboclo que Raymundo Moraes encontrava o seu lugar entre a sua geração de modernistas nativistas assim como na ênfase na natureza amazônica que desponta em sua narrativa não apenas como cenário, mas como partícipe da história e determinando ainda o desfecho da história.

Em 1939, a *Companhia Melhoramentos* publicou *À Margem do Livro de Agassiz*, com 217 páginas impressas. Esse livro de Raymundo Moraes é uma análise do *Diário de Viagem*, escrito pela senhora Elizabeth Cary Agassiz (1822-1907), esposa de Luiz Agassiz, traduzido para o português como *Viagem ao Brasil*, por Edgard Sússekind de Mendonça. Segundo o próprio autor:

⁴⁴⁴ LIVROS NOVOS. EM RESSUSCITADOS. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1939, num. 20, p. 25. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁴⁵ PAIVA, 2016, p. 237.

⁴⁴⁶ MORAIS, 1939, s.p.. Grifo no original.

... com alta e sincera gratidão recapitulamos, nestas linhas bambas e incolores, a estrondosa propaganda feita por Luiz Agassiz, propaganda que tanto aproveitou a esta plaga e ao seu habitante. Rio sem história, só agora o Amazonas começa a ter as homenagens dos sábios e os estudiosos, que lhe remarcam nas margens meândricas o maior dinamismo da terra. O eminente geógrafo Elisée Reclus, num surto fascinante de prosa, chamam-o (sic) de glória do Planeta ⁴⁴⁷.

Trata-se de um grande ensaio dividido em inúmeros tópicos, em que Raymundo Moraes recorta trechos do *Viagem ao Brasil* e os comenta, apresentando explicações e pareceres acerca das observações do casal Agassiz: “Detém-se Raymundo Moraes nas observações do sábio e de sua esposa sobre as cidades espalhadas às margens do Rio-mar, criticando-as e comparando-as num estudo retrospectivo, analisando sua evolução ou decadência” ⁴⁴⁸. Esse livro foi publicado em 2ª edição pelas *Edições do Governo do Estado do Amazonas* em 2001.

Em 1939, pelas *Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré – Escola Profissional do Estado do Pará* foi publicado o livro *Machado de Assis*, com a grafia do nome atualizada para Raimundo Morais e com subscrição “da *Société des Américanistes de Paris*”, com fotografia do autor e com dedicatória impressa:

A S. Exc. o Sr. Dr. José Malcher, eminente e justo interventor do Pará, Raimundo Morais agradece a generosa facilidade com que o honrado estadista mandou editar este volume nas oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré, habilmente dirigido pelo dr. Alfredo Chaves. ⁴⁴⁹

O livro possui 215 páginas impressas, com 15 ensaios, todos sobre Machado de Assis: Introdução, “Palavras de Abertura”, capítulo I, “Memorial de Ayres”, capítulo II, “Silvio versus Machado”, capítulo III, “Alheio à Natureza”, capítulo IV, “Esaú e Jacob”, capítulo V, “Dom Casmurro”, capítulo VI, “Alteraria nas Provas?”, capítulo VII, “Os Contos”, capítulo VIII, “Quincas Borba”, capítulo IX, “Memórias Póstumas de Braz Cubas”, capítulo X, “A Sensualidade”, capítulo XI, “O Teatro”, capítulo XII, “A Crítica”, capítulo XIII, “A Crônica”, capítulo XIV, “A Poesia”. Não se trata de uma biografia de Machado de Assis, mas de um livro que aborda as contribuições de Machado de Assis para a Literatura brasileira.

Nas “Palavras de Abertura”, Raymundo Moraes apresenta a finalidade da obra: “Estas ligeiras notas, sobre alguns motivos literários de Machado de Assis, constituem uma obscura

⁴⁴⁷ MORAIS, 1939b, p. XXI.

⁴⁴⁸ À MARGEM DO LIVRO DE AGASSIZ de Raymundo Moraes, Edições Melhoramentos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 jul. 1939, num. 25.577, p. 9. Ver também: À MARGEM DO LIVRO DE AGASSIZ de Raymundo Moraes, Edições Melhoramentos. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1939, num. 1.298, p. 14. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁴⁹ MORAIS, 1939, s.p..

homenagem ao maior romancista patricio. Obscura, mas sincera”⁴⁵⁰. Essa homenagem a que se refere o jornalista e escritor paraense é a comemoração do centenário de nascimento de Joaquim Maria Machado de Assis, nascido a 21 de junho de 1839:

O eminente escritor Raimundo Moraes, autor de tantas obras primorosas, acaba de brindar o público com esse livro, interessante, forte, bem feito, tirado a lume quando o Brasil, especialmente a intelectualize, celebra o centenário do nascimento do incomparável Machado de Assis.⁴⁵¹

Raymundo Moraes comparou-se a Machado de Assis, considerando-se um antípoda quanto aos “ambientes, os costumes, as floras, as águas, as faunas, as terras e os homens”⁴⁵² sobre os quais ambos escrevem. Mas ressaltou a profunda ligação entre eles: o vínculo nacional da raça e a bandeira que simboliza a nação brasileira.

Incorporando-me ao desejo nacional, oficializado pelo grande presidente Getúlio Vargas, que é perpetuar a memória de Machado de Assis num monumento que lhe eternize o perfil nas páginas da História – trago este reduzido contingente, sem viço, sem brilho, sem beleza, mas emotivo e flagrante como o de um irmão que não sabe dizer mais sem a tristeza e a dor que apagam a palavra.⁴⁵³

Em 1939, em São Paulo, Raymundo Moraes publicou *Histórias Silvestres do tempo em que Animais e Plantas falavam na Amazônia* pela *Companhia Melhoramentos*, ilustrado por Henrique Santa Rosa⁴⁵⁴, dedicado as suas netas Catarina e Teresa e aos seus netos Fernando e Aldo:

⁴⁵⁰ MORAES, 1939, p. I.

⁴⁵¹ MACHADO DE ASSIS – Raimundo Moraes – Instituto Lauro Sodré – Belém do Pará - 1939. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, jan. - fev. 1939, num. 137, p. 707. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁵² Ibidem.

⁴⁵³ MORAIS, 1939, p. p. IX/X.

⁴⁵⁴ Henrique Américo Santa Rosa nasceu em 1860. Engenheiro, historiador, ensaísta, geógrafo e político. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Republicano e abolicionista, Henrique Américo de Santa Rosa desempenhou importantes cargos no exercício de sua profissão. Foi Diretor-geral das Obras Públicas e Colonização do Pará, Chefe da Comissão de Saneamento de Belém. Publicou entre outras obras: *Mapa Geral do Pará; Belém e a sua tipografia; História do Pará; Descrição física do Pará; Limites do Amazonas e Pará, História do Rio Amazonas* (1926, Belém) (Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 19.10.2017. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil).

Um desses livros com que foi presenteada a criança brasileira (...) onde está enfaixada uma série de Apólogos, forjados e concatenados em moldes ingênuos e enquadrados “no uso, no costume, no folclore, na lenda que envolvem (sic) fauna e a flora da Planície Amazônica”. (...) é um livro que se lê com agrado do princípio ao fim e que, como desejava o autor, veio preencher uma lacuna, pela inexistência de obra semelhante na literatura amazonense”.⁴⁵⁵

O livro é uma coletânea de 22 fábulas: “A Aranha e a Saúba (sic)”, “A Canarana e o Muri”, “A Festa no Céu”, “A Sumaúma e a Baunilha”, “A Gaivota e a Tartaruga”, “O Miriti e a Pupunha”, “A Borboleta e o Camarão”, “O Açaí e a Jacitara”, “O Japiim e o Jabuti”, “O Cipó-d’Água e o Cipó -Escada”, “O Uruá e a Cigana”, “A Aninga e o Aturiá”, “O Jacaré e a Onça”, “O Bacuri e a Pataqueira”, “O Boto e o Peixe Boi”, “A Pacova e a São Tomé”, “A Maria -já-é-dia e o Galo”, “A Vitória-Régia e a Mururé”, “O Macaco e o Papagaio”, “O Pau-à-Toa e o Pau Mulato”, “A Abelha e o Martim-Pescador” e “O Manacá e a Mangueira”. Em 1986, a *Editora Itatiaia* publicou a 2ª edição de *Histórias Silvestres do Tempo que os Animais e as Plantas falavam na Amazônia*⁴⁵⁶ com o prefácio de Leandro Tocantins.

O penúltimo livro de Raymundo Moraes, publicado em 1940 pela *Editora Irmãos Pongetti*, do Rio de Janeiro, com o título *Cosmorama* foi ditado a sua filha Myriam Moraes e foi durante a sua escrita que o intelectual recebeu a visita do, então, Presidente Getúlio Vargas em Belém do Pará, como revelou *A Batalha*, periódico carioca:

Quarta de sua última viagem ao Norte do país, o presidente Getúlio Vargas foi surpreender em pleno trabalho o autor de “**NA PLANÍCIE AMAZÔNICA**”. Raymundo Moraes, já velho e muito doente, sentiu uma grande emoção por aquela visita feita à revelai (sic) do protocolo e que lhe garantia a sinceridade de uma verdadeira admiração intelectual.

Nessa ocasião, o ilustre escritor terminava os originais de “**COSMORAMA**”.

⁴⁵⁷

Trata-se de um livro que contem ensaios, cujos mais conhecidos são: “Oração à seringueira” e “Canção à castanheira”. Segundo Leandro Tocantins (2000), trata-se de “uma pastoral ecológica, escrita com panteísmo filosófico”. Afirmo ainda o autor que Raymundo Moraes escreveria o seu *Cosmorama*, “com intimidades ecológicas, uma ode sentimental, um

⁴⁵⁵ UM NOVO LIVRO de Raimundo Moraes: *Histórias Silvestres do Tempo em que Animais e Vegetais falavam na Amazônia. Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fev. 1940, num. 263, p. 133. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁵⁶ CARDOSO, Emily. Leandro Tocantins, Belém merece uma condecoração. *Diário do Pará*, Belém, 15 jan. 1987, num. 1.287, p. 17. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁵⁷ LIVROS NOVOS. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 01 ago. 1941, num. 4.440, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo no original.

sopro de *amazonismo*”. Amazonismo feito religião “que lembra a fé popular nos santos padroeiros, nas religiosidades ingênuas das procissões, do mastro do Divino, das novenas rezadas nas barracas às margens dos rios”.⁴⁵⁸ Esse livro representa a síntese de toda a sua obra; obra que dedicou completamente a sua terra e a sua gente.

E o derradeiro livro de Raymundo Moraes, publicado já postumamente em 1941 pelas *Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré – Escola Profissional do Estado do Pará*, de Belém do Pará, foi também ditado a sua filha Myriam Moraes, livro sobre a vida de José Júlio de Andrade (1862-1953), o maior latifundiário da região amazônica, que fora dono de mais de três milhões de hectares distribuídos entre o município de Almeirim e Porto de Moz no Pará e Laranjal do Jari e Mazagão no Amapá. Tornou-se um rico comerciante de látex e castanha do Pará, além de dono de uma frota de barcos e gado. Sua filha Myriam Moraes registrou na apresentação do referido livro:

Meu pai ditou este livro, sua última obra, já prostrado, roído pela dor. Era impossível para ele aguilhoado pelo sofrimento, para e meditar, voltar atrás ou reler. Sob o impulso dessa força estranha, a que Zweig chamou demoníaca, ditava turbulentamente, sem contar o tempo, sem medida, sem ritmo, até que meus dedos entorpecidos não o pudessem mais acompanhar. Cumpriu como escritor uma das malditas e maravilhosas missões dos homens sobre a face da terra. Reproduziu como nos destinos dantescos, de maneira continuada e eterna, o que viu, ouviu e palpou da natureza na Amazônia. A morte o fez calar. Sua capacidade de produção, no entanto, ficou sendo um dos assombros do Brasil e a mais comovida lembrança de meu coração.⁴⁵⁹

Segundo Francisco Foot Hardman (2007, p. 145), a obra completa de Raymundo Moraes pode ser definida, grosso modo, como “a digressão jornalístico-popular em narrativas que entremeiam ficção e crônica”. Nas suas análises sobre a literatura amazônica, esse autor propõe que as representações literárias sobre a Amazônia construídas no Brasil como em outros países sul-americanos amazônicos são problemas históricos que sempre revelaram a Amazônia como “... um dos últimos e grandiosos refúgios do exotismo aquático-vegetal e do mistério de culturas humanas pré-históricas de vestígios não-monumentais no Brasil e no mundo”⁴⁶⁰. Há, portanto, um movimento linear e contínuo dessas representações literárias desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX. Essas representações estão presentes em toda a obra de Raymundo Moraes, de *Traços a Esmo*, publicado em 1908, seu primeiro livro, até *Um Eleito das Graças*, seu último livro publicado em 1941. Talvez a maior influência sobre a narrativa de

⁴⁵⁸ TOCANTINS, 2000, p. XXIV. Grifo meu.

⁴⁵⁹ MORAES, 1941, p. 5 apud. LARÊDO, 2007, p. 53/52.

⁴⁶⁰ HARDMAN, 2007, p. 143/144.

Raymundo Moraes foi a obra de Euclides da Cunha, com seu estilo literário e sua escrita ensaística, ou seja, a obra do jornalista e escritor paraense já nasceu sob forte influência de um dos primeiros modernistas do seu tempo ⁴⁶¹.

3.2 A Visita do Chefe de Estado “ao grande trabalhador intelectual” da Amazônia

*Meu Presidente:
da visita perdure
viva lembrança!*

No final do século XIX e início do XX, a Economia da Borracha na Amazônia conheceu o seu apogeu e financiou o crescimento e a urbanização das capitais amazônicas, Belém do Pará e Manaus no Amazonas, tornando o Brasil o principal exportador de látex no mercado internacional. Nesse período, devido à prosperidade do negócio da borracha: “A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, mas também espirituais” ⁴⁶². Esse novo estilo de vida na Amazônia que vigorou entre os anos de 1880 a 1910 convencionou-se ainda hoje chamar de *Belle Époque* Amazônica. ⁴⁶³

Nos anos de 1920 a 1930, devido à aguda crise da Economia da Borracha, a Amazônia assumiu um lugar secundário na retórica política do Governo Federal. No final da década de 1930 e início de 1940, a Amazônia voltou a ser pensada como uma alternativa viável e lucrativa para a extração da borracha, principalmente, visando a exportação da matéria prima para os países envolvidos na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) - Estados Unidos, França, Inglaterra e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Desse modo, a intensa procura pela matéria prima no mercado internacional a partir do início do grande conflito estimulou o soerguimento do negócio da borracha na Amazônia. ⁴⁶⁴

⁴⁶¹ A escrita de Euclides da Cunha, para Alfredo Bosi (2015, p. 333), pertence à fase pré-modernista da História da Literatura Brasileira e para Francisco Foot Hardman (1996, p. 294), na contramão de Bosi, localiza a escrita euclidiana na fase “dos nossos primeiros modernos ou antigos modernistas”.

⁴⁶² DIAS, 1999, p. 30.

⁴⁶³ Os principais estudos acerca da *Belle Époque* na Amazônia debruçaram-se principalmente sobre a urbanização das cidades de Belém e Manaus: “Manaus 1890-1920: A ilusão do Fausto” de Edineia M. Dias (1999) e “Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque” de Nazaré Sarges (2010). Sobre a Economia da Borracha, os trabalhos mais citados são: “História Econômica da Amazônia (1800-1920)” de Roberto Santos (1980) e “A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)” de Barbara Weinstein (1993).

⁴⁶⁴ “A retórica governista para a Amazônia caracterizou-se no curso do século XX pela marca do ‘abandono’ e pelas constantes ‘descobertas’ e ‘conquistas’ que tais governos iriam efetuar na região. A situação de abandono das fronteiras geográficas do Centro-Oeste e do Norte transformou-se em um ‘espectro geopolítico’ que rondou o Estado brasileiro ao longo do século XX, especialmente após a Revolução de 1930 (Pádua, 2000). No decurso dos

O Governo Federal planejou uma nova viagem presidencial à Amazônia que foi agendada para o mês de outubro de 1940 em pleno Estado Novo (1937-1945), pois o Presidente Getúlio Vargas (1882-1954) já estivera na Amazônia, em Belém do Pará, em setembro de 1933 durante ainda o Governo Provisório (1930-1934) quando ele realizava campanha pela sua candidatura à Presidência da República: “Senhores, não posso ocultar a satisfação de me ver novamente, depois de 7 anos, entre a generosa e boa gente do Pará”.⁴⁶⁵ Nessa ocasião, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (1888-1959), o Interventor Federal no Pará, recebeu o Presidente Getúlio Vargas e declarou apoio a sua candidatura à Presidência do Brasil.⁴⁶⁶

Devido à possibilidade do retorno da exploração da borracha na Amazônia e da consequente recolocação da região no mercado internacional como principal produtora de látex, afirmou-se na longa matéria de *O Jornal* em oito de outubro de 1940: “A borracha ainda é a principal riqueza do setentrião”⁴⁶⁷ a partir do discurso do Presidente Getúlio Vargas no banquete realizado no prédio da Associação Comercial do Pará no dia seis de outubro de 1940, no qual reafirmou o desejo de que a borracha voltasse a ser explorada na Amazônia: “... A borracha ainda é a principal riqueza de que se pode valer o Pará para elevar o seu comércio ao

anos 1930 e, especialmente, no limiar dos anos 1940, ocorreram mudanças nesta concepção, que, visando atender às novas diretrizes governamentais para a região, passou a valorizar o homem até então concebido por trás da selva: o caboclo. Dois fatores colaboraram com o aumento de citações à Amazônia nos primeiros anos da década de 1940: o programa de governo ‘Marcha para o Oeste’, que definiu a Amazônia como um lugar a ser ‘conquistado’ pelo poder central, e a viagem de Getúlio Vargas à região em 1940, quando proferiu o discurso denominado posteriormente de ‘Discurso do Rio Amazonas’, amplamente divulgado pela propaganda governamental como a nova ‘descoberta’ da região” (ANDRADE, 2010, p. 454).

⁴⁶⁵ O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 out. 1940, num. 25.949, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁶⁶ O jornal *A Nação* noticiou, no dia 28 de setembro de 1933, a chegada do Presidente Getúlio Vargas à Belém no Pará: O CHEFE DO Governo Provisório chegou à Belém. O sr Getúlio Vargas estará no Rio, no próximo dia 6 de outubro. *A Nação*, Rio de Janeiro, 28 set. 1933, num. 221, p. 6; e no dia primeiro de outubro de 1933 o mesmo jornal noticiou o retorno do Presidente e de sua comitiva de Belém: O REGRESSO do Sr. Getúlio Vargas de Belém do Pará. O “Almirante Jaceguay” zarpuu as 5.40 com rumo a Recife. *A Nação*, Rio de Janeiro, 01 out. 1933, num. 224, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. O jornal *A Nação* funcionava na sede de *O Jornal* e foi impresso nas suas instalações confiscadas pelo Governo Provisório do proprietário e jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968), conhecido como Chatô, devido a sua defesa à reconstitucionalização do país após a Revolução de 1930 e ao seu apoio à Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo (O JORNAL. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>>. Acesso em 05.06.2017. Acervo CPDOC - FGV – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁴⁶⁷ À NOSSA Geração, que criou o Estado Brasileiro, cumpre reorganizar o processo econômico da Amazônia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 6.544, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

nível antigo”⁴⁶⁸. Esse discurso foi amplamente divulgado nos periódicos da época como o *Correio da Manhã*⁴⁶⁹ no Rio de Janeiro e o *Correio Paulistano*⁴⁷⁰ em São Paulo.

Antes mesmo da chegada do Presidente da República à cidade de Belém em outubro de 1940, já se comemorava esse marco do Estado Novo na Amazônia⁴⁷¹. Autoridades políticas manifestaram-se publicamente exaltando o Chefe de Estado e aprovando a sua iniciativa de visitar a Amazônia como fez o Prefeito de Belém:

O prefeito Abelardo Condurú salienta o palpitante entusiasmo reinante entre a população paraense

Belém, 1 (A.N.) – O prefeito desta capital, sr. Abelardo Condurú, entrevistado sobre a próxima visita do presidente Getúlio Vargas à Amazônia, declarou o seguinte:

“... O nosso grande presidente, por isso mesmo se constituiu o guia impertubavle (sic), seguro e forte dos nossos destinos. (...)

... É interpretando os sentimentos coletivos desta grande região, que em nome de Belém, nestas rápidas palavras, antecipo a S. Excia, por intermedeio do D. I. P., as boas vindas e os aplausos mais sinceros e as vibrantes saudações”.⁴⁷²

⁴⁶⁸ A VIAGEM do sr. Getúlio Vargas à Amazônia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 5.507, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁶⁹ O jornal *Correio da Manhã*, periódico carioca diário e matutino, foi fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt e extinto em 8 de julho de 1974. Foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da Imprensa brasileira e, pelo menos no período de sua fundação e de seus primeiros anos, revelou-se um periódico que se aproximou das camadas populares e da defesa de seus direitos assim como se construiu como um jornal oposicionista colocando-se contra a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola no Governo de Rodrigues Alves (1902-1906) e contra a obrigatoriedade do serviço militar no Governo de Afonso Pena (1906-1909). O jornal carioca teve uma atuação polêmica quanto à sucessão de Afonso Pena (1847-1909) quando assumiu Nilo Peçanha (1909-1910) e preparava-se o pleito presidencial. Inicialmente, o jornal apoiou a candidatura de Hermes da Fonseca (1855-1923) e criticou a ambição de Rui Barbosa (1849-1923) à Presidência do Brasil; depois inverteu o apoio e passou a defender a candidatura de Rui Barbosa. A vitória de Hermes da Fonseca no pleito, que governou o país de 1910 a 1914, impulsionou o periódico a continuar como oposição ao Governo Federal, combatendo as candidaturas e os Governos de Epitácio Pessoa (1919-1922) e Arthur Bernardes (1922-1926). Na sucessão de Washington Luís, o jornal declarou apoio à candidatura de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal (AL) contra Júlio Prestes (1882-1946) pelo Partido Republicano Paulista (PRP). Com a vitória do candidato do PRP, desencadeou-se a Revolução de 1930 o que o impediu de assumir a presidência. O *Correio da Manhã* apoiou completamente o movimento de 1930 e a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República. Porém, durante o Governo Provisório, o jornal foi se afastando de Getúlio Vargas e passou a acompanhar os trabalhos da Assembleia Constituinte e assumiu, a partir de então, uma posição ambígua, mas na maioria das vezes contrária ao Governo Federal. Com a instauração do Estado Novo, os periódicos passaram ao controle do governo através da censura e aos poucos o *Correio da Manhã* foi declarando apoio a Getúlio Vargas (CORREIO DA MANHÃ. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁴⁷⁰ NO NORTE do país o Presidente da República. Como falou o sr. Getúlio Vargas no banquete que lhe ofereceram as classes conservadoras. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 14.089, p. 3; e O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 out. 1940, num. 25.949, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁷¹ ESPERADO NO Pará o sr. Getúlio Vargas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out. 1940, num. 14.083, p. 2; e PREPARA-SE a Amazônia para receber o presidente Getúlio Vargas. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 05 out. 1940, num. 4.343, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁷² TERÁ acolhimento festivo no Norte o Presidente Getúlio Vargas. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 02 out. 1940, num. 4.340, p. 1 e 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

A entrevista do prefeito de Belém, Abelardo Condurú (1989-1977), publicada em dois de outubro de 1940 no jornal *A Batalha*⁴⁷³, corrobora o mito político de Getúlio Vargas como o guia de toda a Nação, dito de outra forma, o Chefe de Estado representava a cabeça do *corpo* que seria o Brasil⁴⁷⁴, formado por todas as suas regiões, o que traduzia o discurso político do Estado Novo. Além da alegoria do corpo teológico do poder⁴⁷⁵ são acionados na entrevista com o Prefeito de Belém do Pará mais dois símbolos reforçadores da cultura política do Estado Novo que foram criados à sombra do imaginário da Revolução de 1930: as imagens do *novo* e do *futuro/ progresso* da nação. Essas metonímias são fundamentais e tem amplo sentido para pensar o repertório simbólico da visita presidencial de Getúlio Vargas ao escritor Raymundo Moraes.

Como se noticiou no periódico carioca *A Batalha* em 12 de outubro de 1940⁴⁷⁶, o Presidente Getúlio Vargas e sua comitiva partiram da cidade do Rio de Janeiro com destino à cidade de Belém, capital do estado do Pará, no dia cinco de outubro de 1940 em um avião *Douglas* da companhia *Pan American Airways*, fazendo apenas uma escala em Barreiras no interior do estado da Bahia. No dia oito de outubro, em um hidroavião da companhia *Panair* do Brasil, o presidente e a sua comitiva prosseguiram de Belém para Belterra no interior do Pará, concessão situada às proximidades do Rio Tapajós utilizada pela Companhia *Ford* para o

⁴⁷³ O jornal carioca *A Batalha* foi fundado em 1929 pelo jornalista Pedro Mota Lima (1898-1966) e circulou até 1940. Foi criado com a finalidade de apoiar a AL e sua instalação foi financiada por João Pallut, um banqueiro do jogo do bicho no Rio de Janeiro/ RJ. Em 1930, João Pallut comprou em definitivo o jornal de Pedro Mota Lima e depois, em fins de 1933, foi obrigado a entregar o jornal a seus credores, assumindo a direção do matutino o político e jornalista Djalma Pinheiro Chagas (1884-1962). Em 1933, o jornalista Júlio Barata (1905-1991) comprou o jornal e como havia se comprometido em apoiar o Governo de Getúlio Vargas, este concedeu ao *A Batalha* a publicidade do Instituto Brasileiro do Café, da Caixa Econômica Federal, do Banco do Brasil e outros órgãos. Em 1939, Júlio Barata foi nomeado diretor do setor de radiodifusão do DIP e fechou o jornal carioca, vendendo o título às Empresas Incorporadas da União (*A BATALHA. Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbete-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/batalha-a>>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil). No período, esse jornal matutino carioca estava sob a direção de José Rocha Vaz.

⁴⁷⁴ “Sublinhamos, em particular, a utilização alegórica de uma imagem exaustivamente empregada no discurso político, por sinal muito cara ao imaginário do cristianismo, desde seus primórdios: o corpo. A nação, por exemplo, é associada a uma totalidade orgânica, à imagem do corpo uno, indivisível e harmonioso; o Estado também acompanha essa descrição; suas partes funcionam como órgãos de um corpo tecnicamente integrado; o território nacional, por sua vez, é apresentado como um corpo que cresce, expande, amadurece; as classes sociais mais parecem órgãos necessários uns aos outros para que funcionem homogeneamente, sem conflitos; o governante, por sua vez, é descrito como a cabeça dirigente e, como tal, não se cogita em conflituação entre a cabeça e o resto do corpo, imagem da sociedade” (LENHARO, 1986, p.16/17). Segundo Kátia Mendonça (2002, p. 157): “No plano do imaginário político o corpo apresenta-se como um local de inscrição simbólica”, essa ideia da autora foi inspirada em Michel Foucault (1979). Continua a autora: “... [o corpo] ao mesmo tempo, [é] elemento construtor de imagens míticas, colocando em cena a oposição entre a dimensão carnal, efêmera e mortal, e o poder em sua pretensão à imortalidade”.

⁴⁷⁵ LENHARO, 1986, p. 139.

⁴⁷⁶ O ITINERÁRIO da viagem presidencial. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 12 out. 1940, num. 4.349, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

plântio de seringueiras (árvores de onde se extrai o látex). E, no dia nove de outubro, eles seguiram no mesmo hidroavião para a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

No dia 11 de outubro, partiram para Porto Velho (que à época fazia parte da jurisdição territorial do Estado do Amazonas), fazendo uma escala em Manicoré no interior do Estado do Amazonas. O presidente Getúlio Vargas e sua comitiva seguiriam da Amazônia ao Estado do Ceará para visitar as obras contra a seca que eram financiadas pelo Governo Federal e que tinham relação direta com o apelo para a migração dos trabalhadores nordestinos à Amazônia para a extração da borracha. A comitiva que acompanhou o Presidente Getúlio Vargas foi composta pelo Secretário da Presidência da República, Luís Fernandes Vergara (1936-1945), pelos Coronéis Benjamim Dornelles Vargas (1897-1973) e Jesuíno Carlos de Albuquerque (1889-1960), o médico de Getúlio Vargas, pelo Presidente da Comissão Nacional de Economia, o Ministro João Alberto Lins de Barros (1897-1955), e pelos Capitães Flaviano de Mattos Vanik, Chefe da Guarda Pessoal do Presidente da República e Manuel dos Anjos do Gabinete Militar da Presidência da República.⁴⁷⁷

⁴⁷⁷ PARA CONHECER de perto as necessidades da Amazônia – Embarcou ontem o Presidente Getúlio Vargas com destino ao Pará. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 out. 1940, número 25.948, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 35. O itinerário da viagem presidencial na Amazônia, 1940.



Fonte: *A Batalha*, Rio de Janeiro, 12 out. 1940, num. 4.349, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O Presidente da República Getúlio Vargas e a sua comitiva desembarcaram no Aeródromo “Val de Cans” em Belém do Pará às 17h35 e imediatamente entraram em uma lancha que seguiu até ao cais do Porto da cidade. Lá uma multidão os esperava para celebrar oficialmente a chegada do Chefe de Estado e de sua comitiva à Amazônia. Depois de se entoar o Hino Nacional, Getúlio Vargas recebeu as salvas dos canhões e os longos aplausos dos que ali se encontravam. As autoridades políticas da região discursaram saudando o Chefe de Estado e, como símbolo de acolhida foi entregue ao Presidente da República, pelo então Prefeito Abelardo Condurú, uma moeda de ouro com valor histórico para a cidade e para todo o Estado do Pará.⁴⁷⁸ Ocorreu também nessa ocasião a inauguração do busto de bronze do Presidente da

⁴⁷⁸ A PRÓXIMA viagem do Presidente da República ao Pará. Os preparativos para a recepção festiva. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 out. 1940, num. 233, p. 5; e ESPERADO EM Belém, o Presidente Getúlio Vargas. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 05 out. 1940, num. 3.776, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Em 1933, o presidente Getúlio Vargas recebeu das mãos do Interventor Federal Magalhães Barata uma chave de 200 gramas de ouro extraído do Gurupy, encerrada num estojo de madeira de árvores nativas do Pará. A chave tinha dois escudos: de um lado o escudo do estado do Pará e do outro o escudo do município de Belém, capital paraense (O REGRESSO do Sr. Getúlio Vargas de Belém do Pará. O “Almirante Jaceguay” zarpuu as 5.40

República Getúlio Vargas, monumento confeccionado e oferecido pelos marítimos do Pará ⁴⁷⁹, cuja inscrição, segundo as palavras do prefeito, sintetizava a gratidão da Amazônia pela visita do Presidente: “A Getúlio Vargas a Amazônia agradecida” ⁴⁸⁰. A produção de imagens urbanas, inspirada na “gratidão” como arquétipo da harmonia e coesão entre Estado e a sociedade, fortaleceu-se desde o Império brasileiro e no advento da República intensificou-se, ganhando um lugar privilegiado na Era Vargas, principalmente, durante o Estado Novo. Vários monumentos foram erguidos em todos os cantos do Brasil em homenagem às autoridades políticas desde então. No Estado Novo, a gratidão da Nação brasileira a Getúlio Vargas tornou-se um lema do Governo Federal.

Em Belém do Pará, a agenda oficial do Presidente Getúlio Vargas denota essa presença monumental do Chefe da Nação na Amazônia e de como ela é grata pela atenção presidencial ao incluir muitos compromissos como a apreciação do desfile escolar, a inauguração do Grupo Escolar “Dr. Freitas”, a visita ao Museu Emilio Goeldi e até as visitas que não estavam previstas na agenda oficial pré-estabelecida como a visita à Basílica de Nazaré e ao jornalista e escritor paraense Raymundo Moraes (1872-1841) que na ocasião estava enfermo, como informou o próprio jornalista e escritor em um telegrama enviado ao Presidente da República. ⁴⁸¹

Manaus, 12 (Agência Nacional)

Antes de visitar o escritor Raymundo Moraes, o presidente Getúlio Vargas havia recebido do mesmo o seguinte telegrama:

“Apesar de doente e proibido pelo médico de receber visitas, dito este do meu leito de enfermo, para saudar a maior expressão de estadista americano, criador de novas fontes nacionais, de economia político-administrativa, forças estas que levarão o Brasil aos mais altos destinos, guiado pela mão poderosa, do homem que só tem um desígnio: tornar grande a sua pátria sem paixões que lhe toldem a visão admirável, através dos mais nobres sentimentos cívicos. (a) Raymundo Moraes”. ⁴⁸²

com rumo a Recife. *A Nação*, Rio de Janeiro, 01 out. 1933, num. 224, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁴⁷⁹ A GRATIDÃO dos marítimos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 out. 1940, num. 10.292, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁸⁰ ESTÁ na Amazônia o presidente Vargas. *Diário da Tarde*, Curitiba, 07 out. 1940, num. 13.734, p. 9. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Segundo Paulo Knauss (1997, p. 331), em 1864, estreou-se no Brasil a produção de imagens urbanas “... com a inauguração da estátua equestre de d. Pedro I, trazendo a seguinte inscrição no pedestal: ‘A d. Pedro, a gratidão dos brasileiros’”. Dessa forma, “A gratidão como enunciado tornou-se recorrente e predominante no universo das imagens urbanas, traduzindo a reunião harmônica entre Estado e sociedade, promovendo a lembrança do primeiro monarca, líder do projeto de independência e outorgante da primeira Constituição Nacional”.

⁴⁸¹ O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 out. 1940, num. 25.949, p. 2 e 12. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁸² SAUDAÇÃO do escritor Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 out. 1940, num. 25.954, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Essa notícia foi publicada com outro título, mas com mesmo conteúdo também no jornal *Gazeta de Notícias: UM TELEGRAMA de Raymundo Moraes*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 out. 1940, num. 240, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Os jornalistas atuantes na imprensa paraense haviam solicitado uma audiência pública com o Presidente Getúlio Vargas, no que foram atendidos no dia seis de outubro de 1940, pelo turno da tarde. O Chefe de Estado teve com eles uma palestra versando sobre as homenagens que recebera até então em Belém, principalmente, por parte da mocidade paraense no desfile escolar. O Presidente Getúlio Vargas pediu que os periodistas transmitissem a sua gratidão a todos os habitantes da Amazônia. Mais uma vez o arquétipo da “gratidão” perpassou o discurso do Presidente. Nessa palestra, Getúlio Vargas destacou também a importância do papel da Imprensa paraense e agradeceu por ela cumprir: “... bem o seu dever defendendo as instituições com lealdade e patriotismo”⁴⁸³.

Segundo Alcir Lenharo (1986, 39), Getúlio Vargas chamava a atenção para o papel da Imprensa e dos meios de comunicação como “dispositivos de controle e mudança da opinião pública”. Em “A Nova Política do Brasil” (1938), obra de Getúlio Vargas, o Presidente pronunciou-se sobre o ofício do jornalista, que “... era por ele chamado de ‘sacerdócio cívico’. Atribuía aos jornalistas grande importância na formação da opinião pública ‘... para que ela seja, de corpo e alma, um só pensamento brasileiro’”⁴⁸⁴. Sabe-se que a partir de 1937 com o golpe de Estado que instaurou o regime do Estado Novo no Brasil, a Imprensa passou a ser rigidamente controlada pelos órgãos do governo, principalmente, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) criado em 1939.⁴⁸⁵

O DIP foi um dos dispositivos de controle e difusão mais eficazes do Estado Novo e tinha por atribuições: “controlar e exercer a propaganda e a censura, assim como promover manifestações cívicas e culturais e exposições demonstrativas das atividades do governo”⁴⁸⁶. Daí a Imprensa brasileira cobrir todos os passos de Getúlio Vargas na sua viagem presidencial pela Amazônia em 1940, exaltando-o como o guia da Nação brasileira. Dessa forma, todos os periódicos aqui citados estavam a serviço do Governo de Getúlio Vargas e propagavam em menor ou maior medida a ideologia do Estado Novo. Foi na ocasião do encontro entre Getúlio Vargas e os jornalistas em Belém que o Presidente lembrou de Raymundo Moraes, tendo sido informado pelos jornalistas da grave enfermidade que havia acometido o jornalista e escritor

⁴⁸³ DUZENTAS mil pessoas foram a Belém para saudar o chefe da nação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 6.544, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁸⁴ LENHARO, 1986, p. 39.

⁴⁸⁵ O DIP foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. Mas sua origem remontava a um período anterior. Em 1931 foi criado o Departamento Oficial de Publicidade, e em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Já no Estado Novo, no início de 1938, o DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que finalmente deu lugar ao DIP (DEPARTAMENTO DE IMPRESSA E PROPAGANDA (DIP)). Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>>. Acesso em 30.06.2016. Acervo CPDOC - FGV – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁴⁸⁶ LENHARO, 1986, p. 39/ 40.

paraense e que estava levando-o a correr risco de morte; sensibilizando-se com esses relatos, o Presidente decidiu visitá-lo no dia seguinte, ou seja, fora da agenda protocolar já prevista.

Belém, 7 (Agência Nacional) – (...)

Depois de conversar demoradamente com o escritor Raimundo Morais, o presidente Getúlio Vargas, que esteve sempre cercado por toda a família do escritor, fez votos pelo seu pronto restabelecimento, prontificando-se, também, a tomar qualquer providência necessária ao conforto do escritor e à recuperação de sua saúde.

Raimundo Morais agradeceu a visita do presidente Getúlio Vargas, quase sem poder falar de emoção e com os olhos cheios de lágrimas.⁴⁸⁷

Raymundo Moraes nunca manteve uma relação de intimidade com Getúlio Vargas, talvez por isso o Presidente afirmou aos jornalistas da Imprensa paraense conhecer o autor de “Na Planície Amazônica” através de sua obra, visto que lera os seus livros mais recentemente publicados no último veraneio presidencial em Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro e que recebera alguns telegramas de Raymundo Moraes felicitando-o como chefe maior da nação. Um dos telegramas recebidos pelo Presidente, cujo remetente era o jornalista e escritor paraense, foi publicado no periódico *O Imparcial*, meses antes da viagem presidencial à Amazônia:

Belém, Pará – Orgulhoso confortado comovido fala Vossencia ilha Vianna confirmando patriótica nacionalidade sem voltar atrás nem se retratar discurso proferido onze junho, envio calorosos aplausos desassombrada atitude maior estadista americano. Respeitosas saudações – RAYMUNDO MORAES.⁴⁸⁸

As linhas dedicadas ao elogio ao Presidente Getúlio Vargas referiam-se ao discurso presidencial proferido em 29 de junho de 1940 na Ilha do Viana em comemoração ao “Dia do Marítimo”. Nessa ocasião, ocorreu uma “concentração operária (...) em homenagem ao presidente Getúlio Vargas e ao ministro do Trabalho”, na qual o chefe da nação receberia um

⁴⁸⁷ A VIAGEM do sr. Getúlio Vargas à Amazônia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 5.507, p. 3 e 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Esse trecho foi também publicado literal e integralmente no jornal *Correio Paulistano*: O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 out. 1940, num. 25.949, p. 2; e em *O Jornal*: À NOSSA Geração, que criou o Estado Brasileiro, cumpre reorganizar o processo econômico da Amazônia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 08 out. 1940, num. 6.544, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁸⁸ A PALAVRA do Chefe do Governo e a repercussão no país. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 06 jul. 1940, num. 1.569, p. 13. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. O recebimento desse telegrama foi noticiado também no jornal *Correio da Manhã*: O DISCURSO do Presidente da República na Ilha do Vianna. Congratulações que lhe foram endereçadas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06 jul. 1940, num. 14.009, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. O escritor aparece entre aqueles que costumemente encaminharam telegramas ao presidente como aponta também a notícia do jornal *Gazeta de Notícias*: TELEGRAMAS RECEBIDOS pelo Presidente Dr. Getúlio Vargas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1940, num. 289, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

pergaminho do Presidente da Federação Nacional dos Marítimos concedendo-lhe o título de “Patrono da Marinha Mercante” brasileira.⁴⁸⁹ Esse discurso foi amplamente divulgado pelo DIP em todo o Brasil, de Norte a Sul, e teve, portanto, uma grande repercussão na imprensa brasileira e sul americana. Foram enumerados centenas de telegramas oriundos de vários lugares do país e até de outros países como o Uruguai, porém, apenas alguns foram publicados na íntegra e o telegrama de Raymundo Moraes foi um desses, juntamente com o telegrama encaminhado pelo desembargador Henrique Jorge Hurley (1882-1958)⁴⁹⁰, uma grande autoridade política e intelectual do Pará e também de um telegrama do então Interventor Federal do Pará, José da Gama Malcher (1872-1956)⁴⁹¹.

A visita de Getúlio Vargas a Raymundo Moraes teve, sem sombra de dúvida, motivações políticas e se tornou uma efígie política do Estado Novo⁴⁹²: era o homem público, Chefe de Estado, visitando o homem público das letras, pois eles já se conheciam desde o Governo Provisório, quando Raymundo Moraes ocupou os cargos de Diretor do Arquivo e Biblioteca Pública do Pará e de Secretário do Gabinete de Magalhães Barata, Interventor Federal no início dos anos de 1930. Não foi, portanto, a consagração da obra do jornalista e escritor paraense que realmente aproximou os dois e motivou Getúlio Vargas a visitar o enfermo jornalista e escritor. Assim sendo, a rápida visita de Getúlio Vargas a Raymundo Moraes foi de

⁴⁸⁹ O DIA DOS Marítimos – As comemorações de hoje e um discurso do sr. Getúlio Vargas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1940, num. 14.003, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁹⁰ Nasceu em 1932 na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e morreu em Belém em 1956. Depois de cumprir sua carreira militar de 1898 a 1907, foi Juiz substituto da Comarca de Baião e Marapanim no interior do Estado do Pará. Tornou-se Promotor Público do Tribunal do Estado do Pará em 1934. Com vasta atuação na magistratura, Jorge Hurley foi também membro da APL e Sócio correspondente do IHGB, do Instituto Histórico do Ceará, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e de São Paulo. Foi Vice-presidente do IHGP no biênio de 1930 a 1932 e Presidente de 1932 a 1937. Dentre suas obras: *A Cabanagem, Traços Cabanos, e História do Brasil e do Pará* são as principais (HURLEY, Jorge. *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna* (Biografia). Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 17.04.2018. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil).

⁴⁹¹ Nasceu em 1872 e morreu em 1956 em Belém do Pará. Político e advogado paraense, foi Intendente Municipal, Senador do Estado, Deputado Estadual pelo Partido Republicano Liberal em duas legislaturas. Exerceu o cargo de Diretor Geral da Fazenda, em todo o período administrativo de Enéas Martins, de 1913 a 1916. Em 1920, foi candidato ao governo do Estado pelas forças conservadoras, não logrando a eleger-se. Quinze anos depois foi indicado candidato de conciliação ao Governo do Pará, sendo eleito pela Assembleia Legislativa. Sua principal preocupação, inicialmente, foi a de pacificar a política paraense, que vivia uma de suas fases mais conturbadas. Em 1938, por ocasião da decretação do Estado Novo, de Governador passou a Interventor, função que ocupou até 1942, quando Magalhães Barata retornou ao Executivo do Estado. Foi presidente do Banco da Borracha. Suas obras: *PARÁ. Governador (1937-1938: J. C. Gama Malcher)*; e *O Governo José Malcher e as rodovias do Pará* (Belém) (PARÁ. Governador 1937-1938: J.C. (Gama Malcher). *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna* (Biografia). Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 17.04.2018. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil).

⁴⁹² “Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’” (BOURDIEU, 2004, p 10).

ordem pública e não privada, assim como teve forte e exclusivo apelo político. Desse modo, na manhã de segunda-feira, sete de outubro de 1940, o jornalista e escritor e sua família receberam em sua residência o Presidente Getúlio Vargas na companhia apenas do Coronel Jesuíno de Albuquerque e do Capitão Manoel dos Anjos, como desejara Raymundo Moraes:

Também aqui em Belém o chefe do governo tirou alguns minutos a sua atividade para dedicá-los a um escritor em pleno crepúsculo. Trata-se de Raymundo Moraes, autor de “No (sic) País das Pedras Verdes”, “Na Planície Amazônica”, “Aluvião” e tantos outros trabalhos inspirados nos profundos mistérios que se encerram no seio desnorteante da Amazônia.⁴⁹³

A visita do Presidente ao intelectual enfermo ganhou estatuto oficial através da Imprensa, visto que pode ser remetida à justaposição das ideias de futuro e de passado, resguardando a centralidade do mito político de Getúlio Vargas na cultura política do Estado Novo: “... a construção do mito político não irá prescindir de uma imagética na qual, ao mesmo tempo em que se pode prefigurar o futuro, delineiam-se traços de um passado já vivido e incorporado à memória coletiva”⁴⁹⁴. Se de um lado, a noção de futuro é representada pelos jovens estudantes, pela homenagem ao Presidente da mocidade paraense em desfile público e pelo próprio Presidente Getúlio Vargas, como cabeça da nova Nação e como principal representante do legado revolucionário de 1930, por outro lado, o passado é concebido a partir da visita do Chefe de Estado ao jornalista e escritor enfermo, isto é, a partir da visita ao “notável intelectual patricio” como se divulgou no jornal *Correio Paulistano*⁴⁹⁵ que registrou todos os passos de Getúlio Vargas na Amazônia.

⁴⁹³ O CHEFE da Nação e Raymundo de Moraes – Interrompendo o seu itinerário, o sr. Getúlio Vargas foi palestrar alguns momentos com um grande escritor enfermo. *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 out. 1940, num. 10.297, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁴⁹⁴ MENDONÇA, 2002, p. 93.

⁴⁹⁵ O jornal *Correio Paulistano* foi fundado em 1854 em São Paulo pelo proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques e seu primeiro redator foi Pedro Taques de Almeida Alvim. Nasceu liberal, mas se tornou conservador e em fins da década de 1860 voltou a orientar sua atuação pelos ideais liberais. Depois de fundado o Partido Republicano Paulista (PRP), tornou-se seu órgão de divulgação. Em 1874, Leôncio de Carvalho comprou o periódico, adotando uma linha reformista. Em 1882, tendo assumido a direção editorial Antônio Prado, o jornal passou a defender o abolicionismo e a ordem republicana. O jornal *Correio Paulistano* tornou-se mais uma vez oligárquico e conservador logo após o advento da República, dirigido pelos oligarcas paulistas Manuel Ferraz de Campos Sales, Prudente de Moraes, Antônio Prado e Francisco de Paula Rodrigues Alves, entre outros. O *Correio Paulistano* lançou a campanha pela constitucionalização do Brasil, lutando contra as intervenções federais, principalmente, em São Paulo. Apoiou e defendeu Washington Luís e Júlio Prestes. Inimigo político de *O Partido Democrático* de São Paulo, manteve em suas páginas críticas ferrenhas ao PD. Como o jornal apoiou a oligarquia rural e urbana do PRP no contexto da Revolução de 1930 teve sua oficina desapropriada pelo Governo, reaparecendo somente em 1934, como propriedade da Sociedade Anônima Correio Paulistano. Reaparecendo, manteve dura oposição ao governo de Getúlio Vargas. Mas com o Golpe de Estado em 1937 e instauração do Estado Novo, sofreu censura e controle rígido por parte dos órgãos do Governo Federal, daí foi obrigado, assim como outros veículos da Imprensa brasileira, a divulgar apoio ao Governo Vargas (CORREIO PAULISTANO. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbete-temático). Disponível em

O Estado novo, como vimos, prestigia os velhos do passado, acarinhando-os em sua singeleza.

(...) O sr. Presidente da República visitou também o escritor Raymundo de (sic) Moraes, que está enfermo. Narram as notícias que o notável intelectual patricio teve lágrimas abundantes em face da distinção recebida. Mas o Estado novo é isso também. *Acata as inteligências, aproveita-as e as incorpora à administração.*⁴⁹⁶

As palavras de Lellis Vieira sugerem a relação imbricada entre intelectuais e política. Sabe-se que “ao longo da história, eles [os intelectuais] frequentemente se atribuíram a função de agentes de consciência e do discurso (Foucault e Deleuze, 1979, p.71)”⁴⁹⁷. Ao serem conclamados a representar a “consciência nacional”, os intelectuais acabaram assumindo e defendendo ideologias político-partidárias, aderindo aos princípios de regimes políticos, exaltando a governos, principalmente, nos momentos de crise e de mudanças profundas empreendidas em governos autoritários ou ditatoriais como no caso o Estado Novo no Brasil.

O intelectual é eleito o intérprete da vida social porque é capaz de transmitir as múltiplas manifestações sociais, trazendo-as para o seio do Estado, que irá discipliná-las e coordená-las. (...) Eles são vistos como intermediários que unem o governo e o povo, porque “eles é que pensam, eles é que criam”, enfim porque estão encarregados de indicar os rumos estabelecidos pela nova política do Brasil (Velloso, 1982, p. 93). E essa nova política é personificada na figura de Vargas: homem de pensamento e de ação.⁴⁹⁸

Segundo Angela de Castro Gomes (1996, p. 140), “cabia ao intelectual a função social estratégica de ser o “ ‘intérprete’ da brasilidade, tarefa que, por suas aptidões específicas, só ele poderia realizar”. E prossegue a autora em sua análise da participação dos intelectuais na política:

Sendo sua cooperação essencial [a dos intelectuais], ela não se faria no vazio de promessas, mas se fundaria numa séria de indicadores objetivos, traduzidos nas diversas iniciativas que o Estado Novo passava a assumir no campo da política cultural.

Dá a memória do jornalista e escritor repercutir tanto no campo literário quanto no campo político, como se observa na breve nota publicada no jornal *A Noite* (RJ) sobre a

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil).

⁴⁹⁶ VIEIRA, Lellis. No Norte do Brasil. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 out. 1940, num. 25.950, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

⁴⁹⁷ Apud. VELLOSO, 2003, p. 147.

⁴⁹⁸ VELLOSO, 2003, p. 155.

importância da contribuição intelectual do jornalista e escritor Raymundo Moraes, equiparando-a à contribuição de Adolfo Lutz (1855-1940), médico e cientista brasileiro que se dedicou à medicina tropical e à zoologia médica, considerado um dos pioneiros nos estudos de epidemiologia, com ênfase na pesquisa de doenças infecciosas no Brasil; ambas as contribuições foram concebidas como representações do futuro - progresso da nação, uma no domínio das letras e a outra no domínio das ciências médicas.

Por motivo do falecimento do cientista Adolfo Lutz, foi consignado um voto de pesar proposto pelo Sr. Phocion Serpa, que a propósito da recente visita feita pelo Sr. Getúlio Vargas, em Belém, ao escritor Raymundo Moraes, ressaltou esse fato de grande significação intelectual.⁴⁹⁹

Trata-se de uma sessão da Academia Carioca de Letras (ACL), presidida por João Lyra Filho (1906-1988), na qual o acadêmico Phocion Serpa (1892-1967), primeiro ocupante da cadeira 36, cujo patrono é Lima Barreto (1881-1922), lembrou a visita que o Presidente Getúlio Vargas fez ao consagrado escritor Raymundo Moraes, propondo um voto de pesar pelo falecimento do médico e cientista Adolfo Lutz. A ACL, assim como as instituições congêneres, teve um papel específico no Estado Novo no sentido proposto por Jean-François Sirinelli (2003, p. 248/249) que considera o meio intelectual um “pequeno mundo estreito”, onde as “... estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados”. Portanto, a ACL foi uma das associações que representaram uma rede de intelectuais participantes ativos e colaboradores do discurso da dita “integração política” através da propagação do mito da nação e do herói brasileiro, assim como do civismo e da exaltação à pátria, ideologias, segundo Velloso (2003, p. 162), muito utilizadas pelo Estado Novo como recurso de controle político da Nação.

O processo de construção da memória do jornalista e escritor enfermo visitado pelo chefe de Estado, deveu-se, principalmente, à difusão escrita e impressa nos periódicos⁵⁰⁰ da época. Conclui-se, então, que a cultura política do Estado Novo envolvendo a centralidade do mito político de Getúlio Vargas e envolvendo também a “gratidão” da Amazônia ao Chefe da Nação pela viagem presidencial, e, principalmente, a alegoria da visita do Chefe de Estado ao

⁴⁹⁹ ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. RESSALTADA a visita do Sr. Getúlio Vargas ao escritor Raymundo Moraes. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 out. 1940, num. 10.300, p. 8. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

⁵⁰⁰ Mesmo não sendo o foco da discussão neste trabalho, chama-se a atenção para a função que a Imprensa tem desempenhado segundo a afirmação de Jacques Le Goff (2003, p. 451): “A imprensa revolucionária, embora lentamente, a memória ocidental”. É ela que marca decisivamente o processo de evolução da memória oral à memória escrita como salientou Leroi-Gourhan (1964-1965, pp. 69-70) (apud. LE GOFF, 2003, p.452).

jornalista e escritor enfermo, colaboraram no rito fundante da memória *post mortem* de Raymundo Moraes amplamente difundida pela Imprensa brasileira:

Por ocasião da visita ao Norte, o presidente Getúlio Vargas, no ano passado, interrompendo o programa oficial de solenidades, fez uma visita ao grande trabalhador intelectual, na vila Felizolina, sua residência, escondida entre sumaúmas, na praça Justo Chermont, manifestando sua admiração pela obra de Raymundo Moraes.⁵⁰¹

Poucos meses depois da emblemática visita do Presidente Getúlio Vargas, morreu Raymundo Moraes em três de fevereiro de 1941, por volta das 19h20, em sua casa, no seu quarto; o leito de morte foi o mesmo lugar em que o jornalista e escritor recebeu muito emocionado, segundo os periódicos da época, a visita do Chefe da Nação: “Pouco antes de morrer, já septuagenário, Raymundo Moraes, teve a alegria da visita que lhe fez de surpresa na sua casa de Belém o presidente Getúlio Vargas”⁵⁰². Raymundo Moraes estava sofrendo de cirrose hepática (doença vulgarmente chamada de barriga d’água – que deforma o abdome do doente, deixando-o extremamente inchado e sua pele esverdeada), já “bastante enfermo, por extremo pudor, recomendou que não desejava que ninguém, nem mesmo seus amigos íntimos, fossem vê-lo nesse estado”⁵⁰³.

Talvez por esse motivo, não tenha havido registros fotográficos do momento da visita de Getúlio Vargas ao jornalista e escritor, pois Raymundo Moraes autorizou a visita do Chefe de Estado em sua residência, desde que ele entrasse sozinho no quarto onde o intelectual paraense descansara moribundo. A única imagem que perdurou desse momento é uma imagem narrada pelos órgãos da Imprensa brasileira, pois a visita de Getúlio Vargas a Raymundo Moraes “bem evidencia o valor da grande individualidade, cuja extinção tanto lamentamos e que deixa as gerações presentes e futuras um raro exemplo de operosidade intelectual e sincero amor às coisas de nossa terra”⁵⁰⁴.

A representação do “trabalhador intelectual” que recebeu a “honrosa visita” do Presidente da República em 1941 cede imediatamente o lugar à representação do morto ilustre que impôs o luto às letras. Através de notas fúnebres e biográficas acompanhadas de

⁵⁰¹ O ENAMORADO da Amazônia. *Correio do Paraná*, Curitiba, 11 fev. 1941, num. 4.037, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁰² MAUL, Carlos. O Revelador da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1941, num. 14.196, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁰³ LARÊDO, 2007, p. 35.

⁵⁰⁴ GRANDE perda para as nossas letras. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 30, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

comentários elogiosos sobre a vida e obra do jornalista e escritor paraense, a Imprensa através do necrológio reverberou a memória de Raymundo Moraes.

3.3 Morre o “Mago estilista da gleba”

*No epitáfio,
de papel e tinta, lá
jaz o escritor.*

A partir da morte de Raymundo Moraes em três de fevereiro de 1941 em Belém/ PA, tanto a construção da identidade narrativa assim como a fabricação da ilusão biográfica do jornalista e escritor paraense aceleraram-se através dos necrológios produzidos em notas fúnebres, em comentários e artigos publicados nos jornais e revistas da época sobre a sua vida e sua obra. O necrológio de Raymundo Moraes alcança o duplo sentido do termo: como o elogio ao escritor morto, isto é, o elogio póstumo publicado em periódicos, assim também como o lugar técnico nesses periódicos dedicado aos comentários fúnebres e às notas de pesar pelo falecimento. No processo de construção da memória, a partir da identidade narrativa e da ilusão biográfica de Raymundo Moraes, a Imprensa tornou-se a protagonista. Nesse sentido, os traços biográficos do jornalista e escritor paraense ganhavam importância presente nos periódicos da época.

O periódico que inaugurou na capital federal esse discurso necrológico do jornalista e escritor paraense Raymundo Moraes em quatro de fevereiro de 1941 foi o jornal *A Noite*. Dando-se destaque para a sua vivência como prático e comandante de gaiola, o periódico carioca publicou que os livros de Raymundo Moraes: “... trouxeram no seu bojo o resultado de observações preciosas, durante sua longa atividade, como marinheiro, piloto e comandante, no rio Amazonas e seus principais afluentes”.⁵⁰⁵

Mas, foi mesmo a partir de cinco de fevereiro de 1941 que os necrológios efervesceram nos principais periódicos do Brasil com a notícia da morte do aclamado autor de *Na Planície Amazônica* como no jornal *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, colocando-o na galeria dos grandes escritores brasileiros como sugere o título e subtítulo do artigo publicado: “Raymundo Moraes – Faleceu o grande escritor brasileiro”. O escritor morto foi aclamado como “...

⁵⁰⁵ O ENAMORADO DA Amazônia. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1941, num. 10.411, p. 1 e 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

jornalista de mérito e o mais cintilante cronista da Amazônia”. Esse artigo republicado no jornal carioca ⁵⁰⁶ recorreu mais uma vez ao imaginário do escritor como prático e comandante de gaiola; o jornal concluiu a notícia em linguagem quase poética:

Piloto das águas ciclópicas do Amazonas legendário, o ilustre morto derramou em estilo límpido e em lances de luminosa inteligência profundos conhecimentos da grandeza da Hileia e de todas as configurações geográficas por onde ela se espraia portentosa e dadivosa.
A sua obra literária foi a maior que já se construiu no país da Muiraquitã ⁵⁰⁷

No dia cinco de fevereiro de 1941, em *O Jornal* também foi publicado um elogio fúnebre ao jornalista e escritor paraense, onde se exaltou o engajamento da escrita literária de Raymundo Moraes: “Piloto, comandante de navio, observou e estudou a fundo todos os problemas amazônicos”. ⁵⁰⁸ Também no Rio de Janeiro, outro periódico esforçou-se para traduzir em palavras a grande perda para as letras no país com a morte do intelectual que deixou vasta obra sobre o vale amazônico:

Com a morte de Raymundo de (sic) Moraes, ontem ocorrida no Pará, o Brasil perde uma das mais nobres expressões da sua cultura e da sua inteligência. Jornalista e escritor de tradição, ele dedicou-se ao estudo das coisas da Amazônia, dando-nos vários livros preciosos, verdadeiros depositários da história e das lendas daquela região brasileira ⁵⁰⁹.

Em *O Imparcial*, jornal carioca, publicou-se um longo necrológico do jornalista e escritor ressaltando-se, mais uma vez, as experiências de prático e comandante de gaiola, defendendo a escrita literária engajada de Raymundo Moraes como decorrência das suas vivências ao navegar os rios da Amazônia:

⁵⁰⁶ Esse texto já havia sido publicado no dia 14 de dezembro de 1937 no mesmo periódico por ocasião da morte do escritor divulgada, prematuramente, pela Imprensa brasileira. Entretanto, a morte de Raymundo Moraes não passara de mero boato. Cf. MORREU O CRONISTA da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1937, num. 13.220, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁰⁷ RAYMUNDO MORAES. FALECEU O GRANDE escritor brasileiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 14.189, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁰⁸ A MORTE de Raymundo Moraes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 6.644, p. 6. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁰⁹ RAYMUNDO DE MORAES. FALECEU O ILUSTRE escritor do “País das Pedras Verdes”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 3.876, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 36. Necrológio de Raymundo Moraes no jornal *O Imparcial*, 1941.

RAYMUNDO DE MORAES

A morte, em Belem, desse grande paysagista e divulgador da Amazonia

Em 1928 um telegramma, transmittido para esta capital, por pilheria de algum desaffecto do notavel escriptor Raymundo de Moraes, noticiou o seu fallecimento na capital paraense.

A nossa imprensa publicou necrologios, enaltecendo os valores intellectuaes e a vasta produçãõ literaria e scientifica desse grande paysagista e divulgador da Amazonia. Dias depois o proprio Raymundo de Moraes, indignado, dirigia-se aos jornaes que registaram o factõ inveridico, evidenciando que estava vivo e disposto a muito escrever sobre as bellezas naturaes e as riquezas do Valle Immenso.

Tivers, no entanto, uma aventura rara, o conhecimento da critica á sua mentalidade, como se estivesse no Além Tumulo...

Surgiu, hontem, infelizmente, uma no-

(CONCLUE NA 2.ª PAG.)

Raymundo de Moraes

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAG.)

ticia telegraphica que não comportará re-ctificação — Raymundo de Moraes. falleceu ás 19.30 minutos de segunda-feira, — realizando-se seus funeraes, por conta do Estado do Pará, ás 10 horas de hontem. As letras nacionaes soffreram, com sua morte, uma grande perda.

Pratico da navegação dos rios da Amazonia, nas suas longas travessias pelos affluentes e confluents do Rio Mar, Raymundo de Moraes devorava bibliothecas e analysou todos os estudos de escriptores nacionaes e estrangeiros que se occuparam da Amazonia.

Chronista da "Folha do Norte", do "Estado do Pará", da "A Imprensa", "A Capital", "O Tempo" e outros jornaes de Belém, e de Manáus, collaborador constante das revistas literarias desde sua mocidade, foi vasando nos seus escriptos as preciosas observaçoẽs que ia colhendo nas suas longas viagens.

Os applauso merecido que ia recebendo animavam-no a aprofundar as suas investigaçoẽs historicas e scientificas, tornando-se uma autoridade de renome.

Condensou num livro de alta projecção os seus melhores estudos, publicando "Na planicie Amazonica", que foi logo enaltecido pela critica.

Outros livros de vulto seguiram-se, taes como "Meu dicionario de cousas da Amazonia", e "Muyrakitã". Estendeu-se a sua brilhante bagagem literaria e este anno fez editar "Cosmorama", onde são passadas em revista scenas typicas da terra embellezada pela Hyléa de Humboldt. Era membro das Academias de Letras do Amazonas e do Pará, e possuia um encantador espirito bohemio. Como jornalista, Raymundo de Moraes, algumas vezes se tornou pamphletario, atacando com vehemencia os que se oppunham ás suas idéas.

Dono de um estylo primoroso, profundo conhecedor dos classicos, pode ser, em synthese, definido como um scintillante exegeta da Amazonia.



Raymundo de Moraes

Fonte: *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 1.749, p. 1 e 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O jornal *Diário da Noite* (RJ) chamou a atenção para o realismo naturalista presente na obra de Raymundo Moraes e para o gênero de sua produção que o consagrou como escritor: a crônica. Segundo esse jornal, sua narrativa não revelou a imaginação de um escritor porque tudo que Raymundo Moraes escreveu, ele havia vivenciado quando foi prático e comandante de gaiola, revelando um olhar positivo daquele que fez do navio Rio Amazonas sua casa e dos rios amazônicos seu quintal: “Realizou uma grande obra (..) Adquirira conhecimento, direto do

Amazonas, viajando nos pequenos navios, que percorrem os cursos d'água da bacia gigantesca. Nada é imaginado em seus livros".⁵¹⁰

Ainda no Rio de Janeiro, o jornal *Gazeta de Notícias* também enfatizou o imaginário sobre Raymundo Moraes quando ele fora prático e comandante de gaiola e asseverou que com pena e papel o jornalista e escritor construiu a obra de um pioneiro nos estudos sobre o vale amazônico:

(...) Raymundo de Moraes, foi um dos que mais procuraram dignificar as letras no Brasil. Fez-se, de há muito, o pioneiro dos estudos amazônicos, expressando em obras definitivas, o resultado de suas observações, de suas pesquisas, do conhecimento das lendas, usos, costumes, vocabulário da região setentrional de nosso País.⁵¹¹

Em São Paulo, o principal jornal que se dedicou à publicação do necrológio de Raymundo Moraes foi o *Correio Paulistano* que publicou longas homenagens póstumas no período de seis a 14 de fevereiro 1941, prevalecendo o imaginário do velho prático e comandante de gaiola que virou escritor, dos mais importantes intérpretes da Amazônia na primeira metade do século XX, como já assinalado pelos jornais cariocas:

Parece que há muito o escritor esquecera o velho oficial de bordo, embora ele continuasse a singrar o velho rio cheio de episódios, como de miragens, de onde, entretanto (sic) soube tirar os mais belos assuntos literários e científicos, pois Raymundo Moraes deixou mesmo trabalhos de botânica e meu dicionário de “coisas” amazônicas, entre novelas e romances de um raro encanto de estilo, de fluente sabor pitoresco e prenhe de informações verídicas.⁵¹²

Em seis de fevereiro de 1941, o jornal *Correio Paulistano* continuou a publicar notas e artigos com o objetivo de prestar uma homenagem póstuma ao jornalista e escritor Raymundo Moraes. Reproduziu em suas páginas, inclusive, a tese do mito fundador modernista e antropofágico que apresentava o Brasil como um “presente” do Rio Amazonas⁵¹³ o que sugere a relação entre a obra do escritor paraense e o modernismo paulista dos anos de 1920. O *Correio Paulistano* buscou relembrar o valor literário da obra de Raymundo Moraes como reveladora ou mesmo tradutora do “novo” sentido da nação brasileira (pós 1930) na Amazônia,

⁵¹⁰ FOI um brasileiro ilustre. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 4.176, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹¹ GRANDE perda para as nossas letras. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 fev. 1941, num. 30, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹² UM DESCOBRIDOR do Amazonas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 fev. 1941, num. 26.050, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹³ Segundo Raul Bopp (2012, p. 104), nos preparativos para o Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia, algumas teses foram pensadas e propostas: uma delas a de que o Brasil seria um “presente” do Rio Amazonas.

preconizado pelo projeto político de Getúlio Vargas, Presidente que visitou Raymundo Moraes enfermo em 1940 em seu leito, em sua casa, onde o intelectual paraense acabara por falecer meses depois da visita presidencial.

Em artigo de sete de fevereiro de 1941, a notícia da morte do jornalista e escritor paraense voltou às páginas do *Correio Paulistano* que evidenciou, dessa vez, as definições que recebeu Raymundo Moraes em outros jornais. Saltam das páginas dos periódicos os necrológios de Norte a Sul do Brasil que enfatizam as vivências do jornalista e escritor como prático e comandante de gaiola:

“Piloto das águas ciclópicas do Amazonas legendário” chamou-lhe o “Correio da Manhã”. O “Jornal do Comércio”, confirmando a definição, relembra que Raymundo Moraes, durante toda a vida, não fez outra coisa senão descer e subir igarapés e rios, viajando em “gaiolas”, barcas, canoas, metendo-se por igapós e furos, assistindo à queda dos barrancos, vendo assombrações, enfrentando pororocas, dormindo em barracas de seringueiros ⁵¹⁴.

De São Paulo a Recife, a notícia da morte de Raymundo Moraes percorreu o país reforçando sempre o imaginário do prático e comandante que se tornou um grande intelectual, entre os maiores já conhecidos que se dedicaram à Amazônia: “Notícias telegráficas de Belém do Pará anunciam o falecimento do grande jornalista e escritor paraense Raymundo Moraes, antigo comandante e velho prático da Amazônia”. ⁵¹⁵

No jornal *Correio da Manhã* (RJ), a morte de Raymundo Moraes foi abordada por Pedro da Costa Rego (1889-1954) da mesma forma que o jornalista a abordou em 1937, quando se divulgou a falsa morte; o longo artigo publicado em 1937 e republicado integralmente em 1941 com outro título definia o jornalista e escritor paraense como “O estilista da Amazônia”, lamentando o seu falecimento como uma grande e triste perda para o Brasil. Esse artigo teve uma grande importância para o necrológio de Raymundo Moraes desde 1937, pois acabou despertando opiniões contrárias à memória do escritor que se tentava forjar a partir de seu verdadeiro falecimento.

⁵¹⁴ RAYMUNDO MORAES. *Correio Paulistano*, São Paulo, 07 fev. 1941, num. 26.051, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹⁵ FALECEU O JORNALISTA e escritor paraense Raymundo Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, 07 fev. 1941, num. 30, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Raymundo Moraes, cuja morte agora deploramos, fez-se escritor na Amazônia, para a Amazônia.

(...)

Se o estilo é o homem e todo homem está em seu estilo, o de Raymundo Moraes é grandioso e bizarro como a terra que descreve.

São estas pequenas faces do problema da Amazônia que os livros de Raymundo Moraes – (...) – amplamente revelam ao Brasil, revelando ao mesmo tempo o escritor cuja morte é uma perda bem grande e bem triste.⁵¹⁶

Em oito de fevereiro de 1941, o jornal *Diário Carioca* publicou um artigo sobre a morte do jornalista e escritor, porém, com um apelo bem diferente dos necrológicos até então publicados desde o dia cinco de fevereiro de 1941. Esse longo artigo foi assinado por J. E. de Macedo Soares (1882-1967) que criticou as considerações do jornalista Costa Rego no *Correio da Manhã* sobre a morte de Raymundo Moraes ocorrida em Belém do Pará. A publicação desse artigo revelou uma tensão no processo de construção da memória de Raymundo Moraes, pois, representou uma tentativa de brechar o discurso elogioso que se convencionou assumir no processo de construção da memória *post mortem* do escritor paraense.

A propósito do recente trespasse do escritor regionalista sr. Raymundo de (sic) Moraes, o nosso iminente confrade sr. Costa Rego escreveu um artigo realmente curioso. Já o título ‘O estilista da Amazônia’, revela o apreço do jornalista pelo Belletrista do Pará.⁵¹⁷

Essas ideias conflitantes dos jornalistas do *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, ambos periódicos cariocas, servem para repensar a memória no plural como Pierre Laborie (2009, passim) aponta em seu artigo “Memória e Opinião”. Voltando ao artigo do *Diário Carioca*, registrou o jornalista Macedo Soares um fato curioso ocorrido em fins de 1907, quando ele se encontrava a bordo do velho couraçado “Riachuelo”. Ao retornar dos Estados Unidos, quando fundeu nas Antilhas, a caminho da primeira parada em terras brasileiras que seria o porto de Belém do Pará, uma lancha abordou a embarcação com o vice-cônsul e um “cavalheiro” a bordo, procurando o almirante. Esse cavalheiro era, segundo Macedo Soares, o comandante Raymundo Moraes de *A Província do Pará*.

Pouco depois, Huet de Barcellar fazia uma apresentação sumária do seu ajudante de ordens, Raymundo Moraes, jornalista, representante à época do jornal *A Província do Pará*. Despedindo-se, o almirante no couraçado anunciou que o jornalista ficaria aos cuidados do

⁵¹⁶ REGO, Costa. O estilista da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1941, num. 14.191, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹⁷ SOARES, J. E. de Macedo. O “estilista da Amazônia”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1941, num. 3.879, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

tenente. Quando o almirante o viu pelas costas, fez sinal a Macedo Soares para aguardar uma ordem reservada. O almirante disse, então, discretamente:

- “O jornalista é analfabeto. Faça toda a correspondência para o seu jornal, e se tiver tempo, submeta a sua assinatura... e se não tiver, dirija diretamente ao velho Lemos no Pará...”. Depois acrescentou com naturalidade: - “Logo que se anunciou como jornalista, pelas quatro primeiras palavras, vi que é analfabeto. De seu Estado, parece que cirurgião dentista ou comandante de gaiola. Não sabe nada”.⁵¹⁸

Pela primeira vez, a origem simples e as vivências de Raymundo Moraes como prático e comandante de gaiola foram abordadas em um sentido depreciativo à obra do jornalista e escritor morto. O jornalista do *Diário Carioca* insinuou em seu artigo, usando apóstrofes no título do artigo, que como se tratava de um analfabeto, a produção literária do intelectual paraense poderia constituir-se em uma fraude, em uma mera compilação, provavelmente, de outras obras de estudiosos e escritores, de fato, do vale amazônico:

Raymundo de (sic) Moraes devia ter nessa época 35 a 40 anos de idade. Era homem plácido, perfeitamente analfabeto. (...) Acostumado ser substituído, entrou no gozo da mais perfeita felicidade. O seu jornal estaria recebendo o seu noticiário abundante e ele passava o dia conversando e bebericando na nossa praça darmas.

(...) Muitos anos depois viemos a saber da literatura do bravo sr. Raymundo de (sic) Moraes.

(...) Não temos – é de ver-se – o mínimo intuito de desiludir um defunto de suas glórias estilísticas. Julgamos, porém, que *é um serviço* a prestarmos a nossa mocidade refreando a pretensão, a vaidade, o delírio de grandezas que se propõe quotidianamente transmutar o primeiro borra-botas em “estilista nacional”.

(...)

Raymundo de (sic) Moraes era uma pessoa excelente. Mas, francamente, nunca foi o estilista da Amazônia.⁵¹⁹

Apesar da tentativa do *Diário Carioca* em desconstruir o necrológio de Raymundo Moraes como um aclamado jornalista e escritor, comandante de gaiola e um dos mais importantes intérpretes da Amazônia, a opinião do *Correio da Manhã* foi a que predominou, legitimando os elogios *post mortem* nas páginas dos principais periódicos de circulação no Brasil e que acabou definindo a identidade narrativa de Raymundo Moraes. A polêmica no confronto entre as opiniões de Costa Rego e Macedo Soares não conseguiu produzir

⁵¹⁸ SOARES, J. E. de Macedo. O “estilista da Amazônia”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1941, num. 3.879, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵¹⁹ SOARES, J. E. de Macedo. O “estilista da Amazônia”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1941, num. 3.879, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

dissonâncias significativas no discurso sobre a memória de Raymundo Moraes após a sua morte. Desse modo, mesmo interagindo direta e reciprocamente com a opinião, a memória não depende da opinião para existir porque a opinião pode existir na contramão da memória, no entanto, a memória somente torna-se “verdadeiramente coletiva e dominante, (...) [isto é] um fato social, quando conta com a intermediação, a recepção e o apoio da opinião”⁵²⁰.

Por ocasião da morte de Raymundo Moraes, algumas revistas colaboraram na construção da memória do jornalista e escritor como a *Revista da Semana* que lembrou a seriedade da narrativa do jornalista e escritor, elogiando a singularidade de sua escrita literária devido à experiência de prático e comandante de gaiola: “No comando dos ‘gaiolas’, Raymundo Moraes fez a sua personalidade literária inconfundível”.⁵²¹

⁵²⁰ LABORIE, 2009, p. 90.

⁵²¹ RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1941, num. 6. p. 35. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 37. Necrológio de Raymundo Moraes na *Revista da Semana*, 1941.



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1941, num. 6, p. 35. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Em nove de fevereiro de 1941, a trajetória de Raymundo Moraes é recordada pelo jornal carioca *A Noite* que também explorou a ideia de singularidade na trajetória do jornalista e escritor, sobretudo, por conta de ser considerado um homem de letras mesmo sem ter concluído a formação básica escolar e sem nunca ter acesso à formação acadêmica de um intelectual do início do século XX: “Raymundo Moraes é um caso singular em nossa literatura. Apenas com o curso primário, fez-se ‘prático’ de navegação do rio Amazonas, depois ‘piloto’ e por fim comandante de ‘gaiola’”.⁵²² E em 13 de fevereiro de 1941, o jornal *Correio da Manhã*, mais uma vez, voltou a publicar um longo artigo abordando o necrológio do jornalista e escritor

⁵²² CARLOS RUBENS. Raymundo Moraes. Pintor e poeta da Amazônia. *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1941, num. 10.416, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

paraense enfatizando sua experiência na navegação fluvial: “Continuou a comandar os gaiolas, rio acima, rio abaixo, e continuou a produzir uma série de volumes que lhe definiram a personalidade e o tornaram alvo das atenções do país inteiro”.⁵²³

Na mesma data, isto é, em 13 de fevereiro, o *Diário de Pernambuco* em Recife publicou um artigo em que se destaca a autenticidade da escrita literária de Raymundo Moraes, pois para um escritor ganhar “glória e renomes (sic) literários fora do Rio de Janeiro” não é preciso viver nos grandes centros ou participar dos afamados grupos de intelectuais ou mesmo ter de “conseguir palmas e galardões acadêmicos para impor-se à admiração dos contemporâneos”, de acordo com o jornalista Austregesilo de Athayde, esse teria sido o exemplo de Raymundo Moraes que se levantou entre os escritores brasileiros conquistando o reconhecimento através de “... sua grande obra, original a muitos respeito, sincera em tudo. (...) Nada é imaginário em seus livros”.⁵²⁴

Em artigo assinado por Dirce Mello, publicado no *Correio Paulistano* no dia 14 de fevereiro de 1941, as qualidades literárias de Raymundo Moraes voltaram à ordem do dia e mesclaram-se, sem dúvida, com o imaginário de prático e comandante do navio “Rio Amazonas”, vulgo “Rei *Lear*”:

A morte o levou agora, abrindo assim um claro nas letras brasileiras. Todos os que se acostumaram com as suas páginas límpidas, com o seu estilo harmonioso e naturalmente elegante, hão de sentir profundamente o seu desaparecimento.

(...)

A sua vasta e valiosa bagagem literária deu-lhe merecido destaque.

Seu espírito, voltando-se sempre para os amplos e magnos problemas que se ligam ao “Mar Dulce”, levou-o a estudar a região amazônica, sob vários aspectos, deixando agora um magnífico legado.

Entre a vasta literatura que o “Inferno Verde”, surpreendente, - atmosfera propícia de lendas e romances, - criou figura salientando-se, galhardamente, a contribuição desse ribeirão, apaixonado pelo seu rio, em torno do qual viveu sua vida, esteta, estudioso, escritor emérito.⁵²⁵

Até em Goiás, em artigo assinado por José Firmo, lamentou-se a morte do jornalista e escritor ressaltando-se as peculiaridades da narrativa de Raymundo Moraes. O jornal *Cidade de Goiás* revisitou, portanto, as “impressões gerais” de Euclides da Cunha em *À margem da História* e reforçou o imaginário de prático e comandante de gaiola:

⁵²³ MAUL, Carlos. O Revelador da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1941, num. 14.196, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵²⁴ ATHAYDE, Austregesilo de. Foi um brasileiro ilustre. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 fev. 1941, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵²⁵ MELLO, Dirce. Vitraes. Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 fev. 1941, num. 26.05, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

O comandante de navio, dirigindo durante quase dois decênios, os “gaiolas” que subiam e desciam o grande rio, familiarizou-se de tal forma com aquele quadro espantoso da natureza, seus mistérios, suas lendas, seus aspectos, sua estranha e atordoante beleza, que lhe foi possível nos dar o depoimento maior e melhor sobre um mundo que será sempre uma revelação para os olhos humanos.⁵²⁶

A revista ilustrada carioca *O Malho* do mês de março de 1941 também publicou uma homenagem póstuma ao intelectual, reconhecendo a sua importância do ponto de vista das letras no país: “Faleceu o conhecido escritor amazonense (sic) Raymundo de (sic) Moraes, autor de importantes trabalhos e figuras das mais notáveis nas letras do norte do país”⁵²⁷. A nota sobre o falecimento de Raymundo Moraes é breve, mas é muito significativa quando analisada no conjunto das notas publicadas respectivamente no mês de março de 1941 na mesma página.

Ao lado da nota de falecimento do jornalista e escritor paraense, destacam-se a nota de boas-vindas ao jornalista e escritor José Maria Bello (1885-1959), dado o seu ingresso à Sociedade Anônima O Malho como um dos diretores das suas publicações; a nota informativa sobre o compromisso de Salgado Filho (1888-1950), que fora Ministro do Trabalho e do Superior Tribunal Militar, em assumir o recém-criado Ministério da Aeronáutica; e a nota comemorativa sobre o centenário de nascimento do que fora Presidente da República, o paulista Campos Salles (1841-1913). Todas as notas foram acompanhadas de fotografias impressas na mesma página como se pode observar em seguida.

⁵²⁶ FIRMO, José. Finalidade Interpretativa. *Cidade De Goiás*, Goiás, 02 mar. 1941, num. 116, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Esse artigo foi reproduzido também no jornal *O Triangulo*: FIRMO, José. Finalidade Interpretativa. *O Triangulo*, Araguay, 24 fev. 1941, num. 624, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵²⁷ DO MÊS que passou. *O Malho*, Rio de Janeiro, mar. 1941, num. 14, p. 30. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 38. Nota de falecimento na Página da Revista *O Malho*, 1941.

DO MEZ QUE PASSOU

O Congresso Brasileiro de Urbanismo, ao qual compareceram delegações de alto destaque de todos os Estados.

Foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do nosso país no Canadá o Ministro João Alberto Lins de Barros, que vinha presidindo a Comissão de Defesa da Economia Nacional.

Ingressou na Sociedade Anonyma "O Malho" como um dos directores das suas publicações, o Ilustre jornalista José Maria Belo, antigo deputado e senador por Pernambuco que, tendo sido eleito governador do seu Estado, não foi empossado por motivo da Revolução de 30.

Escritor fecundo, com largo fructivo da imprensa, dono de uma das mais brilhantes intelligencias da sua geração, o Dr. José Maria Belo é autor de varios livros notaveis, sendo por isso preciosa a acquisição que a S. A. "O Malho" vem de fazer.

Foi creado por decreto do Governo Nacional o Ministerio da Aeronautica, e nomeado para o mesmo o Dr. Salgado Filho, ex-helhar da pasta do Trabalho e figura de grande projecção no actual scenario brasileiro. Passaram a constituir um só corpo, sob a orientação do novo Ministerio, as aviações militar, naval e civil.

Realizou-se nesta Capital, com inteiro exito, o

DO MEZ QUE PASSOU

se com exito as provas do motor sem combustivel de autoria dos engenheiros paulistas Edilí Fernandes Côrtes e Luciano Giudice, Fico assestado que em 11 de Junho vindouro o Chefe do Governo passará revista ás tropas em um automovel proprio e pilotado por um motor d'essa typo, especialmente construido para tal.

Falleceu o conhecido escriptor amazonense Raymundo de Moraes, autor de importantes trabalhos e figure das mais notaveis nas letras do norte do país.

Em todo o país, e principalmente nesta Capital e em S. Paulo, tiveram lugar solennes actos commemorativos da passagem

Presidente Getúlio Vargas e do Interventor Amarel Páezto a Exposição de Flores e Fructos que já se vee tornando uma tradição na cidade semana.

Falleceu no Rio Grande do Sul o velho e distinguido caudillo Felippo Fortinho, que teve actualção destacada em varios movimentos armados inclusive em 1923 e em 1930, quando esteve ao lado das forças revolucionarias da Aliança Liberal que fizeram o actual regimen.

Na academia Carlos de Letras teve lugar uma sessão especial commemorativa da passagem do 4.º centenario da fundação de Santiago, capital do Chile, tendo falado o academico Lemos Britto.

Na sede do Touring Club do Brasil empossou-se, sollememente, a Comissão de Sites e Monumentos de S. A. e prestigiosa instituição, creada para colaborar com os poderes publicos na preservação dos nossos thesours historicos e architectonicos.

Raymundo de Moraes

Com a presença da s'nhora Alzira Vargas do Amarel Páezto, sua idealizadora, e do Interventor Federal, no Estado, foi inaugurado em Niteroiy a "Festação Andrieta", instituto profissional feminino que obedece aos moldes norte-americanos.

No gabinete do Ministro da Guerra realizaram

o centenario do nascimento do Dr. Manoel Ferraz de Campos Sales, ex-presidente da Republica, e propagandista do regimen que foi um dos grandes exemplos de que se pôde orgulhar o Brasil.

Inaugurou-se em Petropolis, com a presença do

III — 1941

Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, mar. 1941, num. 14, p. 30. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Até o jornal *Beira-Mar*, que não tinha a finalidade de divulgar notas de falecimento ou necrológicos, publicou um comentário sobre a morte do escritor: “Raymundo de Moraes, o escritor da Amazônia, onde sempre viveu, e que, como poucos, soube compreender e focalizar, além de ter redigido vários jornais, acaba de falecer”.⁵²⁸

Após sete meses da morte do intelectual paraense, em setembro de 1941, a revista *Vida Doméstica* ainda relembrou a contribuição de Raymundo Moraes para as letras no Brasil, chamando-o de “grande amigo”, e destacando um elogio à singularidade da escrita literária daquele que foi prático e comandante de gaiolas antes de se consagrar como jornalista e escritor:

⁵²⁸ PASSOS, Alexandre. Livros e Ideias. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1941, num. 702, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Este ilustre escritor e grande amigo da “Vida Doméstica” foi um dos mais completos historiadores sobre a Amazônia, que conhecia a palmas. Raros, como ele, conheciam o caudaloso rio-mar, que ele percorrera durante muitos anos, como comandante de um “gaiola”.⁵²⁹

Apesar das inúmeras tentativas de se construir um imaginário⁵³⁰ que colocasse Raymundo Moraes para sempre na vitrine intelectual do Brasil, o jornalista e escritor morto não chegou a adentrar o panteão nacional nem por meio de sua obra jornalística nem sua produção literária. Nem em vida conseguiu colocar-se no campo literário, apesar de muito citado e comentado durante duas décadas seguidas do século XX (1920 e 1930). O culto a sua memória não foi duradouro e a sua memória não permaneceu viva para imprimir o nome próprio do autor de *Na Planície Amazônica* entre os escritores brasileiros que deveriam ser lembrados. Raymundo Moraes não chegou a ser considerado um herói ou gênio nacional como foi considerado Joaquim Nabuco (1849-1910) ou Carlos Gomes (1836-1896), por exemplo; apenas curiosamente, como poucos, o jornalista e escritor paraense teve a oportunidade de assistir aos seus prematuros necrológicos, isto é, ainda em vida no ano de 1937, ele assistiu a uma espécie de ensaio do que viria a ser a grande encenação *in memoriam* nos impressos da época.

As imagens que se sobressaíram nas notas fúnebres, nos breves ou longos comentários e artigos publicados nos jornais e revistas por ocasião da morte de Raymundo Moraes em 1941 tornaram-se símbolos que delimitariam o imaginário do intelectual paraense na década de 1940 e reivindicariam a *panteonização* de Raymundo Moraes nesse contexto forjando certa ilusão biográfica: “Mago estilista da gleba”, “O enamorado da Amazônia” e “Pintor e poeta da Amazônia” (*A Noite*); o “Grande paisagista e divulgador da Amazônia” e “Um cintilante exegeta da Amazônia” (*O Imparcial*); “O estilista da Amazônia” ou “O revelador da Amazônia” (*Correio da Manhã*); “Um descobridor do Amazonas” (*Correio Paulistano*); e “Um dos mais completos historiadores da Amazônia” (*Vida Doméstica*); o “brasileiro ilustre” (*Diário da Noite*). Mas até a ilusão biográfica constitui-se como um vestígio para a compreensão da “identidade narrativa”⁵³¹ do sujeito que é construída sempre em mediações narrativas, pois:

⁵²⁹ PARAISO Verde. Raymundo Moraes. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, set. 1941, num. 282, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵³⁰ Como afirma Geraldo Mártires Coelho (1995, p. 20): “O imaginário constitui-se instrumento eficaz para produzir representações da ordem social, com seus atores e suas relações”.

⁵³¹ Segundo Maria da Glória Oliveira (2017, p. 433), a noção ricoeuriana de “identidade narrativa” abre perspectivas “cujo ganho crucial estaria em confrontar o indivíduo com a experiência do tempo”. Ainda de acordo com a autora: “Constituída no jogo cruzado da história e da ficção na refiguração do tempo, a identidade narrativa, seja ela pensada tanto para o indivíduo ou para uma coletividade, afasta-se da premissa do núcleo identitário estável, sem falhas” (Ibid., 2017, p. 440).

É importante ter em vista que a operação narrativa se baseia na construção da intriga, capaz de configurar eventos ou incidentes múltiplos em um todo dotado de coesão e sentido. Daí o argumento ricoeuriano de que o enredo implica uma operação de síntese do heterogêneo, cujo resultado consiste em uma história que sempre é mais do que a enumeração dos acontecimentos em ordem sucessiva.⁵³²

Desse modo, o prático e comandante de gaiola e o autor de *Na Planície Amazônica* foram os principais atributos que instituíram a identidade socialmente determinada pelo nome próprio Raymundo Moraes, *in memoriam*, nos periódicos da época.

3.4 A Casa, A Biblioteca e O Centenário: as tentativas de patrimonialização da memória do escritor morto

*Mnemosine
sussurrou pela Casa,
mas Lete a inundou.*

Quando Raymundo Moraes percebeu que a hora de sua partida se aproximava, mandou logo buscar “peças de fazenda” para vestir a família Moraes no seu luto. Assim, sua sobrinha-neta Maria Carolina Soares Bastos⁵³³ informou a Salomão Larêdo (2007) sobre a memória que guardou dos últimos momentos de vida de Raymundo Moraes; memória narrada por seu pai, Miguel Amarindo de Moraes Soares, filho de Maria Nazareth Moraes Soares, irmã de Raymundo Moraes⁵³⁴. E não tardou muito para que a partida presumida por Raymundo Moraes acontecesse; o jornalista e escritor paraense falecera em três de fevereiro de 1941, por volta das dezenove horas, em sua casa que ficava localizada à Avenida Generalíssimo Deodoro, 712, na vila Felizolina, na praça Justo Chermont, no Largo de Nazaré em Belém do Pará.

O relato da neta de Raymundo Moraes, Thereza Catharina Castro da Silva, filha de Ruth Moraes, afirma que ela viu um movimento estranho na casa dos Moraes com apenas três anos de idade, viu pessoas vestidas com roupas pretas e chorando, enquanto o avô adormecia em

⁵³² OLIVEIRA, 2017, p. 438.

⁵³³ Filha de Miguel Amarindo de Moraes Soares e Cristina Tapajós Nogueira; é neta de Maria Nazareth Moraes Soares, irmã de Raymundo Moraes. “BASTOS, Maria Carolina Soares. *Despertei para essa leitura*. Belém, 2007. Entrevista concedida a Salomão Larêdo em 09 fev. 2007” (LARÊDO, 2007, p. 160).

⁵³⁴ LARÊDO, 2007, p. 166.

cima da mesa da sala, sendo levado depois para longe dela.⁵³⁵ Tudo indica que o derradeiro desejo de Raymundo Moraes se cumprira: ele pediu discrição à família e amigos, desde quando ficou debilitado, passando pela visita de Getúlio Vargas em sua casa até sua última despedida entre familiares e amigos mais íntimos. O velório ocorrera de forma tranquila em sua casa na noite do dia três de fevereiro até o traslado do corpo ao Cemitério “Santa Izabel” em quatro de fevereiro de 1941.

Em 1941, poucos meses depois do seu falecimento, os seus confrades intelectuais do Pará encaminharam uma mensagem ao então Presidente da República Getúlio Vargas, solicitando a criação da “Casa de Raymundo Moraes” em sua memória:

O escritor Saul de Navarro e o Sr. Leandro Góes Tocantins, representando o Sr. Hugo Carneiro, presidente do Grêmio Paraense, estiveram, ontem, no Palácio do Catete, para fazer entrega, a qual foi feita por intermédio do Sr. Alberto de Andrade Queiroz, oficial de Gabinete da Presidência da República, de uma mensagem ao Presidente da República sugerindo a fundação da “Casa de Raymundo de (sic) Moraes”, em Belém, *como homenagem nacional ao maior escritor da Amazônia*.⁵³⁶

Dáí se instaurou a primeira tentativa de “patrimonialização” da memória de Raymundo Moraes. O termo em destaque empregado aqui é concebido como o processo que envolve o ato ou efeito de se institucionalizar um bem ou um conjunto de bens, que atualmente pode ser de natureza tangível ou intangível (bens naturais, materiais, intelectuais e emocionais), reconhecendo-os como “patrimônio” dependendo de suas características culturais e de seu valor histórico e/ou artístico. A institucionalização de um bem ou de um conjunto de bens como patrimônio pode se efetivar através do registro, quando se trata de um bem intangível, ou do tombamento, quando se trata de um bem tangível. O patrimônio tanto tangível quanto intangível está diretamente ligado à história e à memória de uma sociedade, impondo-se como documento/monumento segundo o historiador francês Jacques Le Goff (2003).

O patrimônio pode se constituir, primeiramente, um testemunho que se desdobra em um documento apontando para uma certa leitura do passado; ligando-se ao poder de perpetuação das sociedades históricas, o patrimônio mantém uma relação dialética com o passado/presente e o futuro imaginado socialmente, dito de outra forma, o patrimônio representa uma leitura do passado selecionada para se recordar o que se quer ou, pelo menos, pensa-se que não se deve

⁵³⁵ “MAIA, Thereza Catharina Castro da Silva. *Bonequinhas de Pano*. Matéria feita a partir de diversas correspondências que venho mantendo, por correio eletrônico, com Thereza Catharina desde o mês de março de 2007” (LARÊDO, 2007, p. 160).

⁵³⁶ VÁRIAS Notícias. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 set. 1941, num. 290, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Grifo meu.

esquecer. O reconhecimento desse patrimônio por uma dada sociedade depende das demandas sociais, políticas, econômicas e/ou culturais do tempo presente dessa sociedade em que essa leitura do passado foi selecionada, com a intenção de que a recordação desse bem (patrimônio) se propague, tornando esse testemunho um documento ou uma série documental que deve ser preservada em um museu, em uma Casa, Instituto, Centro, ou seja, em algum “lugar de memória”⁵³⁷. E foi essa a ideia que motivou o grupo de intelectuais do Pará a reivindicar a criação da Casa do escritor porque a obra de Raymundo Moraes não poderia ser esquecida; sua trajetória social também não.

Assim, o patrimônio deve ser pensado como o lugar de intercessão mais razoável entre memória e história representando uma convergência entre esses dois domínios. Como categoria de análise, como ressalta José Reginaldo Gonçalves (2003, p. 21), o patrimônio não se restringe ao pensamento moderno, isto é, a ideia de patrimônio também alcança os sistemas de pensamento não modernos ou tradicionais, porém, interessa aqui os seus contornos semânticos e jurídicos assumidos na primeira metade do século XX, no Brasil, no contexto em que se localiza o pedido pela criação da “Casa de Raymundo Moraes” em Belém do Pará para que a criação do “lugar de memória” exclusivo do intelectual não tenha avançado.

Foi na década de 1930, que a preocupação com o patrimônio no Brasil começa a se delinear na esfera pública e a se refletir de forma sistemática em âmbitos jurídicos com a promulgação da Constituição de 1934 que “... atribuía à União e aos Estados a responsabilidade de proteger ‘as belezas naturais e os monumentos de valor histórico e artístico’, e de impedir a evasão de obras de arte”⁵³⁸ e depois com a promulgação da Constituição de 1937 que ampliou a proteção dos bens culturais (monumentos históricos e artísticos) estendendo também aos municípios tal responsabilidade assim como também instituiu a proteção dos bens naturais (paisagens naturais) equiparando os bens culturais e naturais ao patrimônio nacional. Além disso, a atuação de Mário de Andrade (1893-1945), Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969) e Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) no tocante ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi fundamental para a ampliação da concepção do patrimônio no Brasil e para se configurar as práticas de proteção a esse patrimônio, por parte do Estado, no final dos anos de 1930 e na década de 1940.

⁵³⁷ Os lugares de memória “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. (...) O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca. (...) Na mistura, é a memória que dita e a história escreve” (NORA, 1993, p. 21/22/24).

⁵³⁸ SILVA, 2002, p. 132.

Nessa época, entendia-se que o patrimônio que merecia ser preservado estava no domínio das belas artes, da arquitetura e do urbanismo. Eram incomuns, portanto, a criação e a museificação de “Casas” de escritores e pintores, reconhecendo-as, como bens patrimoniais. Na década de 1940, o pensamento de Afonso Arinos era o que prevalecia no interior do SPHAN, daí observar as poucas casas de escritores e pintores que foram tombadas pelo recém-criado SPHAN no final da década de 1930: - a Casa natal de Gregório de Matos (1636-1696), tombada em abril de 1938; - a Casa natal de Castro Alves (1847-1871), tombada em julho de 1938, ambas em Salvador no Estado da Bahia. Depois dessas ações pontuais do SPHAN, há a interrupção de mais de uma década no processo de patrimonialização da memória de escritores e pintores e somente em janeiro de 1950, como medida de salvaguarda do bem, é que ocorreu o tombamento da Casa onde nasceu o pintor Victor Meirelles (1832-1903) em Florianópolis, capital catarinense. Justamente, na década de 1940, não há iniciativas nem ações por parte do Estado no tocante ao tombamento e nem a fundação de nenhum bem cuja função social aproxime-se da função social que teria a “Casa de Raymundo Moraes” em Belém do Pará em 1941.

Foi apenas na década de 1960, que o processo de patrimonialização da memória de escritores e pintores voltou a se delinear com o tombamento de algumas Casas: - a Casa de Monteiro Lobato (1882-1948) em Taubaté/ SP em julho de 1962; - a Casa de Casimiro de Abreu (1839-1860) em Casimiro de Abreu/ RJ, tombada em março de 1963; - a Casa natal de José de Alencar (1829-1877) em Fortaleza/ CE, tombada em agosto de 1964; - a Casa de Graciliano Ramos (1892-1953) em Palmeiras dos Índios/ AL, tombada em junho de 1965; e por fim, a Casa de Cândido Portinari (1903-1962) em Brodowski/ SP, tombada em dezembro de 1968.⁵³⁹

Em 1930, a escritora brasileira Rachel de Queiroz (1910-2003) já afirmava, no prefácio da primeira edição de *O Quinze* (o seu romance de estreia escrito e publicado quando ela ainda era uma jovem de 20 anos incompletos) que o pensamento do escritor (a), a literatura, portanto, fazia parte “do patrimônio mental da humanidade”⁵⁴⁰, em outras palavras, apesar do Estado nesse momento ainda nem vislumbrar um tratamento adequado desse patrimônio, a escritora já

⁵³⁹ Todos esses dados estão disponíveis no sítio oficial do IPHAN. Cf. <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 13.03.2017. Atualmente, na Amazônia, a única “Casa” tombada juntamente com o seu acervo, tendo em vista a importância da vida do sujeito histórico a quem pertenceram a Casa e o acervo é a “Casa de Chico Mendes e o seu acervo” em Xapuri no Estado do Acre, tombados em outubro de 2011. Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes (1944-1988) nasceu em Xapuri no Acre, foi seringueiro e por sua atuação política, acabou tornando-se sindicalista e líder dos seringueiros. Como ativista político defendia a preservação da floresta amazônica e das seringueiras nativas, combatendo o latifúndio e a exploração da região amazônica pelo grande capital. Por esse motivo foi vítima de pistolagem e acabou assassinado a mando dos fazendeiros da região em 22 de dezembro de 1988.

⁵⁴⁰ QUEIROZ, 2016, sp..

acreditava na força desse patrimônio. É claro que o sentido de patrimônio evocado por Rachel de Queiroz em relação à literatura nesse momento ainda não pode ser concebido no âmbito institucional do Estado como viria a ser pensado a partir da criação do SPHAN em 1937. Entretanto, a provocação de Rachel de Queiroz em 1930 já aponta para um sentido de patrimônio oriundo dos domínios da memória e da história, isto é, como propriedade intelectual de uma sociedade, como parte do seu capital cultural no domínio das mentalidades e sensibilidades.

Apenas na segunda metade do século XX é que a literatura terá sua influência reconhecida na cartografia desses bens tangíveis ou intangíveis, que compõem o patrimônio cultural brasileiro, presentes na memória do (a) escritor (a). Ao recordar em suas narrativas, ficcionais ou históricas: redes, lugares, sociabilidades, deslocamentos, hábitos e costumes das sociedades humanas, o (a) escritor (a) reforça a ideia da literatura como patrimônio mental ou intelectual de um povo, de uma sociedade, de uma comunidade, como bem afirmou Rachel de Queiroz em 1930. Porém, ainda hoje é tímido esse movimento em que se pensa a literatura como patrimônio, um exemplo é observar que a literatura vista com potencial patrimonial pelo Estado na figura do, então, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) deve estar circunscrita pela cultura popular, daí apenas a *literatura de cordel* encontrar-se em processo de registro, isto é, em transição para o reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro.

No Brasil, a inclusão definitiva de materialidades (a pena, a caneta, o tinteiro, a máquina de escrever, a biblioteca pessoal, a cadeira, os manuscritos, as cartas pessoais e etc.) e imaterialidades (as alegorias presentes na produção da escrita literária) do ofício do (a) escritor (a) no processo de patrimonialização da memória de escritores ocorreu apenas na segunda metade do século XX, mais decisivamente a partir dos anos de 1970. Desde então, já se admite que essas materialidades e imaterialidades em torno do sujeito-escritor (a) e/ou de uma obra com valor histórico e/ou artístico também podem fazer parte da economia dos bens simbólicos de uma sociedade e podem sim colaborar na disputa pela atenção de órgãos e instituições na construção e fundação de monumentos, na museificação da memória de escritores e, em última instância, pelo tombamento ou registro dos bens ligados à literatura como um todo. Entretanto, no contexto em que se reivindicou a criação da “Casa de Raymundo Moraes” pelos seus confrades, esse debate não era significativo, então, talvez esse processo não se desenrolou também por conta do entendimento que se tinha à época dos bens culturais que deveriam ser patrimonializados, as letras ainda não tinham o mesmo valor que as artes plásticas.

Durante o Estado Novo, a patrimonialização no Brasil deu-se apenas através de tombamentos realizados para salvaguardar edificações e acervos, principalmente, de natureza religiosa como capelas, conventos, igrejas e seus acervos e de natureza temporal como as casas onde nasceram, viveram ou morreram autoridades políticas e seus acervos o que era de se esperar com a instauração e vigência do Estado Novo (1937-1945) no Brasil. Nesse período, o SPHAN atuou na Amazônia através de tombamentos, como pode se observar na relação proposta dos bens tombados nos anos de 1938 a 1945 dispostos no Quadro 2. Esse quadro foi elaborado a partir do Quadro II, apresentado por Clara Emília Sanches M. de B. Malhano (2002, p. 223-239), com a relação de todos os bens tombados no Brasil, contendo o número dos processos de inventário dos bens, a denominação (nome do bem), o município e a unidade federativa onde o bem se localiza. A maioria dos bens tombados na Amazônia, no recorte temporal de 1938 a 1945, reflete a monumentalidade implantada no Estado Novo, como metáfora do Estado, como aponta Malhano (2002, *passim*), através de alegorias que representam a sacralização da política para lembrar ainda Lenharo (1986, *passim*).

QUADRO 02. Bens tombados na Amazônia, de 1938 a 1945			
Nº do Processo	Denominação	Município	UF
135-T-38	Coleção Arqueológica, Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi	Belém	PA
234-T-40	Igreja Catedral de Nossa Senhora da Graça	Belém	PA
235-T-40	Igreja de Santo Alexandre e antigo Colégio dos Jesuítas	Belém	PA
236-T-40	Igreja de Nossa Senhora do Carmo, inclusive Convento e capela da Ordem 3ª do Carmo	Belém	PA
237-T-40	Igreja de São João Batista	Belém	PA
315-T-42	Casa do Largo do Palácio nº 29, denominada Palacete Azul	Belém	PA
327-T-43	Casa na Praça D. Pedro II, conhecida como Solar do Barão de Guajará	Belém	PA
336-T-44	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Belém	PA
341-T-44	Palácio Velho	Belém	PA

Fonte: MALHANO, Clara Emília S. M. de B. *Da materialização à legitimação do passado: a monumentalidade como metáfora do Estado*. Rio de Janeiro: Lucerna: FAPERJ, 2002, pp. 230; 234; 237/238; e <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 13.03.2017.

Dos bens tombados na Amazônia durante o Estado Novo, todos se localizam na capital paraense, isto é, em Belém do Pará. Dentre os nove bens tombados, cinco são igrejas e conventos e os outros quatro bens são edificações que pertenceram a autoridades políticas ou foram sedes de decisões político-administrativas como a “Casa na Praça D. Pedro II, conhecida como Solar do Barão de Guajará”⁵⁴¹, tombada em 1943. Resta esclarecer que a proposta de

⁵⁴¹ No final do século XIX e na virada ao século XX, o Solar foi um lugar de sociabilidade entre políticos, intelectuais e artistas que viviam no Pará, onde esses atores sociais reuniam-se para discutir vários assuntos de

fundação da “Casa de Raymundo Moraes”, que partiu de um grupo de intelectuais do Pará, não incluiu a reivindicação pelo tombamento da edificação, onde viveu e morreu o jornalista e escritor, isto é, não se reivindicava o tombamento da edificação de sua residência no Largo de Nazaré, porque o que interessava não eram as características arquitetônicas da casa antiga, mas sim o acervo pessoal de Raymundo Moraes. A “Casa de Raymundo Moraes” teria a função social de um Centro de Estudos Amazônicos. No entanto, a proposta não chegou a ser apresentada em forma de inventário e nem foi com esse teor que o pedido foi encaminhado ao Presidente Getúlio Vargas pelos confrades do jornalista e escritor paraense. Assim, a solicitação nem chegou a alcançar os trâmites burocrático-administrativos do SPHAN no contexto do pedido.

A mensagem dos intelectuais não passou de uma breve reivindicação em se concretizar o elogio da memória de Raymundo Moraes devido aos importantes serviços prestados às letras amazônicas, criando-se um lugar de memória como um monumento literário, isto é, um marco simbólico da literatura e da história da Amazônia e também como um referencial de pesquisa nos assuntos da Amazônia. Apesar de formal, o pedido dos confrades de Raymundo Moraes não se constituiu em um processo e nem foi considerado um ato de formalidade pelo Presidente Getúlio Vargas, pois obteve a seguinte resposta publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias* em 12 de fevereiro de 1942:

VÁRIOS escritores e jornalistas paraenses dirigiram uma mensagem ao Sr. Presidente da República, sugerindo a criação em Belém, da “Casa de Raymundo de Moraes”, como homenagem póstuma ao saudoso escritor de “Na Planície Amazônica”.

Ouvindo o Ministro da Educação e o titular da Fazenda, o Governo concluiu que as verbas orçamentárias não comportam as despesas que a nova fundação acarretaria.

Sugeri, porém, que, “considerados os méritos do ilustre escritor”, o seu Estado natal poderá realizar a ideia.

Fica assim nas mãos do governo paraense a concretização deste desejo dos intelectuais de sua terra.⁵⁴²

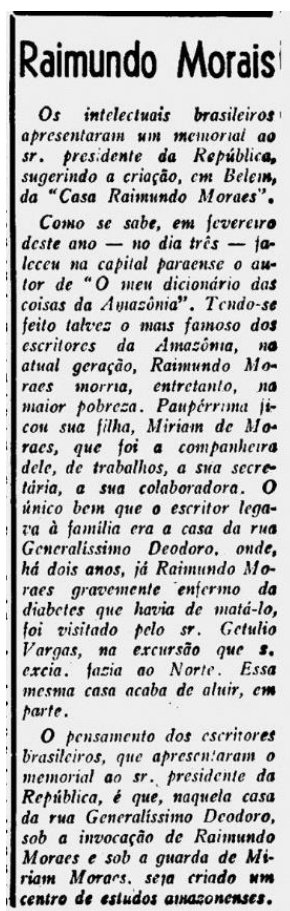
O Governo Federal eximiu-se, portanto, da responsabilidade de auxiliar na fundação e na manutenção da “Casa de Raymundo Moraes”, sugerindo em contrapartida que o Governo do Pará assumisse esse compromisso para com a memória do intelectual. Apesar da sugestão

interesse desses grupos e também para se confraternizar, estreitar laços políticos, eleger objetivos em comum. Atualmente, nesse prédio funciona o IHGP. Ele foi uma propriedade de Domingos Antonio Raiol (1830-1912), o Barão de Guajará, que foi um intelectual e político muito atuante na segunda metade do século XIX no Pará; foi um dos idealizadores e sócios fundadores da APL e do IHGP em três de maio de 1900.

⁵⁴² A “CASA de Raymundo de Moraes”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 fev. 1942, num. 36, p. 3. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

de Getúlio Vargas, isso não ocorreu, pois, nem o Governador do Pará nem o Prefeito de Belém manifestou interesse em fundá-la e/ou mantê-la na capital paraense... em ambas esferas de poder manteve-se, sim, o silêncio quanto à memória de Raymundo Moraes.

Figura 39. Notícia sobre a criação da “Casa de Raymundo Moraes”, 1942.



Fonte: *Autores e Livros - Suplemento Literário de "A Manhã"*, Rio de Janeiro, 21 set. 1941, num. 06, p. 95. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Mais de uma década depois, o Governo Estadual e a Prefeitura de Belém continuaram mantendo certa indiferença pela memória de Raymundo Moraes, pois também não manifestaram interesse em salvaguardar a biblioteca pessoal do autor de “Na Planície Amazônica”, contendo aproximadamente dois mil volumes, inclusive, seria esse patrimônio que a “Casa de Raymundo Moraes” salvaguardaria se tivesse sido criada.

A biblioteca pessoal do jornalista e escritor paraense foi muito bem avaliada na época, valendo trezentos mil cruzeiros, e seria destinada a compor o acervo da referida “Casa de

Raymundo Moraes”. A biblioteca pessoal de Raymundo Moraes foi doada pelos seus filhos em 1954 ao Governo do Estado do Amazonas para compor o acervo bibliográfico da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas: “O gesto partiu dos herdeiros daquele laureado escritor amazônico, liderados pelo intelectual Aldo Moraes, o qual fez a oferta do inestimável patrimônio ao Governo do Estado – Detalhes da Biblioteca”⁵⁴³. E a biblioteca é assim descrita pelo *Jornal do Comércio* (AM):

A biblioteca de Raimundo Moraes é uma das coleções bibliográficas mais importantes da Amazônia, achando-se materialmente avaliada em trezentos mil cruzeiros. Das mais completas em obras de assuntos amazônicos, contém edições raras de há muito esgotadas e figurando com altos preços nos catálogos de raridades bibliográficas. Em sua grande maioria, os livros apresentam rica encadernação, conservando o carinhoso tratamento que lhe dispensava o glorioso autor de “País das Pedras Verdes”.⁵⁴⁴

Por que o Governo do Estado do Pará e a Prefeitura de Belém não manifestaram interesse em criar a “Casa de Raymundo Moraes”? Por que não se interessaram também em abrigar a biblioteca pessoal do escritor, isto é, a biblioteca pessoal daquele que havia sido Diretor do Arquivo e Biblioteca Pública do Estado do Pará, Inspetor escolar e Secretário do Gabinete de Magalhães Barata? Por que não houve disputa entre o Pará e o Amazonas pela biblioteca que conservava uma vasta e valiosa coleção, principalmente, sobre a Amazônia, incluindo aí a obra completa do próprio autor de *Na Planície Amazônica*? A aproximação do entendimento dessas questões quanto à salvaguarda da memória de Raymundo Moraes pode estar nas influências exercidas entre o campo político⁵⁴⁵ e o campo literário, pensando nas disputas, negociações e apropriações no interior desses campos.

No período em que o grupo de intelectuais do Pará reivindicou ao Presidente Getúlio Vargas a criação da “Casa de Raymundo Moraes”, José Carneiro da Gama Malcher (1872-1956) era Interventor Federal no Pará e Abelardo Condurú (1989-1977) era Prefeito de Belém. No momento da doação da biblioteca de Raymundo Moraes ao Governo do Amazonas, a coleção encontrava-se sob a posse da filha de Raymundo Moraes, Iolanda Moraes, que ainda residia na capital paraense, mas foi Aldo Moraes, que na época era deputado estadual no Amazonas, quem intermediou o processo de doação. Essas “doações”, geralmente, tem um

⁵⁴³ DOADA ao Estado do Amazonas a Biblioteca de Raimundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, 15 out. 1954, num. 13.643, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁴⁴ DOADA ao Estado do Amazonas a Biblioteca de Raimundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, 15 out. 1954, num. 13.643, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁴⁵ “Não é raro, por exemplo, que os políticos queiram agir diretamente sobre o campo literário. Eles criam academias sem ver que há uma lei fundamental de um campo autônomo que diz que só podem agir sobre ele as forças que ele reconhece, que são conformes ao seu *nomos*” (BOURDIEU, 2011, p. 204).

valor monetário e político. Nesse período, Zacarias de Assunção (1895-1981) era o Governador do Estado do Pará e Celso Cunha da Gama Malcher era o Prefeito de Belém; Álvaro Botelho Maia (1893-1969) era Governador do Estado do Amazonas no recorte temporal em que se inserem tanto o apelo pela criação da “Casa de Raymundo Moraes” em 1941 quanto a doação da biblioteca pessoal do jornalista e escritor ao Governo do Amazonas em 1954 e João Fernandes Campos Café Filho (1899-1970), mais conhecido como Café Filho, havia assumido muito recentemente a Presidência da República devido à morte prematura de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, uma vez que era o Vice-Presidente do Brasil.

A trajetória social de Raymundo Moraes foi bastante afetada desde o atentado ao jornal *A Província do Pará*, mas, sem dúvida, foi a autoria do homicídio de Heráclito Ferreira, o jornalista do *Folha do Norte*, que determinou o maior deslocamento na trajetória social do jornalista e escritor paraense. Apesar de inocentado pela Justiça do Pará, por ter agido em legítima defesa, continuou a ser lembrado como um assassino, principalmente, pelos seus desafetos jornalistas e políticos e pelos confrades de Heráclito Ferreira porque, realmente, não há o estatuto de *ex-homicida* ou *ex-assassino*, pois o que Raymundo Moraes cometera foi um assassinato no sentido jurídico e político do termo.

Esses deslocamentos poderiam até ter interferido na avaliação por parte do Governo Federal em assumir ou não a criação da “Casa de Raymundo Moraes” em Belém do Pará, todavia, acredita-se que Getúlio Vargas respondeu negativamente à iniciativa do grupo de intelectuais do Pará porque não vislumbrou grandes vantagens políticas em manter viva a memória de Raymundo Moraes, pois, tal memória pendia mais ao legado político do Presidente Washington Luís (1869-1957) do que ao legado do Estado Novo.

O livro mais aclamado na obra de Raymundo Moraes, *Na Planície Amazônica*, publicado pela primeira vez em 1926, tornou-se bastante conhecido nacional e até internacionalmente graças aos elogios públicos de Washington Luís quando esse esteve na Amazônia. A partir disso, ainda no ano de 1926, Raymundo Moraes, em homenagem ao estadista Washington Luís, já Presidente da República, consagrou a 2ª edição do livro ao Estado de São Paulo através de uma dedicatória impressa que acompanhou todas as edições do livro subsequentes, atrelando a memória de Raymundo Moraes à memória de Washington Luís e, conseqüentemente, à influência de São Paulo sobre a Presidência da República e sobre o sentido de nacionalidade brasileira após os anos de 1920.

O livro *Na Planície Amazônica* ocupa um lugar de destaque no culto à memória do jornalista e escritor paraense, pois representa um marco na trajetória social de Raymundo Moraes, um símbolo literário da Amazônia, visto que é o principal livro publicado de sua obra.

Do ponto de vista político, a imagem do Presidente Getúlio Vargas na “Casa de Raymundo Moraes” ocuparia um lugar secundário, o que seria ruim para o então Presidente em pleno Estado Novo, em concorrência à imagem de Washington Luís que já havia sido, inclusive, adversário político de Getúlio Vargas por ocasião das eleições à Presidência da República em 1930.

Daí se compreende melhor a negativa resposta do Presidente Getúlio Vargas em subsidiar com recursos federais a criação da “Casa de Raymundo Moraes”. Nessa guerra de discursos, provavelmente, a visita que Getúlio Vargas fez ao jornalista e escritor moribundo em sua casa em 1940 em Belém do Pará, meses antes de Raymundo Moraes falecer, não superaria o amplo elogio de Washington Luís que lançou o intelectual paraense à galeria de importantes escritores brasileiros na construção de sua memória e na fabricação de sua ilusão biográfica. O reconhecimento da trajetória social do intelectual paraense tem, portanto, começo e fim peculiares, ambos ligados a “presenciáveis”, isto é, a “estadistas”: começou com a aclamação de Washington Luís em 1926 e terminou com a visita do então Presidente Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Todavia, nenhum desses eventos oficiais conseguiu elevar a memória de Raymundo Moraes e nem impulsionar a patrimonialização dessa memória através da criação da “Casa de Raymundo Moraes” como um monumento literário da Amazônia e como um Centro de Estudos Amazônicos e também não despertou interesse de disputa pela sua biblioteca pessoal.

A memória de Raymundo Moraes voltou a ser lembrada apenas na década de 1970 por ocasião da passagem do centenário de seu nascimento, mas também sem a repercussão esperada. Esse centenário deveria ser marcado por um conjunto de homenagens ao autor de *Na Planície Amazônica*, de modo que o 15 de setembro de 1972 fosse uma efeméride das letras na Amazônia. Esse era o desejo dos admiradores e confrades de Raymundo Moraes, tanto no Amazonas como no Pará, pois dois anos antes do centenário de nascimento do jornalista e escritor paraense, o periódico amazonense *Jornal do Comércio* já publicava um artigo intitulado “Raymundo Moraes”, assinado por Mendonça de Souza que enfatizava a necessidade das honrarias em comemoração ao centenário do escritor:

Não sei – ou melhor –, (sic) talvez não tenha direito de querer saber – se em BELÉM DO PARÁ, onde nasceu, os intelectuais estão a preparar-se para celebrar-lhe (pelo muito que, além-fronteiras, celebrou e difundiu, em páginas inesquecíveis, a AMAZÔNIA), o centenário de nascimento.

Dois anos passam depressa. Tempo, pois, é de aqui mesmo de relance, como ora o faço, apreciá-lo, celebrá-lo, prezá-lo. Honrou-se, engrandeceu esta região na perenidade indiscutível de notável estilista, de preexcelso intérprete.

⁵⁴⁶

Segundo Mendonça de Souza, para homenagear Raymundo Moraes não precisava esperar o centenário de nascimento do intelectual nem precisava esperar que Belém do Pará organizasse a comemoração, apenas por ser a cidade em que ela nascera e morrera o escritor. A obra de Raymundo Moraes era patrimônio da Amazônia. O Amazonas podia assumir as honrarias, visto que foi em Manaus que Raymundo Moraes despontou como escritor:

Sim, pelas qualidades de talento e de inteligência, já agora neste 15 de setembro transato, data comemorativa de seu nascimento, como filho desta majestosa região do RIO MAR, prezo-me de assim o [Raymundo Moraes] homenagear com ânimo respeitoso, agradecido e coração feliz.⁵⁴⁷

Em Manaus, por ocasião do centenário de Raymundo Moraes, o *Jornal do Comércio* publicou uma seção especial em memória do escritor Raymundo Moraes, lembrando sua vida e sua obra na comemoração do seu natalício. Colaboraram nessa seção: Agnello Bittencourt (1876-1975), Aldo Moraes, o filho do jornalista e escritor e Genesino Braga (1906-1988)⁵⁴⁸.

No artigo de Agnello Bittencourt, aparecem depoimentos elogiosos de escritores e jornalistas conhecidos em todo o Brasil como João Ribeiro, Humberto de Campos, Costa Rego, Carlos Malheiros Dias, Peregrino Júnior, Aduato Fernandes. Vale ressaltar que tal artigo é um resumo de uma conferência que havia sido proferida por Agnello Bittencourt a 23 de abril de 1966 na AAL. O jornalista, triunfalmente, concluiu o seu discurso:

⁵⁴⁶ SOUZA, Mendonça de. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, 20 set. 1970, num. 20.505, sp. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁴⁷ SOUZA, Mendonça de. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*. Manaus, 20 set. 1970, num. 20.505, sp. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁴⁸ Genesino Braga nasceu em 1906 em Santarém, interior do Pará. Foi jornalista, cronista, professor universitário, bibliotecário, diretor da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, membro do Conselho Estadual de Cultura e da Comissão Permanente de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, também ocupou cargos políticos como o de Deputado Estadual, foi redator oficial do Gabinete do Governador do Estado João Walter de Andrade no período de 1971-1974 e integrante do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), foi membro da AAL e se destacou recebendo a Medalha do Mérito Jornalístico em 1971 e foi também escolhido “Jornalista do Ano” em 1965 e 1973 pelo Sindicato dos Jornalistas do Amazonas. Recebeu até a Medalha Machado de Assis da ABL. Cf. <<https://almaacreana.blogspot.com.br/2016/01/genesino-braga.html>>. Acesso 27. 04. 2017.

Iria muito longe se me fosse possível continuar o documentário das láureas do excelso amazonógrafo (sic).

Mas este meu desprezioso trabalho, pois só intenção que o motivou, acrescentará algumas folhas à coroa de louro com a intelectualidade nacional, unânime, sempre brindou Raymundo Moraes, este “doublé” de beletриста e geógrafo planiciário (sic), dos maiores que a Amazônia tem tido.⁵⁴⁹

Em homenagem ao jornalista e escritor paraense foi feita a leitura de um texto de Sílvio Meira (1919-1995)⁵⁵⁰, membro da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação e Cultura (CFCMEC), cujo presidente era Arthur Cézar Ferreira Reis (1906-1993) e vice-presidente José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984), na sessão plenária de seis de novembro de 1972 desse mesmo Conselho sobre a trajetória social do jornalista e escritor paraense: “A ele – Raymundo Moraes – a nossa homenagem, através do registro nos Anais desta Casa, de seu centenário, ocorrido a 15 de setembro”⁵⁵¹.

Nem a homenagem por parte do *Jornal do Comércio* em Manaus/ AM nem a homenagem do CFCMEC do Governo Médice pela passagem do centenário de nascimento do jornalista e escritor paraense conseguiu soerguer a patrimonialização da memória de Raymundo Moraes. As homenagens não alcançaram as latitudes simbólicas nem geográficas esperadas e a Imprensa brasileira acabou silenciando, por completo, sobre a vida e a obra de Raymundo Moraes.

⁵⁴⁹ BITTENCOURT, Agnello. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, 15 set. 1972, num. 21.080, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

⁵⁵⁰ Sílvio Augusto de Bastos Meira, nome literário Sílvio Meira, foi advogado, professor catedrático e emérito da UFPA, jurista e escritor, nasceu em Belém do Pará, em 1919. Projetou-se no Pará como legislador e destacou-se por ser membro de várias entidades culturais, nacionais e estrangeiras, tais como a Academia Brasileira de Letras Jurídicas (e de vários estados), Academia Brasileira de História, Instituto dos Advogados Brasileiros, IHGB, ACL, APL e outras. Com mais de 50 títulos e diplomas honoríficos, ganhou vários prêmios por sua atuação no campo jurídico e literário. (Cf. <<http://www.institutosilviomeira.net.br/quem-foi-silvio-meira/>>. Acesso 21.04.2017). Atualmente, ele dá nome a um Instituto que “é uma entidade cultural de fomento à pesquisa e ao estudo da ciência jurídica em todas as suas vertentes, especialmente o Direito Romano” (disponível em <<http://www.institutosilviomeira.net.br/>>. Acesso 21.04.2017).

⁵⁵¹ MEIRA, Sílvio. O Centenário de Raymundo Moraes. Rio de Janeiro, out./dez. 1972, num. 8, p. 37. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil. Esse texto também foi publicado no jornal *Diário do Paraná* no dia 14 de novembro de 1972: MEIRA, Sílvio. O Centenário de Raymundo Moraes. *Diário do Paraná*, Curitiba, 14 nov. 1972, num. 5.207, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Figura 40. Índice do Boletim do Conselho Federal de Cultura, 1972.

Í N D I C E	
Data da cultura	7
ESTUDOS E PROPOSIÇÕES	
O 70º aniversário de Carlos Drummond de Andrade ...	11
Drummond, 1972 (Josué Montello)	16
Nabuco e os Lusíadas (Manuel Diégues Júnior)	19
"Dimensões do Brasil" (Vianna Moog)	21
Museu da Literatura (Josué Montello)	23
Folclore amazônico (Manuel Diégues Júnior)	26
Tradução do "Fausto" (Cassiano Ricardo)	28
Teoria do cinema (Octávio de Faria)	31
Visita do Embaixador Salcedo Bastardo	32
O centenário de Raymundo Moraes (Sílvia Meira)	35
Ainda os velhos temas do tecnicismo e humanismo (Djaciir Menezes)	38
Kierkegaard (Octávio de Faria)	49
PARECERES	
Nº 1475 — Academia Marianense de Letras	53
Nº 1476 — Assessoria Técnica para Assuntos Paria- mentares	53
Nº 1477 — Casa do Pará	54
Nº 1478 — Cultura Artística de Minas Gerais	54
Nº 1479 — Orquestra Ribeiro Bastos	55
Nº 1480 — Conselheiro Josué Montello	55
Nº 1481 — Departamento de Ciência e Cultura da Se- cretaria de Educação e Cultura de Sergipe	56
Nº 1482 — Italia D'Angelo Bernardini	56
Nº 1483 — Livraria Kosmos Editora	57

Fonte: *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, out.-dez. 1972, num. 08, sp.. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Na seção do *Jornal do Comércio* em que o periódico homenageou o intelectual em virtude de seu centenário de nascimento não podiam faltar as palavras do filho do escritor, Aldo Moraes, que era político e jornalista em Manaus/ AM na época da homenagem e que foi o responsável pela doação da biblioteca pessoal de seu pai Raymundo Moraes ao Governo do Estado do Amazonas. O filho descreve carinhosa e até poeticamente o pai, lembrando lembranças sobre a vida e a obra do jornalista e escritor paraense considerando-o como um dos maiores escritores amazônicos que conduziu a sua pena com a missão de interpretar e traduzir a Amazônia para as outras regiões do Brasil e para outros países.

Trocando a bússola pela pena e as lentes do binóculo pela introspecção, debruçado sobre os seus cadernos de apontamentos, o escritor Raymundo Moraes nada mais fez do que continuar, até morrer, as viagens que lhe enriqueceram os sentidos e a imaginação do menino, de jovem e de adulto com a mágica urdida hidrográfica do seu próprio encantamento.⁵⁵²

⁵⁵² MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*. Manaus, 14 nov. 1972, num. 5.207, p. 2. Acervo Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

Nessa ocasião, o imaginário de Raymundo Moraes em 1972 aproximava-se muito de Joaquim Nabuco (1849-1910) em 1948, pois este foi esquecido até às vésperas de seu aniversário de 100 anos. Os significados desse esquecimento diferem entre ambos os processos de patrimonialização da memória, pois a lembrança do centenário de nascimento de Raymundo Moraes não concorreu com a lembrança natalícia de nenhum outro sujeito, como foi a disputa entre as lembranças do centenário de nascimento de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa (1849-1923), ambos nascidos em 1849; além disso, Raymundo Moraes não contou com a brava defesa de nenhuma voz tão influente política nem intelectualmente como a de Gilberto Freyre (1900-1987) em defesa das comemorações do aniversário de 100 anos de Joaquim Nabuco, seu conterrâneo.⁵⁵³ Raymundo Moraes edificou em vida como queria ser lembrado; construiu em sua obra a sua identidade narrativa.

As iniciativas de elevar a memória do jornalista e escritor Raymundo Moraes ao plano da monumentalidade literária da Amazônia com o seu processo de panteonização não passaram de tentativas esparsas e sem resultados eficazes para o culto à memória do autor de *Na Planície Amazônica*. A tentativa de se criar a “Casa de Raymundo Moraes” em 1941, a doação de sua biblioteca pessoal ao Governo do Estado do Amazonas em 1954, e por fim, a tímida comemoração do centenário de seu nascimento em 1972 não conseguiram soerguer a memória de Raymundo Moraes, que submergiu com ele no túmulo. E, ainda hoje, repousa serena na sepultura 12.826, localizada na Quadra 18- D do Cemitério de Santa Isabel, em Belém do Pará⁵⁵⁴. A primeira morte se deu em 1937, a *pseudo* morte; a segunda morte ocorreu em 1941, a morte física; e a terceira morte se deu em definitivo em 1972, justamente, no marco de seu centenário de nascimento, a morte simbólica de Raymundo Moraes... o último deslocamento da trajetória social do jornalista e escritor paraense deu-se quando os “guardiões de sua memória” desistiram de sua missão.

Raymundo Moraes tinha tudo para ser o “Ulisses” da Amazônia: herói dado como morto que retorna, triunfantemente, para a sua terra natal e para os seus. Entretanto, isso não aconteceria porque a partir de sua morte física em 1941 iniciou-se o processo de esquecimento da vida e da obra de Raymundo Moraes apesar de todas as estratégias adotadas por ele mesmo, ainda em vida, de “apresentação oficial de si”⁵⁵⁵ nem os seus confrades e admiradores nem os seus “guardiões da memória” conseguiram manter viva a sua memória. Talvez esse apagamento da memória diga mais sobre esse intelectual do que a identidade narrativa que ele próprio

⁵⁵³ BONAFÉ, 2005, pp. 29-78.

⁵⁵⁴ LARÊDO, 2007, p. 25.

⁵⁵⁵ BOURDIEU, 2006, p. 183.

construiu, diga muito mais que a ilusão biográfica que os outros sujeitos construíram acerca dele. *Na Planície Amazônica* e toda a obra de Raymundo Moraes ainda não foi reconhecidamente incorporada ao Pensamento Social Brasileiro que abarca as interpretações de Euclides da Cunha em *À margem da História*, de 1905, de Alberto Rangel em *Inferno Verde*, de 1908, e em *Terra Imatura* de Alfredo Ladislau em 1923.

CONCLUSÃO

O apagamento da memória ou a sua afirmação estão inscritos na tessitura mental de uma sociedade e fazem parte do patrimônio simbólico dessa mesma sociedade, produzindo ou reproduzindo o imaginário. Dessa forma, a morte simbólica de Raymundo Moraes, pleiteada em 1937 pela divulgação da falsa notícia de seu falecimento, não foi consolidada nesse ano, mas deu início ao processo de apagamento de sua memória, pois os comentários sobre a vida e a obra de Raymundo Moraes, praticamente, foram desaparecendo das páginas dos impressos brasileiros com o avançar da década de 1940 após o seu falecimento em 1941.

A sua trajetória social começou no convés das embarcações que conduzia pelos rios da Amazônia e terminou no seu gabinete de trabalho entre livros e escritos. Iniciou sua trajetória de jornalista em *A Província do Pará* no início do século XX. Em 1912, tentou ingressar na carreira política como Deputado Estadual pelo Partido Conservador, mas não conseguira votos suficientemente válidos. E a tensão pós-eleições aumentava no âmbito da Imprensa paraense. As contendas entre jornais rivais alcançaram dimensões de extrema violência, culminando com o incêndio da sede da redação de *A Província do Pará* em 1912, assim como a depredação e incêndio da residência do proprietário do jornal, Antonio Lemos, o que levou ao fechamento da sede do jornal e logo em seguida à venda do mesmo. Na ocasião em que ocorreu esse atentado às instalações de *A Província do Pará*, Raymundo Moraes encontrava-se no prédio da redação sendo preso na ocasião. Ele encerrou sua atuação na redação de *A Província do Pará* em 1912, uma vez que o jornal deixou de ser editado e publicado no intervalo de seis anos consecutivos após o atentado contra as suas instalações e contra o seu proprietário. Entretanto, o intelectual paraense continuou colaborando esporadicamente com outros jornais.

Nesse período, assumiu, brevemente, a direção do paraense *O Imparcial*, acompanhado pelos confrades Martinho Pinto e Dejard de Mendonça e em 1915, fundou em parceria com Felix Coelho o periódico paraense *A Tarde*, dirigindo o vespertino até 1917. Raymundo Moraes permaneceu na esfera da Imprensa paraense, colaborando, esporadicamente, com artigos publicados semanalmente ou quinzenalmente ao mesmo tempo que pilotava navios a vapor da Companhia de Transporte e Navegação *Lloyd Brasileiro* e realizava trabalhos difíceis relacionados à navegação para a mesma empresa como o levantamento de acidentes e resgate de navios encalhados.

Em 1921, começou a atuar na redação do jornal *Estado do Pará*, com o pseudônimo de Jacinto Leite. Suas colaborações nesse periódico eram de natureza política, como as colaborações em *A Província do Pará* e como editor chefe de *A Tarde*. Sua estada na redação

do *Estado do Pará* foi mais agressiva que sua atuação em *A Província do Pará*. À frente da redação do *Estado do Pará*, Raymundo Moraes assumiu a ideologia política pró-Reação Republicana do jornal e começou a militar contra a polêmica candidatura de Artur Bernardes (1875-1955) em favor da chapa “Nilo – Seabra”, quando se preparava um novo pleito eleitoral à Presidência da República no Brasil. Desde os tempos de *A Província do Pará*, o comandante Moraes, como era chamado na Imprensa paraense, ganhou fama devido a sua pena incisiva e impiedosa contra os seus adversários políticos quando precisava defender seu ponto de vista.

Nesse período, o *Estado do Pará* rivalizava, principalmente, com o periódico *Folha do Norte* que era dirigido por Paulo Maranhão, defensor da campanha de Artur Bernardes. Porém, os jornalistas desse periódico paraense já tinham uma conflituosa relação com Raymundo Moraes desde os tempos de *A Província do Pará*. No contexto de campanha presidencial, aprofundou-se a tensão entre esses jornais paraenses, culminando com uma briga violenta entre os jornalistas Heráclito Ferreira e José Santos, do *Folha do Norte* e Raymundo Moraes, do *Estado do Pará*, em oito de agosto de 1922 que mudara para sempre a trajetória social de Raymundo Moraes e que se tornou a maior inflexão de sua vida, visto que matou com um tiro a queima roupa Heráclito Ferreira; por conta desse ocorrido, ele foi quase linchado pelos populares e por José Santos; foi preso em flagrante sem a garantia de direitos à defesa e ao atendimento médico; teve de fugir de Belém do Pará para Manaus, capital do Amazonas, e depois de Manaus, teve de se exilar na Bolívia.

Depois desse ocorrido que marcou definitivamente a sua trajetória social, decidiu abandonar a carreira de jornalista e a dedicar-se à carreira de escritor, os seus interesses políticos repousavam apenas em sua entrada e estada no campo literário, pois as suas colaborações nos jornais e revistas da época concentraram-se apenas no teor literário sem o perigo de revisitar o seu recente passado conturbado, que envolveu o assassinato do jornalista Heráclito Ferreira do jornal paraense *Folha do Norte*, a sua prisão, sua fuga e exílio e as inúmeras agressões morais e físicas que sofreu e que também imputou a outros jornalistas ao longo da atuação de sua pena jornalística, desde a redação do jornal *A Província do Pará*, passando pela direção do periódico *A Tarde*, até a redação do jornal *Estado do Pará*.

Raymundo Moraes conseguiu adentrar ao campo literário, com o grande sucesso do livro *Na Planície Amazônica*, publicado originalmente em 1926, cuja obra rendeu-lhe a premiação de Ensaio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras em 1927 e foi admitida como manual didático em Manaus e Belém, capitais amazônicas. Em 1931, recebeu uma homenagem na capital federal por parte dos intelectuais, jornalistas e escritores, o que o estimulou a inscrever-se à vaga do autor de *Canaã*, que havia falecido recentemente. A ABL

recebeu o seu nome com entusiasmo até a validação da candidatura de Santos Dumont, o “pai da aviação”, uma vez que passou a defender a aclamação unânime do inventor brasileiro. Raymundo Moraes retirou seu nome para as eleições em favor da candidatura de Santos Dumont. Na ABL, o nome de Raymundo Moraes voltou a ser debatido com o falecimento do acadêmico Alberto de Faria (1865-1931), caso o ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco (1870-1943) não aceitasse o convite da assembleia. Mas o intelectual paraense não se manifestou.

Desde a publicação de *Na Planície Amazônica* em 1926 e a sua consagração como um escritor premiado pela ABL em 1927, o jornalista e escritor paraense usufruiu de uma efêmera posição dentro do campo literário brasileiro, conseguindo certa legitimidade ao ingressar nos círculos letrados da época, daí os convites à tradução de sua obra para outras línguas, a homenagem que recebeu em sua passagem pela capital federal em 1931 e a participação em algumas Associações culturais. Entretanto, o sucesso de sua obra e o prêmio que ganhou da mais alta Sociedade de Letras do país não foram capazes de o manter permanentemente no interior desse campo nem de garantir o seu ingresso às Associações culturais do Pará como o Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

A rejeição do grupo de intelectuais vinculados ao IHGP à presença de Raymundo Moraes não foi suficiente para impedir que o jornalista e escritor paraense conquistasse a acolhida de grupos de intelectuais no Amazonas, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além disso, a sua obra, principalmente enquanto ele se mantinha em vida, circulou por todo território nacional e ficou conhecida também em diálogos internacionais devido à especificidade de sua autoria fundada, principalmente, em suas vivências como prático e comandante de gaiolas e como jornalista atuante. Desse modo, o convés e o gabinete são, sem dúvida, os lugares simbólicos mais importantes da trajetória social de Raymundo Moraes e as sociabilidades e deslocamentos ocorreram por conta das posições sociais que assumira nesses dois lugares e a partir do papel que desempenhou nas redes estabelecidas em função deles, porque se tornou escritor depois de sua atuação como comandante de navio e como jornalista no Pará.

Em 1908, *Traços a Esmo* inaugurou a narrativa impressa em livro do jornalista e escritor paraense; em seguida publicou *Notas Dum Jornalista* em 1924. Em 1926, publicou *Na Planície Amazônica*, que entre a narrativa e suas materialidades, fez de Raymundo Moraes um autor e um escritor e foi o livro mais editado e publicado de sua obra. Ao longo de 75 anos de publicação, desde 1926 a 2001, as oito edições com as nove versões impressas de *Na Planície Amazônica* colocaram o livro mais conhecido de Raymundo Moraes no domínio da construção

das linguagens coletivas com que os grupos sociais e as sociedades elaboram e reelaboram o seu patrimônio simbólico.

Esse livro foi publicado em nove versões impressas e em oito edições; cinco dessas edições foram publicadas quando o autor Raymundo Moraes ainda era vivo e foi quem as prefaciou; a partir da primeira edição *in memoriam*, ou melhor, a partir da 6ª edição do livro publicado pela *Editora Conquista* no ano de 1960, as ilustrações de Israel Cysneiros foram adicionadas ao conteúdo da obra e voltaram a ser reproduzidas na 7ª edição pelo Senado Federal do Brasil em 2000; na 7ª edição pela *Editora Itatiaia Limitada* e *Edusp* em 1987, as ilustrações de Cysneiros foram suprimidas e as ilustrações de Poty foram incluídas; esse livro foi publicado pertencendo às coleções: *Brasiliana* da *Companhia Editora Nacional* em 1936 e 1939, *Terra dos Papagaios* da *Editora Conquista* em 1960, *Reconquista do Brasil* da *Editora Itatiaia* e *Edusp* em 1987, *Brasil 500 Anos* da *Editora do Senado Federal do Brasil* em 2000, sendo essa a edição mais conhecida da obra e ainda comercializada.

As revistas ilustradas: *Ilustração Brasileira* (FRA), *Revista da Semana* (RJ), *Brasiliana* (RJ), *Vida Doméstica* (RJ), *A Cigarra* (SP) e *Fon Fon* (RJ) ocuparam-se em publicar referências, comentários e artigos sobre o livro *Na Planície Amazônica*. Entretanto, a crítica ao livro mais presente esteve nos jornais da época como *Jornal do Comércio* (AM), *Alto Madeira* (RO), *Folha do Norte* (PA), *A Reforma* (AC), *O País* (RJ), *A Federação* (RS). A construção da crítica literária no início do século XX refletiu as redes de sociabilidades de Raymundo Moraes no campo literário e tinha muito menos relação com os atributos do autor e com a qualidade da sua obra. Então, a crítica elogiosa à obra de Raymundo Moraes foi construída por seus confrades, correligionários, simpatizantes e, por outro lado, a crítica desfavorável sempre representou os desencontros, ressentimentos e as contendas provindos do campo político.

A saga literária de Raymundo Moraes ampliou-se na década de 1930 com a publicação de *País das Pedras Verdes* em 1930, *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, em dois volumes, em 1931, *Anfiteatro Amazônico* em 1936, *Aluvião* publicado um ano depois em 1937, *Os Igaráúnas*, *O Mirante do Baixo Amazonas*, *O Homem do Pacoval* em 1938, *Ressuscitados*, *Notas sobre o Eldorado*, *À margem do livro de Agassiz*, *Machado de Assis*, e *Histórias Silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia*, todos publicados em 1939, *Cosmorama* em 1940 e *Um Eleito das graças* no ano da morte do jornalista e escritor em 1941. A linearidade e unicidade presentes na narrativa de Raymundo Moraes em toda a extensão de sua obra é talvez a característica mais forte de sua trajetória social nas letras.

A narrativa de Raymundo Moraes constitui-se de uma digressão jornalístico-popular que mistura ficção e crônica, reproduzindo representações literárias sobre a Amazônia

construídas no Brasil desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX, como um lugar de refúgio do exotismo aquático-vegetal e do mistério de culturas humanas pré-históricas.

Na trajetória social de Raymundo Moraes, destacaram-se tanto o elogio, em 1926, de Washington Luís, Presidente da República, à obra do jornalista e escritor assim como a emblemática visita do então Presidente da República, Getúlio Vargas, em 1940 ao intelectual enfermo em sua residência. A alegoria da visita do Chefe de Estado ao jornalista e escritor enfermo colaborou no rito fundante da memória *post mortem* de Raymundo Moraes, amplamente, difundida pela Imprensa brasileira, pois, poucos meses depois, o intelectual morreu em três de fevereiro de 1941, por volta das 19h20, em sua casa, no seu quarto, com cirrose hepática, apenas ao lado de sua filha Myriam Moraes e de seus familiares mais próximos. A representação do “trabalhador intelectual” que recebeu a “honrosa visita” do Presidente da República, em 1941 após a morte de Raymundo Moraes cede imediatamente o lugar à representação do morto ilustre que impôs o luto às letras e conseguiu reunir, no plano simbólico a admiração de rivais políticos como foram Washington Luís e Getúlio Vargas.

Através de notas fúnebres e biográficas acompanhadas de comentários elogiosos sobre a vida e obra do jornalista e escritor paraense, a Imprensa brasileira através do necrológio reverberou a memória de Raymundo Moraes. A praticagem e o comando de gaiolas assim como a autoria de *Na Planície Amazônica* foram os principais atributos que instituíram a identidade socialmente determinada pelo nome próprio Raymundo Moraes, *in memoriam*, nos periódicos da época.

Em 1941, poucos meses depois do seu falecimento, os seus confrades intelectuais do Pará encaminharam uma mensagem ao Presidente Getúlio Vargas, solicitando a criação da “Casa de Raymundo Moraes”. Daí se instaurou a primeira tentativa de “patrimonialização” da sua memória. Apesar da reivindicação do grupo de intelectuais do Pará, devido aos importantes serviços prestados às letras amazônicas pelo intelectual paraense, o Governo Federal não assumiu o compromisso de auxiliar na fundação nem na manutenção da “Casa de Raymundo Moraes”, sugerindo em contrapartida a essa petição que cabia tal responsabilidade ao Governo do Estado do Pará. Mas não houve manifestação nem do Governador do Estado do Pará, José Carneiro da Gama Malcher, nem do Prefeito de Belém, Abelardo Condurú. O mesmo descaso aconteceu em relação à biblioteca de Raymundo Moraes. A coleção bibliográfica encontrava-se sob a posse da filha mais velha de Raymundo Moraes, Iolanda Moraes, que ainda residia na capital paraense. Aldo Moraes, Deputado Estadual no Amazonas na época, intermediou o processo de doação da biblioteca pessoal do jornalista e escritor paraense ao Governo do Estado do Amazonas em 1954.

A memória de Raymundo Moraes voltou a ser lembrada apenas na década de 1970 por ocasião da passagem do centenário de seu nascimento, mas também sem a repercussão esperada. Esse centenário deveria ser marcado por um conjunto de homenagens ao autor de *Na Planície Amazônica*, de modo que o 15 de setembro de 1972 fosse uma efeméride das letras na Amazônia. Esse era o desejo dos admiradores e confrades de Raymundo Moraes, tanto no Amazonas como no Pará. Em Manaus, o *Jornal do Comércio* (AM) publicou uma seção especial em memória do jornalista e escritor Raymundo Moraes, relembrando sua vida e sua obra na comemoração do seu natalício. Em homenagem ao escritor paraense foi feita a leitura de um texto de Sílvio Meira (1919-1995), membro da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, cujo Presidente era Arthur César Ferreira Reis (1906-1993) e Vice-presidente José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984), na sessão plenária de seis de novembro de 1972.

As iniciativas de elevar a memória do jornalista e escritor Raymundo Moraes ao plano da monumentalidade literária da Amazônia com o seu processo de panteonização não passaram de tentativas esparsas e sem resultados eficazes para o culto à memória do autor de *Na Planície Amazônica*. Apesar de polímata e polígrafo, conhecedor de vários assuntos amazônicos, especialmente, aprendidos nas vivências no ofício de prático e comandante de gaiolas e no lidar concreto com a natureza e os habitantes dos sertões da Amazônia, Raymundo Moraes, após a sua morte em 1941, foi esquecido e sua obra, portanto, esse intelectual mediador não conseguiu compor a galeria intelectual de interpretação do Brasil, mais especificamente da Amazônia, no Pensamento Social Brasileiro.

FONTES CITADAS

ACERVO ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). RIO DE JANEIRO/ RJ – BRASIL

Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça

IV – ENSAIOS. *Revista da Academia Brasileira De Letras*. Rio de Janeiro, setembro de 1928, número 81, vol. XXVIII. Ano XIX. Edição do Anuário do Brasil, pp. 80-82.

MORAES, Raymundo. *Cartas da Floresta*. Manaus: Editora Livraria Clássica, 1927.

MORAES, Raymundo. *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*. Vol. 1; Vol. 2. Rio de Janeiro: Alba, 1931.

Biblioteca Rodolfo Garcia

MORAES, Raymundo. *À Margem do Livro de Agassiz*. 2ª ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MORAES, Raymundo. *Anfiteatro Amazônico*. São Paulo: Melhoramentos, 1936.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 8ª ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1931.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 2ª ed. Manaus: Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino, 1926.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Manaus: Livraria Clássica Editora, 1926.

MORAIS, Raimundo. *Na Planície Amazônica*. 7ª ed. Brasília: Senado Federal, 2000.

MORAES, Raymundo. *Notas dum Jornalista*. Manaus: Livraria Clássica Editora, 1924.

MORAES, Raymundo. *Notas dum Jornalista*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MORAES, Raymundo. *O Homem do Pacoval*. 2ª ed. Manaus: Imprensa Pública do Amazonas, 2001.

MORAES, Raymundo. *O Homem do Pacoval*. São Paulo: Melhoramentos, 19-?.

MORAES, Raymundo. *País das Pedras Verdes*. Manaus: Imprensa Pública do Amazonas, 1930.

MORAES, Raymundo. *Os Igarauínas*. Romance Amazônico. Costumes Paraenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1938.

MORAES, Raymundo. *Ressuscitados*. Romance do Purus. São Paulo: Melhoramentos, 19-?.

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL. RIO DE JANEIRO/ RJ – BRASIL

Hemeroteca Digital

A ACADEMIA MINEIRA de Letras é um velório de celebridades distritais. *Montanha*, Belo Horizonte, abril de 1961, número três, p. 4. Ano I. Edição 00003 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/xx4803/12>>. Acesso em 12.09.2017.

A AGRESSÃO ao Comandante Raymundo de Moraes. Belém, 27. *A Rua*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 27 de junho de 1917, número 173, p. 2. Ano IV. Edição 000173 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/236403/4723>>. Acesso em 14.11.2017.

A AMAZÔNIA AO CLARÃO dos livros e aos ruídos das visitas. *A Reforma*, Território do Acre, Município do Acre – Cidade Seabra, três de agosto de 1926, número 417, p. 1. Ano IX. Edição 00417 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720640/1655>>. Acesso em 29.09.2017.

A “AMAZÔNIA MISTERIOSA”. *O Paiz*. Rio de Janeiro, sexta-feira, 10 de agosto de 1928, número 16.000, p. 7. Ano XLIV. Edição 16000 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/34973>. Acesso em 29.08.2018.

A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Jornal do Commercio*, Manaus, quarta-feira, cinco de setembro de 1928, número 8496, p. 1. Ano XXV. Edição 8496 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/37411>. Acesso em 29.08.2018.

A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Jornal do Comércio*, Manaus, domingo, nove de setembro de 1928, número 8500, p. 1. Ano XXV. Edição 8500 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/37419>. Acesso em 29.08.2018.

A AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Correio Paulistano*. São Paulo, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 25.083, p. 5. Ano LXXXIV. Edição 25083. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/21905>. Acesso em 27.10.2016.

A ATUALIDADE NOS ESTADOS. NOTÍCIAS por telegramas e por cartas. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 11 de setembro de 1926, número 15.301, p. 5. Ano XLII. Edição 15301(1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/26761>. Acesso em 15.09.2016.

A ATUALIDADE NOS ESTADOS. TELEGRAMAS, CARTAS, INFORMAÇÕES DIÁRIAS. AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, quarta-feira, sete de novembro de 1928, número 16.089, p. 2. Ano XLV. Edição 16089 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/36175>. Acesso em 12.09.2017.

A ATUALIDADE NOS ESTADOS. TELEGRAMAS, CARTAS, INFORMAÇÕES DIÁRIAS. AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 21 de janeiro de 1928, número 15.798, p. 6. Ano XLIV. Edição 15.798 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32708>. Acesso em 18.11.2017.

A ATUALIDADE NOS ESTADOS. TELEGRAMAS, CARTAS, INFORMAÇÕES DIÁRIAS. PARÁ. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 24 de dezembro de 1927, número 15.770, p. 5. Ano XLIV. Edição 15770 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32401>. Acesso em 29.08.2018.

A ATUALIDADE NOS ESTADOS. NOTÍCIAS POR TELEGRAMAS E CARTAS. AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 27 de março de 1927, número 15.498, p. 10. Ano XLIII. Edição 15498 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/29234>. Acesso em 29.08.2018.

A BAHIA DO GUAJARÁ. A Segunda encalhação do “Pará”. Uma sondagem por conta do Lloyd Brasileiro. Modificações hidrográficas. Memorial interessante. *A Capital*, Manaus, quarta-feira, 29 de maio de 1918, número 311, p. 1. Ano II. Edição 00311 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/307149/1192>>. Acesso em 29.05.1918.

A BORDO DO “Lutelia” chegará amanhã da Europa o grande inventor Santos Dumont. Um radiograma do Pai da Aviação aos Diários Associados e uma carta do sr. Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, segunda-feira, oito de junho de 1931, número 516, p. 1. Ano III. Edição 00516 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/6396>. Acesso em 14.09.2016.

ABRANCHES, Vicente. *A.B.C. Política, Atualidade, Questões Sociais, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, quatro de maio de 1929, número 739, p. 4. Ano XV. Edição 00739 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/12649>>. Acesso em 19.11.2017.

ACABA de aparecer: Gastão Cruels, “A Amazônia Misteriosa”. *A Noite*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 31 de julho de 1925, número 4.917, p. 4. Ano XV. Edição 04917 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/14926>. Acesso em 04.10.2017.

ACABA de aparecer: Gastão Cruels, “A Amazônia Misteriosa”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 31 de julho de 1925, número 2.029, p. 2. Ano VII. Edição 02029 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/21809>. Acesso em 04.10.2017.

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. *O Malho*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1924, número 1.113, p. 28. Ano XXIII. Edição 01113 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/52143>>. Acesso em 19.11.2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. REALIZA-SE hoje a eleição para a vaga de Alberto de Faria. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quinta-feira, dez de novembro de 1932, número 4.303, p. 5. Ano XIV. Edição 04303 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/110523_03/16050>. Acesso em 01.10.2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. RETROSPECTO literário de 1926. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, terça-feira, quatro de janeiro de 1927, número 4, p. 2. Ano 99. Edição 00004 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_11/21761>. Acesso em 31.10.2017.

ACADEMIA BRASILEIRA. RECEPÇÃO do professor Arturo Farinelli, concursos de 1927. *Correio Paulistano*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 30 de março de 1927, número 22.877, p. 3. Edição 22877 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/25211>. Acesso em 13.09.2018.

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 297, p. 11. Ano 66. Edição 00297 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_06/15258>. Acesso 31.01.2017.

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. RESSALTADA a visita do Sr. Getúlio Vargas ao escritor Raymundo Moraes. *A Noite*, Rio de Janeiro, sábado, 12 de outubro de 1940, número 10.300, p. 8. Ano XXX. Edição 10300 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&PagFis=5060>. Acesso em 16.05.2016.

A “CASA de Raymundo de Moraes”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1942, número 36, p. 3. Ano 68. Edição 00036 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/10189>. Acesso em 16.02.2017.

A CRÍTICA de Pangloss. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*, Rio de Janeiro, sábado, três de outubro de 1925, número 552, p. 5. Ano XI. Edição 00552 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/9230>>. Acesso em 10.10.2017.

A ELEIÇÃO de hoje na Academia Brasileira de Letras. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 04 de junho de 1931, número 513, p. 1. Ano III. Edição 00513 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/6348>. Acesso em 14.09.2016.

A ENERGIA DO Inspetor. *Estado do Pará*, Belém, segunda-feira, 18 de abril de 1921, número 3.627, p. 1. Ano XI. Edição 03627 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21596>>. Acesso em 14.09.2016.

A EXPANSÃO do livro brasileiro. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, quatro de junho de 1932, número 25, p. 26. Ano XXXIII. Edição 0025 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/5489>. Acesso em 14.09.2016.

AFIM DE apresentar a respectiva fórmula da partilha. *Estado do Pará*, Belém, sexta-feira, 24 de julho de 1914, número 1.198, p. 4. Ano IV. Edição 01198 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/6568>>. Acesso em 01.05.2018.

A GRATIDÃO dos marítimos. *A Noite*, Rio de Janeiro, sexta-feira, quatro de outubro de 1940, número 10.292, p. 2. Ano XXX. Edição 10292 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&PagFis=4922>. Acesso em 25.07.2016.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. Para começar. *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, primeiro de junho de 1909, número 1, p. 2. Ano I. Edição 00001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107468/337>>. Acesso em 01.12.2017.

ALBANO Antony, Aldo Moraes.... *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, dezembro de 1927, número 117, p. 144. Edição 00117 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/8250>>. Acesso em 01.08.2018.

ALVEJADO a tiros o jornalista escapou ao atentado. Belém, 27 (Aéreo). *O Combate*, Maranhão, quarta-feira, 30 de dezembro de 1930, número 3238, p. 4. Ano XII. Edição 03238. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/763705/10582>>. Acesso em 15.08.2017.

AMADO, Gilberto. A Amazônia Misteriosa. *O País*, Rio de Janeiro, segunda e terça-feira, 14 e 15 de setembro de 1925, número 14.939 e 14.940, p. 3. Ano XLI. Edição 14939-14940 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/22515>. Acesso em 04.10.2017.

À MARGEM DO LIVRO DE AGASSIZ de Raymundo Moraes - Edições Melhoramentos. *Correio Paulistano*, São Paulo, domingo, 23 de julho de 1939, número 25.577, p. 9. Ano LXXXVI. Edição 25577 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/30197>. Acesso em 09.12.2018.

À MARGEM DO LIVRO DE AGASSIZ de Raymundo Moraes - Edições Melhoramentos. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, domingo, 13 de agosto de 1939, número 1.298, p. 14. Ano LXXXVI.

Edição 25577 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/107670_03/19000>. Acesso em 09.12.2018.

AMAZONAS. *O País*, Rio de Janeiro, segunda-feira, primeiro e terça-feira, dois de agosto de 1927, número 15.625-15.626, p. 6. Ano XLIII. Edição 15625 - 15626 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/30608>. Acesso em 14.09.2017.

A. M. M. O mirante do baixo Amazonas, de Raimundo Mores. Edições da Comp. Melhoramentos. *O Dia*, Curitiba, quarta-feira, 25 de agosto de 1938, número 4.624, p. 3. Ano XXIII. Edição 4624 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/5176>. Acesso em 14.12.2018.

A MORTE de Raymundo Moraes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 6.644, p. 6. Ano XXIII. Edição 06544 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/5176>. Acesso em 16.05.2016.

ANDRADE, Mario de. A Raimundo Moraes. *Diario Nacional*, São Paulo, domingo, 20 de setembro de 1931, número 1.262, p. 3. Ano V. Edição 01262 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/213829/13548>>. Acesso 27.11.2017.

ANNA AMELIA. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 27 de setembro de 1931, número 467, p. 21. Ano II. Edição B00467 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/7175>. Acesso 12.05.2018.

À NOSSA Geração, que criou o Estado Brasileiro, cumpre reorganizar o processo econômico da Amazônia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 6.544, p. 4. Ano XXII. Edição 06544. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&PagFis=3556>. Acesso 20.07.2016.

A PALAVRA do Chefe do Governo e a repercussão no país. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, sábado, seis de julho de 1940, número 1.569, p. 13. Ano VI. Edição 01569. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_04&PagFis=2331>. Acesso em 06.04.2016.

APRESENTAÇÃO. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, março de 1920, número 1, p. 5. Ano I. Edição 00001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/5>>. Acesso em 01.12.2017.

A PRIMERIA edição do belo e notável livro. *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de maio de 1926, número 530, p. 1. Ano XV. Edição 00530 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/101478/1556>>. Acesso em 12.09.2017.

A PRÓXIMA viagem do Presidente da República ao Pará. Os preparativos para a recepção festiva. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, sábado, cinco de outubro de 1940, número 233, p. 5. Ano 66. Edição 00233 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_07&PagFis=3049>. Acesso em 25.07.2016.

A REFORMA DA Academia. Os Debates – A Proposta de Cassiano Ricardo – Fala a “Vamos Ler!” o autor do projeto. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1940, número 222, p. 51. Ano V. Edição 00222 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/10711>>. Acesso em 02.10.2018.

ARQUIVO, Biblioteca e Imprensa Pública do Amazonas. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, primeiro de fevereiro de 1930, número 16.540, p. 5. Ano XLVI. Edição 16540 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_06/303>. Acesso em 02.10.2018.

AS ELEIÇÕES de Hoje na Academia Brasileira. Vários são os candidatos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, sete de abril de 1932, número 11.447, p. 3. Ano XXXI. Edição 11447 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/11141>. Acesso em 02.10.2018.

AS GRANDES REPORTAGENS do momento. 15 mil cruzeiros para ficar quieto. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, dois de abril de 1946, número A04060, p. 12. Ano XVIII. Edição A04060 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/32815>. Acesso em 25.10.2018.

ATHAYDE, Austregesilo de. Foi um brasileiro ilustre. *Diário de Pernambuco*, Recife, quinta-feira, 13 de fevereiro de 1941, p. 4. Número 37. Ano 116. Edição 00037 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader/029033_12/4064>. Acesso em 18.08.2016.

ATHENEU Belenense. *O Pará*, Belém, segunda-feira, 12 de março de 1900, número 679, p. 2. Ano III. Edição 00679 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/306223/2661>>. Acesso em 08.11.2017.

AYRES, Mathias. O revelador da Amazônia. *Correio Paulistano*, São Paulo, sábado, 26 de setembro de 1936, número 24.703, p. 5. Ano LXXXVII. Edição 24703 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/14395>. Acesso em 11.12.2018.

A VIAGEM do sr. Getúlio Vargas à Amazônia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 5.507, p. 3. Ano XI. Edição 05507 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&PagFis=3058>. Acesso em 14.05.2016.

A VIAGEM do sr. Getúlio Vargas à Amazônia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 5.507, p. 4. Ano XI. Edição 05507 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&PagFis=3059>. Acesso em 14.05.2016.

A VIDA MUNDANA. Luto. *Estado do Pará*, Belém, terça-feira, 21 de novembro de 1916, número 2.047, p. 2. Ano VI. Edição 02047 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/12935>>. Acesso em 01.05.2018.

A VIDA MUNDANA. Luto. *Estado do Pará*, Belém, segunda-feira, 20 de novembro de 1916, número 2.047, p. 2. Ano VI. Edição 02047 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/12935>>. Acesso em 01.05.2018.

AZEVEDO, Raul de. Um livro. *Ilustração Brasileira (FRA)*, Rio de Janeiro, maio de 1926, número 69, p. 35. Ano VII. Edição 00069 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10371>>. Acesso em 29.09.2017.

BARRETO FILHO, M. X. Paes. Cotas. I – “Na Planície Amazônica”. *Acadêmico*, Manaus, 10 de novembro de 1926, número 3, p. 2. Ano I. Edição 00003 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/850551/10>>. Acesso 31.10.2017.

BIBLIOGRAFIA. RAYMUNDO Moraes. “Traços a esmo”. 1908. Tipografia Elzeviriana. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, julho de 1908, número 1, p. 1130. Ano XXVIII. Edição 00053 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/008567/19917>>. Acesso em 14.09.2017.

BIBLIOGRAFIA. RAYMUNDO Moraes. “Traços a esmo”. 1908. Tipografia Elzeviriana. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, julho de 1908, número 1, p. 1131. Ano XXVIII. Edição 00053 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/008567/19918>>. Acesso em 14.09.2017.

BIBLIOGRAFIA. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, maio de 1928, número 122, p. 35. Edição 00122 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/8750>>. Acesso em 27.09.2017.

BITTENCOURT, Agnello. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, sexta-feira, 15 de setembro de 1972, número 21.080, p. 7. Ano LXVIII. Edição 21080 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/103069>. Acesso em 21.04.2017.

BOLETIM Eleitoral. Eleição Estadual. *Estado do Pará*, Belém, quinta-feira, 11 de julho de 1912, número 457, p. 1. Ano II. Edição 00457 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/1829>>. Acesso em 05.06.2018.

BRUTALIDADES contra a Imprensa. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, sábado, 16 de abril de 1932, número 664, p. 1. Ano III. Edição 00664 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/9641>. Acesso em 30.09.2016.

CARDOSO, Emily. Leandro Tocantins, Belém merece uma condecoração. *Diário do Pará*, Belém, quinta-feira, 15 de janeiro de 1987, número 1.287, p. 17. Edição 01287 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/644781/20883>>. Acesso 25.10.2017.

CARLOS RUBENS. O estrangeirismo da arte marajoara. *O Malho*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1937, número 225, p. 14. Ano XXXVI. Edição 000225 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/88279>>. Acesso em 15.06.2018.

“CARTAS DA FLORESTA”. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 14 de julho de 1928, número 15.973, p. 4. Ano XLIV. Edição 15973 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/34624>. Acesso em 19.11.2017.

“CARTAS DA FLORESTA”. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 22 de janeiro de 1928, número 15.799, p. 2. Ano XLIV. Edição 15799 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32714>. Acesso em 19.11.2017.

“CARTAS DA FLORESTA”. *Jornal do Commercio*, Manaus, oito de janeiro de 1928, número 8.293, p. 1. Ano XXV. Edição 08293 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/36457>. Acesso em 19.11.2017.

CASSAÇÕES DO DIA atingem oito: direitos e mandatos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 11 de junho de 1964, número 11.112, p. 1. Ano XXXV. Edição 11112 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_05/16866>. Acesso 02.07.2018.

CASTELO ASSINA novas cassações: posta a nu a corrupção no Pará. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 11 de junho de 1964, número 13.203, p. 1. Ano XLIII. Edição 13203 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/36321>. Acesso 02.07.2018.

CARVALHO, Affonso de. Vida, Paixão e Morte de 1927. Vida Literária. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1927, número 2, p. 20. Ano XXIX. Edição B00002 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_02/15299>. Acesso em 27. 09. 2017.

CARVOEIRA da Amazônia. Lemos n’ *A Província do Pará. Correio do Norte- Órgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas*, Manaus, quarta-feira, seis de abril de 1910, número 404, p. 2. Ano II. Edição 00404 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/228095/1586>>. Acesso em 29.03.2018.

CAVALCANTE, Antenor. Cartas ao “Rebate”. *O Rebate*, Sobral, sábado, 24 de junho de 1911, número 10, p. 1. Ano V. Edição 00010 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/721255/658>>. Acesso em 14.11.2017.

CAVALCANTI, Valdemar. Livros & Ideias. Reedições. Na Planície Amazônica, de Raimundo Moraes (Editora Conquista). *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, maio de 1961, número 303, p. 31. Ano XXVI. Edição 00303 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/123021/39708>>. Acesso em 21.09.2017.

CAPITAL Federal. *Jornal do Commercio*, Manaus, quarta-feira, 22 de dezembro de 1937, número 11.362, p. 4. Ano XXXIV. Edição 11362 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/41205>. Acesso 31.01.2017.

CRÔNICA. *A Cigarra*, São Paulo, primeira quinzena de julho de 1928, número 328, p. 1. Ano XV. Edição 0328 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/12208>>. Acesso em 01.12.2017.

CRÔNICA. *A Cigarra*, São Paulo, segunda quinzena de julho de 1926, número 281, p. 23. Ano XIV. Edição 00281 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/10330>>. Acesso em 20.10.2017.

CRÔNICA SEMANAL. *Voz do Chauffeur*, Rio de Janeiro, cinco de julho de 1926, número 95, p. 8. Ano III. Edição 00095 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/343390/1039>>. Acesso em 20.10.2017.

COMO se faz no Pará. Belém, 15. *A Provincia*, Recife, sábado, 16 de abril de 1932, número 36, p. 1. Ano LXI. Edição 00036 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/128066_02/27462>. Acesso em 29.09.2016.

CONDÉ, José. Escritores e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 22 de dezembro de 1960, número 20.781, p. 2. Ano LX. Edição 20781 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/13648>. Acesso em 21.09.2017.

CONSAGRAÇÃO de um livro. O Dr. Washington Luís e a Lenda Amazônica da “Boiúna”. *O País*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 26 de agosto de 1926, número 15.285, p. 4. Ano XLII. Edição 15285 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/26556>. Acesso em 14.09.2017.

CONVITE. Sociedade de São Vicente de Paulo. *Jornal do Comercio*, Manaus, sábado, quatro de junho de 1949, número 15.072, p. 6. Ano XLV. Edição 15072 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/154395>. Acesso em 09.10.2018.

DESAPARECE Raymundo de Moraes. O grande estudioso da vida amazônica. *O Dia*, Curitiba, quinta-feira, 16 de dezembro de 1937, número 4.416, p. 8. Ano XV. Edição 04416 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/092932/35363>>. Acesso em 29.09.2016.

DE TUDO UM POUCO. Dicionário das Cousas da Amazônia (Raymundo Moraes). *O Malho*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1933, número oito, p. 33. Ano XXXII. Edição 0008 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/78570>>. Acesso em 10.12.2018.

DIA SOCIAL. Academia Paraense de Letras. *Estado do Pará*, Belém, domingo, 31 de agosto de 1913, número 872, p. 3. Ano III. Edição 00872 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/4281>>. Acesso em 29.05.2018.

DIA SOCIAL. Aniversários. *Estado do Pará*, Belém, sábado, 16 de setembro de 1911, número 160, p. 2. Ano I. Edição 00160 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/650>>. Acesso em 29.05.2018.

DIREITO & Justiça. Inquérito investiga denúncias contra Amazonino Mendes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, terça-feira, 22 de maio de 2001, número 190, p. B-9. Ano CLXXIV. Edição 00190 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_19/20866>. Acesso 27.10.2017.

DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO. Acréscimo de nove milhões de cruzeiros nas despesas da Guerra. Na Comissão de Educação e Cultura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, cinco de agosto de 1948, número 16.988, p. 3. Ano XLVIII. Edição 16988 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/42726>. Acesso 25.10.2018.

DOADA ao Estado do Amazonas a Biblioteca de Raimundo Moraes. *Jornal do Comercio*, Manaus, sexta-feira, 15 de outubro de 1954, número 13643, quarta página. Ano L. Edição 13643 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&PagFis=54359>. Acesso 17.06.2016.

DO AMAZONAS AO PRATA. PARÁ. Concessão de “habeas-corpus” em favor do escritor- autor do “Na Planície Amazônica”. Belém, 17. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 18 de janeiro de 1931, número 221, p. 6. Ano II. Edição 00221 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/3499>. Acesso em 06.02.2017.

DOIS Habeas corpus. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, domingo, 23 de janeiro de 1931, número 790, p. 6. Ano IV. Edição 00790 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_02/3771>. Acesso em 12.09.2018.

DO MÊS que passou. *O Malho*, Rio de Janeiro, março de 1941, número 14, p. 30. Ano XL. Edição 0014. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&PagFis=93457>>. Acesso em 05.04.2016.

DUZENTAS mil pessoas foram a Belém para saudar o chefe da nação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 6.544, p. 5. Ano XXII. Edição 06544. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&PagFis=3557>.

Acesso em 16.05.2016.

EDUSP: 1.500 títulos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, primeiro de junho de 1980, número 187, p. 7. Ano IV. Edição 00187 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/098116x/8945>>. Acesso em 22.09.2017.

ELEIÇÃO na Academia de Letras. *A Notícia*, Joinville, sexta-feira, 11 de novembro de 1932, número 1284, p. 4. Ano XI. Edição 01284 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843709/2523>>. Acesso em 02.10.2018.

ESCRITORES E LIVROS. Raymundo Moraes – Na Planície Amazônica – Civilização Brasileira Editora – Rio – 1931 - 6\$. *Fon Fon!*, Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1932, número 1, p. 10. Ano XXVI. Edição 0001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/259063/78606>>. Acesso em 07.09.2017.

ESCRITORES NORTISTAS. *Jornal do Commercio*, Manaus, sexta-feira, oito de junho de 1928, número 8.423, p. 1. Ano XXV. Edição 8423 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/37101>. Acesso em 14.09.2018.

ESPERADO EM Belém, o Presidente Getúlio Vargas. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, sábado, cinco de outubro de 1940, número 3.776, p. 5. Ano XIII. Edição 3776 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&PagFis=2718>. Acesso em 25.07.2016.

ESPERADO NO Pará o sr. Getúlio Vargas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, terça-feira, primeiro de outubro de 1940, número 14.083, p. 2. Ano XL. Edição 14083 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&PagFis=3352>. Acesso em 25.07.2016.

ESTÁ na Amazônia o presidente Vargas. *Diário da Tarde*, Curitiba, segunda-feira, sete de outubro de 1940, número 13.734, p. 9. Ano 42. Edição 13734 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=58488>>. Acesso em 25.07.2016.

EXAMES. *O Liberal do Pará – Órgão do Partido Liberal*, Belém do Pará, sexta-feira, dez de dezembro de 1880, número 279, p. 1. Ano XII. Edição 00279 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/12275>>. Acesso em 15.05.2018.

- EXPOSIÇÃO DE ARTE Sacra. A Ceia do Senhor e o Presépio Maravilha. *Jornal do Comercio*, Manaus, domingo, 14 de junho de 1942, número 12.953, p. 4. Ano XXXIX. Edição 12.953. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/43536>. Acesso em 09.10.2018.
- FALECE O piloto das águas ciclópicas do Amazonas legendário. *A Notícia*, Joinville, quarta-feira, 15 de dezembro de 1937, número 2.760, p. 3. Ano XVI. Edição 02760 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843709/15069>>. Acesso em 29.09.2016.
- FALECEU O ESCRITOR Raymundo de Moraes. *O Imparcial*, São Luiz, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 5.779, p. 8. Ano VI. Edição 05779 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/20831>>. Acesso em 06.02.2017.
- FALECEU O JORNALISTA e escritor paraense Raymundo Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, sexta-feira, sete de fevereiro de 1941, número 30, p. 7. Ano XLIII. Edição 00030B (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/65893>>. Acesso em 18.08.2016.
- FALECEU RAYMUNDO de Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, quarta-feira, 15 de dezembro de 1937, número 282, p. 4. Ano XXXIX. Edição 00282 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/60340>>. Acesso 31.01.2017.
- FERNANDES, Carlos D.. Campo de Joio. “Paiz das Pedras Verdes” - Raymundo Moraes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, sábado, cinco de julho de 1930, número 16.623, p. 1. Ano XLVI. Edição 16623 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_06/1745>. Acesso 12.05.2018.
- FERNANDES, Carlos D.. Menina e Musa. *O País*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 25 de abril de 1930, número 16.693, p. 1. Ano XLVI. Edição 16693 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_06/1057>. Acesso 27.10.2017.
- FERNANDES, Carlos D.. Autores e Livros. Cartas da Floresta, Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 20 e terça-feira, 21 de fevereiro de 1928, número 15.828 e 15.829, p. 3. Ano XLIV. Edição 15828- 15829 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/33025>. Acesso em 08.08.2016.
- FERNANDES, Carlos D. Autores e Livros. Na Planície Amazônica, Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 23 de junho de 1926, número 15.221, p. 1. Ano XLII. Edição 15221. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/25749>. Acesso em 08.06.2015.
- FERNANDES, Carlos D. Autores e Livros. Na Planície Amazônica, Raymundo Moraes, Manaus, 1926. *O País*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 16 de junho de 1926, número 15.214, p. 1. Ano XLII. Edição 15214. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/25665>. Acesso em 08.06.2015.

FIM DO Anonimato. Editoras universitárias começam a ganhar um lugar ao sol no mercado do livro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, sábado, 24 de janeiro de 1981, número 289, p. 37. Ano XC. Edição 00289 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/19493>. Acesso em 22.09.2017.

FIRMO, José. Finalidade Interpretativa. *O Triangulo*, Araguary, segunda-feira, 24 de fevereiro de 1941, número 624, p. 2. Ano XII. Edição 00624 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/765090/910>>. Acesso em 18.08.2016.

FIRMO, José. Finalidade Interpretativa. *Cidade De Goiás*, Goiás, sábado, dois de março de 1941, número 116, p. 1. Ano III. Edição 00116 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800139x/185>>. Acesso em 18.08.2016.

FOI PREMIADA “Na Planície Amazônica”, de Raymundo Moraes. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 13 de novembro de 1927, número 15.729, p. 2. Ano XLIV. Edição 15729 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/31936>. Acesso em 13.09.2018.

FOI um brasileiro ilustre. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 4.176, p. 2. Ano XIII. Edição 04176 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/6018>. Acesso em 18.08.2016.

FOLHETOS E Revistas. *Correio Paulistano*, São Paulo, quinta-feira, dois de outubro de 1930, número 23.983, p. 2. Edição 23983 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/4040>. Acesso em 19.11.2017.

FONSECA, Gondin. Pathé - Jornal. *A Manhã*, Rio de Janeiro, domingo, 18 de março de 1928, número 695, p. 3. Ano IV. Edição 00695 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/116408/4735>>. Acesso em 04.10.2017.

F. R. Amazônia Misteriosa. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 25 de agosto de 1928, número 16.015, p. 3. Edição 16015 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/35165>. Acesso em 29.08.2018.

FREGUESIA. *Fon Fon!*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1907, número 1, p. 3. Ano I. Edição 0001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/259063/3>>. Acesso em 13.12.2017.

GARCIA, Waldemar. Um pouco do Brasil bem brasileiro. Ressuscitados – Romance do Alto – Purus. *Correio Paulistano*, São Paulo, terça-feira, nove de maio de 1939, número 25.512, p. 6. Ano LXXXV. Edição 25512 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/29118>. Acesso em 19.11.2017.

GRAÇA ARANHA, Mesmo Depois de Morto, Agita o “Petit Trianon”. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, dois de junho de 1931, número 1041, p. 1. Ano V. Edição 01041. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/297984/2244>>. Acesso em 29.09.2018.

GRANDE perda para as nossas letras. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 30, p. 3. Ano 67. Edição 00030. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/4753>. Acesso em 23.08.2016.

GUIMARÃES, Moreira. *Brasileana – Revista de boas letras: língua portuguesa, ciência, arte e filosofia*, Rio de Janeiro, abril de 1928, número 14, p. 212. Ano IV. Edição 0014 (3). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/403920/3024>>. Acesso 31.10.2017.

GUIMARÃES, Moreira. *Brasileana – Revista de boas letras: língua portuguesa, ciência, arte e filosofia*, Rio de Janeiro, abril de 1928, número 14, p. 213. Ano IV. Edição 0014 (3). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/403920/3025>>. Acesso 31.10.2017.

GUIMARÃES, Moreira. *Brasileana – Revista de boas letras: língua portuguesa, ciência, arte e filosofia*, Rio de Janeiro, abril de 1928, número 14, p. 214. Ano IV. Edição 0014 (3). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/403920/3026>>. Acesso 31.10.2017.

H. A.. “Bric á Brac”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, sábado, cinco de dezembro de 1931, número 533, p. 10. Ano II. Edição 00533 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/8064>. Acesso em 01.10.2018.

HOMENAGEM AO ESCRITOR DA “Planície Amazônica”. A festa de amanhã na Associação dos Artistas Brasileiros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 11 de março de 1931, número 441, p. 1. Ano III. Edição 00441 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/5202>. Acesso em 14.09.2016.

HOMENAGEM AO ESCRITOR RAYMUNDO Moraes. O autor do “País das Pedras Verdes” falará dos homens e das coisas do Amazonas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 12 de março de 1931, número 442, p. 1. Ano III. Edição 00442 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/5211>. Acesso em 14.09.2016.

HOMENAGEM A UM escritor nortista. O almoço de hoje ao sr. Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, sábado, 16 de maio de 1931, número 497, p. 4. Ano III. Edição 00497 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/6095>. Acesso em 14.09.2016.

INEDITORIAIS. Praticagem do Amazonas. *O Democrata – Órgão do Partido Republicano Democrático*, Pará, sexta-feira, 18 de agosto de 1893, número 185, p. 2. Ano IV. Edição 00185 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/186171/3995>>. Acesso em 29.05.2018.

INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. O HOMEM DO PACOVAL. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, abril de 1939, número 253, p. 36. Ano XIX. Edição 00253 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/62373>>. Acesso em 05.12.2018.

INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. RESSUSCITADOS. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, abril de 1939, número 253, p. 36. Ano XIX. Edição 00253 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/62373>>. Acesso em 05.12.2018.

INFORMAÇÕES. ACADEMIA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, sábado, nove de abril de 1932, número 657, p. 6. Ano III. Edição 00657 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/9552>. Acesso em 02.10.2018.

INFORMAÇÃO LITERÁRIA Colt. Lançada a 6ª Edição de “A Planície Amazônica”. *O Dia*, Curitiba, quinta-feira, 12 de janeiro de 1931, número 11.638, p. 3. Edição 11638 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/092932/107594>>. Acesso em 15.09.2016.

INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. PRODUÇÕES literárias, Manaus, 5. *A Reforma*, Território do Acre – Município de Tarauacá, Cidade Seabra, domingo, 15 de janeiro de 1928, número 484, p. 4. Ano XI. Edição 00484 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/720640/1926>>. Acesso em 12.09.2018.

INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. SERVIÇO Especial e direto d’ A Reforma. Washington Luiz em Belém. Manaus, 28. Washington Luiz em Belém. *A Reforma*, Território do Acre, Município do Acre – Cidade Seabra, domingo, oito de agosto de 1926, número 409, p. 1. Ano IX. Edição 00409 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720640/1623>>. Acesso em 29.09.2017.

INFORMAÇÕES TELEGRÁFICAS. UM LIVRO A MAIS, Manaus, 20. *A Reforma*, Território do Acre – Município de Tarauacá, Cidade Seabra, segunda-feira, 23 de outubro de 1927, número 472, p. 4. Ano X. Edição 00472 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720640/1878>>. Acesso em 14.11.2017.

INUNDAÇÃO – de Raymundo Moraes. *O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1931, número 36, p. 10. Ano III. Edição 0036 (1). Disponível <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/5309>>. Acesso em 04.09.2017.

JOÃO JOSÉ. “Vida Social. Um prelo animado”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, sexta-feira, oito de abril de 1932, número 11.448, p. 6. Ano V. Edição 1552 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/11158>. Acesso em 01.10.2018.

LÁPIS DE ISRAEL CISNEIROS FEZ HISTÓRIA NO DIÁRIO DA NOITE. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, seis de outubro de 1959, número 11.321, p. 17. Ano. Edição 11321 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_03/72421>. Acesso em 25.10.2018.

LEITE, Marcelo. Os Viajantes. *Diário do Pará*, Belém, domingo, 08 de maio de 1988, número 1.552, p. D - 9.

LEITURA. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, junho de 1931, número 159, p. 148. Edição 00159 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/15097>>. Acesso em 28.11.2017.

LIGA Maritita (sic). *O Pará*, Belém, segunda-feira, cinco de junho de 1899, número 452, p. 2. Ano II. Edição 00452 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/306223/1773>>. Acesso em 15.05.2018.

LIMA, Benjamin. A Leitura da Semana – Letras Amazônicas. Dois poetas e um prosador a quem o deslumbramento da Planície não tem despaizado. “País das Pedras Verdes”, de Raymundo Moraes. Imprensa Pública do Amazonas. Manaus, 1930. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, domingo, 22 de fevereiro de 1931, número 815, p. 2. Edição 00815 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_02/4063>. Acesso em 19.11.2017.

LITERATURA R.J. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, quinta-feira, cinco de janeiro de 1961, número 9.978, p. 6. Ano XXXIII. Edição 09978 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_05/4554>. Acesso em 21.09.2017.

LIVRARIA CARIOCA. Tocantins & C.. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 11 de março de 1928, número 15.848, p. 11. Ano XLIV. Edição 15848 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/33217>. Acesso em 19.11.2017.

LIVROS. ALUVIÃO – Raymundo de Moraes, Civilização Brasileira S. A. – 1937. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 15 de agosto de 1937, número 3.540, p. 4. Ano VIII. Edição 3540 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/32527>. Acesso em 03.09.2017.

LIVROS NOVOS. *A Batalha*, Rio de Janeiro, primeiro de fevereiro, número 4.440, p. 5. Ano XII. Edição 04440 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/175102/20280>>. Acesso em 03.09.2017.

LIVROS NOVOS. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1931, número 1.026, p. 3. Ano V. Edição 01026 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/297984/2156>>. Acesso em 28.11.2017.

LIVROS NOVOS. “ALUVIÃO” – Raymundo de Moraes, Civilização Brasileira. *O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1937, número 42, p. 42. Ano IX. Edição 0042. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/20421>>. Acesso em 03.09.2017.

LIVROS NOVOS. À MARGEM do livro de Agassiz – Raymundo de Moraes - Edições Melhoramentos. *A Cigarra*, Rio de Janeiro – São Paulo, outubro de 1939, número 67, p. 126. Ano XVIII. Edição 00067 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/27777>>. Acesso em 19.11.2017.

LIVROS NOVOS. ANFITEATRO AMAZÔNICO. *A Nação*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1937, número 1.387, p. 11. Ano V. Edição 01387 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/120200/18338>>. Acesso em 11.12.2018.

LIVROS NOVOS E USADOS. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 11 de dezembro de 1937, número 1, p. 21. Ano XXXIX. Edição 00001 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/025909_03/19261>. Acesso em 31.01.2017.

LIVROS NOVOS. NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. Comp. Editora Nacional – São Paulo. *O Dia*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 26 de agosto de 1936, número 3.652, p. 3. Ano XIV. Edição 03652 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/092932/32191>>. Acesso em 15.09.2017.

LIVROS NOVOS. “O MEU DICIONÁRIO DAS COUSAS DA AMAZONIA” - RAYMUNDO MORAES – 1931. *A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, dois de junho de 1931, número 432, p. 2. Ano Edição 00432 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/175102/3458>>. Acesso em 28.11.2017.

LIVROS NOVOS. OS IGARÚNAS, de Raymundo de Moraes – (Civilização Brasileira S. A. Editora – Rio). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1938, número 37, p. 13. Ano XXXIX. Edição 00037. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/21049>. Acesso em 03.09.2017.

LIVROS NOVOS. “OS IGARÚNAS”, Romance de Raymundo Moraes. *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1938, número 34, p. 17. Ano X. Edição 00034. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/003581/23155>>. Acesso em 04.11.2018.

LIVROS NOVOS. PAÍS DAS PEDRAS VERDES, DE RAYMUNDO Moraes (Manaus-1930). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1930, número 43, p. 4. Ano XXXI. Edição 00043 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/1901>. Acesso 27.10.2017.

LIVROS NOVOS. RESSUSCITADOS. *Jornal Pequeno*, Recife, quatro de fevereiro de 1939, número 39, p. 1. Ano XLI. Edição 00029 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/62373>>. Acesso em 01.12.2018.

LIVROS NOVOS. RESSUSCITADOS, de Raymundo Moraes. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1939, número 20, p. 25. Ano XL. Edição 00020 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/22846>. Acesso em 19.11.2017.

LIVROS & REVISTAS. PUBLICAÇÕES que nos enviaram. *Jornal do Commercio*, Manaus, quarta-feira, 14 de dezembro de 1927, número 8.271, p. 1. Ano XXIV. Edição 08271 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/36371>. Acesso em 08.08.2017.

LOBATO, Silva. O lindo sonho de um caçador de símbolos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 22 de março de 1931, número 282, p. 19. Ano II. Edição 00282 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/4473>. Acesso em 18.09.2018.

LOPES, Oscar. Crônica de Livros. Gastão Cruls – “Amazônia Misteriosa”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 21 de agosto de 1925, número 4.624, p. 4. Ano XIV. Edição 04624 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/107670_02/24016>. Acesso em 04.10.2017.

LYRA FILHO, João. Indicador Bibliográfico. País das Pedras Verdes - Raymundo Moraes. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 30 de abril de 1931, número 1.013, p. 2. Ano V. Edição 01013 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/008567/67865>>. Acesso 27.10.2017.

MACHADO DE ASSIS – Raimundo Moraes – Instituto Lauro Sodré – Belém do Pará - 1939. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, janeiro e fevereiro de 1939, número 137, p. 707. Ano LVIII. Edição 00137 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/297984/2079>>. Acesso 09.12.2018.

MAIA, Agaciel da Silva. Páginas da história. *Correio Braziliense*, Brasília, sábado, 13 de dezembro de 2003, número 14.818, p. A - 21. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_05/55648>. Acesso em 26.09.2017.

MAIS UMA HOMENAGEM do Aero Club do Brasil a Santos Dumont. *A Noite*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 11 de maio de 1953, número 14.397, p. 20. Ano XLII. Edição 14397 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/18487>. Acesso em 25.10.2017.

MALATO, João. “Na Planície Amazônica” – o novo livro de Raymundo Moraes. *Alto Madeira*, Porto Velho, 13 de junho de 1926, número 936, p. 1. Ano X. Edição 00936 (2). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843911/2573>>. Acesso em 31.10.2017.

MALATO, João. “Na Planície Amazônica” – o novo livro de Raymundo Moraes. *Alto Madeira*, Porto Velho, 13 de junho de 1926, número 936, p. 2. Ano X. Edição 00936 (2). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843911/2574>>. Acesso em 31.10.2017.

MAUL, Carlos. O Revelador da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 13 de fevereiro de 1941, número 14.196, p. 4. Ano XL. Edição 14196 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/5156>. Acesso em 17.08.2016.

MEDEIROS, Amaury de. A Amazônia Misteriosa. *Jornal Pequeno*, Recife, quinta-feira, 20 de agosto de 1925, número 186, p. 1. Ano XXVII. Edição 00186 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/38832>>. Acesso em 04.10.2017.

MEIRA, Sílvio. O Centenário de Raymundo Moraes. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, outubro/ dezembro de 1972, número 8, p. 37. Ano 2. Edição 00008 (4). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/233501/1536>>. Acesso em 21.04.2017.

MEIRA, Sílvio. O Centenário de Raymundo Moraes. *Diário do Paraná*, Curitiba, terça-feira, 14 de novembro de 1972, número 5.207, p. 2. Ano XVIII. Edição 05207 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/89419>>. Acesso em 21.04.2017.

MELLO, Dirce. Vitraes. Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, sexta-feira, 14 de fevereiro de 1941, número 26.05, p. 5. Ano LXXXVII. Edição 26057. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/5124>. Acesso em 05.04.2016.

MENSAGENS do Governador do Amazonas para a Assembleia. Manaus, 14 de julho de 1923, p. 130. Edição 00001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/872784/5949>>. Acesso em 14.11.2017.

MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*, Manaus, terça-feira, 14 de novembro de 1972, número 5.207, p. 2. Ano XVIII. Edição 05207 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/103070>. Acesso em 21.04.2017.

MORAES, Aldo. Destino. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1933, número três, p. 28. Ano XXXV. Edição 00003 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/9019>. Acesso em 02.07.2018.

MORAES, Aldo. A Montanha da Noite. *Gazeta do Comercio*, Três Lagoas, 23 de maio de 1926, número 261, p. 1. Ano VI. Edição 00261 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/715751/108>>. Acesso em 02.07.2018.

MORAES, Miriam. Cósmico. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1941, número sete, p. 52. Ano XXXV. Edição 0007 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/259063/104299>>. Acesso em 15.06.2018.

MORAES, Raymundo. O Brasil Maravilhoso. *Carioca*, Rio de Janeiro, dez de outubro de 1936, número 51, p. 5. Edição 00051 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830259/3105>>. Acesso em 15.06.2018.

MORAES, Aldo. MORAES, Raymundo: um século. *Jornal do Comércio*, Manaus, terça-feira, 14 de novembro de 1972, número 5.207, p. 2. Ano XVIII. Edição 05207 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/103070>. Acesso em 21.04.2017.

MORREU, EM BELÉM, o ilustre escritor Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, quarta-feira, 15 de dezembro de 1937, número 25.081, p. 2. Ano LXXXIV. Edição 25.081 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/21870>. Acesso em 27.10.2016.

MORREU O CRONISTA da Amazônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de dezembro de 1937, número 13.220, p. 3. Ano XXXVII. Edição 13220 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/43971>. Acesso em 06.02.2017.

MORREU RAYMUNDO Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de dezembro de 1937, número 3.111, p. 13. Ano IX. Edição 03111 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/35372>. Acesso em 25.01.2017.

NA ACADEMIA BRASILEIRA – Os trabalhos na última semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, sexta-feira, primeiro de abril de 1931, número 78, p. 20. Ano XLI. Edição 00078 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/12084>. Acesso 27.10.2017.

NÃO FALECEU o escritor Raymundo de Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 284, p. 3. Ano XXXIX. Edição 00284 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/60351>>. Acesso 31.01.2017.

NÃO MORREU o escritor Raymundo de Moraes. *Diário de Pernambuco*. Recife, quarta-feira, 22 de dezembro de 1937, número 342, p. 5. Ano 113. Edição 00342 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/27291>. Acesso em 06.02.2017.

NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. *Jornal do Commercio*, Manaus, quarta-feira, 14 de abril de 1926, número 7.846, p. 2. Ano XXIII. Edição 07846 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/34200>. Acesso em 09.09.2017.

“NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”, DE RAYMUNDO MORAES. O nosso ilustre colaborador tem sido muito felicitado. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 19 de novembro de 1927, número 15.735, p. 4. Ano XLIV. Edição 15735 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32012>. Acesso em 13.09.2018.

NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 17 de outubro de 1926, número 15.337, p. 10. Ano XLIII. Edição 15337 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/27350>. Acesso em 14.09.2017.

“NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *O País*, Rio de Janeiro, domingo, 13 de fevereiro de 1927, número 15.456, p. 4. Ano XLIII. Edição 15456 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/28796>. Acesso em 14.09.2017.

NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. A VIGOROSA obra do exímio escritor Raymundo Moraes. *Jornal Pequeno*, Recife, seis de dezembro de 1926, número 278, p. 3. Ano XXVIII. Edição 00278 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/41157>>. Acesso em 28.09.2017.

NO MUNDO das ideias. Amazônia. *O Semanário*, Rio de Janeiro, sete a 14 de janeiro de 1961, número 244, p. 10. Ano VI. Edição 00244 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/149322/3488>>. Acesso em 15.09.2017.

NO NORTE do País o Presidente da República. Como falou o sr. Getúlio Vargas no banquete que lhe ofereceram as classes conservadoras. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 14.089, p. 3. Ano XL. Edição 14089 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&PagFis=3456>. Acesso em 25.07.2016.

NO PÓRTICO. *A Reforma*, Território do Acre, Departamento de Tarauacá – Vila Seabra, domingo, 12 de maio de 1918, número 1, p. 1. Ano X. Edição 00001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720640/1>>. Acesso 30.11.2018.

NOSSA LITERATURA NO JAPÃO. *O País*, Rio de Janeiro, segunda-feira, nove, e terça-feira, dez de maio de 1927, número 15.541 e 15.542, p. 2. Ano XLIII. Edição 15541 - 15542 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/29666>. Acesso em 14.09.2017.

NOSSA LITERATURA NO JAPÃO. *O Estado*, Florianópolis, sábado, 28 de maio de 1927, número 3.897, p. 2. Ano XIII. Edição 03897 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/098027_02/11778>. Acesso em 12.09.2017.

NOTAS DUM JORNALISTA. *O País*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 21, e terça-feira, 22 de novembro de 1927, número 15.737-15.738, p. 5. Ano XLIV. Edição 15737-15738 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32051>. Acesso em 14.11.2017.

NOTAS E COMENTÁRIOS. Belém, 15 (A. N.). *Jornal do Recife*, Recife, terça-feira, 19 de abril de 1932, número 85, p. 1. Ano LXXV. Edição 00085 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/115782>>. Acesso em 30.09.2016.

NOTAS MUNDANAS. LETRAS E ARTES. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quarta-feira, dois de dezembro de 1931, número 4.011, p. 11. Ano XIII. Edição 04011 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/11234>. Acesso em 07.02.2017.

NOTAS MUNDANAS. LETRAS E ARTES. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quinta-feira, dez de dezembro de 1931, número 4.018, p. 11. Ano XIII. Edição 04018 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/11356>. Acesso em 04.09.2017.

NOTAS SOCIAIS. VIAJANTES. *A Rua*, Rio de Janeiro, sábado, 22 de setembro de 1917, número 259, p. 5. Ano IV. Edição 00259 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/236403/5148>>. Acesso em 14.11.2017.

NOTICIÁRIO. Outros Estados. *Lar Católico*, Juiz de Fora, 25 de julho de 1926, número 30, p. 239. Ano XIV. Edição 00030 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843822/405>>. Acesso em 20.10.2017.

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS. AMAZÔNIA MISTERIOSA. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1928, número 35, p. 32. Ano XXIX. Edição 00035 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_02/16466>. Acesso em 05.10.2017.

O ACADÊMICO. *O Acadêmico – Órgão dos Estudantes da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus*. Manaus, 28 de setembro de 1926, número 1, p. 1. Ano I. Edição 00001 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/850551/1>>. Acesso em 29.11.2018.

O ASSASSINIO DO JORNALISTA Heráclito Ferreira, em Belém. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 12 de agosto de 1922, número 13.810, p. 5. Ano XXXVIII. Edição 13810 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/10465>. Acesso em 19.11.2017.

O BRASIL ENCALHADO. A situação do navio. O rio vazando... *A Capital*, Manaus, 22 de junho de 1918, número 335, p. 1. Ano II. Edição 00335 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/307149/1288>>. Acesso em 29.05.2018.

O BRASIL IGNORADO. *A Federação- Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, 14 de janeiro de 1928, número 13, p. 1. Ano XLV. Edição 00013 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/63058>>. Acesso em 29.09.2017.

O CHEFE DA Nação e Raymundo de Moraes – Interrompendo o seu itinerário, o sr. Getúlio Vargas foi palestrar alguns momentos com um grande escritor enfermo. *A Noite*, Rio de Janeiro, quarta-feira, nove de outubro de 1940, número 10.297, p. 3. Ano XXX. Edição 10297 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/5007>. Acesso em 17.08.2016.

O CHEFE DO Governo Provisório chegou a Belém. O sr Getúlio Vargas estará no Rio, no próximo dia 6 de outubro. *A Nação*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 28 de setembro de 1933, número 221, p. 6. Ano I. Edição 00221 (3). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/W00023/3206>>. Acesso em 25.07.2016.

O DIA DOS Marítimos – As comemorações de hoje e um discurso do sr. Getúlio Vargas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, sábado, 29 de julho de 1940, número 14.003, p. 3. Ano XL. Edição 14003. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/2159>. Acesso em 10.04.2018.

O DISCURSO do Presidente da República na Ilha do Vianna. Congratulações que lhe foram endereçadas. *Correio Da Manhã*, Rio de Janeiro, sábado, seis de julho de 1940, número 14.009, p. 3. Ano XL. Edição 14009 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/2245>. Acesso em 17.08.2016.

O ENAMORADO DA Amazônia. *A Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, quatro de fevereiro de 1941, número 10.411, p. 1. Ano XXX. Edição 10411 (3). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/7063>. Acesso em 17.08.2016.

O ENAMORADO DA Amazônia. *Correio do Paraná*, Curitiba, terça-feira, 11 de fevereiro de 1941, número 4.037, p. 2. Ano VIII. Edição 04037 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/171395/13926>>. Acesso em 09.08.2016.

O ENAMORADO DA Amazônia. *A Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, quatro de fevereiro de 1941, número 10.411, p. 3. Ano XXX. Edição 10411 (3). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/7073>. Acesso em 17.08.2016.

O ENCALHE DO “MANAOS”: A RESPONSABILIDADE do desastre é atribuída ao prático Moraes. *A Razão*, Rio de Janeiro, domingo, 22 de maio de 1921, número 1.605, p. 3. Ano VI. Edição 01605 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/129054/13607>>. Acesso em 14.11.2017.

O ENCALHE DO “MANAOS”: QUEM tem a culpa do acidente é o prático Moraes. *O Combate*, Rio de Janeiro, sábado, 21 de maio de 1921, número 83, p. 6. Ano I. Edição 00083 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/764256/512>>. Acesso em 14.11.2017.

O ESTADO do Pará. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, domingo, 20 de setembro de 1908, número 436, p. 26. Ano XIII. Edição 000200 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_01/8036>. Acesso em 14.11.2017.

O HOMICÍDIO foi cometido em legítima defesa. Belém, 17. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, domingo, 18 de janeiro de 1931, número 11.069, p. 7. Ano XXX. Edição 11069 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/5519>. Acesso em 06.04.2018.

O ITINERÁRIO da viagem presidencial. *A Batalha*, Rio de Janeiro, sábado, 12 de outubro de 1940, número 4.349, p. 1. Ano XI. Edição 04349 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&PagFis=19712>>. Acesso em 20.06.2016.

O ITINERÁRIO da viagem presidencial. *A Batalha*, Rio de Janeiro, sábado, 12 de outubro de 1940, número 4.349, p. 3. Ano XI. Edição 04349 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&PagFis=19714>>. Acesso em 20.06.2016.

O MAIOR Prêmio Literário do Brasil. *Alterosa*, Belo Horizonte, abril 1961, número 340, p. 124. Ano XXIII. Edição 00340 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/060135/22468>>. Acesso em 12.09.2017.

O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZONIA. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 25 de maio de 1931, número 21, p. 28. Ano Edição 00021 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/259063/76492>>. Acesso em 28.11.2017.

O MISTÉRIO DO Amazonas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, quatro de setembro de 1926, número 37, p. 28. Ano XXVII. Edição 00028 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_02/12310>. Acesso em 31.10.2017.

O MOMENTO Literário. *O Jornal*, Rio de Janeiro, domingo, 15 de agosto de 1926, número 2.355, p. 15. Ano VIII. Edição 02355 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/26908>. Acesso em 12.09.2017.

O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 25.949, p. 2. Ano LXXXVII. Edição 25949. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=3425>. Acesso em 27.06.2016.

O NORTE do país recebeu com entusiasmo, o primeiro magistrado da Nação. *Correio Paulistano*, São Paulo, terça-feira, oito de outubro de 1940, número 25.949, p. 12. Número 25.949. Ano LXXXVII. Edição 25949. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=3435>. Acesso em 27.06.2016.

O NOVO ACADÊMICO. A Academia Brasileira elegeu, ontem, o sr. Rocha Pombo para a vaga de Alberto de Faria. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de março de 1933, número 11.743, p. 2. Ano XXXII. Edição 11743 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/15665>. Acesso em 02.10.2018.

O NOVO FALECIMENTO de Rodolfo Teófilo. *Diário de Pernambuco*, Recife, domingo, 27 de fevereiro de 1938, número 49, p. 4. Ano 113. Edição 00049 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/28014>. Acesso em 06.02.2017.

O NOVO LIVRO de Raymundo de Moraes. “O Meu Dicionário das cousas da Amazônia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 15 de maio de 1931, número 116, p. 6. Ano XLI. Edição 00116 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/13186>. Acesso em 28.11.2017.

O NOVO LIVRO “NA PLANÍCIE Amazônica”. *Jornal do Commercio*, Manaus, domingo, 14 de março de 1926, número 7.819, p. 1. Ano XXIII. Edição 07819 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/34075>. Acesso em 24.11.2018.

O NOVO LIVRO “NA PLANÍCIE Amazônica”. *Jornal do Commercio*, Manaus, domingo, 28 de março de 1926, número 7.831, p. 1. Ano XXIII. Edição 07831 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/34131>. Acesso em 24.11.2018.

ONTEM. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 788, p. 2. Ano III. Edição 00788 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/107670_03/10825>. Acesso em 28.09.2016.

O PRESIDENTE ELEITO DA REPÚBLICA no Pará. *O País*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 29 de julho de 1926, número 15.257, p. 6. Ano XLII. Edição 15257 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/26204>. Acesso em 23.10.2017.

O PRESIDENTE ELEITO EM VISITA ao Amazonas. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 24 de julho de 1926, número 15.252, p. 2. Ano XLII. Edição 15252 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/26136>. Acesso em 15.09.2016.

O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. JUSTOS Reparos. *O Imparcial*, São Luís, terça-feira, 14 de setembro de 1926, número 115, p. 3. Ano I. Edição 00115 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/471>>. Acesso em 23.11.2018.

O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *O Imparcial*, São Luiz, terça-feira, 12 de outubro de 1926, número 140, p. 3. Ano I. Edição 00140 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/677>>. Acesso em 31.10.2017.

O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. “NA PLANÍCIE AMAZÔNICA”. *O Imparcial*, São Luiz, terça-feira, 12 de outubro de 1926, número 140, p. 3. Ano I. Edição 00140 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/677>>. Acesso em 31.10.2017.

O REGRESSO do Sr. Getúlio Vargas de Belém do Pará. O “Almirante Jaceguay” zarpou as 5.40 com rumo a Recife. *A Nação*, Rio de Janeiro, domingo, primeiro de outubro de 1933, número 224, p. 3. Ano I. Edição 00224 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/W00023/3239>>. Acesso em 25.07.2016.

ORIXÁS DE UMBANDA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 25 de junho de 1972, número 15.234, p. 24. Edição 15234 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/18686>. Acesso 25.10.2018.

OS CONCURSOS LITERÁRIOS da Academia Brasileira. Os trabalhos inscritos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, quarta-feira, seis de abril de 1927, número 81, p. 3. Ano LII. Edição 00081 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_05/22062>. Acesso 13.09.2018.

OS LIVROS, OS AUTORES E OS PÚBLICOS. *A Noite*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 23 de dezembro de 1927, número 5.780, p. 2. Ano XVII. Edição 05780 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/21672>. Acesso 31.10.2017.

OS LIVROS NOVOS. NOTAS Dum Jornalista, de Raymundo Moraes (Manaus). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1925, número 16, p. 30. Ano XXVI. Edição 00016 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_02/9127>. Acesso em 15.09.2017.

OS MELHORES Livros de Mil Novecentos e Vinte e Seis. *A Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 29 de dezembro de 1926, número 312, p. 16. Ano II. Edição 000312 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/116408/1964>>. Acesso em 27.09.2017.

OS NOSSOS TELEGRAMAS. OS ACONTECIMENTOS no Pará. O que sucedeu a um redator d' "A Província". Belém, 31. *Jornal do Commercio*, Manaus, domingo, primeiro de setembro de 1912, número 3.007, p. 7. Ano IX. Edição 03007 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/14162>. Acesso em 14.11.2017.

OS NOVOS LIVROS. NA PLANÍCIE Amazônica, de Raymundo Moraes (Manaus). *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, sete de janeiro de 1928, número três, p. 27. Ano XXIX. Edição 00003 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_02/15349>. Acesso em 27.09.2017.

O SONHO do naturalista. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1938, número 10, p. 3. Ano XXXIX. Edição 00010 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/025909_03/19657>. Acesso em 31.01.2017.

O SONHO do naturalista. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1938, número 10, p. 4. Ano XXXIX. Edição 00010 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/025909_03/19658>. Acesso em 31.01.2017.

O PENSAMENTO E A MENTALIDADE DA PROVÍNCIA. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais e Letras e Artes*, Rio de Janeiro, sábado, quatro de outubro de 1924, número 500, p. 13. Ano X. Edição 00500 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/8189>>. Acesso em 21.08.2018.

OS PERLUSTRADORES da nossa Hinterlândia, pela sabedoria e pelo arrojo. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1938, número 239, p. 37. Ano XXI. Edição 00239 (1). Ano XLII. Edição 15252 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/27316>>. Acesso em 18.08.2016.

OS PERLUSTRADORES da nossa Hinterlândia, pela sabedoria e pelo arrojo. *Vida Doméstica*. Rio de Janeiro, fevereiro de 1938, número 239, p. 38. Ano XXI. Edição 00239 (1). Ano XLII.

Edição 15252 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/830305/27317>>. Acesso em 18.08.2016.

O QUE VAI PELO MUNDO. DO PAÍS. PARÁ. *O Imparcial*, São Luís, domingo, sete de agosto de 1927, número 427, p. 3. Ano II. Edição 00427 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/2711>>. Acesso em 28.11.2017.

O TRICENTENÁRIO de Belém. *A Noite*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 29 de novembro de 1915, número 1.415, p. 4. Ano V. Edição 01415 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/7585>. Acesso em 08.11.2017.

PADILHA, Celina. Como intensificar o gosto de ler. *A Escola Primaria*, Rio de Janeiro, dezembro de 1933, número nove, p. 178. Ano XVII. Edição 00009 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/097497/4795>>. Acesso em 23.10.2017.

PAIM, Antonio. Oliveira Viana de Corpo Inteiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 de maio de 1987, número 361, p. 8. Ano VII. Edição 00361 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/098116/1795>>. Acesso em 21.09.2017.

PAÍS DAS PEDRAS VERDES. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1930, número 24, p. 28. Ano XXIV. Edição 00024 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/259063/73584>>. Acesso 27.10.2017.

PAIZ DAS PEDRAS VERDES. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 28 de abril de 1930, número 172, p. 3. Ano II. Edição 00172 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/2150>. Acesso 27.10.2017.

PALHA, Americo. A Nota Brasileira. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, domingo, 29 de março de 1931, número 845, p. 3. Ano IV. Edição 00845 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_02/4413>. Acesso 27.10.2017.

PANORAMA. LITERATURA Brasileira. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, dez de dezembro de 1936, número 19, p. 21. Ano I. Edição 00019 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/646>>. Acesso em 23.10.2017.

PANORAMA. UM LIVRO DE ALDO Moraes. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 25 de março de 1943, número 347, p. 20. Ano VII. Edição 0347 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/18499>>. Acesso em 29.06.2018.

PARA CONHECER de perto as necessidades da Amazônia – Embarcou ontem o Presidente Getúlio Vargas com destino ao Pará. *Correio Paulistano*, São Paulo, domingo, seis de outubro de 1940, número 25.948, p. 1. Ano LXXXVII. Edição 25948. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=3400>. Acesso em 23.06.2016.

PARAISO Verde. Raymundo Moraes. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, setembro de 1941, número 282, p. 4. Ano XXI. Edição 00282 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/33600>>. Acesso em 18.08.2016.

PASSOS, Alexandre. Livros e Ideias. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, sábado, 22 de março de 1941, número 702, p. 2. Ano XIX. Edição 00702 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/067822/7684>>. Acesso em 18.08.2016.

PINA, Ruy de. Livraria Clássica Editora. *Jornal do Comércio*, Manaus, 07 de fevereiro de 1904, número 32, p. 2. Ano I. Edição 00032 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/170>. Acesso em 04.10.2017.

PREPARA-SE a Amazônia para receber o presidente Getúlio Vargas. *A Batalha*, Rio de Janeiro, sábado, cinco de outubro de 1940, número 4.343, p. 3. Ano XI. Edição 04343 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&PagFis=19678>>. Acesso em 20.06.2016.

QUAL A SITUAÇÃO do livro nacional no momento de crise que atravessamos? “Livraria Odeon”. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1931, número 292, p. 25. Ano X. Edição 00292 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/067822/3201>>. Acesso 04.12.2017.

RÁDIO JORNAL. Dia 19. *A Cruz – Órgão da Liga do Bom Jesus*, Cuiabá, 26 de dezembro de 1937, número 1.316, p. 3. Ano XXVIII. Edição 01316 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/765880/5359>>. Acesso em 15.09.2017.

“RAID” New York – Rio – Buenos Aires. *Pacotilha*, São Luiz, 23 de junho de 1926, número 146, p. 1. Ano XLVI. Edição 00146 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/168319_02/20572>. Acesso em 20.10.2017.

RAPSÓDO, Geógrafo e Historiador da Amazônia. *A.B.C. Política, Atualidades, Questões Sociais, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, sábado, 23 de agosto de 1930, número 807, p. 10. Ano XVI. Edição 00807 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/13889>>. Acesso em 19.11.2017.

RAYMUNDO DE MORAES. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 297, p. 7. Ano 66. Edição 00297 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_06/15254>. Acesso 31.01.2017.

RAYMUNDO DE MORAES. A MORTE, em Belém, desse grande paisagista e divulgador da Amazônia. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 1.749,

p. 1. Ano VII. Edição 01749 (4). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/107670_04/4963>. Acesso em 18.08.2016.

RAYMUNDO DE MORAES. FALECEU O ILUSTRE escritor do “País das Pedras Verdes”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 3.876, p. 4. Ano XIV. Edição 03876 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/3993>. Acesso em 18.08.2016.

RAYMUNDO MORAES. *O Estado do Pará*, Belém, 25 de setembro de 1921, número 3.782, p. 1. Ano XI. Edição 03782 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/22570>>. Acesso em 13.09.2017.

RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, sábado, 18 de dezembro de 1937, número 2, p. 32. Ano XXXIX. Edição 00002 (01). Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/19324. Acesso em 25.01.2017.

RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1937, número 3, p. 37. Ano XXXIX. Edição 00003 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/025909_03/19384>. Acesso em 28.01.2017.

RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1937, número 3, p. 38. Ano XXXIX. Edição 00003 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/025909_03/19385>. Acesso em 28.01.2017.

RAYMUNDO MORAES. *Correio Paulistano*, São Paulo, sexta-feira, sete de fevereiro de 1941, número 26.051, p. 5. Ano LXXXVII. Edição 26051. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=5032>. Acesso em 05.04.2016.

RAYMUNDO MORAES. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, sábado, oito de fevereiro de 1941, número 6. p. 35. Ano LXII. Edição 00005. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_04/2958>. Acesso em 18.08.2016.

RAYMUNDO MORAES. *Autores e Livros - Suplemento Literário de “A Manhã”*, Rio de Janeiro, domingo, 21 de setembro de 1941, número seis, p. 95. Edição 00006 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/066559/95>>. Acesso em 10.10.2017.

RAYMUNDO MORAES E O SEU novo livro. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, primeira quinzena de julho de 1930, número 376, p. 21. Ano XVII. Edição 00376 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/14937>>. Acesso em 19.11.2017.

RAYMUNDO MORAES. FALECEU O ESCRITOR do “País das Pedras Verdes”. *A Noite*, Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de dezembro de 1937, número 9.283, p. 1. Ano XXVI. Edição

09283 (3). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/49992>. Acesso em 06.02.2017.

RAYMUNDO MORAES. FALECEU O GRANDE escritor brasileiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 14.189, p. 3. Ano XL. Edição 14189 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&PagFis=5057>. Acesso em 05.04.2016.

RAYMUNDO MORAES. O FALECIMENTO do autor de “Na Planície Amazônica”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 15 de dezembro de 1937, número 5.677, p. 8. Ano XIX. Edição 05677 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/42180>. Acesso em 05.04.2016.

REGISTRADOS NO... Partido Comunista do Brasil. *Jornal do Comércio*, Manaus, terça-feira, 14 de janeiro de 1947, número 14.337, p. 4. Ano XLIII. Edição 14337 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/149793>. Acesso 02.07.2018.

REGISTRO. *A Nação*. Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de dezembro de 1937, número 1.514, p. 2. Ano V. Edição 01514 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/120200/19933>>. Acesso 31.01.2017.

REGO, Pedro da Costa. As Obras e os Direitos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, quatro de julho de 1934, número 12.148, p. 2. Ano XXXIV. Edição 12148 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/22815>. Acesso em 06.02.2017.

REGO, Pedro da Costa. Raymundo Moraes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 16 de dezembro de 1937, número 13.222, p. 2. Ano XL. Edição 13222 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/44000>. Acesso em 07.02.2017.

REGO, Pedro da Costa. O estilista da Amazônia. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, quarta-feira, sete de fevereiro de 1941, número 14.191, p. 2. Ano XL. Edição 14191 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/5078>. Acesso em 17.08.2016.

REPARTIÇÃO da Polícia. Extrato das partes de 28 de agosto de 1868. *Jornal do Pará - Órgão Oficial*, Belém, sábado, 28 de agosto de 1868, número 196, p. 2. Ano VI. Edição 00196 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/219339/1115>>. Acesso em 28.03.2018.

REPORTAGEM. *Para Todos*. Rio de Janeiro, sábado, 23 de maio de 1931, número 649, p. 24. Ano XIII. Edição 00649. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/124451/31675>>. Acesso em 21.08.2016.

ROGEL SAMUEL. Viva Raymundo de Moraes! *Jornal do Comércio*, Manaus, domingo, 26 de outubro de 1986, número 34.068, p. 3. Ano LXXXIII. Edição 34068 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/22334>. Acesso em 28.11.2017.

CARLOS RUBENS. Raymundo Moraes. Pintor e poeta da Amazônia. *A Noite*, Rio de Janeiro, domingo, nove de fevereiro de 1941, número 10.416, p. 7. Ano XXX. Edição 10.416 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/7153>. Acesso em 18.08.2016.

SANTOS DUMONT NA Academia Brasileira de Letras. *O Dia*, Curitiba, domingo, sete de junho de 1931, número 2.269, p. 8. Ano III. Edição 02269 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/092932/19776>>. Acesso em 27.09.2018.

SAUDAÇÃO do escritor Raymundo Moraes. *Correio Paulistano*, São Paulo, domingo, 13 de outubro de 1940, número 25.954, p. 6. Ano LXXXVII. Edição 25954 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/3489>. Acesso em 17.08.2016.

SERÁ no próximo sábado a homenagem ao escritor Raymundo Moraes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 18 de março de 1931, p. 4. Número 447. Ano III. Edição 00447 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/5302>. Acesso em 14.09.2016.

SILVA, N. Duarte. Impressões de Leitura – País das Pedras Verdes - de Raymundo Moraes – Imprensa Pública, Manaus – Amazonas s/d. (1930). *Correio Paulistano*, São Paulo, quarta-feira, 23 de julho de 1930, número 23.922, p. 4. Edição 23922 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/3038>. Acesso em 19.11.2017.

SIMPLES Apresentação. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1900, número 1, p. 2. Ano I. Edição 00001 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/025909_01/2>. Acesso em 08.11.2017.

SOARES, J. E. de Macedo. O “estilista da Amazônia”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, sábado, oito de fevereiro de 1941, número 3.879, p. 1. Ano XIV. Edição 03879 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/4026>. Acesso em 18.08.2016.

SOUZA, Mendonça de. Raymundo Moraes. *Jornal do Comércio*, Manaus, domingo, 20 de setembro de 1970, número 20.505, sp. Ano LXVI. Edição 20505 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/92267>. Acesso em 21.04.2017.

SOUZA, Alves de. O Paraíso Verde. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 19 de junho de 1926, número 15.217, p. 3. Ano XLII. Edição 15217. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/25705>. Acesso em 16.09.2015.

TELEGRAMAS. “A AMAZÔNIA Misteriosa”: novo romance de Gastão Cruels. *Correio Paulistano*, São Paulo, sábado, primeiro de agosto de 1925, número 22.276, p. 1. Edição 22276

(1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/18513>. Acesso em 05.10.2017.

TELEGRAMAS. BELÉM, 23. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 24 de setembro de 1913, número 266, p. 2. Ano 87. Edição 00266 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_10/19336>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS. BELÉM, 21. *Jornal Pequeno*, Recife, quinta-feira, 21 de janeiro de 1909, número 16, p. 3. Ano XI. Edição 000016 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/10146>>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS, CARTAS e Informações dos Estados. Amazonas. *O País*, Rio de Janeiro, sexta-feira, sete de fevereiro de 1930, número 16.546, p. 8. Ano XLVI. Edição 16546 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_06/360>. Acesso em 28.09.2018.

TELEGRAMAS. DOS NOSSOS CORRESPONDENTES. Brasil. Notícias de Pará. *A Província*, Recife, quinta-feira, 14 de outubro de 1926, número 237, p. 1. Ano LX. Edição 00237 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/128066_02/17008>. Acesso em 28.09.2017.

TELEGRAMAS. DA EDIÇÃO DA TARDE DE ONTEM. INTERIOR. O “JORNAL” NO PARÁ. *Jornal do Recife*, Recife, terça-feira, 15 de fevereiro de 1927, número 38, p. 2. Ano LXX. Edição 00038 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/99605>>. Acesso em 12.09.2017.

TELEGRAMAS. DA EDIÇÃO DA TARDE DE ONTEM. INTERIOR. O “Jornal” no Pará. *Jornal do Recife*, Recife, terça-feira, 10 de agosto de 1926, número 184, p. 2. Ano LXIX. Edição 00184. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/705110/97733>>. Acesso em 30.09.2016.

TELEGRAMAS DO JORNAL. Nacionais. *O Jornal*, São Luís, quarta-feira, 22 de dezembro de 1922, número 1672, p. 4. Ano IX. Edição 01572 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720593/8429>>. Acesso em 08.11.2017.

TELEGRAMAS. ECOS & Fatos. *O País*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 29 de junho de 1908, número 8.670, p. 2. Ano XXIV. Edição 008670 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/16587>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS. INTERIOR. AMAZONAS. O REGRESSO da comitiva da senhorita Penteadó. *Diário de Pernambuco*, Recife, terça-feira, cinco de julho de 1927, número 153, p. 1. Ano 102. Edição 00153 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/20841>. Acesso 04.12.2017.

TELEGRAMAS. INTERIOR. PARÁ, 19. *O País*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 20 de agosto de 1908, número 8.722, p. 4. Ano XXIV. Edição 008722 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17107>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS. INTERIOR. PARÁ, 22. *O País*, Rio de Janeiro, sábado, 23 de maio de 1908, número 8.633, p. 3. Ano XXIV. Edição 08633 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/16232>. Acesso em 14.09.2017.

TELEGRAMAS. NO PARÁ. A QUESTÃO do Pará. *Jornal Pequeno*, Recife, sábado, 31 de agosto de 1912, número 200, p. 5. Ano XIV. Edição 000200 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/15016>>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS. PARÁ, 26. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 e 27 de setembro de 1907, número 230, p. 1. Ano XI. Edição 00230 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/830380/14206>>. Acesso em 14.11.2017.

TELEGRAMAS. PARA O DR. Washington ler. Porque a “Folha” odeia a Raymundo Moraes. *Alto Madeira*, Porto Velho, quinta-feira, dois de setembro de 1926, número 959, p. 2. Ano X. Edição 00959 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/843911/2658>>. Acesso em 19.11.2017.

TELEGRAMAS. PARÁ, UM “MEETING” de protesto contra a venda do “Rio de Janeiro”. *A Época*, Rio de Janeiro, segunda-feira, oito de setembro de 1913, número 405, p. 5. Ano II. Edição 00405 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720100/3482>>. Acesso em 29.05.1913.

TELEGRAMAS (PELO RADIO NACIONAL e Western, da Agência Brasileira e correspondentes especiais. Do País. Pará. *O Imparcial*, São Luiz, sábado, sete de fevereiro de 1931, número 2.532, p. 6. Ano VI. Edição 02532 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/10242>>. Acesso em 06.02.2017.

TELEGRAMAS RECEBIDOS pelo Presidente Dr. Getúlio Vargas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 11 de dezembro de 1940, número 289, p. 4. Ano 66. Edição 00289 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/3986>. Acesso em 20.08.2016.

TERÁ acolhimento festivo no Norte o Presidente Getúlio Vargas. *A Batalha*, Rio de Janeiro, quarta-feira, dois de outubro de 1940, número 4.340, p. 1. Ano XI. Edição 04343 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&PagFis=19658>>. Acesso em 20.06.2016.

TERÁ acolhimento festivo no Norte o Presidente Getúlio Vargas. *A Batalha*, Rio de Janeiro, quarta-feira, dois de outubro de 1940, número 4.340, p. 3. Ano XI. Edição 04343 (1).

Disponível em
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&PagFis=19660>>. Acesso em 20.06.2016.

“THE TIMES”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, três de março de 1928, número 678, p. 11. Ano XIV. Edição 00678 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/11558>>. Acesso em 19.11.2017.

TÓPICOS E NOTÍCIAS. *Estado do Pará*, Belém, domingo, 28 de junho de 1914, número 1.172, p. 4. Ano IV. Edição 01172 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/6378>>. Acesso em 01.05.2018.

TÓPICOS E NOTÍCIAS. *Estado do Pará*, Belém, terça-feira, primeiro de agosto de 1911, número 114, p. 2. Ano I. Edição 00114 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/466>>. Acesso em 01.05.2018.

TURING CLUB DO BRASIL. Cruzeiro Turístico Interestadual. Exposição de livros brasileiros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, sábado, quatro de junho de 1932, número 713, p. 7. Ano III. Edição 00713 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/10275>. Acesso em 04.09.2017.

UMA AGRESSÃO. *Jornal do Commercio*, Manaus, sexta-feira, primeiro de março de 1907, número 960, p. 1. Ano 4I. Edição 00960 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/3991>. Acesso em 27.11.2018.

UMA MULTI-MILIONÁRIA paulista visita a Amazônia. *A Reforma*, Território do Acre, Município de Tarauacá – Cidade Seabra, domingo, 12 de junho de 1927, número 453, p. 1. Ano X. Edição 00453 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/720640/1799>>. Acesso 04.12.2017.

UM ASSASSINO em Belém. *Folha do Acre*, Território do Acre, quinta-feira, 24 de agosto de 1922, número 426, p. 1. Ano V. Edição 00426 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/101478/1322>>. Acesso em 14.11.2017.

UM BELO gesto do presidente Dorval Porto em relação ao grande escritor Raymundo Moraes. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, abril de 1930, número 145, p. 52. Ano XXI. Edição 00145 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/12590>>. Acesso em 18.08.2016.

UM DESCOBRIDOR do Amazonas. *Correio Paulistano*, São Paulo, quinta-feira, seis de fevereiro de 1941, número 26.050, p. 5. Ano LXXXVII. Edição 26050. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=5016>. Acesso em 05.04.2016.

UM HABEAS- CORPUS. *O Imparcial*, São Luiz, domingo, 18 de janeiro de 1931, número 2.515, p. 8. Ano VI. Edição 02515 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/107646/10108>>. Acesso em 06.02.2017.

UM NOVO LIVRO de Raimundo Morais: Histórias Silvestres do Tempo em que Animais e Vegetais falavam na Amazônia. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1940, número 263, p. 133. Ano XIX. Edição 00263. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/31767>>. Acesso em 25.03.2019.

UM TELEGRAMA de Raymundo Moraes. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 13 de outubro de 1940, número 240, p. 5. Ano 66. Edição 00240 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/3161>. Acesso em 18.08.2016.

VAI ser adotada a “Planície Amazônica” nas escolas oficiais de Manaus. *A Noite*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 16 de setembro de 1926, número 5.324, p. 8. Ano XVI. Edição 05324 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/18199>. Acesso em 15.09.2016.

VÁRIAS. *Jornal do Comercio*, Manaus, sexta-feira, cinco de março de 1926, número 7.811, p. 1. Ano XXIII. Edição 07811 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/34039>. Acesso 09.09.2017.

VÁRIAS NOTÍCIAS. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 10 de setembro de 1941, número 290, p. 4. Ano 114. Edição 00290 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/8536>. Acesso em 16.02.2017.

VÁRIOS ASSUNTOS. *O Malho*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1931, número 1483, p. 18. Ano XXX. Edição 1483 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/116300/74768>>. Acesso em 28.11.2017.

VELLOSO, Antonio Leão. A Amazônia Misteriosa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1925, número 9.375, p. 4. Ano XXV. Edição 09375 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/21984>. Acesso em 04.10.2017.

VELLOSO, Antonio Leão. Notas Dum Jornalista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 27 de agosto de 1924, número 9.291, p. 4. Ano XXIV. Edição 09291 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/20801>. Acesso em 14.11.2017.

VIAJOU ATÉ BELEM, o diretor do Jornal do Comercio. *Jornal do Comercio*, Manaus, terça-feira, nove de fevereiro de 1943, número 13.153, p. 1. Ano XL. Edição 13153 (2). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/43630>. Acesso em 28.11.2018.

VIDA... DE TODOS. Raymundo de Moraes, O Descobridor Literário da Amazônia. Vai arrematar a sua obra culminante. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, maio de 1931, número 158,

p. 76. Edição 00158 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/14873>>. Acesso em 28.11.2017.

“VIDA Doméstica”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, terça-feira, primeiro de fevereiro de 1938, número 825, p. 12. Ano IV. Edição 00825 (1). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/107670_03/11434>. Acesso em 30.09.2016.

VIDA SPORTIVA. Regata. *Estado do Pará*, Belém, terça-feira, 21 de dezembro de 1915, número 1.712, p. 4. Ano V. Edição 01712 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/10419>>. Acesso em 29.05.2018.

VIEIRA, Celso. Raymundo Moraes – Os nossos Artistas. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, segunda quinzena de julho de 1928, número 329, p. 43. Ano XV. Edição 00329 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/12294>>. Acesso em 18.11.2017.

VIEIRA, Lellis. No Norte do Brasil. *Correio Paulistano*, São Paulo, quarta-feira, nove de outubro de 1940, número 25.950, p. 3. Ano LXXXVII. Edição 25950. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=3438>. Acesso em 06.04.2016.

VOLTAM às livrarias as obras notáveis de Raymundo Moraes. *Última Hora*, Rio de Janeiro, terça-feira, 20 de dezembro de 1960, número 3.219, p. 11. Ano X. Edição 03219 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/62907>>. Acesso em 12.09.2017.

7ª REGIÃO Militar. A passagem do comando ao general Abilio de Noronha. Despedida do general Joaquim Ignacio. O Banquete no 26º B.C. *Estado do Pará*, Belém, sábado, 30 de abril de 1921, número 3.639, p. 1. Ano XI. Edição 03639 (1). Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21670>>. Acesso em 22.09.2016.

Obras Gerais

MORAES, Raymundo. *Cartas da Floresta*. Manaus: Editora Livraria Clássica, 1927.

ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL ARTHUR VIANNA (FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ TANCREDO NEVES – FCPTN). BELÉM/ PA, BRASIL

Microfilmagem

A MORTE de um escritor paraense no comentário dos jornais cariocas. *Folha do Norte*, Belém, quarta-feira, cinco de fevereiro de 1941, número 17.614, ano XLV. p. 2.

A OBRA de um celerado. *Folha do Norte*, Belém, quarta-feira, nove de agosto de 1922, número. 9.913, p. 1. Ano 27.

EMPREITADA sangrenta: Realiza-se o plano tenebroso que ontem denunciemos. *Estado do Pará*, Belém, quarta-feira, nove de agosto de 1922, número 4.067, p. 1. Ano XII.

NECROLOGIO de um vivo e injustiças a um morto. *Folha do Norte.*, Belém, quarta-feira, 15 de dezembro de 1937, número 15.362, p. 2. Ano XLI.

O ASSASSINATO de Heraclito Ferreira. *Folha do Norte*, Belém, sexta-feira, 25 de agosto de 1922, número 9.827, p. 1. Ano 27.

ORION. O livro do assassino de Heraclito Ferreira: As baboseiras do texto, a voo de pássaro. *Folha do Norte*, Belém, domingo, 10 de outubro de 1926, número 11.215, p. 7. Ano 30.

POLÊMICA em torno do nome de um extinto escritor paraense. *Folha do Norte*, Belém, domingo, nove de fevereiro de 1941, p. 3. Número. 17618. Ano XLV.

Obras Raras

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 2ª ed. Manaus: Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino, 1926.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Manaus: Livraria Clássica Editora, 1926.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). SÃO PAULO/ SP, BRASIL

CARTA de Raymundo Moraes a Mário Raul de Moraes Andrade. MA-C-CPL5218; CAIXA 234; Correspondência Passiva Lacrada.

CARTA de Raymundo Moraes a Mário Raul de Moraes Andrade. MA-C-CPL5219; CAIXA 234; Correspondência Passiva Lacrada.

OUTRAS OBRAS DE RAYMUNDO MORAES

MORAES, Raymundo. *Aluvião*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1939.

MORAIS, Raimundo. *À Margem do Livro de Agassiz*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1939.

MORAIS, Raimundo. *Machado de Assis*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1939.

MORAIS, Raimundo. *Cosmorama*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

MORAIS, Raimundo. *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013. 212 p.

BIBLIOGRAFIA

Artigos de Revistas e Capítulos de Livros

ANDRADE, Mário de. “Complemento da edição: A Raimundo Moraes”. In: *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Apresentação e estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, pp. 200-203.

ANDRADE, Rômulo de Paula. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista "Cultura Política" redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* [online], Belém, vol. 5, n. 2, 2010, pp. 453-468. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n2/a15v5n2.pdf>>. Acesso em 08.08.2015.

APPADURAI, Arjun. “Introdução: Mercadorias e a Política de Valor”. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Trad. Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009. pp. 15-88.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. “Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: livreiros e tipógrafos”. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, pp. 205-220.

BERMAN, Marshall. “Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, Modernismo e Modernização”. In: *Tudo que é sólido desmancha no ar*. 2ª reimp.. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 109-157.

BERCHENKO, Adriana. La Revue de l'Amérique latine en los años 20. *América: Cahiers du CRICCAL*. [online], Paris, n°4-5, 1990, pp. 21-26. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/AsPDF/ameri_0982-9237_1990_num_4_1_963.pdf>. Acesso em 06.06.2019.

BOSI, Alfredo. “Pré-Modernismo e Modernismo”. In: *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015, pp. 321-405.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. Trad. André Villalobos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, num. 5, jan-jul. 2011, pp. 193-216. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/6274/5133>>. Acesso 13.07.2016.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: AMADO, Janaína e FERRERA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. 8ª ed. Trad. Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães e Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. 304 p. pp. 183-191.

- BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 7-16.
- BOURDIEU, Pierre. “A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos”. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2002, pp. 17-111.
- BRAGA, Robério. Prefácio. In: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001, p. V-VII.
- BRITES, Olga. Crianças de revistas (1930/1950). *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 26, n. 1, jan. 2000, pp. 161-176. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v26n1/a11v26n1.pdf>>. Acesso em 10.12.2017.
- CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e História. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, UFRJ, vol. 4, mar. 2002a, pp. 139-182. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/bourdieueahistoria.pdf>>. Acesso 12.07.2016.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados Revista*, São Paulo, USP, v. 5, n. 11, jan. - abr. 1991, pp. 171-191. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso 21.02.2017.
- COSTA, Angione. “O prosador do dia”. In: MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013, pp. 203-204.
- DOSSE, François. “Capítulo 6: Uma história social da memória”. In: *A História*. Trad. Maria Helena Ortiz Asumpção. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. 326 p. pp. 261-298.
- FIGUEIREDO, Aldrin. De Pinceis e Letras: Os Manifestos Literários e Visuais no Modernismo Amazônico na década de 1920. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, UFMT, vol. 9, n. 2, jul. - dez., 2016. Disponível em <<http://www.pppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/575/pdf>>. Acesso 06.12.2018.
- FIGUEIREDO, Aldrin. “Letras Insulares: leituras e formas da História”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Affonso (orgs.). *A História contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 366 p. pp. 301-331.
- FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?”. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298. Disponível em <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso 21.02.2017.

- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). “APRESENTAÇÃO – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo”. In: *Intelectuais Mediadores. Práticas Culturais e Ação Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 488 p. pp. 7-37.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “O Patrimônio como categoria de pensamento”. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, pp. 21-29.
- GIDDENS, Anthony. “Consciência, *self* e encontros sociais”. In: *A Constituição da Sociedade*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. pp. 47-128.
- HARDMAN, Francisco Foot. A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 29, jan.-jun. 2007, pp. 141-152. Disponível em <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2909.pdf>. Acesso 08.01.2014.
- HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, abr. 1996, pp. 293-310. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v10n26/v10n26a25.pdf>>. Acesso 08.12.2018.
- KNAUSS, Paulo. A construção da imagem de Oswaldo Cruz. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, out. 1997, p. 329-332. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n2/v4n2a07.pdf>>. Acesso 23.05.2017.
- LABORIE, Pierre. “Memória e opinião”. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. 544 p. pp. 79-97.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. *História e Memória*. 5ª ed. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 541 p. pp. 419-476.
- LIMA, Guilherme Cunha; MARIZ, Ana Sofia. “Editora Civilização Brasileira”. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, pp. 253-270.
- LINS, Vera. “Em revistas, o simbolismo e a virada de século”. In: OLIVEIRA, Claudia; VELLOSO, Monica Pimenta; e LINS, Vera (org.). *O Moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 268 p. pp. 15-41.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). Trad. Dora Rocha. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 264 p. p. 248.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. "A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil". *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013, 18p. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682113_ARQUIVO_AGeracaode1870eainvencaosimbolicadoBrasil.pdf>. Acesso 10.11.2017.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. "Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 372 p. pp. 145-179.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*. [online], Rio de Janeiro, vol. 18, n. 35, 2017, pp. 429-446. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v18n35/2237-101X-topoi-18-35-00429.pdf>>. Acesso em 19.03.2019.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho. Um paraíso selvagem: a Amazônia e os romances regionalistas de Raimundo Moraes. *Tempo Social*, 28(2), 2016, pp. 229-246. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/104212/117480>>. acesso 09.10.2018.

RICOEUR, Paul. "Tempo e Narrativa". In: *Tempo e Narrativa*. 1 A Intriga e a narrativa histórica. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 379. pp. 93-155.

VELLOSO, Monica Pimenta. "As distintas retóricas do moderno". In: OLIVEIRA, Claudia; VELLOSO, Monica Pimenta; e LINS, Vera (org.). *O Moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, 268 p. pp. 43-110.

VELLOSO, Monica Pimenta. "Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 372 p. pp. 145-179.

VENANCIO, Giselle Martins. "Objetos da Arte da Palavra: Livros Brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815-1900)". In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010. 287 p. pp. 489-501.

LUCA, Tania de. "Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2010, pp. 111-153.

MARQUES NETO, José Castilho; GARCIA ROSA, Flávia. "Editoras universitárias: academia ou mercado?". In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, pp. 331-347.

MENEZES, Ulpiano Bezerra. A História cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Rev. Inst. Bras.*, São Paulo, num. 34, jan-jul. 1992, pp. 9-23. Disponível em http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/estagio_arquivo_2012_artigo_rieb3401_1348517923.pdf. Acesso 16.08.2016.

MUDROVICIC, Maria Inés. "Por que Clio retornou a Mnemosine?". In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. 544 p. pp. 101-116.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares". Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, [S.l.], v. 10, out. 2012, pp. 7-28. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso 17.10.2017.

ORIÁ, Ricardo. "A Biblioteca Pedagógica Brasileira: Fernando de Azevedo e Viriato Corrêa". In: *O Brasil contado às crianças*. Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira. São Paulo: Editora Annablume, 2010, pp. 89 -93.

PESAVENTO, Sandra. "Na contramão da vida: de onde a imprensa faz, da história, um folhetim". In: LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, pp. 367-395.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. "Um projeto literário: três capas e dois mosqueteiros". In: KNAUSS, Paulo e MALTA, Marize (orgs.). *Objetos do Olhar: História e Arte*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015. 280 p. pp. 193-208.

PONTES, Heloísa. "Retratos do Brasil: Editores, Editoras e 'Coleções Brasileiras' nas Décadas de 30, 40 e 50". In: MICELI, Sergio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais; IDESP, 1989, pp. 359-409.

PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana". In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. 304 p. pp. 103-130.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. "Academia Brasileira de Letras, patrocínio oficial e concursos literários". In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impressos no*

Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora da UNESP, 2010. 664 p. pp. 535-566.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Entre homens de ciencia". *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 6ª reimp.. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 23-42.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. 2ª ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p. pp. 231-269.

SILVA, Fernando Fernandes da. "Mário e o Patrimônio: um anteprojeto ainda atual". In: BATISTA, Marta Rossetti (org.). *Mário de Andrade*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, num. 30, 2002, pp. 128-137.

TOCANTINS, Leandro. "Introdução: Um Escritor Nativista". In: MORAIS, Raimundo. *Na Planície Amazônica*. 7ª ed. Brasília: Senado Federal, 2000, pp. XI-XXVIII.

TOCANTINS, Leandro. "Um Escritor Nativista". In: MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, pp. 21-29.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. "A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros". In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010. 664 p. pp. 139-156.

Associações Culturais e Instituições

Academia Amazonense de Letras (AAL)

HISTÓRICO. Disponível em <<http://academiaamazonensedeletras.com/historico.html>>. Acesso em 25.09.2018).

Academia Brasileira de Letras (ABL)

GUSTAVO BARROSO. Biografia. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso>>. Acesso em 03.09.2017.

RIBEIRO COUTO. Biografia. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/ribeiro-couto/biografia>>. Acesso em 03.09.2017.

RODOLFO GARCIA. Biografia. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>>. Acesso em 14.09.2018.

Academia Mato-Grossense de Letras (AMGL)

MANUEL XAVIER PAES BARRETO FILHO. Disponível em <<http://www.academiadeletrasmt.com.br/cadeiras/cadeira-7/82-manuel-xavier-paes-barreto-filho>>. Acesso 29.11.2018.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 13.03.2017.

Instituto Silvio Meira (ISM)

QUEM FOI SÍLVIO MEIRA. Disponível em <<http://www.institutosilviomeira.net.br/quem-foi-silvio-meira/>>. Acesso em 21.04.2017.

SOBRE O ISM. Disponível em <<http://www.institutosilviomeira.net.br/>>. Acesso em 21.04.2017.

Senado Federal da República Federativa do Brasil

LÚCIO ALCÂNTARA. Disponível em <<http://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/57>>. Acesso em 26.09.2017.

NA PLANÍCIE AMAZÔNICA. Resumo. Disponível em <<http://livraria.senado.leg.br/na-planicie-amazonica.html>>. Acesso em 02.10.2017).

PUBLICAÇÕES do Conselho Editorial do Senado. Disponível em <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/04/27/publicacoes-do-conselho-editorial-do-senado>. Acesso 26.09.2017.

Catálogos, Dicionários, Enciclopédias e Revistas

A FEDERAÇÃO. Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/AFederação>> Acesso em 01.12.2018.

BASTOS, Abguar. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbete-biográfico). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abguar-bastos-damasceno>>. Acesso em 02.12.2018. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

BATALHA, A. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbete-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/batalha-a>>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

- CANDIDO RONDON. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/candido_rondon. Acesso em 29.09.2017. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- CIGARRA, A. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CIGARRA,%20A.pdf>. Acesso em 04.12.2017. Acervo CPDOC- FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- CORREIO DA MANHÃ. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/correio-da-manha>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- CORREIO PAULISTANO. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/correio-paulistano>. Acesso em 26.07.2016. Acervo CPDOC - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- DEODORO MACHADO DE MENDONÇA. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-biográfico). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/deodoro-machado-de-mendonca>. Acesso em 19.10.2017. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- DEPARTAMENTO DE IMPRESSA E PROPAGANDA (DIP). Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>. Acesso em 30.06.2016. Acervo CPDOC - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- ÊNIO SILVEIRA. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2017. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4235/enio-silveira>. Acesso em 05.09.2017.
- FEDERAÇÃO, A. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/federacao-a>. Acesso em 01.12.2018. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.
- FON FON. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>. Acesso em 04.12.2017. Acervo CPDOC- FGV, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

HURLEY, Jorge. *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna* (Biografia). Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 17.04.2018. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil.

JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-biográfico). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bento-monteiro-lobato>>. Acesso em 06.09.2017. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

JORNAL, O. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-o>>. Acesso em 05.06.2017. Acervo CPDOC - FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

MÁRIO de Andrade. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* [online], Brasília: IPHAN, n. 30, 2002. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat30_m.pdf>. Acesso em 20.03.2019.

MOACIR Andrade. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2017. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24171/moacir-andrade>>. Acesso em 05.09.2017.

PAÍS, O. *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro* (Verbetes-temático). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o>>. Acesso em 13.12.2017. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

PARÁ. Governador 1937-1938: J.C. (Gama Malcher). *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna* (Biografia). Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 17.04.2018. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna – Belém/ PA, Brasil).

PAULO WERNECK MURALISTA BRASILEIRO (Biografia). Disponível em: <<http://paulowerneck.org>>. Acesso em 11.10.2018.

POTY LAZZAROTTO. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2018. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazarotto>>. Acesso em 30.10.2018.

RAUL BOOP. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2018. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3426/raul-boop>>. Acesso em 14.12.2018.

REGO, Pedro da Costa. *Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro* (Verbetes - Biográfico). Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rego-pedro-da-costa>>. Acesso em 16.03.2018. Acervo CPDOC- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

SANTA ROSA, Henrique Américo. *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna* (Biografia). Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/catalogo-de-obras-raras>>. Acesso 19.10.2017. Acervo Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna - Belém/ PA, Brasil.

THEODORO BRAGA. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras* (Verbetes). São Paulo: Itaú Cultural, 2018. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10853/theodoro-braga>>. Acesso em 10.12.2018.

Contos, Crônicas, Novelas, Romances e Ensaios

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil – 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. São Paulo: Editora Verbo, 1972.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. Manaus: Editora Valer, 2008. 168 p.

Dissertações e Teses

ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposições de arte e gosto no Pará da virada do século XX para o século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2013. <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2013_Moema_Alves.pdf>. Acesso 12.12.2018.

BONAFÉ, Luigi. *Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a república*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2008. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_FELICE_Luigi_Bonafe_de-S.pdf>. Acesso 22.10.2015.

FIGUEIREDO, Aldrin. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2001.

FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

FREITAS, Iza Vanesa P. de. *O Patronato das Letras: Cultura e Política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2007. Disponível em <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4209/1/Dissertação_PatronatoLetrasCultura.pdf>. Acesso em 08.06.2014.

LARÊDO, Salomão. *Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2007. Disponível em <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1723/1/Dissertacao_RaymundoMoraesPlanicie.pdf>. Acesso em 08.06.2014.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. *Barbadianos Negros e Estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém em início do século XX*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2013. <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1369.pdf>>. Acesso 08.03.2014.

IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas: Literatos e Literatura em Curitiba na Década de 1920*. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2003. Disponível em <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Reginaelenasaboiaiorio.pdf>>. Acesso em 11.11.2017.

Diversos

AOS 80 ANOS, empresário e jornalista Guilherme Aluizio proprietário do “Jornal do Comercio” faz aniversário. *Portal Gazeta Mercantil*, Manaus, 09 de setembro de 2017. Disponível em <<http://portalgazetadoamazonas.com.br/aos-80-anos-empresario-e-jornalista-guilherme-aluizio-proprietario-do-jornal-do-comercio-faz-aniversario/>>. Acesso em 28.11.2018.

BRASIL, Bruno. Tarauacá: histórico do jornal A Reforma. Disponível em: <<https://almaacreana.blogspot.com/2018/04/tarauaca-historico-do-jornal-reforma.html>>. Acesso em 30.11.2018.

CARLOS HENRIQUE CARDIM (1948-2003). Disponível em <http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5054>. Acesso em 26.09.2017.

FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de Imprensa na Amazônia. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Mais%20de%20180%20anos%20de%20imprensa%20na%20Amazonia.doc>>. Acesso em 28.11.2018.

MACHADO, Getúlio Tanajura. Tanajura: 150 anos em Livramento de Nossa Senhora – Bahia. Disponível em: <<http://tanajura150anos.blogspot.com/2011/07/dr-joaquim-augusto-tanajura.html>>. Acesso em 28.11.2018.

MENDONÇA, Roberto. Branco Silva (1892-1959). *Blog do Coronel Roberto: catando letras & escrevendo histórias*. Disponível em <<http://catadordepapeis.blogspot.com/2018/01/branco-silva-1892-1959.html>>. Acesso em 09.10.2018.

MENDONÇA, Roberto. Agnello Bittencourt. *Blog do Coronel Roberto: catando letras & escrevendo histórias*. Disponível em <<http://catadordepapeis.blogspot.com/2018/04/agnello-bitencourt.html>>. Acesso em 14.12.2018.

MORRE ARTISTA plástico amazonense Moacir Andrade aos 89 anos. *Portal G1*, Manaus, 27 de julho de 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/07/morre-o-artista-plastico-amazonense-moacir-andrade-aos-89-anos.html>>. Acesso 03.12.2018.

PEREIRA, Flávio de Leão Bastos. Abguar Bastos: Inteligência, Literatura, História. Disponível em <<http://escritorabguarbastos.blogspot.com/2011/09/biografia-de-abguar-bastos.html?view=classic>>. Acesso em 09.10.2018.

PESSOA, Simão. Moacir Andrade: paixão perene pela cultura amazônica (4). *Blog do Simão Pessoa*. Disponível em <https://simaopessoa.blogspot.com/2015/10/moacir-andrade-paixao-perene-pelas-pela_4.html>. Acesso em 03.12.2018.

ROGEL SAMUEL. Genesino Braga. *Alma Acreana*, Filosofia, Literatura e Acreanidades. Disponível em <<https://almaacreana.blogspot.com.br/2016/01/genesino-braga.html>>. Acesso 27. 04. 2017.

VELOSO, Caetano. “Livros”. In: *Livro*, Universal Music International Ltda., c1997. 1 CD. Faixa 2 (4:29).

VIDA E OBRA DE EIDORFE MOREIRA. Disponível em <<http://vidaeobradeeidorfemoreira.bogspot.com/?=1>>. Acesso 14.12.2018.

Livros

ALENCAR, José Roberto Girão de (org.). *Moacir Andrade, uma lenda amazônica*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Valença de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª ed. rev. ampl.. São Paulo: Edusp, 2005.

- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 431 p.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. 2ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 77 p.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014. 352 p.
- CHARTIER, Roger. *Inscriver & Apagar: cultura escrita e literatura*. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 335 p.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Monteiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002b. 144 p.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. 5ª reimp. Trad. Reginaldo Carmello C. de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 159 p.
- COELHO, Geraldo Mártires. *O violino de Ingres: Leituras de História Cultural*. Belém: Paka-Tatu, 2005. 380 p.
- COELHO, Geraldo. *O Brilho da Supernova: A morte bela de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: AGIR, 1995.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CUNHA, Euclides da. *Um Paraíso Perdido: ensaios amazônicos*. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 395 p.
- DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus: 1890-1920*. 2ª ed. Manaus: Valer, 1999.
- GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. 220 p.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha. Quatro Visões da Literatura Inglesa*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 146 p.

- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Papyrus, 1986.
- LYONS, Martyn. *Livro: Uma História Viva*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011. 224 p.
- MALHANO, Clara Emília Sanches Monteiro de Barros. *Da Materialização à Legitimação do passado: a monumentalidade como metáfora do Estado (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Lucerna/FAPERJ, 2002.
- MENDONÇA, Kátia. *A Salvação pelo Espetáculo: mito do herói e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 132 p.
- ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.
- ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata: O Homem, a Lenda, O Político*. Belém: SECULT, 1999.
- ROCQUE, Carlos. *Depoimentos para a História Política do Pará*. Belém: Mitograph Editora, 1981.
- ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Melhoramentos, 1977.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: Editora Hucitec/ Edusp, 1993.

APÊNDICE

Acontecimentos biográficos de Raymundo Moraes

- 1872.** Em 15 de setembro de 1872, nasceu em Belém do Pará o jornalista e escritor Raymundo Moraes.
- 1890.** Recebeu sua carta de piloto e prático.
- 1899.** Participou ativamente da fundação da Liga Marítima do Pará.
- 1900.** Participou da fundação do Atheneu Belemense na Comissão que elaboraria os estatutos da Associação.
- 1902.** Começou a colaborar com o jornal paraense *A Província do Pará*.
- 1903.** Nasceu seu filho Aldo Moraes, jornalista, funcionário público, político e escritor.
- 1908.** Publicou *Traços a Esmo* pela Oficina Tipografia Elzeviriana, de Belém – PA.
- 1910.** Nasceu sua filha Myriam Moraes, poetisa, desenhista, revisora de seus textos e secretária pessoal. Tornou-se Presidente da Liga Marítima do Pará.
- 1911.** Nasceu sua filha Ruth Moraes, desenhista e pintora.
- 1912.** Foi preso durante o atentado contra o jornal paraense *A Província do Pará* que incluiu a depredação e incêndio das suas instalações assim como da residência do político Antonio Lemos, proprietário do matutino.
- 1913.** Tornou-se membro efetivo da Academia Paraense de Letras, sendo o primeiro ocupante da cadeira 15, cujo patrono é Domingos Soares Ferreira Pena (1818-1888). Assumiu a direção do periódico paraense *O Imparcial* com os confrades Martinho Pinto e Dejard Mendonça.
- 1914.** Morreu seu sogro, o tenente coronel Manoel José de Souza Torres e Raymundo Moraes disputou na Justiça parte da sua herança.
- 1915.** Fundou em parceria com Felix Coelho o vespertino *A Tarde*.
- 1916.** Morreu a sua sogra Joaquina de Souza Torres.
- 1917.** Encerrou as atividades na direção do periódico *A Tarde*. Assumiu a direção, junto com Alves de Souza, do periódico *A Razão*.
- 1918.** Comandava o navio “Olinda”.
- 1920.** Colaborou na Revista Guajarina.
- 1921.** Começou a assinar, diariamente, uma coluna no jornal paraense *Estado do Pará*.
- 1922.** Em oito de agosto de 1922, matou o jornalista Heráclito Ferreira do jornal paraense *Folha do Norte* em uma briga num bonde em Belém do Pará. Fugiu com sua família para a capital amazonense, Manaus. Assumiu a Direção do Arquivo Público e da Biblioteca Pública e da

Imprensa Oficial do Estado do Amazonas e dirigiu, nesse mesmo período, o jornal amazonense *Gazeta da Tarde*.

1924. Foi exonerado dos cargos de Diretor do Arquivo Público e da Biblioteca Pública e da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

1923. Tornou-se membro efetivo da Academia Amazonense de Letras.

1924. Publicou *Notas Dum Jornalista* pela *Livraria Clássica Editora*.

1926. Publicou *Na Planície Amazônica* pela *Livraria Editora Clássica* e em 2ª edição pelas Oficinas Gráficas da Papelaria Velho Lino, ambas editoras de Manaus, capital do Amazonas.

1927. Publicou *Cartas da Floresta* pela *Editora Clássica de Manaus*. Ganhou o Prêmio de Ensaio no Concurso Literário da Academia Brasileira de Letras, referente às obras publicadas em 1926. Tornou-se membro correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

1928. Foi eleito sócio da *Société des Américanistes de Paris* (Sociedade dos Americanistas de Paris).

1930. Publicou *País das Pedras Verdes* pelas *Oficinas da Imprensa Pública do Amazonas*.

1931. Foi homenageado, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, então capital federal, por intelectuais, escritores e jornalistas vinculados ao Centro Literário de Copacabana com uma Festa de Arte na Associação dos Artistas Brasileiros e um Almoço no Automóvel Club. Publicou *O Meu Dicionário das cousas da Amazônia* pela *Tipografia Alba*, do Rio de Janeiro, em dois volumes. Assumiu a Direção da Biblioteca Pública e do Arquivo Público do Estado do Pará e tornou-se Inspetor escolar e Secretário do Gabinete do Interventor Federal, Magalhães Barata.

1933. Abandonou todos os cargos públicos vinculados à Interventoria de Magalhães Barata.

1936. Publicou “Anfiteatro Amazônico” pela Companhia Melhoramentos, de São Paulo. Publicou a 4ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

1937. É noticiada sua falsa morte em vários periódicos da Imprensa brasileira. Publicou “Aluvião” pela Civilização Brasileira Editora, do Rio de Janeiro.

1938. Estreou como romancista, publicando “Os Igarauínas” pela Civilização Brasileira Editora, do Rio de Janeiro. Publicou “O Mirante do Baixo Amazonas” e “O Homem do Pacoval” pela Companhia Melhoramentos, de São Paulo.

1939. Publicou “Ressuscitados”, “À Margem do Livro de Agassiz” e “Histórias Silvestres do tempo em que Animais e Plantas falavam na Amazônia” pela Companhia Melhoramentos, de São Paulo. Publicou o livro “Machado de Assis” pelas Oficinas Gráficas do Instituto Lauro

Sodré – Escola Profissional do Estado do Pará, de Belém. Publicou a 5ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

1940. Na segunda-feira, sete de outubro de 1940, recebeu a visita do então Presidente Getúlio Vargas sua residência em Belém/PA. Publicou “Cosmorama” pela Editora Irmãos Pongetti, do Rio de Janeiro.

1941. Em três de fevereiro de 1941, morreu, por volta das 19h20, em sua casa, em Belém do Pará. Um grupo de intelectuais encaminhou uma mensagem ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, solicitando a criação da “Casa de Raymundo Moraes”. Publicou postumamente “Um Eleito das Graças” pelas Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré – Escola Profissional do Estado do Pará, de Belém.

1954. A sua biblioteca pessoal foi doada pelos seus herdeiros ao Governo Estadual do Amazonas.

1960. Publicou a 6ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Editora Conquista, do Rio de Janeiro, com ilustrações de Israel Cysneiros.

1972. Comemorou-se o centenário de seu nascimento através de uma homenagem no *Jornal do Comércio*, de Manaus/ AM e através da Conferência “O Centenário de Raymundo Moraes” por Silvio Meira que foi lida em sessão plenária de seis de novembro de 1972 do Conselho Federal de Cultura e impressa no Boletim dessa Casa.

1987. Publicou a 7ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Editora Itatiaia Limitada, de Belo Horizonte e Edusp, de São Paulo com ilustrações de Poty.

2000. Publicou a 7ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Editora do Senado Federal, de Brasília, na Coleção Brasil 500 Anos.

2001. Publicou a 8ª edição de “Na Planície Amazônica” pela Secretaria de Estado da Cultura, Turismo de Desporto do Governo do Estado do Amazonas.

